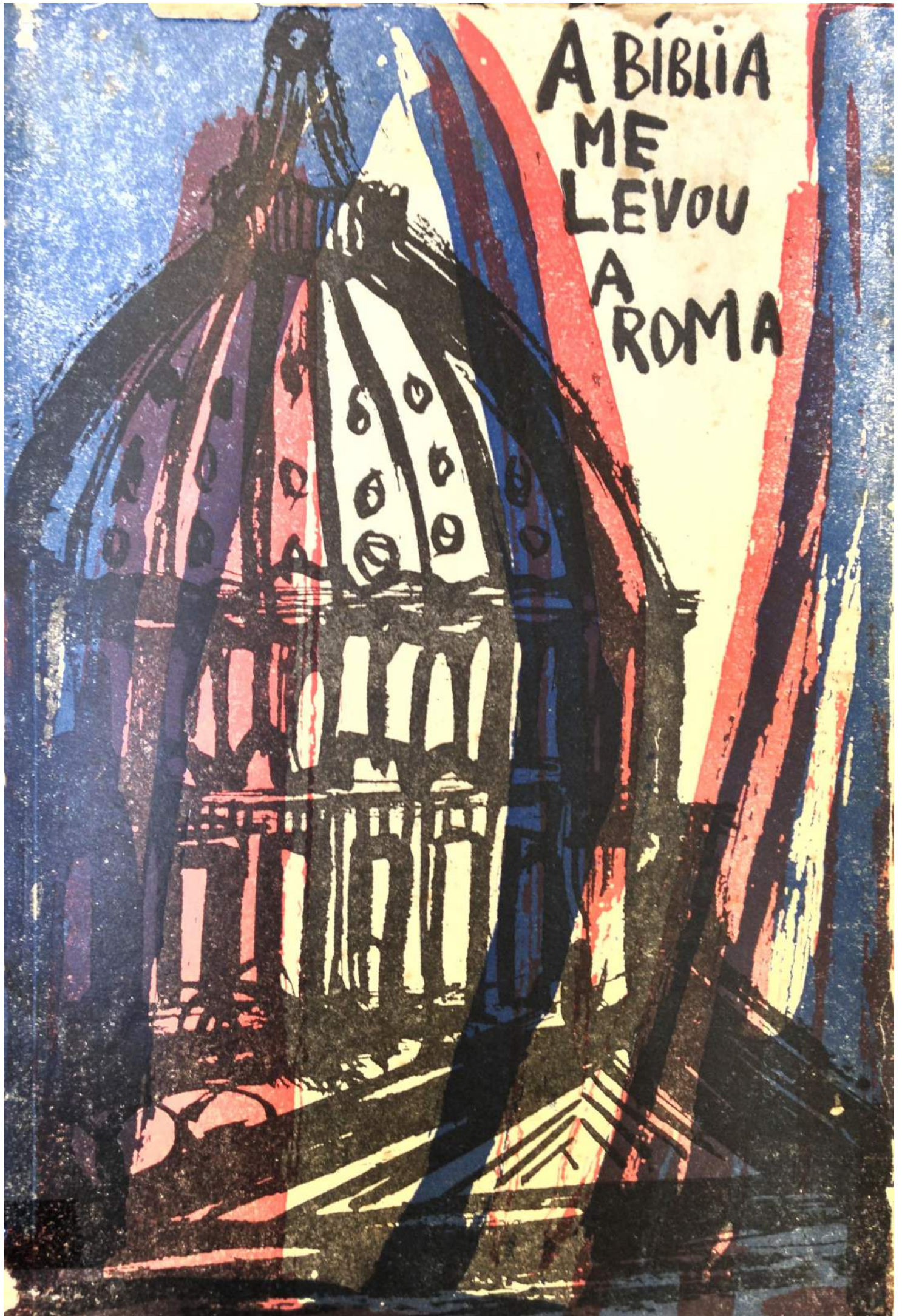


**A BÍBLIA  
ME  
LEVOU  
A  
ROMA**





**A BÍBLIA ME LEVOU A ROMA**



•



**R I C H A R D   B A U M A N N**

# **A BÍBLIA ME LEVOU A ROMA**

**2.ª edição**

**1965**

**Editôra MENSAGEIRO DA FÉ Ltda.  
Salvador - Bahia**



**NIHIL OBSTAT**

Salvador, 26 de agosto de 1964  
Frei Silvério Albuquerque, O. F. M.  
Censor Diocesano

**IMPRIMATUR**

Salvador, 26 de agosto de 1964  
D. Valfrido Vieira,  
Bispo Auxiliar.



## Prefácio da 1.<sup>a</sup> edição

*Prezado leitor,*

*O autor dêste livro é um Pastor Luterano. Hás de ler, pois, a obra de um pastor protestante. Se tu és leitor católico, ficarás talvez em alguns pontos suspenso em teu juízo ou com certas perguntas a formular. O mesmo acontecerá ao benévolo leitor evangélico.*

*Não fará mal, antes julgo que o livrinho será de grande proveito para ambos. Todos estarão sob a impressão de que nestas páginas lhes fala uma alma sincera, unicamente interessada na verdade religiosa e em seguir firmemente a voz do Senhor.*

*Nos católicos deverá despertar o sentimento de gratidão por viverem na grande Igreja de Deus; às vêzes os deixará arrependidos pelas próprias faltas, e sempre os estimulará para rezarem com mais amor pelo grande retôrno dos irmãos separados.*

*Aos protestantes explica com suavidade tantas coisas católicas, freqüentemente alvo de más interpretações e ataques. Chama-os a voz do seu pastor a cumprirem os desígnios divinos nesta tarefa imensa, anunciada aos cristãos de hoje: união da Cristandade na Igreja de Cristo.*

*“Não te disse eu, que verás a glória de Deus, se creres?”  
(S. João 11, 40) .*

*Pe. Frederico Laufer, S. J.*





## Prefácio da 2.<sup>a</sup> edição

Prezado leitor,

*A primeira edição dêste livro apareceu em 1957, nesta mesma Editôra Mensageiro da Fé, com o título UM PASTOR LUTERANO FOI VER PIO XII.*

*No intervalo de tempo que nos separa daquela data, faleceu não só Pio XII, mas ainda o seu grande sucessor João XXIII. Durante o Pontificado dêste último realizaram-se coisas, no movimento pela união das Igrejas Cristãs, que foram qualificadas de "milagrosas", mesmo por autoridades eclesiásticas. É que João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, destinado a promover, com a Reforma da Igreja, a aproximação mútua dos cristãos. Para êste fim, fundou o Secretariado da União das Igrejas e convidou para o Concílio observadores orientais e protestantes, aos quais facultou a plena participação nos debates conciliares.*

*Evangélicos foram a Roma em missão relacionada com o problema da união dos cristãos. Richard Baumann, que neste livro conta a sua "Peregrinação evangélica a Roma", no Ano Santo de 1950, ("Evangelische Romfahrt" é o título do original), não ficou só. Outros seguiram, entre os quais o Bispo Evangélico de Berlim, Dr. Dibelius, o Dr. Geoffrey Fischer, Arcebispo de Cantuária e Primaz da Comunidade Cristã Anglicana, Arthur Lichtenberger, Bispo Presidente da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Através dos observadores, umas dezesseis grandes Igrejas ou Federações Mundiais e o próprio "Conselho Mundial das Igrejas" tiveram seus delegados no Vaticano II.*



Os termos “Evangélicos” e “Roma”, que tantas vêzes foram usados como antagônicos, celebraram em nossos dias um “encontro marcado”, promovido pela simplicidade evangélica de João XXIII. Que “Roma” e “Evangelho” não podem ser inimigos para sempre, atesta o próprio Nôvo Testamento. *Jerusalém*, a “*Cidade do Grande Rei*” (Mt 5,36), perdeu êste direito, quando negou a Cristo, clamando: “Não temos outro rei senão a César”. Foi então para a cidade do César, que o Senhor conduziu a Pedro e Paulo (Atos 22,11) a fim de constituir ali a sua capital neste mundo.

O livro de R. Baumann continue a aprofundar o encontro dos cristãos. A peregrinação geográfica a Roma leve simultâneamente à união mais profunda com Cristo, centro verdadeiro de tôda a Cristandade. A sinceridade de alma, com que Baumann busca a verdade e expõe suas experiências, a católicos e protestantes, aproxima os corações entre si, e de Deus.

Ulteriores notícias sôbre Richard Baumann encontrará o leitor no “Epílogo”, no fim do livro, onde apresentamos também algumas reflexões sôbre o “Movimento Ecumênico” pela união da Cristandade.

Pe. Frederico Laufer, S. J.

## Um romeiro incógnito

Foi a Bíblia que me impeliu a ir em peregrinação a Roma, a fim de ver o Papa. Pois, no dizer da Sagrada Escritura, deve existir alguém que, como um rochedo, sustente o Templo do Nôvo Testamento. Na Igreja da Nova Aliança existe um detentor das “chaves do Reino dos céus”, um guarda do rebanho de Cristo, um Irmão que confirma os demais irmãos (Mt 16, Lc 22, Jo 21 e outros textos). Nós, protestantes, já não temos argumentos para negar esta verdade; estamos, porém, a ponto de descobri-la novamente. A partir do Congresso Mundial das Igrejas, realizado em Estocolmo, no ano de 1925, nossa União Ecumênica Protestante tem procurado pôr-se em contacto com o Papa. Entretanto, opõe-se-nos um obstáculo. Trava-se um combate em nós próprios. Lutero condenou o Papado de seu tempo. E nós, temos argumentos bíblicos para continuar condenando o Papado de hoje? Faz-se mister reexaminar a Escritura e, por meio dela, a nós mesmos.

No “Ano Santo” de 1950 associei-me a um grupo de peregrinos que se dirigia a Roma. Tomei o trem em Friburgo da Brisgóvia, a 16 de janeiro, às cinco horas da madrugada. Na estação fartamente iluminada, já nos esperava o “expresso”. Trazia a legenda: Mogúncia-Roma. Embarquei com relutância. Partimos. Não seria ousadia: eu, pastor protestante, participar de uma peregrinação de católicos? Era êste o único meio de transpor as fronteiras da Alemanha. No vagão ainda havia alguns dormindo; outros acabavam de embarcar. Tive conhecimento com os companheiros mais próximos: um pároco, duas damas e um vigário cooperador. Além destes,

conheci ainda um jovem operário e uma senhorita, que ocupavam lugares junto ao meu, ao lado da janela. Como na apresentação déssemos apenas o simples nome, pude conservar-me incógnito durante a viagem tóda. Era-me dado observar livremente o que se passava e confrontar minhas experiências com os ensinamentos do Evangelho. Quando, então, o coadjutor começou a recitação do Breviário, peguei também eu no meu livrinho das "Máximas".

*"A misericórdia do Senhor permanece eternamente com aqueles que O temem. Sua justiça acompanha, de geração em geração, os que guardam a sua aliança e meditam nas suas leis e as põem em prática. Repara na bondade e na justiça de Deus: justiça para com aqueles que caíram, bondade para contigo, na medida em que permaneceres no amor; do contrário perecerás também tu."*

Da mesma forma deixou-me impressionado o versículo do dia anterior: "Rendei graças ao Senhor dos senhores. Só Ele opera maravilhas, porque a sua bondade perdura pelos séculos dos séculos". E ainda: "Jesus manifestou-lhes a sua glória e os discípulos creram n'Ele".

Escoado algum tempo, rompeu-se o silêncio. Girou a conversa em tórno dos distúrbios havidos na Itália. "Melhor é viajar logo no início do Ano Santo! Sabe Deus o que ainda há de sobrevir!" — observou alguém, do assento vizinho. D'outro lado, o Pe. Lombardi, pregador da Cruzada da Bondade, estaria com otimismo: o Reino de Jesus Cristo não tardará; sòmente ao Reino do Amor caberá o triunfo.

Interrompeu-se a nossa palestra pela primeira revisão dos passaportes. Não o estranhámos, por sairmos de um país que ainda não concluía o tratado de paz. Ainda teríamos que passar por diversas outras revisões: duas em cada fronteira.

De repente se fêz ouvir o alto-falante: "Atenção, senhores peregrinos! Fala a diretoria da peregrinação". O diretor espiritual falou, então, àquelas centenas de romeiros. Pôs em relêvo, o significado das romarias e a maneira de efetuá-las desde a época das peregrinações a Jerusalém. A forma exterior, explicou, varia evidentemente segundo as circunstâncias

de cada época. Ressaltou ainda o fato de que o nosso trem nos levaria também a participar da beatificação de um servo de Deus, falecido há um século, particularmente caro aos peregrinos. Deconhecia eu o nome do bem-aventurado; certamente um dos inumeráveis santos católicos, com os quais nada temos que ver. Figuraria em primeiro plano na série dos que, no decurso do "Ano Santo", seriam alvo dessa honra. Mundo estranho para nós! Anos a fio me empenhara em examiná-lo como a um continente nôvo, mediante excursões científicas. Consegui, por isso, captar, de algum modo, o sentido das palavras do locutor.

Auxiliou-se ainda nessa compreensão a máxima do dia: "*A misericórdia do Senhor permanece eternamente com aqueles que o temem*". Se um mensageiro de Jesus Cristo deixa após si sinais de bênçãos por um século inteiro, por várias gerações, é sinal de que a graça de Deus esteve e ainda está copiosamente com êle. A memória dos justos reverte em bênção. Ele nos ajuda a tornar segura a nossa própria eleição, a conservar a nossa aliança com Deus pela graça e manter-nos inabaláveis na fé. Houve, naturalmente, grandezas que estiveram na moda: nomes que se tornaram populares — por algum tempo somente; ao passo que outros santos eram conhecidos apenas em círculos pequenos. A ambos quer ser remédio a beatificação. Os santos autênticos devem produzir fruto por seu exemplo, pela virtude de Cristo, em muitos outros. Se de uma parte o temor de Deus nos preserva de quedas, de outra, sua bondade nos cativa para que fiquemos com o amor de Deus. Também em nós quer Deus operar as maravilhas da sua graça. Jesus revela sua glória pelas obras de sua graça onipotente: são os santos e prediletos; é o que também nós, da nossa parte, devemos ser. "*E os discípulos creram n'Ele.*"

Os santos, já vaticinara a seu respeito o Antigo Testamento: "Seu louvor não cessará jamais" (Jesus Sirach 44). É mister conhecer-lhes os nomes. Mas é sobretudo o Nôvo Testamento que aponta uma plêiade de confessores, nos quais Cristo é glorificado e pelos quais opera como que o princípio e o complemento da fé. Em 1530, nossos Padres Reformadores de Augsburgo nos ensinaram "a cultuar a memória dos san-



tos, para que, contemplando as suas prerrogativas e os resultados magníficos de sua fé, cada qual, de acôrdo com a sua vocação, robusteça a própria fé e siga o exemplo dêles". É de Lutero o seguinte tópico (1522): *"Estamos persuadidos de que todos os santos, quer vivos, quer mortos, estão em Cristo. Antes d'Ele viveu Abel, mais robusto depois da morte que em vida... A honra que um pobre mortal tributa aos santos ao invocá-los, reverte para Cristo; quando lhes declina os nomes, declina o nome de Cristo, porquanto êles estão em Cristo e Cristo nêles; seus nomes, onde quer que estejam, estão incluídos no nome de Cristo e o nome de Cristo no dêles"*.

Afora Lutero e os Padres de Augsburgo, um dos Padres do Sínodo Confessional de Barmen, em 1934, chama a nossa atenção para a passagem do Apocalipse, onde se diz que se encontram ao pé do altar celeste as almas dos que sofreram o martírio por fidelidade ao Verbo e que os mesmos "por sua intercessão intervêm nos destinos da Igreja e da História Universal". Seria inconcebível que da fé das primeiras comunidades no Cristo Ressuscitado não brotasse uma comunhão viva com aquêles que já fruem dos bens do outro mundo. Do costume de administrarem o Batismo sôbre os túmulos dos falecidos, como nô-lo refere sem comentários São Paulo, transparece a existência de tal união" (H. Asmussen).

Professamos no VIII.º Artigo da Fé a "Comunhão dos Santos". Mas o que vem a ser "comunhão"? Não existe "comunhão" onde reina silêncio de parte a parte. Só verificamos união verdadeira onde há comércio espiritual a que se dá expressão verbal. Devido à nossa insuficiência pessoal, mister se faz que Deus mesmo nos inclua nesta "Comunhão". Ela é comunhão divina, pois "Deus é admirável em seus santos". Na máxima de hoje, precisamente, o poeta João Gramann dirige aos habitantes do céu êste pedido: "Ó anjos fortes, louvai e servi ao grande Senhor e apressai a execução de sua santa palavra! Minha alma também multiplique, em tôda parte, os seus louvores!" E nosso Filipe Frederico Hiller fala também aos santos: "Aclamai-O, legião de servos santos; glorificai-O, justos e perfeitos; louvai-O, turbas que empunhais

palmas; louvai-O vós, mártires, que cingis a coroa, como ainda vós que tocais, em côro, as harpas divinas! Aclame-O também eu dos ínfimos degraus..."

Não podemos também nós, dos últimos degraus, experimentá-lo: na superabundância de gozos divinos, apenas suportáveis ao coração, não nos sentimos impelidos a invocar o exército dos bem-aventurados, para que entoem conosco as glórias do Senhor? Ou então, no mais completo abandono e esmorecimento, impotentes para dizer o nosso "sim" a Deus, lhes bradamos: Aleluia! Louvai ao Senhor, ao menos *vós*! E saibam os filhos: morrendo embora os pais, não morrerão suas preces no céu em nosso favor. "A caridade nunca morre". Isso é verdadeira invocação dos santos. Não se opõe à adoração de Deus e do Cristo; ao contrário, é glorificação da Trindade Una, é protesto de fé em Deus nosso Senhor. Lutero ainda o sabia; nós o reaprendemos.

Quando cortávamos, noite fechada, a planície do Reno, e repontavam ao longe as primeiras luzes da Basiléia, ouvimos do diretor da peregrinação algumas palavras a mais sobre o objetivo da nossa viagem: "Congreguemo-nos, em espírito, à volta do altar e túmulo de São Pedro, debaixo da cúpula de sua basílica, antecipando, transportados nas asas do desejo, o momento da nossa chegada. Depositemos ante o trono do Altíssimo, enfeixadas numa só, as nossas preces pelo feliz êxito da romaria! O significado primário de uma peregrinação é a prece em comum. O cristão palmilha o destêrro dêste mundo à maneira de peregrino ou forasteiro em demanda da Cidade Eterna. Estamos, pois, realizando uma ação simbólica. Conservemo-nos na presença do Senhor, em atitude de oração, de amor e de reconhecimento". Seguiu-se para todo o comboio um silêncio religioso.

Entráramos na estação de Basen da Basiléia. Os guardas e funcionários da alfândega aí estavam. Mas as autoridades suíças tiveram a gentileza de nos dispensar da revisão. Do lado de fora do vagão avistei uma faixa com a legenda: "Em volta de cada campanário, um anel apostólico". Voltando ao meu lugar, advertiram-me os companheiros que começava a garoar. Alguns passageiros deram mostras de de-

sapontamento. Interveio o coadjutor: "Nada de profecias sobre o tempo! Seja como Deus quiser! Vêde, tive que deixar em casa uma pessoa que muito desejava viajar conosco. Precisamente ontem caiu doente de difteria. Desconhecemos os caminhos da Providência..." Calou-se e prosseguiu na reza do Breviário.

Com o tempo travei conhecimento com um bom número de passageiros, homens e senhoras de diversas profissões. Na maior parte pertenciam à classe média. Alguns dentre eles tiveram de fazer severas economias para a viagem. Assim, por exemplo, o estudante, meu vizinho, e uma empregada que pedira adiantado o salário.

Partimos de Basiléia. Novamente cintilavam as luzes da cidade, mais numerosas que dantes. Rompia a aurora. Clareava. Tudo quanto avistávamos, achava-se em bom estado. Atravessamos lindos quarteirões. Nenhuma casa em ruína, coisa insólita para nós. Penetrávamos, então, mais e mais Suíça adentro. Contemplávamos colinas e montanhas, pomares e bosques! Respirávamos ares dominicais, ainda que fôsse segunda-feira. Era a terra que poucos anos atrás vislumbrávamos como terra da liberdade, quando entre nós imperava o estrangulamento e a escravização das consciências. Graças ao Todo-Poderoso, gozamos novamente, na Alemanha, da liberdade de crença e de consciência — mas nem todos!...

Lembrei-me do cântico de Zwinglio, pregador da Reforma na Suíça:

*Senhor, Vós mesmo o carro guiai,  
Senão a corrida para o lado vai.  
Imenso prazer sentiria Satã  
Que Vos despreza com negro afã.  
A honra de vosso Nome, Senhor, levantai,  
O ódio dos maus repeli e castigai.  
Despertai as ovelhas com voz de brandura  
Para que Vos prezem com ternura.  
Apartai, ó Deus, os muitos amargores;  
Da antiga fidelidade voltem os fulgores,  
A fim de cantarmos perenemente  
Os vossos santos louvores.*

Ocorreu-me o nome de Jeremias Gotthelf. Também éle aludia a um carro que se joga de encontro ao abismo. "Não é, certamente, com bôlha de sabão que se faz parar um veículo prestes a despencar-se; para isto se requer, pelo menos, um tronco de faia ou uma barra de ferro". Viu éle "como a doutrina do ateísmo, qual labareda devoradora, tentava envolver quanto havia de bom, quanto havia de ordem". Viu como, "sob a influência opressora desta seita ateísta, o homem se transforma em escravo de galera, perde a sua prerrogativa de ser racional e se torna um simples número, um sujeito com quem não mais se pode contar". Mas saberia Gotthelf avaliar a relação íntima "entre passado e presente", entre causas e efeitos? Éle que em tôda a obra deu expressão grandiosa às suas idéias, enquadrando-as, porém, dentro dos moldes do "espírito contemporâneo e bernense"! No entanto, o Bispo Wurm, como presidente do Conselho da Igreja Evangélica da Alemanha, pronunciou a seguinte sentença: "Por falta de uma Igreja autêntica, regida segundo os postulados da sua própria essência, o protestantismo alemão tomou por igreja o Estado, deificou mesmo o Estado, exortando os fiéis a amá-lo, a reverenciá-lo acima de tôdas as coisas e a votar-lhe confiança irrestrita". Foi proferida esta sentença depois da catástrofe de 1945. Mas outra catástrofe mundial ameaça desencadear-se. Onde está a âncora?

Olhei para fora. Diante de mim espraiava-se a extensa planície de um vale. Meus vizinhos, o operário e a senhorita da Suábia, puxavam do têrço. Seus olhares perscrutadores e convidativos cruzaram-se com os meus. Como eu fizesse menção de não os acompanhar — como o fizera o coadjutor que prosseguia rezando o Breviário — começaram os dois sôzinhos, em voz baixa; mal se ouviam algumas sílabas. Para não estorvá-los, fui ocupar um assento no outro lado do corredor, junto ao pároco e às duas senhoras. Outras vêzes ainda procedi assim, principalmente quando as paisagens me atraíam. Uma das damas revelava um temperamento reservado, ao passo que a outra, não menos polida, deixava entre-



ver, na conversa, sua índole prática e expansiva. O pároco abrigara em sua casa a estas duas refugiadas da Prússia Oriental.

Teria sentido o que os dois murmuravam ali ao lado? Devoções como essas seriam compatíveis com as normas do Evangelho? Outrora dava-se comigo o que Grignon de Montfort exprime nesta frase: A alguns a vista de um têrço causa maiores arrepios que a de uma serpente. Esta ladainha lembrou-me o "tagarelar como os pagãos". Resolvi, então, seguir o conselho do Apóstolo: repare cada qual não apenas nas coisas próprias, mas também nas alheias. Após anos de laboriosos esforços, consegui esclarecer o assunto.

Os devotos, ao lado, seguravam primeiro uma cruzinha, ao mesmo tempo que recitavam o Creio em Deus Pai, o Pai Nosso e o Glória ao Pai. Anunciavam, a seguir, os mistérios da salvação que Deus operou por meio de Jesus Cristo. Estes "artigos sublimes da Divina Majestade", nós também os reconhecemos e recitamos em comum, como sendo dádivas gratuitas da nossa salvação. Que a repetição constitui ótimo meio de gravar uma verdade, prova-o claramente o Saltério. Qual chuva de campo penetra no subconsciente a verdade religiosa; as respostas marteladas do catecismo imprimem-se indelêvelmente nas almas dos pequeninos e humildes, aos quais pertence o Reino dos Céus. Trata-se de um olhar demorado, de uma meditação, de um mergulhar silencioso do espírito no louvor de Deus. O que também nós voltamos a apreciar. O Crucifixo é o sinal predominante da correntezinha de amor. As contas apoiam a memória e resguardam de impaciência, garantindo uma justa limitação do tempo. O conjunto representa, pois, um recurso de oração, como os havia similares em outros tempos; prova palpável da condescendência de Deus nosso Salvador.

E que dizer *da invocação à Maria*? "Ave Maria, chela de graça; o Senhor é convosco. Bendita sois entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus". Tudo genuinamente bíblico! Reprodução das saudações respectivamente do Anjo e de Isabel, no primeiro capítulo de Lucas. Os cristãos fazem sua esta saudação, para que se realize a profecia: "Els

que doravante tôdas as gerações me chamarão bemaventurada. Grandes coisas operou em mim o Poderoso, — santo é o seu nome" (Lc 1.). Farão, pois, parte dêste côro universal tôdas as gerações, até a consumação dos séculos. Para elas Maria não morreu, mas continua vivendo com Nosso Senhor. São de Frederico Cristóvão Oetinger as palavras: "Cremos que ela alcançou, há muito tempo, a primeira ressurreição". Seus devotos mantêm-se em contacto permanente com ela, como bem o atesta a invocação bíblica que lhe dirigem. Vêem-na privar intimamente com Jesus, tal qual o fizera em vida e como fôra prenunciado nos primórdios da História da Redenção (I Moisés, 3, 15); e ela, junto de Jesus no céu, continua a seguir de perto os passos do povo de Deus.

Os dois companheiros de viagem rezavam os assim chamados mistérios gozosos, pois nos achávamos no Ciclo de Natal e Epifania, em que se contemplam:

A Anunciação da Virgem e a Concepção do Verbo pelo Espírito Santo; a visita da Virgem a Isabel; o nascimento de Jesus; a apresentação do Menino Jesus no templo; o encontro do Menino no templo.

Durante o tempo da Paixão meditam-se os mistérios dolorosos de Jesus: o suor de sangue no monte das Oliveiras; a flagelação na coluna; a coroação de espinhos; o caminho do Calvário; a crucifixão.

A partir da Páscoa, os mistérios dolorosos cedem lugar aos mistérios gloriosos: a Ressurreição de Jesus; a ascensão ao céu; a vinda do Paráclito; a Assunção de Maria; a coroação da Virgem no céu.

Experimentou tão somente Maria a verdade da palavra do Apocalipse: "Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida?" A promessa dirige-se a todos os membros do Corpo Místico de Cristo. Bem o reconhecemos: Porventura a cabeça de um corpo deixa perecer um dos seus membros?". Compreendemos logo que os membros do Corpo de Cristo, ao recitarem a Ave Maria, cantam ao Deus-Trindade o hino de sua própria redenção e de sua esperança na glória eterna. Em nós todos se deverão realizar um dia as palavras que Isabel dirigiu à Maria por inspiração do Divino Paráclito:

"Bem-aventurada és tu que acreditaste, porque há de cumprir-se o que te foi dito pelo Senhor". Portanto, entoando em honra da Mãe de Deus os louvores bíblicos do Nôvo Testamento, comemoramos a Encarnação do Verbo. Esperamos, igualmente, o enaltecimento perpétuo do Corpo Místico de Cristo, a assunção de nós todos ao céu. Em união com Maria canta a Igreja: "Na Ascensão de Cristo fundo a esperança da minha Assunção".

Lutero não proibiu "aos fracos" a invocação dos santos. Deu também o seu "sim" em favor da devoção à Mãe de Deus. "Maria — diz — vê-se na qualidade de Mãe de Deus, elevada acima de todos os homens, sem, contudo, perder sua singeleza e despretensão. O coração de Maria permanece o mesmo, inabalável, em qualquer tempo. É sempre dócil instrumento nas mãos de seu Deus. Oxalá a imitássemos! Cantaríamos o mais belo "Magnificat". Que de mais grato para ela do que encaminhar-mos, amparados por suas mãos, ao trono da Divina Majestade e aprendermos dela a nos fiar unicamente em Deus, mesmo se nos desprezarem e reduzirem à impotência, na vida ou na morte! Ela devia e queria ser a obra prima da graça divina, para assim concitar todo o mundo à confiança, ao amor e louvor da munificência de Deus. Animados por ela, deveria irromper do fundo dos nossos corações o grito de confiança incondicional: ó Virgem bendita e Mãe de Deus, que consôlo imenso o Onipotente nos deu em ti: não nos desprezes a nós míseros e insignificantes mortais como tu, mas volve-nos um olhar de clemência". Para cantar as glórias de Maria "carecemos de tôdas as fôrças e de uma sinceridade absoluta. Dá-se isto quando, por meio dela, sentimos no íntimo a satisfação e o gozo de servir a Deus, e dos recessos da alma brota êste afeto: "Ó doce sempre Virgem Maria!"

"As maravilhas que Deus nela operou, — continua Lutero — resumem-se neste único título: Mãe de Deus. Em virtude dêste privilégio, foram-lhe outorgados tão numerosos e sublimes tesouros, que ninguém sabe avaliá-los devidamente, pois da maternidade advém-lhe tôda a honra e glória. Sobressai, por isso, entre todos os homens, não há negá-lo,

como a única, como a Mãe santa, puríssima, impoluta, verdadeira Rainha do céu. Rogamos a Deus que nos dê uma compreensão nítida do "Magnificat", para que, além de nos iluminar e falar aos nossos sentidos e à nossa alma, nos comunique também ardor e vida; o que Cristo nos conceda, por intercessão e condescendência de Maria, sua diletta Mãe. Assim seja".

Também os Livros dos Símbolos da Igreja Evangélico-luterana encerram tais palavras: "Maria, a ilibada, a sempre Virgem, a genitora de Deus, a verdadeira Mãe de Deus, digna da mais sublime veneração, que nutre o desejo ardente de lhe seguirmos os passos, que não cessa de interceder pela Igreja".

Tudo isso se perdera para nós. As verdades parceladas que ainda professávamos solenemente, guarda-as a Igreja Católica com fidelidade bíblica. Nossos irmãos e irmãs do credo católico afirmam-nas publicamente, quando, à maneira dos dois peregrinos, junto à janela, quase alheios ao lindo cenário lá fora, rezam: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte". A Comunhão dos Santos com Maria, Mãe de Deus, é evangélica: tem suas bases no Evangelho.

Chegamos a Aarau. Nas montanhas e sobre as franças do arvoredado, alvejava a neve. Por cima passeavam nuvens. Todo o trajeto dessa região pinturesca, cantou-se a valer. Com o "*Ó estrêla matinal em noite escura*", de Angelo Silésio, começara-se a madrugada. Agora cantávamos o "*Amável Senhor Jesus*". Ao mesmo tempo nossos olhos embebiavam-se, deliciados, nas paisagens cisalpinas da Suíça. Mais adiante ressoou, pela vez primeira, o cântico "*Louvai ao Senhor, ao Rei poderoso da glória*", que foi repetido muitas vezes durante a viagem.

Entramos na estação de Wohlen. Mais além ficava o antigo mosteiro de Muri. O relógio marcava 9,45 horas. Alcançamos Rotkreuz, vinte quilômetros antes de Lucerna. Em Art-Goldau esperávamos contemplar montanhas imponentes, mas as nuvens toldavam-lhes os cabeços. Contornamos o



lago Vierwaldstaetter. Via-se quase somente o sopé dos montes. Passamos ao largo da Tellsplatte. Flüelen estava mergulhada em neve e neblina.

Nossa máquina levou oito minutos para passar o túnel de São Gotardo. Um dos passageiros recordou a figura do seu construtor, Louis Favre de Genebra, que no término dessa gigantesca obra, fatigado ao extremo, sucumbiu vítima de um colapso cardíaco. Todos ficamos silenciosos à sua memória.

Saímos finalmente. Que alívio! O céu azul e o sol radiante! Exclamações de júbilo partem de todos os peitos. Em contraste com o céu profundamente azul brilha a neve imaculada dos cumes de gigantescas montanhas. A vista voa sobre píncaros até se perder no horizonte longínquo. Espontaneamente os peregrinos entoam um hino; é um canto à Virgem. Fervilhavam ainda em mim as apreensões de protestante: seria certo o que estão fazendo? Mas, não fazem eles, precisamente aquilo que em nossa Igreja de Lourenço, no alto da Floresta Negra, anuncia ainda hoje o sino das Ave Marias com sua inscrição em letras góticas: "AVE MARIA GRATIA PLENA"? A segunda igreja aos meus cuidados, no planalto do Jura na Suábia, era dedicada a Nossa Senhora e a São Miguel. A terceira, em Moettlingen, onde Blumhardt vivera, tinha por título "à querida Senhora Nossa". A vida toda (falando com Lutero), encontrara eu Jesus por Maria. Evidentemente, entendia eu tão pouco desta comunhão com a Mãe de Deus como os meus camponeses que chamavam êste toque do sino de "Uva Maerga", sem suspeitarem do antigo significado "Ave, Maria". Ou tê-lo-iam alguns dentre eles adivinhado, sem o manifestarem? Sabe lá que mistérios não esconde a alma do povo!...

*"Tôda vez que recitares a Ave Maria" — dissera ainda, em 1522, Zwinglio em seu sermão de Reforma sobre Maria, a escrava sempre pura — "lembra-te que a nossa salvação teve início no dia em que o Anjo, mensageiro de Deus, dirigiu à escrava puríssima esta saudação: Deus te salve, Maria, cheia de graça! Bendita és entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre..."*

*“Rejubila, ó tenda do Altíssimo, ó templo selado, pois deste à luz o Criador do mundo, e o teu próprio Criador. Quem destroçou o poder do Inferno, reclinou-se no teu seio, sem que a tua virgindade sofresse dano. Seja minha herança, ao pronunciar o teu nome; que eu creia e reconheça, e homem bom algum ouse negá-lo, ó Maria, ó Senhora, que és a Mãe da misericórdia”.*

Não foi esta Seqüência antiga do convento de Muri que os romeiros cantavam. Entoavam, sim, cânticos novos como êstes: *“Estende sôbre nós o teu manto”* e *“A mais formosa de tôdas”*.

Sem parar e em corrida vertiginosa abalávamos para o sul. No fundo do vale recebeu-nos um mundo nôvo: o Sul. Nogueiras em quantidade, cingindo casas baixas de muros primitivos. Bétulas, vinhas, parreiras em cima de armações à altura de um homem... Novos e sempre novos píncaros de montanhas, precipícios hiantes, colinas harmoniosamente coligadas entre si, tudo matizado e ressaltado por cambiantes de luz solar! “Com seu poder criou Deus estas maravilhas” — explicava o pároco. “Sua sabedoria e seu amor deram-lhes forma, para que fôsem o resplendor de sua morada eterna, um pedaço da pátria celeste, um pálido reflexo da majestade de Deus”. O encanto destas novas e intermináveis impressões, o original das construções de estilo diverso, o cenário grandioso e movimentado de tal maneira me fascinou, que por algum tempo esqueci os meus problemas. Quando recuperei a consciência dêles e me lembrei da tese em cuja defesa eu arriscaria a vida, a saber, que a Rocha da Igreja, no dizer da Escritura, ainda persiste, senti-me inundado das consolações de Deus Criador. Tão certo como o sol aí desvenda admiravelmente a configuração altaneira das montanhas, tão infalível como a mão divina se faz sentir em tôdas as maravilhas de sua criação, até aos últimos rebentos da parreira, assim é grandioso nosso Deus na construção da sua Igreja, revelada pela palavra de Cristo Jesus. E o fato de eu, pessoalmente, pôr-me a caminho para ver e “obter conhecimento histórico”

(histeresai, Gál 1, 18), também isso entrara nos planos de Deus ao fixar o destino da minha vida. Deus é santo em tôdas as suas palavras e obras!

Bellinzona. Na estação ouviam-se as primeiras vozes italianas. Havia escolares a conversar e a tecer comentários sôbre a nossa caravana. Procuramos água potável, mas em vão. A cerração envolvia os outeiros. Alcançamos terras menos acidentadas. Apenas as vinhas próximas tornavam-se perceptíveis à vista. Agora ouvíamos mais uns passos da vida do nosso bem-aventurado, Vicente Palloti. Descendente de família abastada, não rejeitava os serviços humildes. Como estudante, lavava os talheres. Fêz o mesmo já sacerdote e lente de Teologia. Confessava a Cardeais e ao próprio Papa. Tirava da cabeça calva o chapéu de três pontas, quando encontrava, na rua, um mendigo a estender-lhe a mão. Tinha confiança acentuada no Bom Ladrão. Queria que seu corpo fôsse sepultado na vala comum dos condenados à morte. Viveu o Evangelho e tornou-se doutrina viva de Jesus Cristo. Agora é exaltado êle, que desejava ficar esquecido para sempre. Deus exalta os humildes. Tive ainda notícia de outros a serem canonizados. Assim, por exemplo, contaram-me da heroicidade da jovem Maria Goretti, que, em defesa da virgindade, conquistou a palma do martírio. Por ocasião da canonização do suíço Nicolau von der Flue, as aclamações e vivas ao Papa, de tão vibrantes, arrancaram dos lábios de uma senhora o comentário: "Agora já não sobram honras para Deus". Mais tarde ela compreendeu que estas honras se dirigiam pròpriamente a Deus.

Lá fora a geada branqueava os ramos. Envolvidos pelo silêncio da paisagem e resguardados de futeis distrações, os romeiros rezaram, em cântico, a oração do Papa pelo Ano Santo:

*"Deus onipotente e eterno, com tôda a alma vos agradecemos o grande dom do Ano Santo. Ó Pai Celeste, que tudo vêdes, que conheceis e governais os corações dos homens, tornai-os, neste tempo de graça e salvação, dóceis à voz de vosso Filho!"*

*Que o Ano Santo seja para todos um ano de purificação e santidade, de vida interior e penitência, o ano do grande retôrno e do grande perdão. Aos que sofrem perseguição pela Fé, dai o vosso espírito de fortaleza, para que se unam indissolúvelmente a Cristo e à sua Igreja! Protegeí, Senhor, o Representante de vosso Filho na terra, os Bispos, os Padres, os religiosos, os fiéis. Fazei com que todos, sacerdotes e leigos, adolescentes, adultos e velhos, formem, em estreita união de pensamento e afeto, um rochedo sólido, contra o qual se quebre o furor de vossos inimigos.*

*Vossa graça acenda em todos os homens o amor para com tantos desventurados, reduzidos, pela pobreza e pela miséria, a uma condição de vida indigna de seres humanos. Despertai na alma daqueles que Vos chamam Pai, a fome e a sede da justiça social e da caridade fraterna, em atos e em verdade! Dai, Senhor, a paz aos nossos dias, paz à alma, paz à família, paz à pátria, paz entre as nações! Que o iris da pacificação e da reconciliação cubra de nôvo, com seu arco de luz serena, a terra santificada pela Vida e Paixão de vosso divino Filho.*

*Deus de tôda a consolação! Profunda é nossa miséria, graves são as nossas culpas, inumeráveis as nossas necessidades; maior, porém, é a nossa confiança em Vós. Conscientes da nossa indignidade, colocamos filialmente o nosso destino em vossas mãos, unindo nossas débeis orações à intercessão e aos méritos da gloriosíssima Virgem Maria e de todos os santos.*

*Dai aos enfermos a resignação e a saúde, aos jovens a fôrça na Fé, às jovens a pureza, aos pais a prosperidade e a santidade da família, às mães a eficácia de sua missão educadora, aos órfãos uma afetuosa tutela, aos refugiados e prisioneiros, sua Pátria, a todos, a vossa graça, em preparação e em penhor da eterna felicidade no céu! Assim seja”.*

Debaixo de chuva a cerração cortamos os campos da planície do Pó. Através da neblina vislumbravam-se álamos delgados; mais adiante, plantações de arroz. A monotonia cinzenta e úmida de um dia chuvoso impedia quase de todo



a visão. O diretor da romaria achou oportuna a hora para se rezar o têrço em comum.

Desde algum tempo o nosso elétrico parecia vencer um trecho de subida. A névoa dêsse dia de inverno confundia-se com o crepúsculo da noite. Teríamos já atingido o ponto mais alto dos Alpeninos? Em plena escuridão, noite a dentro, saudados de quando em quando pelas luzes de uma aldeia, corríamos novamente em direção à planície. Já as luzes piscavam mais numerosas e vivas. A neblina se dissipava. Estávamos nos arrabaldes de Gênova.

Na estação de Gênova demoramo-nos largo tempo. Vimos o pôrto, fartamente iluminado. Na gare agrupavam-se numerosos operários, muitos dêles marcados pelo sinete da pobreza. Ter-nos-ia saudado algum dêles? Creio que não; pelo menos, não dei por isso. Em meu íntimo ecoava a voz de um pregador do deserto: *“Moisés exigia de seu povo maior abnegação do que a Igreja reclama hoje dos seus fiéis. Não se contentava com promessas e romarias, embora também estas fizessem parte do grande Ano Jubilar. Seus postulados eram práticos, reais. Ordenou a intervenção séria na economia, sempre e sempre lesada pela ganância dos homens. No Jubileu devia cada um restituir, sem indenização, tôda e qualquer propriedade adquirida por fraude desde o Jubileu anterior. Escravos e prisioneiros recuperavam a liberdade. Até aos campos dava-se repouso. Quem é que estabelece hoje o direito primitivo de conceder uma geira de terra a tôda família que se comprometa a cultivá-la? Provera a Deus, levassem os homens a sério e pusessem em prática, neste Ano Santo, os ensinamentos do Evangelho! Se, porém, não nos convenceremos da necessidade premente de fazer justiça aos inteligentes e não lhe cedermos as nossas sobras, o Ano Santo passará despercebido aos olhos do mundo. Praticai, pois, a justiça, amai o próximo como a vós mesmos. Glorificai a Deus nos vossos irmãos. Não venha a ser para vós o Ano Santo um ano de mentira; mas levai a tôdas as almas sofredoras a alegria da vossa redenção”* (Nicolau Ehlen). Muitos renunciaram à romaria em proveito de obras de misericórdia.



Com a chegada em Rapallo, alcançamos a meta prefixada para aquêlê dia. Aportamos em Riviera, no Mediterrâneo. Soprava leve aragem, como de primavera. Cada sôrvo de ar contribuía para refrescar o espírito fatigado. Algumas palmeiras plantadas junto à estação. Na ante-sala do nosso hotel sorriam-nos flôres e frutas. Com satisfação pude ceder ao Pároco o alojamento que me tinha sido reservado. Ofereceram-me, em troca, outro pouso bem mais distante, na rua São Cristóvão. Apreciei, assim, de caminho, o doce mistério das trevas em uma cidade estranha, e escutei os rugidos do mar no pôrto. O ouvido deleitava-se com os sons maviosos dos povos do sul, enquanto o homem todo respirava a atmosfera balsâmica da Criação.

Aqui fora estava eu feito um romeiro à parte. Eles lá eram os súditos do Papa. Andariam certos na sua Fé? Andariam errados?

Sob a impressão da justiça e da bondade divinas, findou-se o dia.

## De Rapallo a Roma

*“Junto do Senhor encontram-se a graça e copiosa salvação. Jesus Cristo foi-nos dado por Deus para a sabedoria e justiça, para a santificação e redenção”.*

Esta máxima de hoje tem, evidentemente, um sentido universal, aplicável a todos os cristãos. Não obstante, permaneci entre os peregrinos como personagem estranho. É que nós, protestantes, externamos a nossa fé de maneira diversa, mesmo em questões onde as crenças coincidem. Inimizades velhas e separação prolongada criaram hábitos diferentes. Não há de ser fácil voltarmos a *uma e mesma* vida de família, vivermos *uma e mesma* vida em Cristo. Faz-se mister romper os envoltórios que isolam, impedem de penetrar o âmago. Mas cabe à sabedoria divina produzir em nós tal resultado. Deus saberá fazer-nos justos, no julgamento sobre a história, tanto do luteranismo como do papado. Para êste fim deve Ele santificar-nos através do cadinho das provações e libertar-nos das tramas e grilhões de costumes inveterados.

Ainda paira sobre nós o “não do protesto”. “Lutero varreu do céu os santos”, declarou-me um amigo, quando estávamos diante do quadro de Todos os Santos, de Duerer, julgando-se êle o paladino da *própria* verdade. Não percebeu, entretanto, que zelava por um outro Cristo, que não é o Cristo da Revelação, do Evangelho. Não é de um céu varrido de santos que o intérprete de Cristo fala na sua carta à comunidade hebraica: “Achegastes-vos do monte Sião, da cidade de Deus vivo, da celeste Jerusalém, das inumeráveis multidões de anjos, da festiva assembléia dos primogênitos con-

signados no céu, de Deus, o juiz de todos, e dos espíritos dos justos perfeitos, de Jesus, o Medianeiro do Nôvo Testamento e do sangue da aspersão, que fala mais poderosamente que o de Abel" (Hbr 12, 22 ss.).

"Que haja ou não, em nossa igreja, um altar, pouco me interessa", dissera-me outro colega. Hoje haveriam de juntar-se em torno do altar. Haveria Missa para os peregrinos na igreja paroquial de Rapallo. Não foi marcada para muito cedo a fim de dar tempo aos que quisessem confessar-se. Nossos Padres da Reforma não quiseram abolir a Confissão ou Sacramento da Penitência. Neste particular convém voltar aos nossos próprios escritos simbólicos e pôr em execução o que professamos. Ora, segundo eles, jamais foi rejeitada a confissão auricular. Na absolvição ouve o penitente *"não a voz ou palavra da pessoa ministerial, mas a palavra de Deus que perdoa os pecados"*.

Por outro lado, propalou-se que a Igreja Católica, durante a Segunda Guerra Mundial, em circunstâncias especiais, facultou a confissão em comum e a absolvição condicionada em comum (como nós a praticamos), já que, perante Deus, a contrição constitui o ponto principal da Penitência. No caso de Blumhardt foi o próprio povo crente que lhe manifestou o desejo de possuir a confissão e absolvição, na forma de um encargo eclesiástico. Há círculos mais interessados e mais religiosos entre nós, em que se introduziu a confissão particular e se percebe a sua bênção. Tal privilégio deveria ser regulado pela igreja e estendido a todos os fiéis, como, aliás, já foi feito na nova legislação da Igreja Evangélica de Berlim-Brandenburgo.

Todavia, pouco se me dava da Confissão, naquela manhã. Preocupava-se, sim a Missa dos peregrinos. Minha dificuldade era esta: podia eu, em consciência, tomar parte na profissão de fé destes irmãos em Cristo? Ao avistar, ontem à noite, a Igreja de Rapallo, não senti nisso nenhum prazer; pois não tínhamos nós separação, falta de comunhão? Amanhecera. Do ponto de vista meramente humano, não me custaria subtrair-me ao ato, porquanto o meu alojamento ficava muito afastado dos demais. Entretanto, não me foi possível

ficar segregado dos outros. No íntimo do coração fui impelido para perto do altar. Senti necessidade de me juntar a comunidade.

Baseando-nos nos textos oficiais da nossa fé, podemos afirmar que nós, os protestantes, ainda temos a Missa. Eis o que disseram os nossos Padres de Augsburgo, em 1530: *"Acusam, imerecidamente, os nossos de terem abrogado o Sacrifício da Missa."*

*Consta ao certo que nós, modéstia à parte, celebramos a Missa com mais devoção e fidelidade que os nossos con-*

Lutero não negava a presença real do Senhor no Sacramento, e até parece ter defendido, certa vez, a adoração de Cristo sacramentado contra os invasores exaltados. Seja como fôr, queremos cumprir a vontade de Jesus no que concerne à Ceia e à Missa. *"Como é um só pão, assim também nós, muitos que somos, formamos um só corpo; pois todos participamos de um só pão"* (I Cor 10, 17). *"Nós temos um altar"* (Hebr 13, 10). Que sinal terrível o da separação no altar! E que sinal mais imperioso para a volta à unidade do que o altar e a Santa Ceia em a nossa Igreja!

Margeando sempre a baía, pelo lado do pôrto, encaminhei-me para a cidade, em direção à igreja. Decidira comigo ajoelhar e benzer-me com os outros. Pois está escrito: *"Por minha vida, diante de mim se dobrará todo o joelho"* (Rom 14). No que respeita ao ato de persignar-se, tenhamos presente o conselho de Lutero aos pais de família, no Pequeno Catecismo: *"De manhã, ao saltares do leito, persigna-te com o sinal da Santa Cruz e dize: em nome de Deus Pai, do Filho e do Espírito Santo"*. Neste ponto Lutero atém-se à tradição e aos costumes de fé católica, porquanto a Escritura nada diz a êsse respeito.

Celebrou-se na igreja a Missa dos peregrinos. Assistiram a ela também paroquianos e visitantes da cidade. A parte principal do culto tem a mesma forma em todos os países da Igreja Católica Romana. A língua litúrgica entrelaça a todos. E se, recentemente, nas Missas dialogadas e cantadas, o povo se vale da língua pátria, as cerimônias e o Sacrifício



própriamente dito, no seu desenrolar objetivo, subtraído a toda arbitrariedade, estreitam entre si os fiéis dos mais diversos idiomas. Precisamente nesta ocasião alegrei-me com estes povos estranhos, que agora já o não eram para mim. A consciência da fraternidade cristã não nos permite quaisquer sentimentos de hostilidade. A todos os povos deve ser levada a nova do Evangelho. Todos eles, até os confins da terra, devem fazer-se discípulos de Cristo. Por conseguinte, tornamo-nos todos irmãos e irmãs em virtude do espírito e do poder de Cristo ressurgido dos mortos. Por coincidência, ajoelhei-me ao lado de um italiano; percebi que não era alemão, quando lhe ofereci o livrinho de canto dos peregrinos. Agradeceu num gesto delicado e continuou a acompanhar a Missa dos irmãos na Fé.

Estamos reunidos na Casa de Deus, em nome do Senhor Jesus Cristo. Ele pessoalmente vem ao nosso encontro pela sua palavra. Nós, porém, compenetrados de fé e contrição, adoramo-Lo como Salvador nosso e Redentor do mundo. Ei-Lo em nosso meio como o "Cristo imolado por nós", como o Cordeiro de Deus. Ei-Lo como "Sumo Sacerdote" que ora se apresenta por nós ante o trono do Altíssimo (I Cor 5; Hebr 10). Os ceus em cântico, a terra em cântico e nós como eles, elevamos a voz e rezamos durante este sacrifício laudativo: "Digno é o Cordeiro imolado de receber poder, riqueza, sabedoria, fortaleza, honra, glória e louvor. E toda criatura que há no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, tudo quanto neles existe, todos devem cantar: ao que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja dado louvor, honra, glória e poder, pelos séculos dos séculos" (cfr. Apoc 5).

Mistério da fé! Diz o senhor: "Tomai e comei, isto é o meu Corpo, que será entregue por vós. Fazei isto em memória de mim... Tomai e bebei dele todos: este é o cálice do meu sangue, do novo e eterno testamento, que será derramado por vós e por muitos, em remissão dos pecados. Toda vez que o beberdes, fazei-o em minha comemoração".

Os peregrinos todos, sem exceção, aceitaram o convite do Senhor para a Ceia. Por mim, recitei também com eles o Pai-Nosso, celebrei a memória dos santos e supliquei a

Deus, como pecador, minha incorporação na legião dos vencedores e a participação no Sacrifício de Cristo. Mas da Santa Ceia tive de me abster; pois nós, protestantes, não tomamos parte na mesa da Igreja antiga.

Desde quando? Desde Lutero. Ouçamos a sua declaração formal: *“A Missa no Papado deve constituir para nós a mais negra abominação, a qual se opõe diametral e categoricamente ao citado artigo fundamental (a saber, o da justificação exclusiva pela graça. Pois, o que sustenta é que o Sacrifício ou a obra da Missa, mesmo efetuada por um ministro indigno, destrói o pecado dos homens, quer aqui, quer no Purgatório, poder êsse que, indubitavelmente, só cabe ao Cordeiro de Deus, como levamos dito acima (no artigo fundamental). Se, porventura, nos dessem razão em outros pontos, neste da Missa jamais o farão. Pois afirmou em Augsburgo o Cardeal Campégio que antes se deixaria fazer em pedaços, do que ceder nalgum ponto da Missa. Assim eu, por minha vez, prefiro me reduzam a pó e cinza, a permitir que “um escravo da Missa”, por semelhante ação, seja ela boa ou má, se ponha em pé de igualdade ou superioridade com meu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Reina, portanto, entre nós e êles a separação e oposição perpétua. Bem o compreendem êles: Abolida a Missa, cai o Papado”*.

Nestas palavras coléricas de Lutero transparece o protesto intransigente, semelhante ao dos antigos Profetas, contra os abusos sacerdotais, contra qualquer carolice e autojustificação farisaica, primeiramente a nossa. “Adoramos a Deus em seus juízos: permitiu que Lutero, qual outro Jó, provasse os amargores de uma época inteira e visse de perto os condenáveis abusos e deturpações, a começar pela autoridade papal. Muitos fiéis católicos oferecem nesta intenção penitência e desagravo. Bendigamos a Deus santo e misericordioso que se serviu das investidas de Lutero para purificar a Igreja...” que definiu então com tóda a clareza a verdadeira doutrina da Bíblia acêrca dos encargos eclesiásticos e do culto divino.

Em Lutero mesmo, porém, assim o sentimos, quebrarase a unidade. Escapara-lhe o fato de que Cristo, Deus e ho-

mem verdadeiro, quer propositadamente servir-se do homem, para reconduzir o mundo ao Pai, seja por meio do seu Sacrifício, seja pelos poderes conferidos aos seus eleitos. Se a Igreja não gozasse do direito de celebrar o Sacrifício de Jesus como atual e presente, não lhe caberia tampouco o privilégio de pregar, por lábios humanos, a palavra divina, como atual e presente. O Salvador não está, por certo, menos junto de nós quando se imola por nós na Cruz, do que quando exerce o papel de Mestre. Onde há um púlpito, há também um altar. "Temos um altar". Rejeitar o Santo Sacrifício equívale a apartar o Calvário para distâncias cada vez mais longínquas; a arrancar a terra da união com o céu, onde é celebrado, sem cessar, o holocausto do Cordeiro. Únicamente ao Cordeiro de Deus cabe o poder de nos remir do pecado, da morte e do Inferno, por meio da palavra e do sacramento, por meio de seu Sacrifício único, eterno e atual. Mas, então, que múnus exercem na Igreja o Pastor do rebanho e os curas locais das paróquias? "São os ministros que vos legaram o dom da Fé, cada qual na medida em que o Senhor teve por bem conceder-lhe. Devemos aplicar ao supremo Pontificado e ao Magistério da Igreja em geral, do mesmo modo que à celebração da Missa, esta norma: somente o espírito imbuído de fé, compreende a eficácia do sangue de Cristo".

Entrementes, os peregrinos haviam voltado da mesa eucarística. Haviam partilhado de novo do sacrifício de Cristo, dos extremos de sua caridade. Deveria ser outro que não o Senhor, para negar-se a congregar em torno de uma só mesa e de *um mesmo pão* todos quantos almejam ter parte com Ele. Para "comemorar" este desejo de Jesus, encontra-se o altar também em nossas igrejas. O altar é que opera a reconciliação e a união das vontades. "Ite, Missa est"! Ide, andai com o Senhor! Findara a Missa. Sai do templo com a convicção sincera e inabalável: o que no altar se realizou, é a pura verdade. É verdade tão inapelável, como a Morte de Cristo na Cruz e a liturgia celeste perante o trono do Altíssimo e do Cordeiro.

Se isto não é culto divino, não existe culto! No entanto, foi este culto a causa que nos arrastou a nós, protestantes,



para o cisma. Mas poderia uma sociedade cindida anunciar ao mundo a paz, a salvação e a reconciliação? Com efeito, a sociedade dos povos cristãos deve estar transtornada profundamente, uma vez que a união foi desfeita no ponto-chave das relações entre Deus e os homens. Como foi possível que não percebêssemos a gravidade desta ferida mortal no Corpo Místico? Que estragos já não terá causado em nós? De feridas que já não doem, quais as consequências? Felizmente recomeçam a doer...

Transpus, apressadamente, o limiar da igreja. Respirei profundo. A dor da separação foi, por esta vez, superada. Seguiram-se horas de alívio. Viam-se, em breve, grupos de pessoas do nosso comboio e de outro que nos seguira com diferença de uma hora, procurarem os pontos mais lindos da cidade ou passarem ao longo da enseada. Enveredei por um atalho e subi ao alto de uma colina. Vi operários levantarem uma construção gigantesca, com vista esplêndida para o mar. Trabalhavam com afinho, perseverança e desembaraço. Tarefa estafante e pesada a dêsse homens e moços despretenhosos! E eu aqui a folgar; a deliciar-me com a flora anteprimaveril, com o verde-gaio das oliveiras, com as flôres e frutas brilhantes dos limoeiros e laranjais. Tem-se vontade de avançar mais, de subir mais, para as colinas que se erguem ao longe, numa língua de terra, no lado oposto da baía.

O mar oferecia igualmente os seus encantos. Alcancei alguns rochedos escarpados, donde me era dado gozar o marulhar e o embate das ondas. A vista espçaiava-se pelo vasto mar, até confundir-se com as fímbrias do horizonte. Interminável é o jôgo das águas contra as rochas. Atrás de mim, agaves frondosas, já desfloridas.

Era hora de voltar. No fim da rua, ao longo da praia semeada de quintas, encontrei-me com um grupinho de peregrinos. Um sacerdote, de boas maneiras e acentuado bom humor, fêz com que me sentissê logo à vontade. Provimo-nos do necessário para a viagem e encaminhamo-nos para a gare. Tivemos que esperar um bom lapso de tempo até a partida. Diverti-me em desenhar a região montanhosa, coberta de parreiras e álamos, e as quintas adornadas de pinheiros e ci-



prestes. Enquanto esta ocupação parecia libertar-me mais e mais de peias interiores, veio a máxima de hoje reforçar ainda o sentimento desta "redenção": Deus livra-nos, a nós, membros de seu povo, das nossas cadeias, dos nossos ferros e an-tolhos. É preciso sair do próprio círculo e estender a vista sôbre outros caminhos.

Até mesmo o resgate de grilhões entrados na carne causa dores, quando o homem a êles se acostumou. Uma libertação desta natureza parece verificar-se atualmente entre os irmãos protestantes e católicos. Ocorreram-me as palavras candentes e francas de um teólogo católico francês sôbre o "Evangelho acorrentado": *"Como no judaísmo que viu seus laços rompidos por Paulo, assim também produziu-se entre nós uma hipertrofia de "tradições" que não raro usurparam para si o lugar de verdades reveladas e do Espírito Santo. Elaboramos e acumulamos prescrições e ritos, costumes e devoções, e conseguimos, muitas vêzes, conquistar a fama de "virtuosos". No entanto, quantas vêzes não fomos nós mesmos o alvo das nossas virtudes e dos nossos méritos? Não cometemos a ingenuidade de crer, à maneira dos escribas, que, para nos salvar, basta a lei? Não foi o temor, de si louvável e a princípio bem fundado, de esclarecer e defender o mistério de Deus contra as heresias e descrenças, que nos levou a vincular de mais êste mistério às nossas teorias, às nossas rixas escolares e sectárias? Não nos comportamos em face de Deus como se Ele tivesse as medidas do nosso próprio espírito e fôssemos os donos d'Ele? Fomos induzidos a fazer pouco caso da atuação do Espírito Santo. É claro, não nô-lo ensinaram expressamente. Mas deram tamanha importância ao problema da família, da apologética racial, dos ritos, das devoções e outros pontos, que quase perdemos a habilidade de crer intimamente na livre e poderosa ação de Jesus Cristo. Existe uma atitude religiosa, em que o poder da graça e da fé já não conseguem abrir passagem. Eis-nos hoje na alternativa de escolher entre o Evangelho autêntico e uma mensagem, em que a sabedoria divina é encoberta por camada densa de filosofia humana..."*

*A força da Igreja deriva unicamente da fé viva. E ela se abastece, de contínuo, nas fontes de misericórdia do seu Deus e Senhor. Sempre a escolha do cristão só pode recair sobre o Evangelho”.*

Pouco antes de encetarmos a última etapa da viagem a Roma, desabou violenta tromba d'água. Com a umidade da chuva, a região revestiu-se de magnificência ainda mais acentuada. Seguimos agora ao longo da Riviera. As vagas do mar reverberavam o forte brilho dos raios solares. O litoral marchetado de vilas e quintais, de palacêtes e igrejas, de vinhas, olivais e flôres primaveris bem como da alfombra aveludada e verdejante dos prados, alternando com o majestoso do mar, tudo isso enlevava o espírito e prendia o olhar. De quando em vez mergulhávamos no bôjo de um túnel, para do outro lado saudarem-nos, com renovado júbilo, os reflexos da luz e do mar.

Mal havíamos deixado a cidade portuária de La Spezia e já o sol ia deslizando no horizonte. Gravou-se em minha retina a imagem da extensa planície: o cenário longínquo e aberto, ressaltado, ao fundo, por uma montanha de mármore. Enormes blocos eram dela destacados e em seguida despachados. Depois reapareciam os olivais, as vivendas rurais e por fim o primeiro pinheiral.

Livorno. Em Livorno ouvi, pela primeira vez durante a viagem a palavra “indulgência”. Foi minha vizinha de poltrona quem a pronunciou, pedindo informação sobre as condições prescritas para lucrar a indulgência do Jubileu. O sacerdote prontificou-se a dar-lhe as devidas explicações. Aliás, ter-lhe-ia bastado consultar o manual dos peregrinos, onde se lia: “Aos peregrinos que, no Ano Jubilar, visitarem as quatro grandes basílicas de Roma, concede o Santo Padre uma indulgência plenária. A indulgência é, da parte de Deus, a remissão das penas temporais de pecados já perdoados. Esta remissão, concedida pela autoridade eclesiástica, é tirada do tesouro espiritual da Igreja, podendo os fiéis aplicá-la a si mesmos ou, em forma de prece, também aos defuntos...”

Diante de mim abria-se uma vez mais o abismo. Defrontamo-nos, atônitos, com um mundo inteiramente estranho.

E neste mundo desconhecido, as indulgências representam o mistério entre os mistérios. Foram elas o rastilho da Reforma. É certo, a Igreja prescreveu, terminantemente, o tráfego das indulgências, já um ano depois do ataque de Lutero. Mas o abuso das indulgências foi apenas o motivo externo e não a causa fundamental do cisma. Prova disso são as palavras de Lutero a Tetzel, afamado mercador de indulgências: “Não foi por tua causa que comecei a polêmica; nasceu de bem outro pai este filho”. Qual seria? Qual a razão que fez desencadear a Reforma? Ouçamos a opinião de um autor católico: *“Deus mostra sempre rigores extremos para com aquela atitude religiosa que, sob a capa de autoridade e palavra divinas, procura alterar as relações da criatura para com Deus e que no terreno da religião tenciona atribuir ao homem as honras devidas a Deus”*. E Lutero, na tese 62: *“O tesouro genuíno da Igreja é o sacrossanto Evangelho da honra e graça divinas”*. Em outra parte: *“Guarda-te das leis humanas que corrompem o tesouro sublime. Deixo-te isto como último presente”*.

Mas para onde me dirijo eu, protestante e pregador luterano? Vou a Roma, que é a responsável pela questão das indulgências. Em suas 95 teses, Lutero já punha em dúvida, ainda que de leve e veladamente, a autoridade suprema do Pontífice, na direção espiritual da Igreja. Mas importa tomar o ponto de vista do adversário e perquirir-lhe os pensamentos que movem a sua vida íntima. Por duas vezes e em épocas diversas, conseguira eu compreender, ou antes, fôra-me dada a graça de perceber o sentido primitivo das indulgências. Agora já não me lembrava de nada. Firmei o propósito de estudar novamente a questão.

Partimos às três e meia horas e, aos poucos, já se foram preparando os nossos ânimos para a entrada em Roma. Os romeiros dos dois trens foram divididos em vinte e três grupos. Nosso grupo vai ter alojamento na Casa dos Peregrinos das Irmãs Castelhanas, na via Casilina 323. O nome exato das Irmãs é: Suore ancelle dell'amore misericordioso (Servas do amor misericordioso). Amanhã às 8,30 horas, deverão reunir-se todos os grupos junto ao obelisco, na Praça de São Pedro.



Escurecia. Eram quase 6 horas. Nosso elétrico parecia acelerar cada vez mais a corrida, à medida que se aproximava do termo da viagem, deixando atrás de si luzes, povoações e cidades. Eu suspirava por *uma só coisa*: certeza. Segundo o Novo Testamento e o Catecismo Luterano o poder das chaves ainda existe. Uma é a Rocha que sustenta as demais “pedras vivas” da Casa de Deus. O encargo do sucessor de Pedro “não é contrário à Escritura”, segundo recente declaração do Dr. Wurm. É o distintivo “da Igreja regida conforme às exigências de sua própria estrutura”. Por parte da Bíblia eu já não tinha dúvidas. Mas que feição tomaria a minha consciência em Roma? Haveria de confirmar-se de modo uniforme a minha impressão sobre a verdade bíblica? Surgiriam novas tempestades que abalariam os fundamentos da minha certeza? As potências do “não” empinaram-se e jogaram-se de encontro ao meu “sim” já pronunciado. O chefe da romaria deve ter dito algumas palavras aos peregrinos; mas elas chegaram como um ruído estranho e longínquo ao meu ouvido, que, com a vista atenta, buscava conselho nas trevas da noite.

*Roma.* No dia 17 de janeiro de 1950, terça-feira, às 19,30, o nosso trem entrava na Estação de Trastevere, em Roma. Era noite. Chovia levemente. Entramos cantando o “Deus eterno, a Vós louvor”.

Fomos recebidos afavelmente pelos Padres Palotinos, superiores e irmãos. Atraíram logo nossa atenção as batinas vermelhas dos germânicos, estudantes de Teologia no Collegium Germanicum. Embarcamos nos novos ônibus, marca ford, de cor azul. Na longa travessia de Roma — pois os ônibus nos iriam despejar nos últimos confins da grande metrópole, do lado sudeste — tivemos oportunidade de admirar as lojas e letreiros luminosos do centro comercial. Da Roma antiga, no Tibre, avistamos as muralhas de Aureliano e o Laterano.

Paramos em frente de um edifício alto e vistoso: era a casa das Irmãs Castelhanas. No andar de cima tinham sido instalados numerosos compartimentos à maneira de celas, para os peregrinos do Ano Santo. Meu companheiro de



viagem, o operário, e eu ocupamos um destes compartimentos. Na hora do jantar, no andar térreo do edifício, vimos as Irmãs, graciosas e vivas levar às mesas compridas, os deliciosos pratos. A superiora, cujas feições me faziam lembrar as de Maria von Ebner-Eschenbach, supervisionava o movimento apressado de suas filhas. Quis o acaso que meu companheiro, eu e o estudante, com alguns de seus amigos, igualmente estudantes palotinos, viéssemos a ocupar a mesma mesa. Alguns dos Padres da romaria presidiam à ceia e recitavam, alternadamente, as orações da mesa. Aqui sentia eu ainda mais palpavelmente do que na Comunidade Ecumênica Protestante, que todos os povos e línguas, como membros da Igreja de Cristo, formam uma só unidade. A partir de Pentecostes, existe *uma só* família. Há, na terra *uma só* casa paterna para o povo escolhido, e esta reflete a unidade que reina no céu. Os romeiros estavam possuídos de uma alegria intensa, animada. No fim do dia, todos sem exceção, dirigiam-se à espaçosa capela desta casa-mãe romana, mas composta quase só de irmãs castelhanas. Antes disso, porém, pusemos-nos à vontade na pequena cela.

Como o meu companheiro houvesse descido com os outros fiquei a sós. E assim o fazia cada noite. Lia, então, sem faltar sequer uma vez, a máxima da nossa irmandade.. Ouvi, naquela noite, os cânticos que vinham de baixo, da capela. Li o versículo do dia, do convertido João Scheffel (Ângelo Silésio): *“És minha salvação, minha alegria, de eternos gozos és o portador. Em toda a eternidade, nem um dia me hão-de separar de Deus, meu amor”*.

Na manhã seguinte, haveria na capela Missa e Comunhão geral para os romeiros. Isto significava para mim o isolamento reduplicado; separação essa tanto mais cortante, quanto mais estreitamente vivíamos unidos neste lar.

## Na Cidade de Pedro

Era tempo de prestar uma explicação aos meus companheiros. Fi-lo a meu colega de quarto. Convinha que êle soubesse porque eu me abstinha da recepção dos sacramentos. De madrugada, à luz baça da lâmpada, revelei-lhe que eu não era católico, mas apoiava a Igreja Una, Santa Católica e Apostólica. Que, pelo estudo da Bíblia, chegara a convencer-me da *unicidade* da Igreja, construída por Cristo sobre a Rocha. O companheiro, simples homem do povo, daquela classe que, por sua capacidade e esforço próprio, conseguira certa ascendência sobre os outros, replicou-me, com semblante firme e prazenteiro, que admirava o meu gesto e que sabia avaliar a heroicidade do meu sacrifício. Respondi que não havia absolutamente o que admirar, uma vez que Deus se fizera ouvir pela voz da consciência. Agora eu nada mais devia aos meus colegas peregrinos. Por mais pálida que fôsse esta união, que devia ainda conservar-me afastado da comunhão junto ao altar, era já um alívio para mim gozar da confiança dêsse operário. Falou-me, oportunamente, de sua esposa e cinco filhos, para os quais comprara modestos presentes que foram empacotados à minha vista.

Raiara o dia. Atravessamos Roma em busca da Praça de S. Pedro. Em outros tempos ter-me-ia, de bom grado, associado ao passo entusiasta daqueles que se deixavam inebriar pelos encantos da cidade das cidades. Desde a primeira arcada de um antigo aqueduto ou de um pinheiro e cipreste; desde a porta da cidade até ao Forum Romanum, e desde os testemunhos mudos de uma história três vêzes milenar, até

à nobreza de um semblante vivo dos tempos que correm, numa palavra, a opulência de Roma, nos convence de que tudo quanto aqui observamos e fazemos como homem isolado, não passa de um grãozinho de areia. O que significam seis ou sete dias passados em Roma?

Os Padres e estudantes que estavam à frente dos grupos de romeiros, davam, com dedicação, os esclarecimentos necessários. Devido à minha preparação anterior, entrava em minha alma, com relativa facilidade e ordem, o que agora via. Fui assim preservado de uma avalanche caótica de mil e uma impressões. Entretanto, importava-me a mim procurar *uma só coisa*: a impressão do pessoal que eu levaria do poder de Pedro da Rocha, no dizer de Cristo. Na véspera da minha partida, o aspecto de uma fisionomia perturbada até as raiais da loucura, vítima da guerra entre outras muitas, extinguiu em mim, por assim dizer, o aspecto desta terra. Ainda que não as procurasse, aprendi, contudo, muitas imagens para os sentidos e o espírito. Também hoje de manhã atuaram como bálsamo que aceitei com gratidão; pois nos aproximávamos do lugar da decisão, a Praça de São Pedro.

Entramos na praça, sorvendo os ares puros da manhã. A igreja acha-se, com efeito, no alto de uma colina! Partindo do obelisco, no centro, o terreno sobe, em ascensão leve, até à entrada. É esta a colina do Vaticano, onde se achava, outrora, o Circo de Nero.

Tenho o espírito sossegado. Esta calma e liberdade de espírito "na cidade que deve abrigar a todos", na expressão do Salmo 122, constitui para mim um dom da liberalidade divina. Aqui a alma se lembra de todo o orbe cristão. Vê-se o obelisco encimado da cruz. Ali, no frontispício da igreja, está o Salvador, empunhando a cruz. No alto da cúpula sobreleva-se a cruz. Na cruz todos somos um. Na cruz está a reconciliação.

Lá em cima, à direita, fica a janela do quarto em que o Papa trabalha. Quem, encontrando-se aqui, não rezaria por ele? Ele precisa da oração de todos os cristãos. A Comunidade deve enviar incessantes preces ao trono do Altíssimo, à ma-

neira dos primeiros cristãos, quando oravam por Pedro, pois o Papa ocupa o primeiro posto entre os confessores da fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

A máxima do dia é esta: *“Todos os reis hão de adorá-Lo. Todos os gentios hão de servi-Lo. Tôdas as línguas hão de confessar que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai”*.

Repete-se hoje o acontecimento de Cesaréia de Filipe: um dê testemunho da divindade de Cristo e nós todos com êle, numa só voz, para que o mundo creia. Entreguemo-nos todos como se encarnássemos um só homem, a Jesus Cristo, Salvador nosso e dominador do mundo. Se assim fizermos, Cristo há de instaurar na terra, por meio dos seus discípulos, o reino do divino amor. Onde estariam os impérios do mundo sem Êle? Só Êle merece o título de soberano Senhor dos povos e, a dar fé na sua palavra infalível, os mansos possuirão a terra.

Como símbolo da soberania absoluta de Cristo no seu tríplice encargo de rei, sacerdote e profeta, o Papa, como primeiro entre os confessores e elevado ao pontificado pelo próprio Senhor, leva na cabeça a tríplice coroa. Esta coroa, porém, é devida unicamente ao Senhor dos senhores. Por isso o Papa, servo dos servos de Deus, descobre-se diante do Senhor e depõe-na antes de qualquer ofício divino, à maneira dos anciãos do Apocalipse que levam coroas e as depõem em sinal de reverência para com Deus e o Cordeiro.

Estavam, enfim, reunidos todos os grupos de peregrinos. Devidamente coordenados e dispostos em filas, penetramos no recinto da Confissão de Pedro, para confessar, em comum, a nossa fé. Como estivéssemos muito atrás, não conseguíamos apurar bem o que se passava na frente: um dos romeiros empunhava uma grande cruz e dois outros seguravam, à direita e esquerda respectivamente, uma vela acesa. Entre cânticos festivos avançamos para o interior da Basílica de Pedro. Esses cortejos avançam devagar. Há, pois, tempo para tudo ver e contemplar. Mesmo aqui fora, à entrada do átrio, vi, num alto relêvo, a cena da Bíblia: o Senhor entrega a um só



as chaves. As chaves não se perderam. Perduram o mesmo poder supremo, o mesmo encargo, transmitido pela palavra do Filho de Deus vivo.

Penetrávamos no grande vestíbulo. No alto vê-se um quadro em mosaico, que fazia parte da basílica anterior, antiquíssima, do tempo de Constantino. Cristo ressuscitado, junto do Lago de Genesaré, enlaçando as mãos nas de Pedro, pergunta-lhe três vezes se O ama, e confia-lhe a êle, a êle sòmente entre os demais, o rebanho dos fiéis. Pedro, numa posição única, não pode negar a Jesus o amor que lhe pediu. Trata-se de uma herança, de um testamento de despedida.

Encaminhamo-nos para a direita, em direção da Porta do Jubileu, que o sucessor de Pedro abraza na entrada do Ano Santo, com três golpes simbólicos. Nessa ocasião sua mensagem chegou também até nós, protestantes. Muitos compreenderam o simbolismo pelo versículo do Salmo 118, ou 117 conforme outra numeração: "Abri-me as portas da justiça: entrarei por elas e darei graças ao Senhor". Ou ainda pelo cântico: "Descerrai-me o lindo portal; à casa de Deus conduzi-me. Será sobremaneira grande a alegria que hei de sentir naquele local. Ali encontrarei a face de Deus; ali só reina a luz e o gôzo".

O próprio Papa aludiu à palavra de Jesus: *"Eu sou a porta; quem por mim entrar, será salvo"*. E continuou: *"Quiséríamos que êste tríplice golpe encontrasse eco nos últimos recessos da alma de todos quantos têm ouvidos para escutar (Mat 11). Jubileu santo, Ano Santo de Deus, cuja justiça condena o pecado; cuja bondade e misericórdia oferece perdão e graça a todos os que se acham em estado de os receber; e que neste Ano Santo quer abaixar-se até os homens e dêles achegar-se ainda mais. O Ano Santo deverá caracterizar-se como o ano do grande retôrno e do grande perdão. Dirigimos hoje o Nosso apêlo a todo o mundo, a fim de que em todos os homens em geral e nos indivíduos em particular, de qualquer nacionalidade e profissão, com a urgência reclamada pelas circunstâncias atuais, se concretize o grande retôrno que tanto levamos a peito. Nosso apêlo é antes de tudo um convite de pai; de pai que vive, que envida todos os esforços, que sofre*

*privações, que reza e suspira pelo bem e pela felicidade de seus filhos, "saltem iure et destinatione", ao menos por via de direito e de destinação. Também aqueles que nos abandonaram e magoaram, que nos afligiram e afligem".*

Falou o Papa também a nós, protestantes? Falou. Por conseguinte, dirigiu-se também a mim, que agora, como não-católico entre milhares de católicos, me abeirei dos umbrais daquela porta e que num instante atravesssei. Ouçamos ainda a voz do Pontífice: *"Oh! se pudesse o Ano Santo trazer de volta à verdadeira Igreja tantos e tantos crentes de Jesus Cristo, que faz séculos, são aguardados ou almejam a volta, mas se acham ainda apartados por motivos diversos! Com anseios indizíveis, o Espírito que mora na alma dos justos, juntando-se ao apêlo do Salvador, reza para que sejam um (Jo 17. 11). Preocupado com a desfaçatez e atrevimento com que avança a frente única dos ateus militantes, repete-se hoje, em altas vozes, a pergunta que formulávamos a nós mesmos, faz muito tempo: Por que ainda separação? Por que ainda cismas? Quando se fará a união de tôdas as fôrças do espírito e do amor? A todos quantos adoram a Cristo, sem excetuar aqueles que lhe prestam adoração leal, mas ainda, em vã esperança, aguardam o seu advento, conforme as predições dos Profetas, a todos abrimos de par em par a Porta Santa, como também os braços e o coração de Pai, dignidade essa que nos foi, por decreto inescrutável de Deus, conferida por Jesus Cristo"...*

Eis-nos no interior da Basílica de São Pedro. Espontaneamente balbuciei: "É o Senhor". Mas que cântico é êsse que agora reboa pela igreja-mãe da cristandade católica? Nada menos que o nosso hino evangélico: "Louvai ao Senhor, ao Rei poderoso da glória!" Além dêste, ouvem-se, outros cantos, desconhecidos para mim. Os romeiros demoram não pouco até alcançar a Confessio, situada no centro da basílica, diante do altar, debaixo da cúpula. Aqui se acha a entrada do sepulcro do Apóstolo. Chama-se Confessio, ou Confissão, porque ainda no sepulcro o mártir dá testemunho de sua fé em Cristo, pelas torturas que sofreu. Aqui ardem dia e noite oitenta e nove lâmpadas em cornucópias de bron-

ze, revestidas de ouro. Neste local dobramos o joelho, para confessar em tôdas as línguas de além e aquém mundo, que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. Tudo, tal e qual no tempo dos primeiros discípulos. O Senhor pergunta: "Quereis também vós abandonar-me? Responde-lhe Pedro: — Senhor a quem haveríamos de ir? Só Tu tens palavra de vida eterna. E nós cremos e confessamos que Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". Hoje recitamos com Pedro, todos num e um em todos, o símbolo da fé cristã; em seguida rezamos o Pai- Nosso e honramos a Mãe de Deus com a saudação bíblica.

Ao contemplar mais detalhadamente as alturas da cúpula, meu olhar sentiu-se cativo das palavras douradas que em fita vistosa circundam a abóbada: *TU ES PETRUS ET SUPER HANC PETRAM AEDIFICABO ECCLESIAM MEAM ET TIBI DABO CLAVES REGNI CAELORUM* — Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja e dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus.

Imediatamente, ainda sob a pressão das palavras de Cristo, lembrei-me de Lutero. Para a reconciliação completa, torna-se imprescindível que a cristandade chegue à clareza sôbre o homem empregado por Deus como instrumento para auxiliar a renovação da Igreja Universal e de sua Rocha. Foi daquela e não de outra maneira que a Providência divina reformou a Igreja. Os últimos quatrocentos anos deram seus frutos: a Igreja adotou reformas e continua a introduzir outras, em virtude da palavra divina. Lutero, "o guarda-floresta violento", não poupou, certamente, a energia do seu zêlo para o "reflorestamento". Rasgou sulcos fundos na vinha do Senhor, revirando de baixo para cima as camadas inferiores. A maneira dos Profetas que lançavam o anátema do "não és o meu povo" no rosto dos que, entre o povo escolhido, se gabavam de sua segurança, assim Lutero atirou contra o Papa o "não és o Rochedo". Com isso forçou-o a exercer, exclusivamente, o papel que lhe compete por ordem de Cristo: o de ser pastor da grei, o qual conduz as ovelhas de acôrdo com a vontade divina. Obrigou-o a tornar-se o "pároco", no dizer de Pio X, com respeito a si mesmo. Aqui



o vemos consignado, em letras insofismáxeis e dignas do Evangelho, em latim e grego: ó Pastor do rebanho de Cristo, tu pastoras todos os seus cordeiros e ovelhas. Três vêzes te interrogou Jesus, a ti Pedro, se O amavas. E tu, o eleito, lhe respondes três vêzes e dizes: Tu que tudo sabes, sabes também que Te amo.

A proscrição imperial e a excomunhão não conseguiram levar Lutero à morte. A partir daquele tempo entrou de nôvo em vigor, ao menos como princípio básico pronunciado, a lei exclusiva de Cristo, o qual nos impele a entrar no seu Reino não por coação, mas tão sòmente em virtude do direito de seu amor. Outrora se convertiam povos inteiros; agora a consciência individual alcançou a sua liberdade perante Deus e perante os homens. Esta consciência livre diz o seu "sim" espontâneo a Cristo, em união com Pedro, dentro da Comunidade Universal. Importa fazer justiça tanto à Reforma como ao Papado. Sem dúvida, isto é possível. É só ter em mira a justiça divina e preterir desejos humanos. Se assim procedermos, não havemos de acorrentar o Evangelho, mas teremos a paz como fruto da justiça.

Do local da "confessio" passamos para a capela do Santo Sacramento, à direita. Esta por si só, representa, uma vasta igreja. A multidão, composta não apenas de alemães, e em número muito superior a mil, forma um círculo apertado em volta do altar e do púlpito. Quem seria o pregador? Subiu à cátedra um homem de aspecto majestoso: era Adalberto Turowski Superior Geral dos Palotinos, polonês de nascimento. Estudara Teologia na Alemanha (em Limburgo, sôbre o rio Lahn). Manejava o alemão como se fôsse a sua língua materna. Brandas e afetuosas soavam suas palavras.

Uma passagem da prática dizia: "Jesus Cristo é a Verdade. Por isso os cristãos hão de ler com satisfação as palavras do obelisco. *"E êles dizem: Todos e tudo quanto existe no mundo, surge, para depois desaparecer e que um único permanece como Vencedor, Dominador e Rei: Jesus Cristo, a quem seja dada glória pelos séculos dos séculos"*. E continua o pregador: *"Aqui, à sombra desta basílica, não há vencedor nem vencido. Há, sim, filhos de Deus, filhos livres e*



*de direitos iguais, intimamente unidos a Cristo na multiplicidade de línguas, de raças, países e nacionalidades. Entoemos, pois, um cântico de alegria e júbilo, celebrando as dádivas que nos outorgou a bondade infinita de Nosso Senhor”.*

Ao Intróito da Santa Missa, os peregrinos cantaram um hino em louvor ao Sangue de Cristo, derramado no Sacrifício augusto da Cruz. Que escândalo poderia haver nisso? O próprio Lutero deveria conceder que no sermão e na Missa se distribui o tesouro verdadeiro da Igreja, a saber, Cristo mesmo no sacramento e o Evangelho sacrossanto da magnificência e graça divinas.

Mas não teria eu sido vítima, como costumam dizer os nossos, “do poder e fascinação mágicos da Igreja Católica”, que diminui ou até extingue a responsabilidade de cada consciência isolada perante Deus? “Pertence-me a mim a prata e o ouro, diz o Senhor; hei de adornar o templo da minha glória”. Precisamente aqui ninguém me privará da intangibilidade da minha consciência. Trata-se da palavra de Deus e somente dela. Lutero, como aliás muitos outros do seu tempo e antes dele, não suportou mais a crença de que o Papa era o Pastor da Igreja em virtude do mandato divino. Por isso deu outro sentido à palavra de Cristo, em Mateus 16, “Tu és a Rocha”, como se Cristo tivesse aplicado a *si mesmo* a palavra “Rocha”, ou então a todos os cristãos, à Comunidade e aduziu ainda outras interpretações erradas). E nós, apoiados apenas na autoridade de Lutero, temos, por quatrocentos anos, preterido, riscado esta palavra de Jesus, taxando-a de “*adulteração católica*”. Recentemente, porém, descobrimos-lhe a autenticidade e hoje sabemos que ela foi, de verdade, dirigida a um só.

A revelação de Cristo acerca da Rocha viva da Igreja interessa a toda a Cristandade, aos batizados de todos os povos. Sempre há de vigorar o que um dos guias do movimento ecumênico escreveu ao pé do seu retrato: “Nada podemos contra a Verdade, senão em prol da Verdade” (2 Cor 13). Nisso reparei em duas palavrinhas que do alto da capela refulgiam em letras de ouro: DEI VIVI, de Deus vivo. Sim o

Deus vivo: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, há de concluir, Ele próprio, a sua obra.

Era chegado o momento da Ceia, da Comunhão ou do partir do pão. "Havia um homem que deu um lauto banquete. Convidou muita gente". O próprio Senhor "partiu os pães e os entregou aos discípulos, para os distribuírem pelo povo"; comeram todos e se fartaram". Foi a alimentação dos quatro e cinco mil. "O pão que eu lhes darei, diz o Senhor, é a minha carne para a vida do mundo". "Bem-aventurados os que forem convidados para o banquete do Cordeiro". Deus quer que já neste mundo permaneçamos sempre à mesa de sua graça, porque somos destinados a participar, durante toda a eternidade, da mesa de sua glória.

Os peregrinos voltaram da Ceia de Jesus. A Comunhão passara tão ligeiro, que a ninguém cansou. Os fiéis comungam sob uma espécie. Também nela está o Cristo inteiro.

Após a Missa atravessamos a basílica. Seus simbolismos, dísticos, painéis, gravuras, mausoléus, e altares, e a mesma configuração da basílica em forma de cruz, são intérpretes vivos e concretos da palavra divina; recordam o caminho de Cristo através da História; lembram as maravilhas que Cristo operou em seus discípulos, e, por seu intermédio, nos homens.

Desci mais uma vez, sem companheiro, ao sepulcro de Pedro, para rezar; desapareci, entre os fiéis de muitas nações.

Em seguida, pusemo-nos a apreciar a basílica sob a orientação de um guia experimentado. Não foram poucos os que já reproduziram por escrito suas impressões sobre o interior do templo. Uns, como se descrevessem um museu. Outros, na persuasão de que a Providência carinhosa de Jesus vela sobre os seus servos. Trata-se de uma igreja para pecadores. Pois há ali, confessionários, onde os fiéis podem confessar-se nos principais idiomas do mundo.

Ao se nos darem as necessárias explicações, ocorreu também o nome de Lutero, o que, aliás, se repetiu ainda em outros lugares. Dizia-se, por exemplo, não sei se de um Papa ou de um santo: *"Este, sim, compreendeu a situação. Envidou*

*tôdas as fôrças para sustar os desmandos e corrigir os erros da época anterior à Reforma; porém, com pouco resultado. Veio, então, Lutero. A consequência, infelizmente, foi a grande separação".* Uma vez que a construção da Basílica de São Pedro vem ligada à questão do tráfico das indulgências, não se pode passar por alto a personalidade de Lutero e a Reforma "*De bom grado renunciávamos à Basílica de São Pedro — lembrou um peregrino — contanto que se tivesse evitado o Cisma*".

Como nos demorássemos ainda algum tempo, pudemos ver como vinham entrando outras procissões, precedidas sempre de crucifixo e velas. O espaço folgado permite que isto se faça sem o mínimo estôrvo mútuo. Cada turma rezava e cantava em sua língua. Atraíram a minha atenção alguns grupos de jovens, de diferentes idades. Nisso tocaram os sinos. Fomos para a praça. Três horas haviam escoado como que num ápice.

Oxalá estivessem aqui muitos irmãos meus! Estivessem aqui todos os que se acham investidos de alguma dignidade no seio da Ecumene! Na Escritura multiplicam-se os textos que falam sôbre o ajuntamento de todo o povo eleito, no fim dos tempos. Também nós, cristãos luteranos, somos obrigados a dar testemunho das graças recebidas. É o que nos anima a renovar o pedido de Cornélio a Pedro: "Agora estamos na presença do Senhor, para ouvir tudo o que o Senhor te ordenou a ti" (Atos 10). Fanatismo ou exaltação em questões atinentes à Fé só provém do mal. Aqui, no lugar da confraternização, não cria raízes. Em volta de nós, em cima das colunatas, figuram centenas de estátuas de santos. Cingem a Igreja militante uma plêiade de Confessores da Fé. Há *uma só Igreja*. Ninguém é forçado a nela entrar. Contudo, é mister se encha a casa e a mesa de Deus. Foi-nos imposta, a nós protestantes, a tarefa de trabalhar em prol da unificação. Já foi começada. Resume-se nisto: reajustar a nossa fé de após-Reforma às exigências da palavra de Deus. Queira Deus levar avante a obra encetada e conduzir a bom têrmo as pugnas religiosas que temos travado nesses doze anos nas Igrejas Evangélicas da Alemanha. Daríamos, então, por bem

empregados os nossos padecimentos e trabalhos (Cf Gál 1, 18; 2, 2).

Na volta, os olhos compraziam-se em admirar os monumentos da antiga e nova Roma. Vai nisso um misto de reverência, de afeição e de alegria. Nossas recordações transportam-nos para além dos séculos, para junto dos inumeráveis servos e filhos de Deus que já viveram. De tarde visitamos algumas igrejas. A de Santa Cecília nos evoca a lembrança das antigas casas romanas, de frontispício para a rua, e desta separadas pelo vestíbulo. O jardim, cercado de muros, à entrada da igreja, convida ao silêncio e recolhimento. Fui também à Igreja de S. Anselmo, dos monges beneditinos, no monte Aventino. Como a tarde não estava tomada por um programa comum, cada qual, podia passear à vontade e refazer as forças, após as vivas impressões da manhã. De S. Anselmo rumei para o Tibre, em direção à Porta de São Paulo. Perto da pirâmide de Céstio está situado o cemitério dos protestantes. Aqui pensei comigo: aquilo que chamamos de cultura alemã, nova, é protestante até às fibras e ao sangue. As obras artísticas, os monumentos dos nossos clássicos, levam impressos a premissa de que a Igreja fundada na Rocha de Cristo não é a legítima e que a verdade reside em outra parte. Mas onde? O retorno coletivo à única verdade e glória de Jesus Cristo, que de transformações não deve operar no campo cultural!

Fiz ainda longas caminhadas. Apanhei uma das regionais pancadas de chuva e consegui de fato voltar, noite fechada, à Via Casilina. Demorei-me no andar térreo, para examinar os mostruários em que as Irmãs expunham à venda seus trabalhos manuais, bordados e objetos similares, cuja renda reverteria em benefício das orfãs. Havia também postais e vistas de Roma e uma fotografia de Pio XII, em grande formato. Esta foi mais tarde oferecida aos peregrinos reunidos na sala de jantar. O sacerdote-chefe mostrou-a a todos os presentes, ao mesmo tempo que lia a inscrição nela impressa. Pedia-se ao Papa que se dignasse conceder ao romeiro e respectiva família a bênção apostólica, à qual estaria anexa a indulgência plenária em artigo de morte.



Pensei de mim para mim: tomam êles a sério, com tanta naturalidade, êstes poderes supremos do Santo Padre, ou não compreendem a fundo o assunto? De tudo quanto vi, só pude optar pela primeira hipótese: consideravam a plenipotência espiritual do Papa com seriedade, aceitando-a com íntima naturalidade. Estão talvez na situação de uma criança, cumulada de presentes em dia de Natal. Por que não há de ela estender as mãozinhas e tomá-los, embora a princípio pasme de admiração?

Compreendo o sentido do retrato e da bênção. É preciso aceitar a bênção apostólica como dádiva de Cristo.

Mais. Cristo falou ainda a Pedro: dar-te-ei as chaves do Reino dos céus. Ora, quem tem as chaves é o pai de família. A quem êle as entrega, a êsse confere autorização de presidir, em seu nome, à sua casa. A casa do Messias é comparável a um palácio, repleto de tesouros. Os tesouros da Igreja são os méritos de Cristo, da cabeça e dos membros. O chefe da família deve, segundo o preceito de Cristo, valorizá-los e reparti-los.

E como se dá isto? É por meio da palavra de Deus e dos sacramentos, dispensados por Pedro e seus auxiliares. Quem, pelo pecado, se aparta da Comunidade de Deus se arrepende, recebe, no Sacramento da Penitência, a remissão da culpa e a absolvição da pena eterna.

Mas a que vem mais esta remissão da pena pela "indulgência"? Tomemos, para escalrecê-lo, o seguinte caso: um pai perdoou ao filho contrito uma falta cometida; já o não rejeita para sempre. Mesmo assim impõe-lhe um castigo, para que deteste o pecado e repare um pouco o mal feito. De boa vontade o pai perdoaria ao filho o castigo o mais depressa possível. Os irmãos, então, intercedem por êle, pedem por êle, reduplicam sua afeição para com o pai. Agora o pai pode mostrar indulgência e conceder a remissão da pena, restabelecendo-se assim a plena paz na família. Representa isto para o pai uma alegria imensa e grande honra.

Além dos sacramentos, o "portador das chaves" oferece ao maior número possível dos membros da família mais êste tesouro de Cristo: a extinção de tôda a pena, para que a

despedida da terra seja de verdade o nascimento para a vida. Pois enquanto um dos membros sofre, sofrem todos os mais. Quem alcançar indulgência em favor dos seus, santifica-se por êles e glorifica a Deus, pelo bom emprêgo de suas graças.

Nosso "Tetzel" de hoje foi um Padre que inspirava confiança a todos. Bastava sua simples presença ou então uma palavra sua, para todos sentirem como que o magnetismo de sua bondade e jovialidade, acrescida muitas vêzes de bom humor. Era de estatura mediana, tinha os olhos castanhos e vivos e a fala animada. Vinha acompanhado, geralmente, de outro Padre, sério, alto e louro, de olhar profundo, fazendo lembrar, pela fisionomia, a figura do jovem monge Martinho Lutero.

Recitavam as orações da mesa com piedade e unção. Ocorria nelas uma frase de sentido escatológico: "A Ceia da vida eterna conduza-nos o Rei da glória".

## Basílica de Latrão: Mãe de tôdas as Igrejas

*“Quero restituir-te a saúde e sanar tuas feridas, diz o Senhor”. É a máxima do dia.*

Numa das Missas dos peregrinos, estiveram presentes também as freiras da Comunidade. A outra assistiram as órfãs, com seus trajes aseados e de bom gosto. Tôdas, sem exceção, tomaram a Comunhão. Com sete anos apenas é facultado aos pequenos achegarem-se da mesa sagrada. As crianças é dado compreender o que está encoberto aos sábios e prudentes. Cena como a do encontro das crianças com Jesus Sacramentado, jamais a vira eu tão bela!

A imitação de muitos romeiros, comprazia-me, de manhã, em contemplar, do patamar da escadaria externa, algumas casas antigas, da outra banda da rua, ordenadas com jardins e uns pares de pinheiros. Prendiam também minha atenção as carrocinhas de camponeses que vinham descendo os Montes Albanos, para mercadejar suas hortaliças. Que bom seria subir àquelas colinas e conhecer de perto êsses campônios sadios e sérios! Mas para tanto era preciso saber-lhes a língua.

Nossos três fords azuis aproximaram-se rápidos e, numa graciosa curva, vieram recolher-nos. Os choferes tornaram-se logo nossos amigos. Almoçavam, geralmente, conosco na casa das Irmãs. Manejavam o volante com segurança e calma admiráveis.

Dirigimo-nos à Basílica Lateranense ou de San Giovanni, como a denominam os romanos, em honra do Batista e do

Evangelista. Para o nosso grupo era ela bastante conhecida, porquanto, em quase tôdas as excursões, passávamos ao largo da praça fronteira a esta majestosa igreja, sita na encosta do Monte Célio.

Houve pequena espera antes de nela penetrarmos. O estilo do frontispício da basílica é majestoso e movimentado. Formam-lhe a coroa gigantescas estátuas do Senhor e dos discípulos, as quais fazem a imaginação recuar para épocas mui remotas. No tempo das perseguições de Nero erguiam-se, neste sítio, os palácios dos Laterâni, do patriciado romano. Envolvidos que foram numa conjuração contra o Imperador viram-se não só despojados de suas possesões, como ainda privados da vida. O Imperador Constantino depois de vencer Maxêncio, concedeu aos cristãos, pelo Edito de Milão, em 313 depois de Cristo, o livre exercício de sua fé. Doou, igualmente, ao Papa, para residência e desempenho digno de tão alto encargo, o palácio e domínios dos Laterâni. Fêz construir a Igreja do Salvador, mais tarde chamada igreja de São João. A igreja e edifícios anexos tomaram, desde então, o nome de Patriarchium, isto é, Patrimônio do Laterano. Foi o Papa Melquíades que dali, por primeiro, governou a Igreja, nos anos 310 a 314. Neste mesmo ano, que deu à Igreja liberdade de expansão, abriu Melquíades o Primeiro Sínodo Lateranense, em que foram condenados os donatistas. "Damnant Donatistas et similes...", diz o texto da nossa "Confissão de Augsburgo", ou por outra: "São condenados os donatistas e outros semelhantes...", que ensinam ser permitida a desobediência à autoridade da Igreja no caso de a pouca dignidade ou incompetência dos mandatários assim o reclamarem. Os nossos símbolos fundamentais da "Confissão Augsburguense" não discutem a autoridade papal; ao contrário, no prefácio, citam-nas três vêzes, dizendo que ao Papa assiste o direito de convocar o Concílio Ecumênico da Igreja.

O desvio dos donatistas conduz a cismas, gera seitas "pias" cada vez mais "pias", das quais cada uma, não raro sob imposição tirânica e pessoal de seus chefes, levanta a bandeira de um próprio ideal de santidade. A autoridade de



Pedro e os poderes da Igreja como tais, ao invés, instituídos que foram por virtude divina, visam uma finalidade objetiva e universal.

Cento e sessenta e um Papas habitaram, no correr de um milênio, o Laterano, e dali governaram a Igreja: desde Melquíades até Bonifácio VIII. Quais dêles chegaram ao nosso conhecimento no tempo dos estudos? Quais são os que conhecemos por casualidade? E o nosso povo luterano, quantos conhece? Quarenta e sete mereceram a honra dos altares.

Possivelmente alguns dos antigos se nos tornaram familiares pela História Universal.

O Papa Silvestre (314-335) deveria lembrar-nos o último dia do ano, uma vez que lhe emprestou o nome. Antes de seu pontificado campeavam as perseguições; depois dêle seguiu-se a livre prática da religião. "Seu nome, pois, diz Guilherme Loehe, colocado para a conclusão do ano, é prenúncio de tempos melhores".

O Papa Dâmaso I (366-384), no Sínodo Romano, imprimiu, pelo Cânon da Sagrada Escritura, um cunho definitivo à nossa Bíblia. Em oposição aos "evangelhos, cartas apostólicas" e outros pretensos "apocalipses" que circulavam em grande cópia, foram os Livros Sagrados verdadeiramente inspirados por Deus, claramente enumerados e para sempre reunidos no Cânon. *"A Igreja Romana — declara Dâmaso — possui o primado não por decretos sinodais, mas em virtude da palavra do Senhor do Evangelho"*.

Leão Magno (440-461) e seu Tratado sobre a Santa Ceia, bem como seu testemunho de Cristo na substanciosa carta dirigida a Flaviano, goza de prestígio e autoridade até mesmo nos documentos da nossa "Confissão". Ele sozinho enfrentou o poder absolutista do Império Romano-oriental, que costumava dar apoio a tôdas as heresias. Enquanto a maioria dos Bispos orientais, receosos de perder seus postos e cômodos, se dobravam à vontade do Imperador herético, o Papa conservou-se intransigente. Foi quando o Concílio reconheceu: "Esta é a fé dos santos Padres: pela boca de Leão falou Pedro!"

Gegrório Magno (590-604), depois de abandonar tudo, tomou sôbre os ombros o pesado encargo de Pedro, precisamente na passagem da Idade Antiga para a Idade Média, numa época de dissolução mundial e social. Salvou o povo do espectro da fome, aliou-se aos povos germânicos, missionou a Inglaterra e pasou a figurar em quarto lugar na galeria dos antigos Doutores da Igreja. É esculpido como tal, ao lado de Ambrósio, Agostinho e Jerônimo, em não poucos púlpitos, ora protestantes. O cantochão da Igreja tomou dêle o nome de "gregoriano".

Nicolau I (858-867) livrou a Igreja da intromissão indevida da autoridade civil, abuso êsse assaz freqüente na época dos Carlovíngios. Infligiu penas eclesiásticas ao Imperador Lotário II, por adultério. Quando protestou contra a eleição irregular de Fócio para Patriarca de Constantinopla, preparou-se o terreno para o Cisma oriental da Igreja una.

Gregório VII (1073-1085), Inocêncio II (1198-1216) e Bonifácio VIII (1294-1303) gozam a fama de Papas políticos. Naturalmente corriam risco de abusar da autoridade, uma vez que, a par do poder espiritual, estavam investidos também do poder temporal sôbre os Estados Pontifícios. Todavia, no desempenho do cargo de Pedro, souberam defender estrênuamente a liberdade espiritual da Igreja contra o absolutismo estatal e contra os entraves dos poderes terrenos, em proveito da autoridade suprema de Cristo.

Todos os Papas, sem exceção, eram portadores daquele ofício de que fala Mateus, no capítulo 16. A palavra de Cristo acêrca da "Rocha" se encarnou em tôdas as gerações. Êstes Papas tiveram de imitar a Pedro, em conformidade com os ensinamentos do Nôvo Testamento. Cumpriu-se, assim, em relação aos fiéis, o passo da Escritura: "Perseveraram na doutrina dos Apóstolos, na Comunhão, na fração do pão e na oração" (Atos 2).

O desfilar dos peregrinos prosseguia novamente em boa ordem, sem atropelos e em silêncio. Cantavam agora a Ladainha de Todos os Santos. Um côro vibrante de sacerdotes entoava as invocações, e o povo respondia. Estas ladainhas exprimem adoração à Santíssima Trindade, mas no sentido

mais estrito constituem culto ao Espírito Santo, na Igreja Una, Santa e Cristã, na Comunhão dos Santos. Tal comunhão inclui não só a Igreja Militante na terra, senão também a dos santos no céu". "...Em harmonia com os Patriarcas e Profetas, Apóstolos, Mártires, Confessores e "Virgens que seguem o Cordeiro" (cf. Apocalipse de S. João) procuramos cantar o nome do Senhor. Importa, pois, que nos deixemos inserir novamente como pedras no edifício da Igreja Una, anunciada ao mundo por Jesus Cristo, no povo uno de Deus, peregrinante na terra.

Ao avistar, de passagem, o côro dos sacerdotes, lembrei-me da palavra de Paulo sobre a multiplicidade de ofícios, dons e virtudes (I Coríntios 12). A Igreja de Deus não se reduz apenas à hierarquia dos ofícios. Deus distribuiu seus dons a toda a "linhagem escolhida, ao sacerdócio real e ao povo santo", na expressão de Pedro Apóstolo, portador do mandato supremo (I Pedro 2). Todos os batizados partilham da missão e do mandato de Cristo. Esta dignidade dos "fiéis" ou "leigos" no sacerdócio em geral, tomou, pela Reforma, um realce todo singular. Em épocas tumultuosas, quando muitos dos pregadores se desencaminhavam, chegando ao extremo de negar a fé no Filho de Deus, precisamente nesta hora de titubeios, contou a Comunidade Evangélica com um punhado de "leigos" que formavam como que "um anel apostólico em volta da Igreja"; "leigos" da fibra dos Apóstolos, que aos olhos dos soberbos escribas da lei não passavam de "homens sem letras e do povo" (Cf. Atos 4, 13). Na verdade, foram eles os verdadeiros sábios do Reino celestial, segundo o espírito de Cristo. Não só pregavam em casas particulares; auxiliavam-se uns aos outros espiritualmente; recebiam dons, como sejam: o dom das curas, o dom das profecias, o dom do discernimento dos espíritos. E o Senhor confirmava com prodígios as suas pregações. Portanto, há na Igreja dons, ofícios e, sobretudo, poderes.

O que dizer do interior da Basilica de Latrão? O Reino dos céus assemelha-se a um Rei que festejou as bodas do filho". Este salão real de Cristo presta-se à reunião de todos os santos e ao desfile universal do povo peregrino de Deus.

“Omnium urbis et orbis ecclesiarum caput et mater”, “Cabeça e mãe de tôdas as igrejas da cidade e do orbe” é o nome desta igreja. Agora ela é a igreja dos Bispos de Roma, *ecclesia urbis*.

Cantaram também a Ladainha do Sagrado Coração. Neste canto, melhor “duas vêzes oração”, enfileira-se tôda uma série de invocações bíblicas em tôrno da pessoa de Jesus Cristo e de seu Coração compassivo. Nossas comunidades, nosso povo crente, poderia, sem receio, cantar com êles.

Constituem pregação palpáveis os painéis que do alto da “Confessio”, da qual ora nos aproximamos, nos saúdam. O Cristo-Redentor, de uma gravidade sublime, está a olhar para nós. Debaixo D’Ele, a cruz vencedora. Aos pés da cruz, a Jerusalém Santa, o Paraíso. Nas quatro torrentes do Paraíso estão cervos matando a sede. Em volta da cruz, Maria, Pedro e Paulo, João Batista, João Evangelista e André. Em miniatura, Francisco e Antônio. Aparece também o Papa Nicolau IV, o doador dos mosaicos. O conjunto da pintura anuncia uma mensagem alviçareira, triunfal, veraz. E dizer que ela data da assim chamada época “obscurantista do Papado”, pelo ano 1290 depois do nascimento de Cristo!...

Junto da “Confessio” recitamos quatro Pai-Nossos, quatro Ave-Marias (a saudação angélica) e quatro Glória-ao-Pai em louvor da Santíssima Trindade. Acrescentamos o Creio em Deus Pai ou Símbolo dos Apóstolos. Tratava-se de um culto breve, por si só completo. Entre nós, protestantes, quase não voga o costume de repetir as orações. Mas não empregou Nosso Senhor precisamente êste método no Getsêmani “ao retirar-se mais uma vez e ao repetir pela terceira vez as mesmas palavras”? Por mim, comprazia-me na demora destas devoções. Bem mais tarde, sòmente, fiquei sabendo que haviam sido prescritas na bula “Jubilaeum Maximum”. O que para os romeiros valeu como obrigação, foi para mim evangelho. Entretanto, também para êles foi evangelho, i. é, boa nova, porque obedeciam a uma autoridade estabelecida por Cristo, comprovada pelo Evangelho, para decidir em questões de ordem espiritual.



Voltamos ao ar livre. A nossa frente aparece São Francisco, em monumento de bronze. *“Foi êle”, disseram-nos, “quem no seu tempo salvou o espírito interior da igreja. Foi o arauto de uma reforma, porém, de uma reforma católica, que não enveredou por caminhos de dissidência e separação da Igreja”.*

Graças a Deus, passamos agora por sítios mais abertos, com ares de jardim. Demandamos a Igreja da Santa Cruz de Jerusalém — Santa Croce in Gerusalemem. A entrada, fomos saudados por um monge cisterciense, afável e jovial. A igreja está confiada à Ordem dos Cistercienses. Em Santa Croce seguimos o conselho do guia supremo das romarias do Ano Santo: *“Demora-te nesta basílica um pouco mais e tem presente que a nossa vitória decisiva só da Cruz provém e que a cruz é o nosso único pendão. Roma, a cidade dos Mártires e Apóstolos, ensinar-te-á, nesta basílica, o segredo da grandeza cristã: a Cruz. Tudo o mais no mundo não passa de balbúrdia”.*

Ingressamos, sempre em turmas pequenas, na Capela das Relíquias da Paixão. Deram-nos os necessários esclarecimentos, com respeito sim, mas também com liberdade. Disseram-nos que o sentido último da relíquia era levar-nos à veneração dos mistérios da fé. Que não fazia mal orar em presença de uma relíquia não autêntica. Da História sabemos que a Imperatriz Helena, mãe de Constantino, fêz transformar em igreja um dos vastos salões de seu palácio, contíguo ao Laterano. E ainda mandou cobrir o chão da capela com terra trazida do Monte Calvário e transportar para ali uma parte dos instrumentos da Paixão. Do Santo Lenho, que ela reencontrara, estariam conservadas aqui três partículas; além destas, um prego da Crucificação, a inscrição do alto da Cruz, e outros objetos. Que figura nobre a dessa Imperatriz! Enquanto os Imperadores da Roma pagã punham todo o empenho em acumular na Cidade Eterna as obras de arte da Hélade, trouxe ela ao povo aflito dos cristãos, já agora mais aliviado, um pouco da Terra Santa. Até as pedras deveriam clamar e tecer louvores a Cristo. Ainda que se nos afigurassem insuportáveis as dificuldades que a Imperatriz

teve de enfrentar para descobrir estas relíquias de Nosso Senhor, seu feito há de brilhar sempre como um feito de fé cristã.

Deus fêz-se homem. Não teve um corpo aparente. Não carregou uma cruz aparente. Não foi reclinado no sepulcro, envolto em panos aparentes. Para atestar a humanidade de Cristo, estão aí as muitas pessoas que o seu Corpo sacratíssimo tocou. "A quem vimos, escutamos, fitamos com os olhos e tocamos com as mãos", escreve João. Mesmo quem só lhe tocasse a fímbria do vestido, experimentava a sua fôrça. "Tua fé te salvou". Pelo sudário e cinto de Paulo eram curados os doentes, sanadas as epidemias e expulsos os demônios (Atos 19). O recolher e dar sepultura aos restos mortais dos mártires levava, não raro, ao martírio. Urge tomarmos, novamente, a sério a fé na Encarnação do Filho de Deus. Importa cultivarmos uma confiança bíblica no poder dos milagres e uma fidelidade à tôda prova para com os que mostraram fiéis a Cristo.

O que caracteriza o Maligno é a negação, o aniquilamento. Seu objetivo de todos os tempos é desbaratar a Igreja de Cristo e extinguir quaisquer vestígios de sua passagem. Mas quem tenta "aniquilar" a Deus, a si mesmo se aniquilará.

Exagerou-se, evidentemente, o culto das relíquias, pelo fim da Idade Média. Talvez não seja exagero classificar êste excesso de materialismo pietista. A princípio, o povo ingênuo reclamava naturalmente, para alimento dos sentidos, quadros coloridos da Sagrada Escritura, porque não sabia ler. Nós, por certo, não tachamos de "falseada" uma Bíblia reimpressa. Tampouco tinha êles em conta de "falsa" a multiplicação de relíquias. Apenas ao original é que cabia, por vontade de Cristo, a veneração; as cópias, nos diversos lugares, visavam reforçar esta veneração. Que a Igreja sempre continua a reconhecer o dogma fundamental da Encarnação de Cristo, depreende-se do fato de ela continuar a sepultar os seus santos debaixo dos altares. No Apocalipse (6, 9) lemos: "Vi debaixo do altar as almas dos que sucumbiram por causa da palavra de Deus e do testemunho que deram".

A Igreja de Deus opõe-se a tudo que auxilie o avanço no declive inevitável para o nada absoluto. “Quero restituir-te a saúde e sanar-te as feridas”, diz o Senhor, também à nossa geração.

Fomos novamente ao Laterano. Do antigo palácio patriarcal sobraram apenas lamentáveis destroços, que, na expressão do nosso intérprete, *“nos advertem a não confiar em demasia nas pedras, à maneira dos judeus. Nossa morada permanente encontra-se em outra parte”*.

O Laterano viu a mais imponente assembléia de que se tem memória nos fastos da Igreja: o Concílio Lateranense, em 1215, sob Inocêncio III. Foi o ponto culminante da civilização cristã na Idade Média. Naquele tempo também os príncipes seculares sujeitavam-se às decisões do representante de Cristo. Imagine-se uma assembléia que congregue, espontaneamente, por razões de consciência, todos os príncipes batizados de hoje, sob a palavra de Cristo, que colocou para cabeça de todos os povos e raças a Rocha que encobre os abismos!

É verdade que, naquele tempo, cada membro da comunidade cristã, “segundo a medida da idade de Cristo” de então (I Cor 12, 12), achava-se vinculado ao organismo todo, também por preceitos externos. Por esse motivo, assim nos parece, o Senhor da História deu, bruscamente, outra direção à nave dirigida por Pedro, depois que ela se aventurara demasiado ao mar alto, submergindo-a na mais profunda impotência. Sucedeu isto no fim do Pontificado de Bonifácio VIII. Vimos a pintura desse Papa, delineada por Giotto, no momento em que abria o jubileu do Ano Santo de 1300. Tomou para modelo desse jubileu o do Antigo Testamento, de conformidade com a descrição do Livro III de Moisés, no capítulo 25. Esse ano extraordinário do Senhor, em sentido mais pleno, deveria ser um ano de penitência e de perdão universal. Foi da própria comunidade de Roma que partiu o incentivo para essa solenidade. Uma massa incalculável de fiéis, de todas as nações e raças, atendeu ao convite de Roma. Faltaram, todavia, os supremos mandatários do poder. Consequência: após a morte de Bonifácio começou para o Papa-



do o cativo de 70 anos, longe de Roma, e que rasgou sulcos dolorosos na estrutura da Igreja.

Procede ainda dêste Papa a bula *Unam Sanctam*. A expressão "*Una Sancta*" ocorre seguidas vêzes no movimento pró-unificação dos cristãos separados. "*A fé nos impele a crer e a perseverar na Igreja Una, Santa, Universal e Apostólica. Cremos firmemente nela e singelamente a confessamos. Cremos na Igreja, fora da qual não há salvação nem remissão dos pecados, conforme a estrofe da Espôsa dos Cantares: "Uma e sem falhas é minha pomba. É filha única de sua mãe, a eleita de sua genitora". (Cântico 6, 8). Ela representa o único Corpo Místico, cuja Cabeça é Cristo, mas do qual, por sua vez, é Deus a cabeça. Nela vigora "um só Senhor, um só Credo, um só Batismo" (Ef 4, 5).*

Uma foi, outrossim, no tempo do Dilúvio, a arca de Noé, figura da Igreja Una, que fôra medida a varas e tivera por timoneiro e condutor a Noé. Sabemos que pereceu na terra tudo quanto existia fora da arca. Outra confirmação da unicidade da Igreja temo-la na revelação do Senhor por bôca do Profeta no Salmo 22, verso 21: "Salvai, Senhor, minha alma do gládio, do poder dos cães salvai minha túnica". Cristo orou por sua alma, i. é, orou por si mesmo, sendo Cabeça e Corpo ao mesmo tempo. Por Corpo entende sua única Igreja, por causa da unicidade no espôso, na fé, no sacramento e no amor para a mesma. Trata-se aqui, evidentemente, da túnica inconsútil do Senhor (Jo 19, 23), que não foi repartida, mas coube por sorte a um só. Eis por que a Igreja una e única possui um só Corpo e uma só Cabeça (Se tivesse duas cabeças seria um monstro). A Cabeça é Cristo e Pedro, seu representante, conforme as palavras de Cristo a Pedro: "Apascenta os meus cordeiros!" (Jo 21, 15). Notai que não disse: êstes ou aquêles cordeiros; mas, simplesmente, de maneira geral: os meus cordeiros. Confia-lhe, como se vê, a totalidade dêles, ou, mais claramente, todos.

*"À semelhança de uma comunidade particular, também a Igreja Universal carece de encargos coordenados para o bom desempenho de sua sobrevivência e atividades. Carece, sobretudo, do múnus pastoral para dignamente pastorear,*



*defender e governar, por sua pregação e autoridade, a Igreja universal em geral e as Dioceses com seus superiores em particular”.*

Tivemos ainda oportunidade de ver o túmulo de Martinho V, com o epitáfio: “Temporum suorum felicitas” — as delícias do seu tempo. De acôrdo com o Concílio de Constância pôs termo à cisão do Papado daquela época. Qual o Bispo da Ecumene que, estribando-se na palavra divina, pronuncie, em nosso nome, o nôvo “sim” à revelação de Cristo e torne pública, entre o rebanho tresmalhado, a verdade de que na Igreja do Nôvo Testamento estamos sujeitos ao mando de Pedro? Tal Bispo mereceria título bem mais honroso que o de “as delícias do seu tempo”.

Neste instante, um cortejo de meninas, munidas de crucifixo e velas, transpõe os umbrais da basílica. Crianças como as nossas, iguais à nossa mocidade luterana, no que concerne ao Batismo, fé e amor ao Senhor. Porém, nós, os pais, obstamos a que se aproximem, a que se juntem suas alegrias infantis e singelas amizades neste “primeiro amor”, de cujo oferecimento o Evangelho nos previne. Creio que, por culpa nossa, não deveriam por mais tempo andar irreconciliadas com a Verdade. A afeição de pai e mãe, com o amparo de Cristo, saberá renunciar a hábitos inveterados de separação, para que a geração nova recupere a saúde espiritual. Deus mesmo assegura-o em Malaquias 3: “Os corações dos pais voltar-se-ão aos filhos e o coração dos filhos aos pais, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”. O Maligno fará tudo para impedir tal obra, taxando esta viva esperança de “utopia”, de fanatismo e de “loucura fantástica.”.

Para enfrentar estas acusações, a Via-Crucis do Laterano inspirou-me novos alentos. Em meio aos mosaicos dourados e coloridos, feriu-me a vista enorme leão. Fêz-me recordar o homem de Deus que fraquejou e debandou do seu pôsto. Foi vencido pelo leão (Cf. I respectivamente III Livro dos Reis, 13; cf. também a interpretação erudita de Carlos Barth; *Kirchliche Dogmatik* II, 434-453). Contra o disseminador de discórdias entre o povo de Deus, contra o constru-

tor de nôvo altar e seus asseclas “estará a postos o próprio Leão de Judá”. Em outra parte: “Ruge o leão; quem não há de temê-lo? Fala o Senhor; haverá quem não profetize?” (Amós 3).

Depois disso, pasamos para a praça na frente da fachada lateral. O obelisco que ali se ergue é tão antigo que diante dêle talvez já desfilaram os filhos de Israel, no êxodo do Egito.

Penetramos agora no Baptisterium, capela batismal de Constantino, donde partiam, antigamente, para a igreja os neófitos, em seus trajes alvacentos.

Em seguida havíamos de ir ver a Escada Santa. Sim, a Escada Santa! Que idéia fazia eu dela em minha mocidade! Imaginava-a uma escada larga, tôda de mármore, de frente da Basílica de Pedro. Os homens que quisessem salvar-se, deveriam arrastar-se por ela até ao tôpo. Para Lutero semelhante idéia foi motivo de inquietação. É que nós, no pensar de Lutero, fiados em nossas fôrças, não logramos salvar-nos. “Também não é preciso, uma vez que Cristo mesmo tomou a si a incumbência de nos salvar”.

Ademais, esta concepção não condiz com a realidade. A Escada Santa faz parte de um edifício; de largo, mede apenas alguns metros e conduz para a antiga Capela Laterano, chamada Sancta Sanctorum. Nessa ocasião fervilhava de gente, que, de joelhos e em silenciosa prece, se arrastava para cima. Alguns dos nossos peregrinos fizeram o mesmo. Em companhia de outros, subi, por uma escada lateral, até a capela. De volta, ao pé da Escada, deparou-se-me a seguinte epígrafe, em língua alemã: “*Nosso divino Salvador, no dia da sua Sagrada Paixão, antes de encetar a subida ao Calvário, teve que escalar várias vêzes a Escada Santa, santificando-a com as muitas gotas de seu preciosíssimo sangue*”.

Decorrido algum tempo, entrou nova caravana deromeiros. Prostrados em terra, honraram êste lugar venerável da Paixão, entoando os hinos. “Ó face amortecida” e “Salve, ó Santa Cruz”.

Eis o protestante, de olhar fixo na epígrafe, que assim prossegue: “*A Santa Escada soma ao todo 28 degraus, que*

*se hão de subir de joelhos, rezando ou meditando na Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Concedem-se nove anos de indulgência para cada um destes degraus toda vez que, de coração contrito, se executa este piedoso exercício. Pio X concedeu indulgência plenária, aplicável às Almas do Purgatório, sempre que alguém de joelhos subisse a Escada Santa”.*

Que mistério! Purgatório, indulgência aplicável a outras almas, e êsses números esquisitos!... Tentemos penetrar o emaranhado dêsse mistério!

Também os nossos teólogos falam de um lugar intermediário: *“Aquêle que tem poder sôbre os vivos e os mortos, dará a todos os que chama, o lugar que merecem. A alma terá que ocupar o lugar que de justiça lhe cabe e daí será removida a pouco e pouco. Não queiramos inquietá-los por um luto exagerado, mas rezemos por elas, para que quanto antes lhes seja concedido o refrigério. Ele, o Senhor da vida e da morte, pode, por conseguinte, cá e lá, purificar e suprir as deficiências da alma. Sem dúvida, pode-se neste tempo de graças, i. é, em vida, merecer talvez tanto num só dia, pela conversão, quanto na outra vida em cem anos”.* (Manuel Gottlieb Kolp). E João Cristóvão Blumhardt, com sua experiência pessoal, declara: *“Deve haver um paradeiro especial para muitos dos que morrem. Restam alguns enovelamentos que é preciso destrinçar. Depois de travar um combate como travei, posso bem crer que no mundo do além haja para muitos possibilidade de resgate”.* É nisso que se resume a oração satisfatória da Igreja.

Ouçamos, porém, a Escritura: *“Nada de vil terá nêle entrada”.* *“Por isso ofereceu preces também pelos defuntos”.* *“Serão remidos no outro mundo”.* *“Entrar na glória como que através do fogo”* (Apoc 21; I Mac 12; Mt 12; e Cor 3).

Nas suas 95 teses, Lutero não negou a doutrina do Purgatório; pelo contrário, reconheceu-a. Nosso Símbolo fundamental, a Confissão de Augsburgo, não diz palavra sôbre esta verdade doutrinal da Igreja. Ela, aliás, coincide perfeitamente, com a experiência religiosa de todo o Cristianismo.

Quem, em união com Cristo, ora por um falecido, não pode ter em mira outro objetivo que o de pedir a Deus se digne libertá-lo das últimas peias que porventura o prendam e de admiti-lo no seu reino; por outra: purificá-lo de toda e qualquer mancha. É esta a razão porque se diz na oração oficial da Igreja Luterana: *“Confiamos a alma à misericórdia de Deus para que se digne premiá-la na vida eterna”*. E dest’outra; *“Digna-te conceder a esta alma o perdão e a misericórdia em Cristo Jesus para todo o sempre”* O sentido destas orações é por certo o mesmo que o da prece “em proveito das Almas do Purgatório”, na Santa Missa: *“Lembra-te, Senhor, dos teus servos e servas que nos precederam com o sinal da fé e adormeceram em paz. Súplices te rogamos, lhes concedas a eles e a todos os que descansam em Cristo, por tua bondade, o lugar de refrigério, de luz e de paz. Por Cristo Nosso Senhor”*.

Pelos parentes, pelas vítimas da guerra, pelos desaparecidos, pelos fulminados com morte instantânea, pelos que ninguém conhece e ninguém nomeia, por todos rezam os membros do Corpo de Cristo e recomendam êstes pobres irmãos e irmãs a Ele, que é a Cabeça, e por Ele, ao Pai. Fazem-no na certeza de que Deus receba propício a pia obra e a aplique às respectivas almas. Esta intercessão ou aplicação, por isso, não pode vigorar plenamente apenas no decurso do Ano Santo e na cidade de Roma, visto que é incomputável o número dos que necessitam das nossas preces. E o oceano de misericórdia divina aí está à disposição, para que dela hauramos copiosamente.

E que dizer dêstes números? Correspondem acaso aos anos de Purgatório? Não. Em seus primórdios, a Igreja impunha penitências de duração diversa, segundo a gravidade dos pecados. Sòmente decorrido êste lapso de tempo, é que os penitentes recebiam a absolvição das penas no Sacramento da Penitência e lhes era facultado o acesso ao Sacramento do Altar. Com o volver dos séculos, êste rigoroso contrôle da parte da Igreja tornou-se impraticável. Do ano 1.000 em diante, mais ou menos, a Igreja concedia a absolvição aos penitentes logo em seguida à Confissão. Os frutos da



penitência deviam produzi-los mais tarde. Mesmo neste particular a Igreja mostrou-se compreensiva. Penas excessivamente longas podiam ser comutadas ou mesmo descontadas inteiramente por uma indulgência. Hodiernamente os algarismos relativos a indulgências não passam de uma medida espiritual da Igreja Romana, para indicar que esta ou aquela oração ou memória da Paixão é proveitosa, importante ou até sobremaneira importante ao Corpo Místico.

De tarde os peregrinos foram visitar a terceira das quatro estações a visitar: a Igreja de Santa Maria Maggiore. Esta visita, por motivos vários, despertava em mim o mais vivo interesse. Na minha primeira paróquia achava-se, além da Igreja de João Batista, outra dedicada a São Lourenço. Quem seria êste Lourenço? Um amigo e irmão de ofício chamou-me a atenção para o Martirológio do luterano Wilhelm Loehe. Nêle encontrei, realmente, a biografia do santo, bem como a data de sua festa, a 10 de agosto. Pouco antes, a 5 de agosto, celebra-se, pelo Martirológio antigo, a festa da "Senhora das Neves". Com isto tocamos no histórico da fundação de Santa Maria Maggiore. Em a noite de 5 de agosto, o patrício romano João, projetando a fundação de uma igreja, teve um sonho. O Papa Libório teve, ao mesmo tempo, outro igual. Dizia que neve recém-caída marcaria no Monte Esquilino o local da futura igreja. Com efeito, na manhã seguinte, João e sua espôsa deram com o lugar assinalado pela neve. O Papa, pessoalmente, removeu o primeiro punhado de terra onde surgiria depois o imponente templo. É célebre a pintura de Gruenewald, evocando esta lenda.

E não foi precisamente esta a igreja mais suntuosa de tôdas quantas vimos? Se o objetivo primordial de uma casa de Deus é avivar a fé na vida eterna, esta igreja preenche perfeitamente a sua finalidade. Ela conservou tôdas as características de basílica antiga. Quando do alto dêste "pavilhão real" jorrou, de repente, um mar de luzes, partiu dos lábios de todos um oh! espontâneo e uníssono. "É como se estivessemos no céu" — diziam. Informaram-nos ainda que o teto foi revestido com a primeira remessa de ouro da Amé-

rica para a Europa, e que “foi Alexandre VI, aliás de reputação menos favorável, quem mandou fazer o teto, vinte anos antes de Lutero”.

Numa capela lateral encontra-se a ícone de Maria sob o título de “Salus Populi Romani”. Ela faz lembrar as imagens de Maria da Igreja Ortodoxa Oriental. A Ecumene protestante empenha-se muito em estabelecer a união com os ortodoxos. Mas havemos nós de preferir os ensinamentos da Igreja Ortodoxa aos daquela que nos deu Lutero? Havemos de aprender dela o que se nos torna tão difícil: nossas relações íntimas para com a Mãe de Deus e a Comunhão dos Santos? Consta ao certo que Lutero e os mais reformadores ativeram-se às decisões do Concílio de Éfeso, realizado em 431, o qual assegurou a Maria o título de “Mãe de Deus”, em consideração à nossa fé verdadeira no Filho de Deus e no Filho do Homem, Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem, pois, tiver a ombridade de novamente crer, com os nossos antepassados, na Maternidade Divina de Maria, coloca-se do lado do verdadeiro Cristo. Falam-nos destas decisões, tomadas no Concílio de Éfeso, os pitorescos mosaicos do arco triunfal da dita igreja, ultimados pelo Papa Sisto III, em 432.

Finalmente, ao declinar do dia, subimos o Capitólio, colina de um subúrbio de Roma, encimada pela Igreja Ara Coeli, — Altar do Céu.

Aqui não podemos deixar de inserir um conto de Natal, relativo ao Imperador Augusto. Conta a lenda que neste castelo a sibila vira o sol circundado de uma coroa de ouro, dentro da qual descansava uma virgem formosa. Cingia-lhe a cabeça uma coroa igualmente de ouro e sustentava nos braços um lindo menino. A virgem, mostrando o filhinho ao Imperador, convenceu-o de que era o Senhor dos senhores, o Dominador do céu e da terra. Em vista disso, o Imperador ordenou imediatamente que ali se erigisse um altar, rendendo assim ao menino as suas homenagens. Dali em diante não quis mais ser adorado pelo povo.

Começava a escurecer quando ingressamos na Igreja Ara Coeli. Fomos ver a capela, onde se guarda a estátua do Menino-Deus, chamado “Il Santo Bambino”. Recebeu-nos

um jovem franciscano, que ofereceu a cada um dos peregrinos um santinho do Santo Infante. "Um filho autêntico de São Francisco, também êle sabe rir!" — comentavam entre si os romeiros. Estranhámos as pilhas de cartas dentro do nicho. Com um sorriso eloqüente deu-nos a entender que aquelas cartas, com carimbo italiano e de outras terras distantes, enviadas geralmente por crianças, não eram abertas. Os desejos e pedidos, feitos ao Infante Divino, são confiados unicamente a Êle. Os romanos que moram nas imediações desta igreja e o povo, na maioria humilde, dos bairros antigos e pobres, depositam viva confiança no poder do Menino, representado nesta imagem.

Anoitecera, entretanto. Outro filho de São Francisco, jovem também, teve a gentileza de nos mostrar um presépio romano. Quem dera, estivesse aqui um bando de crianças! Diante de nós despontava um dêsses presepes de Natal romanos, de tamanho bem maior que os nossos, fartamente iluminados. Por cima do estábulo de Belém abria-se a abóbada celeste. Vislumbravam-se coros de anjos, numerosos bem-aventurados e o próprio Pai Celeste. O firmamento parecia perder-se nas alturas. Os peregrinos entoaram um hino de Natal, pois comemorava-se ainda o Ciclo de Natal.

Sáímos. Noite fechada. Da cidade vinham fachos de luz. Ofuscados, ensimesmados, como num sonho, os romeiros desceram, um após outro, os numerosos degraus da Ara Coeli de Roma.

## Das catacumbas a S. Paulo fora dos muros

*“Não me abandones nos dias da velhice, para que anuncie aos meus descendentes o vigor do teu braço e a tôdas as gerações vindouras as maravilhas do teu poder!”*

Hoje, na visita que fizemos às catacumbas, lugares santificados por um sem-número de mártires, demoramo-nos, de caminho, na pequena Igreja *Quo Vadis*, construída em honra de Simão Pedro, ancião. “*Quo Vadis?* — Aonde vais? — perguntou Pedro, que fugira de Roma facínora no tempo de Nero, ao Senhor Jesus Cristo, que lhe apareceu fora da cidade. Retrucou-lhe o Senhor: “Vou a Roma expiar uma vez mais por ti, no lenho da cruz”. Pedro, envergonhado, caíu em si. Tornou à cidade e deixou-se crucificar por Cristo, como lhe fôra predito pelo Senhor. A capela *Quo Vadis*, à beira da antiga Via Ápia, evoca esta lenda, que encerra verdades recônditas e sublimes.

No capítulo quarto de sua Epístola, Simão Pedro, já adiantado em anos, alentou a todos os seus irmãos para o sofrimento: “Caríssimos, não estranheis quando vos ameaçarem chamas de fogo — é pela vossa comprovação. Nada de extraordinário vos acontece. Alegrai-vos, antes, de terdes parte na Paixão de Cristo, para que também à manifestação da sua glória possais alegrar-vos e exultar. Felizes de vós, se vos ultrajarem por causa do nome de Cristo! Assim repousará sôbre vós o espírito de Deus. Por isso, os que sofrem conforme a vontade de Deus, recomendam sua alma ao Criador fiel, mediante uma vida virtuosa”.



Ao que voltara espontaneamente, puseram-no entre grilhões. Uma excursão anterior à Igreja San Pietro in Vincoli já nos chamara a atenção para êste fato. Por muito tempo depois da Reforma, a solenidade das Cadeias de Pedro era também dia de guarda evangélico. É de todos conhecida a narração das cadeias de que Pedro se viu libertado, milagrosamente, pela oração de tôda a comunidade. “E eis que apareceu um Anjo do Senhor, e uma luz resplandeceu no recinto. Tocou no lado de Pedro, despertou-o e disse: Levantate depressa! E caíram-lhe das mãos as cadeias” (Atos 12). Depois que o Senhor o livrara da prisão, pôs-se a caminho e foi para outro lugar”. Lucas não o menciona. Seria Roma? (O pseudônimo “Babilônia” no fim da I Carta de Pedro só pode indicar a cidade de Roma” — Karl Georg Kuhn em Kittels Theol. Woerterbuch zum Neuen Testament).

No término de sua carreira, cumpriu-se, a profecia que a seu respeito fizera Cristo glorioso, ao nomeá-lo Pastor: “Em verdade, em verdade te digo: quando eras môço, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas, quando fôres velho, estenderás a mão, e outro te cingirá e te levará onde não queres. Com estas palavras aludia ao gênero de morte com que Pedro havia de glorificar a Deus. Depois destas palavras disse-lhe: segue-me!”

A outros muitos cristãos destinara o Senhor à luta contra as feras, como bem o prova o histórico do Colosseu; porém o discípulo que lhe protestara amor mais acendrado, destinara-o ao patíbulo da cruz. O retôrno à cruz: eis a lembrança que evoca em nós a igrejinha do *Quo vadis*.

Prosseguindo daí, chega-se, mais além, às catacumbas do lado sul da cidade.

Alcançamos uma propriedade composta de edifícios baixos, com pátio interno, cercado de muralha. Existe ali uma escada que leva à Catacumba de Domitila. Como fôsse muito longo o nosso cortejo, não havia jeito de nos demorar por mais tempo junto das primeiras imagens e inscrições do cristianismo primitivo, que do alto das paredes nos saudavam. Os monumentos que nos rodeavam, embora silenciosos, falavam com eloquência dos tormentos e triunfos conquistados nos

tempos do primeiro amor. Do Século I, i. é, pouco depois de Cristo até aos nossos dias, não sofreram senão alterações mínimas os lugares que pisávamos. Com respeito religioso contemplávamos as pegadas, na aparência tão recentes, que nos deixaram os heróis de vinte séculos atrás. Talvez não nos faltasse mesmo a vontade decidida de servirmos a Deus sem reserva, à maneira dos primeiros mártires: "Não me abandones nos dias da velhice, para que anuncie aos descendentes o vigor do teu braço e a tôdas as gerações vindouras as maravilhas do teu poder".

Na descida estreita surgiu-me à frente uma figurinha, de aspecto vivo, que me fitava. Feições simpáticas de menina, porém marcadas com o sinete do sofrimento. Um olhar rápido bastou para que a sua imagem se me gravasse tão fundo na retina que a sua imagem se me gravasse tão ainda pelos corredores escuros, eu cismava: até as crianças sofreram perseguição! Também os menores tiveram que travar lutas de consciência! Motivo poderoso que nos impele a tentar o impossível para a unificação do rebanho de Cristo. Dêste modo converter-se-á o nosso coração ao Senhor, e "o coração dos pais, aos filhos".

Acabamos de chegar à basílica, no segundo andar da catacumba, de 27 metros de profundidade. É um recinto espaçoso, sem cobertura. Desimpedido, espia para dentro o pálido azul do céu. Aí estão, em fila, colunas antigas. Na frente, uma mesinha de pedra, servindo de altar. Por cima do altar uma fileira de janelas esféricas. Estamos na Basílica de Santa Petronila. Centenas de peregrinos, em atitude respeitosa, ocupam já o recinto, apertando-se em volta do altar pouco elevado, onde bruxuleiam círios. Atrás do altar, os sacerdotes paramentados de branco e vermelho, com simplicidade, como é de praxe.

Ouvimos a epístola da Missa do dia: "Pela fé conquistaram reinos, estabeleceram a justiça, receberam promessas, fecharam fauces de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, de fracos se tornaram fortes, mostraram-se heróis na guerra, puseram em fuga os exércitos inimigos. Mulheres tornaram a receber os seus

mortos ressuscitados. Outros ainda sofreram ludíbrios e açoites, grilhões e cárceres. Foram apedrejados, torturados, serrados, mortos à espada, vagaram por aí em peles de carneiros e de cabras, curtindo privações, angústias e maus tratos. Dêles não era digno o mundo. Erraram por desertos e montes, por espeluncas e cavernas da terra. Todos êles granjearam louvor por causa da fé — mas não alcançaram o cumprimento da promessa” (Cf Hebreus 11, 33 ss.).

O evangelho do dia é o de Lucas, capítulo 6: “Tinham afluído para ouvi-lo e serem curados das suas enfermidades. Foram curados os que estavam vexados de espíritos impuros. Todo o povo procurava tocá-lo, porque dêle saía uma fôrça que curava a todos”.

*No sermão ocorreram os pensamentos “Duas Romas distintas aparecem aos nossos olhos: a Roma de São Pedro, com sua basílica gigantesca e cúpula majestosa, com sua peça dilatada, estendendo as mãos a todos os povos, como a acolhê-los e abrigá-los. É a Roma das catacumbas, desta basílica sombria e sem aparato, construída sôbre a sepultura dos mártires. É, portanto, justo venerarmos aqui, em silêncio, a memória dos mártires. Porque são êles os alicerces da Roma esplendorosa. Seu sangue é a semente de novos cristãos. As galerias, o lajedo e os monumentos dizem da eloquência do triunfo dos mártires e do seu segredo”.*

*“Os cristãos repartem-se em dois partidos. Uns apregoam que o mundo é do Maligno e que é inútil tentar corrigi-lo. Formemos embora, dizem, um punhado de fiéis à parte, que não dobram o joelho diante de Baal. O mundo não faz caso de nós, passa ao largo. Outros, porém, com os quais cerramos fileira, afirmam: “Deus preceituou-nos, a nós cristãos, que lhe recondusíssemos o mundo como dote nupcial. Trata-se de um preceito, e, por isso deve ser realizável”.*

*“De que estilo era a Missa naquele tempo? Pouco aparatosa, de certo. No próprio lugar, ou não muito distante, residia um Apóstolo ou um discípulo. Em traje de viandante, coberto de poeira, em plena noite, vinha êle. E vinham escravos, trabalhadores. Vinham ricos, mas poucos. Vinham*



*precisamente aqueles que no mundo passavam despercebidos, sem ocupar cargos de relevância. Estes poucos que se viam forçados a rastejar como toupeiras nas galerias dos defuntos, saíram, por fim, vitoriosos contra o supremo poderio político e contra o poder espiritual da filosofia grega. Com seu ardor, inflamaram e restauraram o universo, cristianizando a face da terra”.*

*“O segredo dos mártires é mais que tudo o segredo da Fé, que se sobrepõe ao mundo. As verdades que Deus nos comunica e confia, é mister levá-las a sério e pô-las em prática, sem mesmo inquirir sobre o seu futuro ou passado. Os meios de coação dos Césares e filósofos falhavam completamente, quando os mártires desfilavam serenos e sorridentes na arena, ou quando, não obstante o temor que os invadia, se conservavam inabaláveis. Da fé em Deus germinou o amor desinteressado. A violência e a riqueza arrogavam-se direitos absolutos. Mas a elas opôs-se outra força: a retribuição do mal pelo bem, o amor na caridade de Cristo. E esse amor desinteressado, o amor que se entrega até o sangue, renovou a face da terra. Provaram o amor pelo sacrifício, pois o sacrifício é a alma do amor. Sacrifício, e amor é um só poder, é uma só arma. O sacrifício vence o coração de Deus-Trino, faz baixar à terra a graça santificante. Se fôr da vontade divina, há de restaurar também o mundo de hoje.”*

*“Não foi o segredo dos mártires também o segredo do nosso bem-aventurado? Não foi a fé viva e o amor generoso, que se esbanja, o seu martírio? Deus destinara-lhe o martírio do confessionário, o martírio de um corpo raquítico e combalido, o martírio do sofrimento, quando Deus permitiu fôsse, por boca do Santo Padre, supresa a sua Ordem. Não é o seu sacrifício do qual nós todos partilhamos, que em nós opera e nos inspira a fé em nossa missão? Seja, pois, o segredo dele e o dos mártires o nosso próprio: carregar, dia por dia, com fé e amor, a nossa cruz, e, se preciso fôr, imolar-nos até o sangue, pelo martírio cruento.”*

*“Ó mártires, inumeráveis e anônimos, que aqui descansais e aos quais prestamos a nossa homenagem, abençoai-nos, para que saibamos abraçar e realizar o vosso segredo. Alcan-*



*çai-nos alento na Fé, nessa Fé que não vacila nem indaga, mas afoitamente se aventura a um mundo incógnito. Confirmái-nos no sacrifício! Estejamos prontos a imolar a vida e morte pelo mesmo objetivo: resgatar o mundo como dote nupcial de Deus-Trino”.*

E agora celebra-se a Missa dialogada em alemão. Os sacerdotes e os coroinhas estão postados atrás da mesa do altar, a face dirigida para a comunidade. Consegui fixar na memória algumas fórmulas de oração: “Peço a todos os santos e a vós, Pai, rogueis por mim junto de Deus Nosso Senhor”. “Reuni em tórno de vós tôda a comunidade”. “Dizei uma só palavra e sanar-se-á minha alma”. “Senhor Jesus, para vós vivo, para vós sofro, para vós morro; vosso sou na vida e na morte. Salvai, Jesus, minha alma para todo o sempre. Em vós creio, porque sois a Verdade eterna, e nesta crença quero morrer, a fim de vos contemplar nas delícias do céu. Vossa carne e sangue serão confôrto ao meu espírito na prática do bem. Vós que perpetráis pessoalmente, a minha salvação, dai-me viver exclusivamente por vós”.

Em silêncio, os diversos grupos achegaram-se do altar. Na mesa da comunhão vários sacerdotes distribuíram o Sacramento Eucarístico. Todos receberam o corpo do Senhor.

Foi-me difícil conceber outros pensamentos que não resumissem esta prece: uni-me, Senhor, a vós e ao vosso sacrifício.

“Se o grão de trigo não cair em terra e morrer, não dará fruto; se porém, morrer, dará fruto em abundância”. “Completo no meu corpo os sofrimentos que faltam no Corpo de Cristo, que é a comunidade”. O triunfo de Cristo, está em que Ele inclua a todos os fiéis no seu sacrifício “na intenção de multiplicar a sua descendência, a semente verdadeira, que serve a Deus e oferece sacrifícios ao seu santo Nome”.

Portanto a cabeça, Cristo Nosso Senhor, santifica seu corpo, a comunidade, para que seja corpo de vítima. “Formamos *um só* corpo em um só pão”. Espalha os frutos copiosos de sua morte em forma de grãos de trigo, para caírem em terreno fértil. Aí está, para exemplo, tôda uma legião de Mártires, um exército de co-vencedores e irmãos de Cristo,

que com Ele glorificam o Pai. “Quero cantar, dia e noite, os teus encantos e imolar-me a mim mesmo, na medida do possível, como vítima agradável aos teus olhos”. Mas isto é principalmente obra de Deus. A Ele só honra e glória pelos séculos.

Ite, Missa est. Deo gratias. Parti! Sêde enviados! Louvores e graças de Deus!

E agora continuamos o nosso passeio através dos corredores subterrâneos.

As catacumbas são para nós lugares em que Cristo se imolou em seus irmãos. Nesses cemitérios subterrâneos enterravam-se tanto pagãos como cristãos. Nos cemitérios, todo romano tornava-se imune de penas, inviolável; porquanto ofereciam direito de asilo. Isto foi de proveito aos cristãos durante as perseguições. Refugiavam-se ali principalmente os superiores da Igreja, por estarem mais sujeitos à fúria dos perseguidores. Sobem a milhares os sepulcros nas catacumbas de Roma. Nesta a que me refiro, Flávia Domitila, da casa imperial dos Flávios, fêz construir, no Primeiro Século, um túmulo para os membros cristãos de sua família. Juntaram-se-lhe, mais tarde, muitos outros, ligados entre si por galerias. Existe ainda uma sala, onde se reuniam os cristãos para comemorar os seus defuntos. A Igreja de Petronila, construiu-a o Papa Dâmaso, no século IV. Mas por que precisamente nos subterrâneos das catacumbas? Até o Século VII, reputava-se como irreverente o transportar os restos mortais dos mártires de um lugar a outro. Via-se, pois, Dâmaso na contingência de construir a igreja em honra da mártir no próprio lugar onde fôra sepultada. Um terremoto destruiu-a no Século IX. O Papa Leão XIII reergueu-a do seu sono milenar.

Ao passar pelas repartições emaranhadas da cidade dos mortos, constatamos que os túmulos estão abertos. Os astrogodos, visigodos e longobardos abriram-nos, pensando, em vão, encontrar tesouros escondidos. O Papa Melquíades mandou, por isso, se abrissem os túmulos restantes e se transportassem para a cidade as suas relíquias.

Quais as imagens dêsses lugares que mais se gravam na alma do peregrino? Primeiramente, os símbolos pré-cristãos, como: o "Amor" e a "Psiché", no ato de colher flôres. Seguem outros, já mais cristãos, como sejam: a pomba com o ramo de oliveira no bico, símbolo da paz. Outros de índole bíblica: Daniel na cova dos leões; Noé; uma refeição de pão e peixe, figura do banquete celestial. Com pesar meu, consegui ver muito pouco: apenas uma parte muito reduzida do *módus vivendi* dos cristãos daquele tempo. Também não vi as inscrições das catacumbas, em que estão consignadas as primeiras invocações de Pedro e Paulo, bem como de outros mártires. Só mais tarde soube, por leitura, dos três sepulcros levantados no côro da igreja, debaixo do altar, nos quais repousam os corpos de Nereu, Aquileu e Petronila, mártires. Do altar conservou-se uma lousa, em que se lê terem os dois primeiros "servido como soldados ao tirano e depois, iluminados pela graça, morrido por Cristo". Cultua-se a memória dêles numa igreja da cidade, junto à Via Ápia. Conserva-se ainda uma imagem de Santa Petronila, conduzindo à glória do Paraíso a alma de Veneranda. Com semblante majestoso e sereno, as duas damas se adiantam, trajando vestidos largos e ondulantes. Petronila avança, as mãos erguidas, como quem conduz; Veneranda tem a cabeça ornada com véu e grinalda e traz os olhos vivamente abertos. Leve palor de morte paira no rosto de ambas, ao mesmo tempo que lhes brilha nos olhos o antegôzo da próxima ressurreição. O temor fôra superado.

Ao sairmos das catacumbas, o sol rebrilhava como vencedor dos dias nebulosos e irregulares. Despontara um céu claro, ressaltando-se e revestindo formas novas de vida exuberante. Aqui, casas de campo romanas de estilo colonial e hortas verdes e novas. Acolá, o perfil de uma igreja, sobressaindo no fundo azul de montanhas semeadas de pinheiros. Ou ainda, algum bosque escuro de ciprestes. Mais adiante, quase cosido ao chão, o túmulo de Cecília Metella. À pequena distância, de pé, acalentando tranquila seu filhinho, uma senhora. Não faltavam também os pregões em voz alta dos mercadores de cartões postais e outras recordações de tôda

a espécie. Sabedores que eram do nosso itinerário, haviam-nos seguido para as demais igrejas até agora visitadas. Uma vez encontramos até o chefe ou empresário do bando, sujeito gordo, munido de cofre e de material de propaganda. Seu olhar sabia, ao que parece, estimular os pobres garotos. Agora que a luz do sol nos acalentava novamente, a afluência tornou-se mais numerosa, mais insistente e também mais confiante no êxito. Não lhes custou muito amolecer os corações. Contribuíram para nos incitar à maior generosidade não só os seus lamentos de bancrotta, bancrotta", como principalmente seu inalterável bom humor. Separado dos mais, veio depois um menino, quase jovem, a quem faltava o braço direito. De olhar firme, altaneiro, sem ser massante, oferecia, a preços módicos, os seus lindos cartões. Provavelmente, uma das numerosas vítimas da guerra. Neste momento apareceram os nossos carros. Mais interessante seria dar um pulo até à Basílica de São Paulo Fora dos Muros. Informaram-nos de que antigamente, em anos que não fôsem de jubileu, era prescrita, nas romarias, a visita de sete igrejas. Eram as de São Pedro, de São Paulo, do Laterano, de Santa Maria Maior, de Santa Cruz, de São Lourenço e São Sebastião.

Paramos na frente da basílica de São Paulo. Não é a entrada que deita para a rua, e sim o presbitério. Para alcançar a porta, é preciso dar a volta. O Apóstolo Paulo sofreu o martírio na estrada que leva para Óstia, no sítio chamado Aquas Sálvias, hoje Tre Fontane, onde foi decapitado. Depositaram seu corpo numa propriedade de cristãos, à beira da mesma estrada, porém, mais perto da cidade, no segundo marco miliário. O mesmo Imperador Constantino que construiu a basílica sobre o túmulo de Pedro, edificou também outra sobre o de Paulo. Como esta se tornasse muito estreita, o Imperador Teodósio, cinquenta anos mais tarde, ordenou a construção de uma nova, com cinco naves. A posição do sepulcro estava fixada. Importava, então, tomar, como ponto de partida, a construção do côro. Daí vem o deslocamento do frontispício.



Imponente pórtico, com pilares elegantes, composto quase só de mármore branco, deu-nos carinhosa acolhida. Em meio à verde relva alteavam-se esguias palmeiras, por cima das quais espiava o céu azul. Encima a entrada a seguinte inscrição: "Vas electionis et doctor gentium" — Instrumento escolhido e Doutor das Gentes. Imediatamente os peregrinos puseram-se a cantar: "Um templo de glória a olhar para a longínqua região; feito de pedra eternal, obra da divina mão". Seguiram-se outros cantos. Quando há de raiar o dia em que vos possamos oferecer na íntegra o saltério alemão, os cânticos dos reformadores? Como verdadeiro tesouro da Igreja, pertence a tôda a Comunidade e a cada um em particular. Não pode permanecer oculto.

Theodosius coepit, perfecit Onorius 'aulam Doctoris mundi sacratam corpore Pauli" — Foi Teodósio que principiou e Honório concluiu o templo santificado pelo corpo de Paulo, Apóstolo das Gentes, — assim reza uma inscrição. Precisamente no local em que se veneram os restos mortais do santo, apoderou-se de mim o desejo veemente de sermos por êle duplamente agraciados. "Nosso patrono é Paulo", disseram-nos os Pais reformadores. Com isto, porém, não se justifica a rejeição de Pedro; antes, ela se torna impossível. Pedro e Paulo deram testemunho do mesmo Cristo. Nos corações dos fiéis, ouvimos dizer, bem como na glória de Deus, estão lado a lado Paulo e Pedro". Em razão da ordem de Cristo, Pedro foi também a Rocha para o co-apóstolo Paulo. Com isso não queremos excluir o fato de Paulo ter lembrado a Pedro o dever de olhar pelo corpo todo da Igreja e de chamar às ordens os judaizantes que tencionavam fundir o Evangelho com o emaranhado da Lei Antiga (Carta aos Gálatas). O Apóstolo Paulo tem para nós, protestantes, ensinamentos novos, como sejam: a doutrina sobre os sacramentos, a obediência devida à suprema autoridade, fundamentada, por sua vez, nos direitos inapeláveis de Cristo; a unidade temporal e espiritual da Igreja, que o Cristo glorioso governa por intermédio dos mistérios sagrados, legitimamente constituídos; a colaboração da Igreja no aperfeiçoamento da natureza e na obra universal da Criação, obra essa

que o Senhor quer levar à perfeição, com o auxílio e correspondência de seus filhos (Carta aos Efésios). Tôdas estas descobertas bíblicas contribuíram para nos aproximar um passo mais da Igreja antiga. O Apóstolo São Paulo não pôde jamais ser motivo de cisma. Seja-nos êle, daqui por diante, motivo de reconciliação e de retôrno à Verdade imutável.

Todos os nossos grupos haviam-se reunido e já se achavam em fila para a procissão, ou seja, para o préstito litúrgico, como a Bíblia o conhece também. Evidentemente, não se assemelha esta procissão a uma dança, qual foi a de Davi diante da Arca, em direção ao Monte Santo. Em todo o caso a alegria reinante não comporta um ficar-se assentado ou parado. É conforme à natureza e à necessidade que sente o homem de se agrupar e de andar em companhia. Porventura não peregrinava a Jerusalém o próprio Senhor Jesus? Partindo das peregrinações, compreendemos melhor as repetições nos salmos, suas antífonas e responsórios, como ainda os solistas alternando com os coros. Cantamos o Aleluia ou "Louvai ao Senhor" do do Saltério, tal qual se acha no Nôvo Testamento. Pois todos aqueles justos da glória celeste, que invocamos e exoramos, têm consciência não só de que o seu Salvador vive, mas ainda que êles vivem n'Ele. Com efeito, é esta a verdadeira Comunhão dos Santos.

Desta vez, o nosso grupo foi colocado no comêço e não no fim do cortejo. Observei de perto a cruz e o resplendor das luzes; também o côro dos sacerdotes que no tom e na língua da Igreja entoaram êste Aleluia.

O louvor divino brota do fundo da nossa indigência, como bem o exprimem as primeiras invocações da Ladainha de Todos os Santos: Senhor, tende piedade de nós; Cristo, tende piedade de nós; Senhor, tende piedade de nós. O céu e a terra em pêso juntam-se para rogar e interceder, agradecer e adorar a Deus.

Mas não haverá inconveniente para nós, discípulos que somos de Cristo, em pedir a mediação dos nossos irmãos na glória? Ser-nos-á lícito invocá-los? Os santos, adorando a Deus, não o fazem só para honrá-lo, mas também por amor ao próximo. Fazem-no para nos amparar e emprestar-nos as

bênçãos divinas, pois sabem que temos ainda que travar combates cruentos e conquistar a coroa da justiça. E nós fazemos nossas as suas preces, repetindo com insistência: "Rogai por nós".

Sob o facho desta luz, a invocação dos santos harmoniza com a nossa fé no Filho de Deus, feito homem por amor de nós e que diz dos seus: "E eu permanecerei nêles (Jo 17). "Somos fracos", diz Paulo (I Cor 4, 10). O que um fraco faz para cultuar os santos, fá-lo a Cristo, e tôda vez que pronuncia o nome de um santo, atinge também o nome de Cristo". Estes nomes incalculáveis glorificam o Nome, no qual está a salvação. A Ele só, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, prestamos adoração.

A "comunhão" se desfaz, onde a comemoração dos santos não mais persiste. Quem decididamente e com fé reconhece o artigo "Creio no Espírito Santo, na Igreja Una, Santa e Cristã, na Comunhão dos Santos", reconhece implicitamente a verdade bíblica e cristológica da "Comunhão".

Também no interior da basílica de Paulo, sobretudo debaixo do quadro impressionante do Filho do Homem, tivemos imediata visão clara sobre a sua procedência. Ela pertenceu e pertencerá tão somente à Igreja única, à Igreja de todos os povos e raças, à Igreja primitiva. Ao lado de Cristo e sob o patrocínio de Deus, esta comunhão levará à vitória final. Existe alguém que olha para todos: o Filho de Deus vivo. A seu lado encontramos-nos mais perto dos vinte e quatro anciãos e dos quatro animais do Apocalipse, mais perto de Pedro e Paulo e demais mensageiros e testemunhos de Jesus Cristo. O Senhor carrega às costas o cetro do império e levanta, abençoando, a destra divina.

## A audiência com o Papa

Raiou, enfim, o dia em que íamos ver a Pedro. *“Levanta-te, Senhor, e julga a tua causa”*, dizia a máxima. São as palavras iniciais da bula em que Leão X, no ano de 1520, ameaçou de excomunhão a Lutero. *“Exsurge, Domine, — levanta-te, Senhor, e julga a tua causa!”* (Salmo 74, v. 22).

No verão do ano anterior, 1519, na disputa que teve com Eck, em Leipzig, Lutero negou o primado espiritual do Papa. Não lhe negou, porém, a precedência honorária, como Bispo de Roma. Mais tarde concluiu que “o Papa vinha forçosamente do demônio; pois tudo quanto não é de Deus — acrescentava — deve provir do demônio”. Sua negação do primado deriva da interpretação errônea que deu à palavra de Cristo, expressa em Mateus 16. Eis as palavras textuais de Lutero: *“Super illo artigo fidei fundata est ecclesia. Ergo super seipso fundavit Christus ecclesiam — diz o Senhor: Sou eu a rocha, e o edifício que ela sustenta é a fé na minha palavra”*.

O erro de Lutero é hoje reconhecido e, da nossa parte, rejeitado. Escreve Adolfo Schlatter: *“A polêmica anti-católica em torno desta questão não foi acertada, tomando a fé e a profissão de Pedro e não o próprio Pedro como a rocha sobre a qual Jesus havia de edificar a sua comunidade... A passagem de Mateus 16 refere-se, evidentemente, ao homem a quem Jesus transmite o poder”*. Na verdade, Jesus não pronunciou as palavras que Lutero lhe põe nos lábios. A palavra de Cristo não está no princípio do Cisma. Porém Lutero ateu-se ferrenho, até o fim da vida, à sua opinião, embora contrária à de Cristo, repisou-a pouco antes de sua morte no escrito intitulado “Contra o Papado, instituído pelo diabo”.



Lutero dá mais um passo. Atesta que também os Concílios, por outra, o magistério universal da Igreja, podem errar. Com isso declara falível a própria Igreja, a quem o Divino Espírito Santo confiou o depósito da Verdade. Conseqüentemente, a Verdade mesma e com ela a Igreja de Deus deixariam de existir. *"A semelhança da organização da Igreja, pensa Lutero, também o Papado tem suas raízes unicamente no direito humano. Contenta-se com que a Igreja seja reconhecida como um organismo maravilhosamente entrosado, mas produto apenas da evolução histórico-humana... Estes são os pensamentos que Lutero não se cansa de inculcar a partir de 1520. Só assim conseguiu ambiente favorável para a construção de uma nova igreja"*. São palavras do pesquisador protestante Reinaldo Seeberg, de acôrdo com outros muitos. Discordavam de Lutero nossos Pais de Augsburgo, em 1530 e em outras ocasiões, quando protestavam, de conformidade com o Papa: "Estamos sob o comando de um só Cristo e por Ele nos batemos". *Uma nova igreja!* foi este o pecado de Jeroboão (I Reis 13). Foi dever do Pastor do rebanho chamar Lutero às ordens. Fê-lo, ameaçando-o de excomunhão, caso perseverasse no êrro. Lutero jogou ao fogo a bula "*Exsurge Domine*", juntamente com os livros de Direito Eclesiástico. Deu-se isto em Wittenberg no lugar onde se enterravam animais, diante do portal de Elster. O gesto teve como conseqüência, em janeiro de 1521, a bula "*Decet*", pela qual Lutero era excluído da Comunidade.

Como, porém, explicar aquela fôrça cristã e dinâmica na obra de Lutero? não pelo êrro, mas pela parte salvífica da verdade, que Lutero assimilou por um processo psicológico individual intenso. *"Redescobriu para si mesmo, refere uma fonte católica, a antiga verdade católica de que se deve ter fé na remissão dos pecados como se tem fé na própria salvação. Partindo do "conceito" de Deus, elevou-se ao Pai verdadeiro de Jesus Cristo. Por caminhos heréticos reencontrou o Evangelho. Lutero demoliu dentro de si mesmo um catolicismo que não era católico"* (Lortz). Hermann Tuechle comenta a atitude de Lutero nos seguintes têrmos: *"Em face das recentes ramificações e bifurcações da vida católi-*

ca, consideradas, no declínio da Idade Média, pelo menos na prática, como fundamentais, coube a Lutero redescobrir a doutrina da Redenção. Pôs em relêvo os pontos capitais do Cristianismo, nestes pensamentos: pouco importam as braçadas de relíquias, pouco importam dois milhões de anos de indulgências, o número das perseguições, os algarismos de outra espécie. O que vale, o que pesa é que Cristo se entregou à morte por mim. Lutero nada mais vê, senão a misericórdia e justiça misericordiosa de Deus, acessível a todos. As provas, aufere-as da Escritura.

Perdeu, entretanto, de vista o Cristo vivo que é a Igreja, a vida meritória de Cristo para o seu tempo e para todos os tempos". (Até aqui Hermann Tuechle).

Antes da aparição de Lutero também se pregava o Evangelho. Mas vinha, em grande parte, encoberto e envolvido num enovelamento de Filosofia Naturalista e de preceitos pietistas. O monge Martinho sentiu profundamente o que havia de falso e de doentio no Cristianismo e, através de angústias indizíveis, provindas do pêso da lei, advinhou o caminho da salvação. Daí, o seu canto: "*Rejubilai agora com amor, cristãos amados. Saltai de alegria e consôlo. Cantemos, com amor intenso, os feitos e maravilhas que Deus operou em nós; comprou-nos por um preço elevado*". "*Vai, tem fé, e abandona-te a Cristo!*", dissera-lhe Staupitz, seu superior de Ordem. *É de lastimar, não fôsse Lutero capaz de aceitar um conselho destes*". Ele e a sua Bíblia: eis, em suma, a igreja de Lutero. Quis Deus ministrar ao magistério da Igreja uma lição inconfundível, permitindo que um membro piedoso do Corpo Místico, e com êle muitos outros, não vissem mais no Papado o Evangelho.

Se bem que Lutero descobrisse a profundidade do Evangelho, não lhe descobriu, contudo, "a altura" em sua plena extensão (Ef 3, 18). O indivíduo, depois de segregado da comunidade, não é mais o que deveria ser.

Lutero pregava com autoridade e vigor, e não à maneira dos escribas e filósofos, o "Cristo Redentor de todos nós", não tanto, porém o "Cristo atuando dentro de nós e por meio de nós": o Cristo total a Cabeça unida ao Corpo, o

Senhor dentro da sua Igreja (I Cor 12, 12) faz obras ainda maiores (Jo 14, 12). Este continua a sofrer, a oferecer sacrifícios e a desagravar. O humilde, santificado por Deus, reina através do seu ofício messiânico. Lutero rejeitou esta doutrina por julgá-la nìmiamente elevada para mortais. Entretanto, a promessa do Filho do Homem converte-se em realidade na Comunhão dos Santos.

Pela parte que teve na Verdade, ocupa Lutero um determinado lugar na Igreja Universal. Toca ao filho que abandonou o lar tornar atrás, trazendo consigo o depósito de dons e graças que o Pai e o Filho e o Espírito Santo lhe confiaram. Olhar fito no olhar de Lutero, nosso pai espiritual, pode um simples luterano, ledor da Bíblia, dizer: convenhamos em que na interpretação da palavra "Rochedo", laboraste em êrro: mas também insistisse conosco para que nos compenetrássemos "do amor à Verdade e que puséssemos todo o empenho em manifestá-la", como foi dito na introdução das 95 teses". "Ele, de sua parte, cumpriu seu dever", diz Miguel Hahn, aludindo ao reformador. Cumpramos nós o nosso!

Nesta indagação comum da Verdade, verifica-se a lei dos vasos comunicantes. Para haver equilíbrio, requer-se, por um lado, a imparcialidade dos católicos em relação à Reforma; por outro, a volta dos protestantes para a plenitude da Igreja de Cristo, nos moldes da Escritura. Começou-se a perfurar de ambos os lados o maciço da separação. É preciso que as duas facções se encontrem no mesmo ponto.

Madrugada ainda, ao despertar, perguntei ao meu companheiro o motivo de sua viagem a Roma. Respondeu: "Foram os túmulos dos mártires, as catacumbas e os primeiros cristãos, dos quais se diz: "Vêde como se amam". Depois de breve pausa, acrescentou: "Também a grandeza da Igreja. O Pai comum da Cristandade. Vim rezar no túmulo de São Pedro". Por fim, baixinho: "Também o sacrifício. A viagem é para mim, para as minhas economias, um sacrifício".

Praça de Pedro. O sol nascera encoberto de bruma. Dispúnhamos ainda de duas horas. Alguns entraram na Igreja.



Outros subiram a cúpula. Mas o panorama em tórno apresentava-se pouco nítido. Resolvi ficar em baixo, esparecendo um pouco no quarteirão do Vaticano. Demorei-me nas proximidades do Viale Vaticano, larga avenida que se estende ao longo da Muralha Leonina. Observei os camponeses, com suas carretas puxadas a burro ou a petiço, oferecendo hortaliças, alface e laranjas. Ao depois, aventurei-me pelo Borgo afora, remanecente de velhas ruas entre o Tibre e a catedral de Pedro. Via Germanica, — Rua Alemã, foi o que li numa placa. Da Piazza del Risorgimento divisei a luz da cúpula com o globo dourado ao alto e na ponta a cruz. Ocorreu-me à memória o “rochedo”, como primogênito de muitos irmãos. Lembrei-me, outrossim, do mínimo dos irmãos e das consciências torturadas de ovelhas dispersas.

Eram passados dezessete anos desde que comecei as pesquisas na Escritura e na História da Igreja, acêrca do múnus de Pedro. Restavam ainda duas dificuldades de monta a superar; mas também estas perderam a sua fôrça. A primeira, a saber, que a Escritura não traz provas em favor dos sucessores de Pedro, não acerta o alvo. É que o Senhor propusera também a restante doutrina só à *sua* geração. Dirige-a sempre aos contemporâneos, também quando proclama o “guarda as minhas ovelhas!”.

A outra dificuldade soava assim: “Não legou o Concílio do Vaticano, em 1870, ao Rochedo poderes que não se encontram na Escritura? Donde vem, pois, a infalibilidade e, portanto, a impecabilidade do Papa?” A esta declaração do Vaticano podemos aplicar a sentença de Lutero: *Como é difícil — diz êle — não sucumbir, e pairar acima dos erros que o exemplo de todos tornou irrefutável e como que uma segunda natureza, por costumes inveterados. Como é verdadeiro o provérbio: Custoso é abandonar hábitos antigos*, e êste outro: “*O hábito cria uma segunda natureza*”. Verdadeira é também a palavra de Santo Agostinho: “*O hábito, ao qual não se põe freio, toma forma de violência*”. Demais a mais, aqui não se trata de impecabilidade ou infalibilidade pessoal, mas de uma verdade bíblica. Em Cesaréia de Filipe deu Pedro testemunho da Verdade com acêrto infalível,



sem intervenção de homem algum, não obstante seus pecados e fraquezas pessoais. Com igual infalibilidade atestou-a perante as nações, no primeiro Pentecostes, e ainda, agrihoadado, perante o supremo Conselho.

Esta infalibilidade não foi obra do sangue e da carne nem de qualquer outra prerrogativa, mas foi obra exclusiva da Revelação divina. O mesmo se deve dizer da revelação que Jesus fez a Pedro ao constituí-lo Rochado. Pedro estaria obrigado a aceitar e guardar como infalível esta revelação, mesmo se os outros a tivessem compreendido mal, pôsto em dúvida ou esquecido. Transparece aqui nitidamente um milagre da liberalidade e majestade divinas, operado com o fito de impedir que as Portas do Inferno provoquem cisões na Igreja e prevaleçam contra ela. A Igreja, edificada pelo Senhor em cima da Rocha, confia e crê neste milagre histórico e perpétuo. E não é vã a sua fé. "Sob responsabilidade tremenda", diante da vontade revelada de Deus, o Rochado profere a palavra. A Comunidade ligada ao mesmo desde os primórdios conserva-se fiel à Revelação.

Ouçamos a definição do Vaticano: *"Atendo-nos à Tradição dos primeiros discípulos da fé cristã, ensinamos e definimos, para a glória de Deus, nosso Salvador, para a exaltação da religião católica, para a salvação dos povos cristãos, de acôrdo com a mente do santo Concílio, como dogma divinamente revelado: Que o bispo de Roma, quando fala ex cathedra, i. é, quando como supremo Pastor e Mestre de todos os fiéis, der uma ordem para tôda a Igreja, em virtude do supremo poder a êle conferido, em questões de fé e de bons costumes, possui a mesma infalibilidade com que o Divino Salvador houve por bem munir a sua Igreja em questões atinentes a Fé e aos bons costumes, em razão da assistência divina a êle outorgada na pessoa de São Pedro. Portanto, mesmo sem o consentimento da Igreja, mas por determinação exclusiva do Bispo de Roma, tais decisões tornam-se irrevogáveis".*

Expirara o tempo. Os peregrinos das diversas nacionalidades estavam reunidos. O sol iluminava fartamente a Pra-

ça de Pedro. Os nossos compatriotas bandearam-se para a direita. Os grupos, uns após outros, entravam em forma. Nós, os alemães, não éramos mais que um punhado ao lado dos suíços, austríacos, italianos, franceses, ingleses e espanhóis. Estimavam-se em quatro mil os que esperavam pela audiência. Abriu-se a grande porta que leva à Scala Regia, à Escada Real. Repontaram duas, depois três figuras da guarda suíça. Os gibões multicores pareciam-me apropriados para os distinguir da massa escura do povo. Impunham-se à vista, como mantenedores da ordem. Avançávamos devagar. Éramos dos últimos. Não faltavam também os intrusos, como, por exemplo, uma matrona romana, ladeada de duas filhas, que se enfiou no meio desta mole serpente, para furtar-se à vigilância dos guardas. Usavam véu de côr em vez de prêto, como é de praxe nas audiências papais. Dentro da basílica funcionavam guardas de uniforme escuro, em voga nos séculos passados. Haverá quem leve a mal o apêgo de Roma às tradições da Idade Média? Ademais, bastava uma palavra do Papa e suas ordens, neste particular, seriam cumpridas. “É favor, não empurrar!”, pediu uma das peregrinas, ao nosso lado. Disse-o por causa da dignidade do recinto. Disse-o com afeto tão maternal, que não deixou de ser atendida. Subindo sempre, quase imperceptivelmente, alcançamos a Scala Regia. Já a impressão desta subida, com seus quadros variegados e primorosos salões, foi das mais agradáveis.

Por fim, encontramos-nos na espaçosa sala de audiências, por cima do vestíbulo de São Pedro. A sala estava à cunha. “Conseguiremos enxergar o Papa?” — perguntávamos. “Não se preocupem, êle será trazido na Sedia; todos poderão vê-lo”, tranqüilizou um dos peregrinos. Com efeito, havia no meio do salão, isolado por cordões um longo corredor livre. Devia, pois, passar perto de nós. O apêto era grande. Pessoas mais jovens colocavam-se nas cornijas. Pouco abaixo do teto brilhavam refletores. Mais adiante operavam fotógrafos munidos de “flash”. Ainda assim os que eram de estatura baixa, tinham dificuldade em ver o corredor central, por cima de oito a dez filas de pessoas.

Meu olhar divagou por cima daquela salva humana, indo fixar-se numa inscrição em caracteres de ouro, que circunda o teto da sala, à maneira de fita. O texto é tomado do capítulo 8 da Carta aos Romanos. Reza assim: *"QUOS DEUS PRAESCIVIT, ET PRAEDESTINAVIT CONFORMES FIERI IMAGINIS FILII SUI, UT SIT IPSE PRIMOGENITUS IN MULTIS FRATRIBUS. QUOS AUTEM PRAEDESTINAVIT, HOS ET VOCAVIT, ET QUOS VOCAVIT, HOS ET JUSTIFICAVIT. QUOS AUTEM JUSTIFICAVIT, ILLOS ET GLORIFICAVIT"*. Em língua pátria. "Aos que Deus de antemão conheceu, também os predestinou a se assemelharem à imagem de seu Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos, e aos que predestinou, também os chamou. E aos que chamou, justificou-os.. E aos que justificou, condu-los à glória".

Fêz-se mais clara a iluminação no salão, sinal da chegada iminente do Papa. Se este viesse a pé eu não poderia vê-lo. Mas, vi-o desde a entrada. Sim, vi Pio XII! Simultaneamente surgiu-me a pergunta: Senhor, és Tu quem elevou ao poder a este homem? Fiando-me nas tuas palavras já não posso duvidar. Dá-me certeza, Senhor, Tu que és a Verdade. O Papa é, efetivamente, transportado. Em circunstâncias como estas, é o mais aconselhável. E se eu tivesse vindo somente para presenciar este espetáculo, daria por bem paga a minha viagem. Em fotografias estranhara sempre tal atitude. Se a memória não me falha, podia-se ver nos semblantes da multidão o resplendor de uma alegria jubilosa, mas dominada.

O Papa veste de branco. Lança a bênção para um e outro lado com calma e dignidade, sempre com o sinal da cruz. Delineam-se-lhe mais e mais as feições do rosto. Espalham majestade e ternura, mas sobretudo profunda seriedade. Seu semblante parece-me condizer plenamente com a inscrição acima, da Carta aos Romanos.

Mas será verdade o que aqui se passa? foi a pergunta envolta em prece que eu repetia constantemente. Não, o que aqui se pratica com o sinal da cruz, não pode provir do espírito da mentira. É humanamente inaceitável inventar e



adjudicar-se alguém, em nome da santa cruz, êste encargo de único pastor sôbre todos. Seria isto nada menos que o pecado de punho erguido contra o céu. Se existe na Comunidade de Jesus ofício e ministério real e verdadeiro, então só pode ser êste a que nos referimos.

O Papa tinha passado. Devia ter descido ali na frente. Já não o víamos. Houve quem levantasse pequenos espelhos e nos informasse, em voz baixa. Estiquei o corpo, o mais que pude. Se não me enganei, o Papa achegava-se agora do trono, de passos vacilantes e doridos. (Só mais tarde tivemos conhecimento do ataque de gôta que tivera). Ei-lo, de pé, ante o trono. Isto parecia a todos natural. Uma figurã alta e majestosa. Agora toma assento. Ao aceno de um prelado, apagam-se os projetores, que, com seus clarões vivíssimos, nos haviam facilitado a visão.

“Filii et filiae!”, assim começou, dirigindo-se aos seus filhos e filhas em Cristo Jesus. Falou primeiro aos patrícios, em tom repassado de ternura e com gestos significativos.

A seguir, dirigiu-se a nós, alemães, em língua alemã. Falou com desembaraço, sem papel. Teve palavras de carinho paternal para com todos os romeiros dos países de língua germânica: *“De bom grado concedo a bênção apostólica a todos os vossos familiares e à vossa pátria. Queira o Deus onipotente conservar-vos e confirmar-vos na paz, na fé cristã e na sua graça...”* Disse-nos ainda muitas outras coisas, das quais já não me recordo. Mas o de que nunca hei de esquecer é do timbre de sua voz, é da sua inefável personalidade, é da missão que desempenha em nome de Cristo. Abreviando: a impressão da verdade.

Seguiram-se alocuções em francês, inglês e espanhol. Ergueu-se, por fim, e lançou a todos a bênção apostólica, traçando um grande sinal da cruz de Jesus Cristo, em nome da Santíssima Trindade. Persignamo-nos todos. Demorou-se ainda alguns instantes de braços estendidos, em atitude de oração e súplica. Com que entoação não pronunciou as palavras: *“Oxalá nossos irmãos na fé e demais homens de boa vontade envidem todos os esforços, para não se frustrarem*



*as expectativas do Pai comum, que mantém os braços levantados para o alto, a fim de que a misericórdia divina derrame sobre o mundo graças copiosíssimas”.*

Desceu os degraus; em baixo, quanto me consta, saudou os chefes das diferentes peregrinações. Inclinou-se profundamente para eles. Nisso ouvimos uma criança declarar uma poesia. Pelo ardor com que proferia os versos, só podia tratar-se de um garotinho italiano.

Dali a instantes, o Papa tomou lugar no trono portátil. O Pai espiritual abriu novamente os braços para incluir a todos em suas preces. Os alemães entoaram o “Deus eterno, a Vós louvor”.

O Papa aproximou-se de nós. Trazia a mão levantada, sempre saudando e abençoando. A alegria, a felicidade irradiava de todos os semblantes. Jubilosas e vibrantes explodiam no recinto as exclamações do “Evviva!” Uma bênção derradeira, e ele partia.

Terminara a audiência. Compenetrada, calma e silenciosa dispersava-se a multidão. Devagar, dentre os últimos, afastei-me também.

Recordemos alguns tópicos do discurso, proferido pelo Papa, por ocasião da abertura do Ano Santo: *“Jesus descobriu-nos a verdadeira face de Deus, figurando-O no pai que acolhe abraça, perdoa ao filho pródigo no seu contrito e confiante retôrno à casa, da qual se tinha loucamente afastado. E quem é que não tem necessidade do perdão de Deus? Todavia, o Senhor, se está pronto a perdoar, não dispensa o pecador do arrependimento sincero e da justa expiação. E a expiação voluntária adquire maior valor quando coletiva e prestada em união com o grande Expiador das culpas humanas, Jesus Cristo, Nosso Redentor.*

*“Passam-Nos diante dos olhos, em lúgubre desfile, os vultos acabrunhados dos órfãos, das viúvas, das mães esperançosas de um regresso que talvez não se dará, dos perseguidos por causa da justiça e da religião, dos prisioneiros e fugitivos, dos exilados à fôrça, dos encarcerados, dos desempregados, dos oprimidos, dos que sofrem no espírito e na carne, das vítimas de tôda a injustiça. Tantas e tantas lágri-*

*mas que regam a face da terra, tanto e tanto sangue que a tinge, embora sejam já de si expiação, e em muitos casos não por culpa própria, exigem, por sua vez, outra expiação, para ser destruído o pecado e sorrir de novo a alegria.*

*Quem quererá alhear-se dêste mundo de expiação que tem por cabeça o próprio Divino Crucificado e abrange tôda a Igreja Militante?"*

E o Papa rogara, em nome de Cristo, aos primeiros mandatários do poder civil, principalmente dos Estados cristãos, que minorassem a indigência dos povos e dos súditos, pela prática da justiça e da caridade sociais.

Para esta tarde estava combinada uma excursão aos Montes Albanos. Iríamos a Frascati e ao Castelo Gandolfo, onde se decortinava a cidade e o mar; onde nos sorria gente e terra nova; onde outeiros e aldeias alternavam com vinhedos e bosques. Nosso espírito andava faminto das maravilhas naturais e do hálito da Criação. Havia, porém, entre nós dois peregrinos cujos filhos, vítimas da guerra, descansavam no cemitério alemão de Promézia, na planície que fica a meio caminho de Óstia. Resolvemos, em atenção a êles e em homenagem a todos os defensores da pátria, rumar, primeiro, para o cemitério. Só depois escalaríamos os montes.

Promézia situa-se na linha de frente da Invasão, onde os aliados conseguiram abrir brecha, atacando os alemães pela retaguarda e forçando-os a capitular. Elevavam-se a dez mil as vítimas que ali tiveram sepultura. Deparou-se-nos um campo extenso, semeado de túmulos, destacando-se no centro uma enorme cruz. Já vinha o crepúsculo envolvendo os outeiros. Como que afastando a penumbra, de quando em quando acenava alguma aldeia montanhosa. Eflúvios de paz e calma de sábado pairavam por sobre a paisagem sóbria. Ficamos ali longo tempo. Os pais que tinham encontrado o jazigo dos filhos e rezado junto dêle, estavam de volta. Entoamos um cântico. Um dos Padres proferiu breve oração junto à cruz.

*"As almas dos justos estão nas mãos de Deus e não os tocará o tormento da morte. Pareceu aos olhos dos insensatos*

*que morriam; seu trânsito tiveram-no em conta de aflição, e sua separação, perda irreparável. Mas eles gozam da paz. Se sofreram opróbrios diante dos homens, a sua esperança firma-se na eternidade". (Sabedoria 3).*

*"Surge aqui a pergunta ansiosa: Pertencem os nossos defuntos ao número dos justos? A êste respeito nada de certo sabemos. Apenas temos certeza de que Deus é a Caridade, a misericórdia infinita. Foram-lhes perdoados inúmeros pecados — assim podemos interpretar a palavra do Evangelho — porque muito padeceram. Recomendemos à misericórdia de Deus tôdas estas vítimas da guerra. Por todos eles reze-mos, agora, um Pai-Nosso, para que Deus lhes conceda o refrigerio, caso ainda tiverem a descontar penas no Purgatório". Recitamos todos juntos, o Pai-Nosso.*

Nas cumiadas das montanhas esmaeciam os derradeiros reflexos do sol. Quando todos se achavam novamente reunidos em volta dos ônibus, já era noite cerrada. Por isso tivemos que desistir do passeio aos montes. Propôs, então, o organizador da romaria pousássemos em Tre Fontane, lugar do martírio do Apóstolo Paulo. Era noite entrada ao alcançarmos Tre Fontane.

Em anos passados, tôda vez que eu contemplava um quadro que reproduzisse Tre Fontane, com suas três igrejas, no pátio idílico da abadia, ao sopé de uma colina, com os campos e a serra dilatados ao fundo, extasiava-me a linguagem dêstes sítios. Quem me dera poder passar uma temporada neste recanto! Ainda pouco antes da partida, pelo Natal ouvira eu falar em Tre Fontane. Propalara-se a notícia de que ali, em uma gruta do outeiro, ocorrera uma aparição da Virgem, semelhante à de Bernadete e à das três crianças de Fátima. Aliás, eu tivera sempre em conta de supersticiosas tais informações. Só últimamente pus-me a confrontar os nossos argumentos em contrário com os dos livre-pensadores, um tanto mais extensos que os nossos, pois aplicamos também às aparições dos Atos dos Apóstolos e às referências "mitológicas", como dizem, dos Evangelhos e da Bíblia tôda. Agora estava eu já mais bem informado sobre o proceder da Igreja Católica em assuntos desta natureza.

Soube que tudo quanto diz respeito a milagres, sobretudo a aparições, sofre inquéritos demorados, por vêzes de anos, antes de receber a aprovação da Igreja. Significava isto, não raro, para os respectivos agraciados, como por exemplo para Bernadete, longos anos de sofrimentos. Como se fôsem embusteiros ou histéricos eram obrigados a submeter-se a exaustivos exames e interrogatórios. Talvez só na morte se lhes fizesse justiça. E eles não se negavam a tais sofrimentos.

Ia adiantada a noite, quando desembarcamos. Apartei-me uns passos escuridão a dentro, para estudar o terreno. Tive a impressão de que, aqui, houvesse árvores. Mais adiante fazia-se perceber leve ascensão. Nisso brilha um feixe de luz. O homem que ali pernoitava apontou com a lanterna um atalho, que levava para a gruta. Acorreram todos e, juntos, subimos a pequena encosta. Um lugar plano, e eis-nos em frente da gruta. No interior fulgia a estátua da Mãe de Deus, rodeada de círios. Fora, via-se no meio da luz baça a lápide comemorativa, com uma inscrição em letras garrafais. Não faltavam também numerosos ex-votos, como os denominam, em agradecimento de graças alcançadas. Em dado momento adiantou-se um dos sacerdotes presentes para nos traduzir o texto da lápide. Provinha de um antigo inimigo da Igreja, que com os seus três filhos, teria tido uma aparição da Mãe de Deus sob o título de "Virgem da Revelação". A Igreja ainda não se pronunciou sobre esta aparição.

Transparece, porém, através da inscrição, a alegria transbordante de um homem ateu e materialista, que acertou o caminho para o Deus vivo; que, de hipócrita e desafeto à Igreja, mereceu obter o perdão dos pecados e a comunhão dos filhos de Deus. Mereceu-o não só para si, senão ainda para a família e para os numerosos companheiros de trabalho, que hão de inspirar-se no seu testemunho.

Colhido êste precioso informe, ficamos ainda algum tempo no mesmo lugar. Recitamos, em comum, a Ave-Maria e cantamos um hino em louvor de Maria. Todo solícito, o homem a que aludimos acima, alumina-nos, com sua lanterna, o atalho por quê enveredáramos. Depois envolveu-nos novamente a negrura da noite.



Demandamos a portaria do mosteiro. Ao toque da sineta, acorreu um Irmão e abriu. Por veredas, margeadas de arvoredo, alcançamos as três igrejas. Vimos a coluna, à qual esteve acorrentado o Apóstolo, quando da sua degolação. Ao tombar, a cabeça teria dado três saltos, e foi nestes três pontos que teriam brotado as três fontes que deram origem ao nome. Numa das igrejas estavam os monges, trapistas franceses, no côro em separado, a recitar a oração da noite. O homem, em extremo gentil, que por ordem do Irmão nos acompanhara, dava-nos as devidas explicações. Disse que os frades haviam drenado a região pantanosa, pelo plantio de eucaliptos. Que ao lado dos exercícios de piedade entregavam-se à agricultura. Na despedida acrescentou que era empregado do mosteiro, fazia muitos anos. A julgar pelo sotaque devia ser alemão.

Expirara aquêlê dia tão ardentemente esperado. Meus pensamentos volveram ao ponto de partida. Desincumbir-me, finalmente, do impulso bíblico de vir pessoalmente, a fim de ver a Cefas. Afigurava-se-me de todo impossível arrogar-se um homem tal poder no seio da cristandade, sem que êste lhe fôsse realmente conferido por virtude divina e de conformidade com a missão bíblica de Pedro.

“Levanta-te, Senhor, e julga a tua causa!” Ainda vacila tôda a Ecumene protestante. Em tempo de Leão X e de Lutero, ambas as partes invocam o Senhor com as mesmas palavras do Salmo 74: “Lembra-Te da família que possuíste desde o início e que recuperaste como cetro de tua herança!” Invocam a Deus contra “o inimigo que inquinou o santuário”.

Já não é hoje possível aos cristãos recitar o Salmo, uns contra os outros. Ao invés disso, sobram motivos para rezarem uns pelos outros os seguintes versículos: “Olha para a tua aliança, porque todos os lugares obscuros da terra estão semeados de antros de iniquidade. Que o pobre e o desvalido louvem o teu nome. Levanta-te, ó Deus, e julga a tua causa! Lembra-te dos ultrajes feitos contra ti, dos ultrajes com que os néscios te injuriam continuamente. Não te esqueças dos

clamores dos teus inimigos. A fúria dos que te aborrecem aumenta cada vez mais”.

Pela reforma que Deus levou a efeito nests últimos 400 anos, nós, os cristãos, voltamos a nos reconciliar. *“Combate-mos sob as ordens e o estandarte de um e mesmo Cristo”*. Faz pouco tempo chegou-se à conclusão de que todos os cânticos luteranos podem ser repetidos também pela Igreja católica, porque espelham tão sòmente a doutrina contida nos Evangelhos. Parece claro como a luz do dia que Deus tem em vista alguma intenção particular em relação à Ecumene cristã universal. Esta certeza da fé teremos que ouvi-la do Papa acêrca do grande retôrno. Poderíamos perguntar: quais as consequências para nós, se o Senhor desvendasse à Comunidade protestante, que representa o “Lutero” contemporâneo, o significado da Escritura no tocante ao “Rochedo”, como o fêz, em tempos idos, na questão da gratuidade absoluta da salvação! É-nos difícil prever o alcance de tal triunfo da causa de Deus. Nós, em todo o caso, nos atemos única-mente à sua palavra: que Ele mesmo, o Deus da Verdade e dos milagres, julgue a sua causa.

## A beatificação de Vicente Pallotti

Quem é êste? — perguntavam os homens na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Importa formular a mesma pergunta em se tratando dos servos que desempenham os ministérios de Jesus Cristo e fazem as suas vêzes. Vale isto, primariamente, para o seu representante supremo.

O que ensina o sucessor de Pedro? A resposta tê-la-ia eu no conteúdo do decreto de beatificação que o Papa mandara publicar.

“O Senhor conhece o caminho do justo! mas o caminho do ímpio passará. Trilhai fielmente as veredas do Evangelho de Cristo”.

A palavra divina nos infunde a esperança de que não permaneceremos para sempre nas trevas no que concerne à missão e doutrina de Pedro. A beatificação deverá provar-se o Papa ensina deveras a auto-redenção, a auto-justificação e a auto-glorificação, primeiramente, porque é um auto-justificado que vai ser elogiado; depois porque vai ser elogiados duma maneira auto-justificada.

Lutero via no Papado “a auto-justificação”. Daí concluiu que Deus acabara com o Papado. Eis por que víamos no Papado uma instituição estranha à Igreja do Evangelho. Talvez não reconhecêssemos nêle precisamente o Anticristo, como em tempos de Lutero, se bem que também esta sentença continue a ser propalada, ainda que sorratamente. Víamos no Papado uma anormalidade ou invencionice, e de forma alguma admitíamos que tenha sua origem no Evan-

gelho. Esperávamos sempre que o caminho “dêste ímpio” terminasse. Mas, se a incumbência de “Pedro” ou da “Rocha” faz parte essencial da Igreja do Nôvo Testamento, compete-nos a nós trilhar com êle, dignamente, lado a lado, a senda do Evangelho. Faz-se-nos mister trilhar o caminho dos justos, caminho êste aprovado pelo Senhor.

Rompeu o dia do Senhor, com tôdas as galas da natureza, luminoso e festivo. Ainda fazia notar-se, na praça de Pedro, a frescura penetrante da madrugada. O firmamento revestia-se de um azul prateado. Murmuravam os chafarizes, cujas águas vaporizavam-se com a leve aragem. Nas profundezas do panorama destacava-se o verde-gaio das montanhas. A luz argêntea iluminava a basílica de Pedro. A parte frontal é tomada pelos santos; no centro, ao alto, domina a figura ímpar de Cristo, a destra em atitude de quem abençoa e a esquerda empunhando a cruz.

Sem alarido dispunham-se os peregrinos das diversas nacionalidades para o ingresso. Cada qual recebera um cartão, com indicação do respectivo quadrante ou tribuna. Coube-me a mim um lugar no alto da tribuna, à esquerda, na frente, dentro da quadratura que olha para o côro. Vista mais desimpedida não poderia desejar. Próximo a mim, no alto, lia-se em caracteres gregos: “Guarda as minhas ovelhas!” Tríplice ordem e tríplice pedido de amor do Bom Pastor glorioso ao seu representante. Palavra de despedida, incumbência e testamento a um tempo. Mas ficaria de pé o conteúdo desta palavra, até a nova vinda do Senhor? A resposta só pode ser afirmativa. A presença dela entre nós é certa, como é certa a presença do Senhor. Perguntou-me um amigo se eu acreditava na tal “história” da ressurreição. Creio, sim! — foi a minha resposta pronta.

Longo tempo esperou-se até o início do culto divino. Chegáramos assim com boa antecedência. Na vinda foi-nos dito que nas beatificações o Papa comparecia sòmente de tarde, ao passo que nas canonizações, mais solenes, já pela manhã. É lícito prestar culto aos bem-aventurados. A veneration dos santos constitui ação “proveitosa e salutar” em todo o grêmio da Igreja.



Atrás de mim, à esquerda, acomodava-se um grupo de franceses. Debaixo da tribuna tomavam assento italianos. Continuamente afluíam novos devotos. Vinham famílias romanas, monges e prelados trajando batina violácea. Ali um negro; acolá um sacerdote japonês. Os assentos do côro estavam revestidos de verde. Os que ficavam fronteiros a nós, eram reservados à "Pontificia Accademia delle Scienze", nome de um instituto científico pontifício. Uma paróquia do interior entrou pela direita. No estandarte lia-se: *Aprília*. As môças usavam véu branco. Denotava-se em muitas os traços da pobreza. O jovem sacerdote, de cabelo negro, teve de entender-se com o guarda, por questão de lugares. Ouviram-se suspiros de surpresa, quando o Padre fêz distribuir opúsculos que continham os traços biográficos e fisionômicos do nôvo bem-aventurado. Seguiram-se aclamações de júbilo. "Distribuere"! ordenou o sacerdote. Duas meninas, uma de côr morena, outra loura, puseram-se a distribuir os livrinhos. No semblante de todos espelhava-se franca alegria.

Daí a instantes, apareceram as autoridades eclesiásticas do Cabido de São Pedro. Depois, cinco Cardeais. Em seguida, o Arcebispo que devia cantar a Missa Solene. Fechando o cortejo, um Cardeal com longa cauda, o qual certamente representava o Papa ocupou lugar proeminente.

Tiveram início as cerimônias. Instantes depois, um prelado de São Pedro subiu ao púlpito e leu, em latim, o decreto da beatificação. Falou com dignidade, energia e expressão. Também o estilo do decreto, consignado em pergaminho de grande formato, amoldava-se perfeitamente à importância do conteúdo. Ouçamos a introdução do decreto:

*O Papa Pio XII,  
para perpétua memória*

*"Quis o Amor e a Bondade indizível de Deus que ao Bispo da Igreja de Roma e do Orbe fôsse dado acrescentar à legião dos bem-aventurados como primeiro (do Ano Santo) um varão de extraordinária projeção no campo do apostolado. Romano de nascimento — e isso tem de comum conosco — revelou-se romano no sentido pleno da palavra, por sua*

*fé inquebrantável, por sua caridade ardente e por um zêlo incontido em prol da salvação das almas. Mais do que os antepassados, esmerou-se em realizar e sofrer grandes coisas por Cristo e sua Igreja. Foi imitador e servo do Eterno e Sumo Sacerdote Jesus, merecendo ser proposto como modelo aos fiéis de todos os tempos. Na mais tenra idade nossos pais e preceptores Nos ensinaram a pronunciar com respeito o seu nome e a conhecer os seus feitos. Sinal não menos palpável da benignidade e humanidade divina é podermos proceder à beatificação solene do eminente Servo de Deus Vicente Pallotti, já no início dêste santo e universal Jubileu. Na sua proclamação temos repetidas vêzes externado o desejo pelo retôrno de todos os homens à casa do Pai Celeste e a esta Santa Cátedra de Pedro — pôrto único de salvação — como ainda pela extinção mais radical dos pecados da Humanidade. Em verdade, parece-Nos que êste venerável sacerdote, cujo jubileu de nascimento hoje comemoramos, figura hoje mais que em vida, entre os primeiros divulgadores e pregadores de penitência de um Ano Santo. Com mais insistência do que Nós, mesmô, conclama a todos os homens de tôda idade, estado e sexo, para esta Cidade Eterna, pátria comum da Cristandade, convidando-os a entrar pela Porta Santa como pela porta do céu. Foi êste o móvel que impeliu a vontade pertinaz e o zêlo constante do Servo de Deus, Vicente Pallotti, de quem já deixamos dito que é “glória e ornamento do clero romano”.*

Elevava a Deus fervorosas preces pela exaltação da Santa Igreja e pela preservação e triunfo do Representante de Cristo. Na mesma intenção ofereceu a Deus a sua vida repleta de virtudes e merecimentos. Ricamente munido dos dons da profecia e do discernimento dos espíritos, conduziu numerosas almas ao cume da perfeição, e conta-se que mesmo em vida operou muitos milagres. Na casa verdadeiramente pobre de San Salvatore, em Onda, colocou sólidos fundamentos para a sua Sociedade. Esgotada as fôrças, mais pelas tribulações e chamas de amor do que por enfermidade, adormeceu no Senhor altas horas da noite de 22 de janeiro de 1850.

Revestido ainda do corpo mortal, era já tido como santo. Tal prestígio cresceu de ponto logo após a morte. No decorrer dos anos, sua fama passou as fronteiras, principalmente depois que se haviam tornado conhecidos, em tôdas as esferas, os numerosos e notáveis milagres operados por sua intercessão. Daí o desejo cada vez mais veemente, primeiramente dos filhos espirituais, mas também dos sacerdotes e fiéis de Roma, de verem quanto antes Vicente Pallotti proposto, pela autoridade da Sé Apostólica, como seu modelo, e ornado com as insígnias dos santos”.

E agora delineiam-se, em breves pinceladas, os seus traços biográficos e os esforços que foram envidados para a sua beatificação, começados cem anos atrás e concluídos somente agora. O período final do decreto reza: *“Por isso permitimos, em virtude da autoridade apostólica a Nós conferida, que o venerável Servo de Deus Vicente Pallotti, fundador da Sociedade do Apostolado Católico, seja, doravante, consignado entre os bem-aventurados.*

*Dado em Roma, junto de São Pedro, sob o anel do pescador, aos 2 de janeiro do Ano Santo de 1950, undécimo do Nosso Pontificado. Pio XII, Papa”*

Terminada a leitura do decreto, foi descoberto o quadro do nôvo bem-aventurado à entrada da ábside da Glória de Bernini e claro como o sol, impunha-se à vista de todos. O bem-aventurado parece avançar sempre ao encontro da luz, os pés envolvidos em uma nuvem. Tem-se a impressão mais de um ajoelhar extático que de um lento progredir. A seu lado, dois anjos. Um dêles apresenta-lhe a cruz, com o corpo chagado de Cristo. O outro apresenta-lhe uma fita com a sua divisa: *Caritas Christi urget nos*. Num dado momento acenderam-se as luzes. O órgão desferiu acordes solenes, secundados pelas vozes jubilosas dos coros. O povo rompeu num frêmito de júbilo. Reboou pelo espaço o Te-Deum: *“Senhor Deus, a ti o louvor: Senhor Deus, a ti o reconhecimento; a ti, Pai eterno, o preito do universo. Os anjos e exércitos celestes, todos quantos Te são sujeitos, querubins e serafins, cantam sem cessar, em alta voz: Santo, santo, santo é o nosso Deus o Senhor Sabaoth”*. Foi como se o bem-aven-

turado abrisse os braços, para exclamar: eis que venho, Senhor, eu e os que me deste. Seus olhos despedem raios de amor. Tudo em consonância com o seu lema: A caridade de Cristo nos impele.

Missa solene. Sôa o Introito: *"O justo floresce como a palmeira, na plenitude da fôrça, como o cedro do Líbano, plantado na casa do Senhor. Para anunciar a tua misericórdia desde a manhã e tua fidelidade durante a noite. Bem-aventurado o homem que persevera na provação; pois quem tiver combatido com denôdo, receberá a coroa da vida. Aleluia"*. E a oração da Igreja: *"Senhor, atendei, propício, às súplicas que vcs dirigimos na solenidade dos vossos santos; e, desconfiando dos próprios méritos, logremos, por intercessão do vosso bem-aventurado, alcançar o vosso auxílio. Por Cristo, Senhor Nosso"*.

Será para a glória de Deus uma beatificação; por outra, será conforme à verdade e à justiça? Podemos seguramente confiar na justificação dêste beato? Eu ainda não suspeitava da descoberta que iria fazer na biografia do bem-aventurado, de volta à minha pátria. De feito, tive a satisfação de averiguar, na sua conduta, princípios aparentados com a terminologia reformatória dos evangélicos. "Nada é pecado", é a alcunha que se dava a si mesmo o bem-aventurado. No entanto, sua vida foi uma glorificação contínua de Deus e de sua onipotente graça.

Também em meios protestantes não falta uma espécie de beatificação. Assim, ouve-se pronunciar, com convicção, o nome do "beato Kolp", um dos nossos Padres de Wuertemberg. De modo semelhante, fala-se de muitos outros, homens de oração, de apostolado e pregação. Nossos Pais em Cristo temo-los em conta de "Mestres que resplandecem quais faróis do firmamento; que ensinaram a muitos o caminho da justiça, e luzem à maneira de estrêlas, por tôda a eternidade" (Daniel 12). Tais patronos evangélicos emprestaram o seu nome a não poucas igrejas evangélicas.

De acôrdo com a Confissão de Augsburgo, existe "um culto ou serviço dos santos". A Igreja assiste o direito de "propor" à nossa veneração aquêles que fulgiram como es-



trêlas da predileção divina e se revelaram como modelos de fé e de boas obras, a cada qual segundo o seu estado. Tal “proposta” ou “apresentação” verifica-se também na festividade de hoje. Anos a fio, um século inteiro, o beato tem de comprovar o seu “resplendor”. Também os fiéis tomam parte ativa, fornecendo as informações de suas experiências. Em última instância, a Igreja sela com o seu sinete o conjunto das informações. “Lede estas cartas de Cristo a vós endereçadas. Inspirem-vos aumento de fé em Cristo, a cada um segundo a idade, sexo, estado e carreira”. Foram elas como que um escol de testemunhos que, qual nuvem ou coluna de fogo, nos precedem, alumando a negrura e o deserto da nossa vida. Naturalmente, os Apóstolos e Evangelistas, ao redigirem os livros do Nôvo Testamento, só apontaram para Cristo, como a Luz única do mundo. Mas o Espírito Santo adverte às gerações vindouras, tomem a peito também est’outra palavra de Cristo: “Vós sois a luz do mundo”. “No passado éreis trevas mas agora sois luz no Senhor”.

Porventura a Igreja não apregoa o céu de Cristo habitado, luminoso e acessível? Se, como disse alguém de Lutero, “varrermos” do céu os seus habitantes, outros heróis, outras potências e dominações ocuparão o espaço vazio. Povoar-se-ão de ídolos os altares. O Estado reclamará para si direitos divinos e começam, então, a ser oferecidos sacrifícios abomináveis.

Durante o desenrolar das cerimônias, o sol sempre mais aclarava a basílica; os feixes de luz invadiam-na em profusão. A cúpula fulgia com o esplendor do sol a pino, num dia de céu azul. Era dia do Senhor.

Lá fora fervilhava o povo em festa. Que outra coisa poderia eu fazer, senão compartilhar da alegria dos filhos de Deus? Ao volver o olhar para a basílica, lobriguei, na parte frontal, por baixo da estátua do Senhor, outro quadro representando a entrada do bem-aventurado no céu. “Quem havia de ser o nosso penhor, o nosso gáudio ou a nossa coroa na glória? Quem senão vós?” “Sentar-vos-eis em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”. “E eu reparti com eles a glória que me deste’.

Só pelo meio-dia é que demos uma volta até a Via Casilina, para um breve descanso. Ainda no carro foram distribuídos os cartões de ingresso para a tarde. Aconteceu faltar um cartão, e quis a sorte que precisamente eu me visse privado dêle. Mas o organizador da romaria prometeu-me arranjar-lo e entregar-mo de tarde, na Praça de Pedro.

De tarde voltamos novamente à praça. O número de pessoas ultrapassava, em muito, ao da manhã. Aqui, os patrícios faceiros da cidade e do campo. Acolá, as legiões de peregrinos e a multidão infinda. Os noticiários para o dia seguinte falavam em quarenta mil, pouco mais ou menos. Vi nossos vinte e três grupos desapareceram rapidamente do cenário da praça em direção aos corredores laterais, que, por sua vez, davam para os lugares reservados no côro da assim chamada "Aula Benedictionis". Nosso chefe, porém, não aparecera. Procurei-o em tôda a parte; esquadrinhei todos os recantos da imensa praça. Debalde. Mas não haveria outro jeito de conseguir ingresso? Em tôda a parte estendiam-se cordões de isolamento para salvaguardar a ordem. Encaminei-me, novamente, para o lugar destinado aos automóveis no extremo leste da praça, nas imediações da assim chamada "fontezinha do Papa". Mas também aqui, nem vestígio do chefe! Encontrava-me, agora, à saída da praça. Tudo quanto acontece, disse de mim para comigo, de Deus somente pode provir. E esta ocorrência, a que vinha ela? Tratei de associar-me às famílias italianas, compostas de jovens e de velhos, desde as crianças de peito aos avós encanecidos, numa promiscuidade encantadora, e que estavam a tomar banho de sol junto aos degraus das colunatas, que ali terminavam.

Voltei sobre os meus passos em demanda da igreja, onde o último dos agrupamentos escalava os degraus. Enfie-me no meio dêle. Dentro em pouco, porém, o guarda, postado à esquerda, deu-me voz de parar. Não dei atenção. Outro chamado, mais severo. Acalmou-se, no entanto, e, pespegando-me leve sóco no cotovelo, deixou-me passar. Também no interior da basílica fazia-se preciso o cartão, para se chegar a um dos retângulos da nave central, que, demarcados e pro-

vidos de bancos, ofereciam vista franca aos expectadores. Quem não tivesse cartão, só lhe restava conservar-se por detrás dos pilares descomunais, ou em uma das naves laterais, apinhadas de gente.

Quase todos se esforçavam para chegar até às linhas do retângulo para daí avistarem a Confessio e apreciarem a entrada do Papa. O retângulo, estava apenas regularmente tomado. Os felizardos que tinham cartão estendiam-no conforme uso generalizado aos menos favorecidos da sorte, do outro lado da barreira. Os guardas limitavam-se, propositadamente, ao contróle essencial. Os soldados saltavam por cima dos cordões. Pobre da senhora postada junto a mim, que não tinha quem lhe valesse! Por meio de gestos, signifiquei-lhe solicitasse um cartão. Deu-me a entender que todos os esforços nesse sentido tinham sido baldados; que as mais jovens lhe haviam passado pela frente. Tornei a falar-lhe: que tentasse mais uma vez. Não tardou que uma pessoa caridosa lhe alcançasse o seu cartão. Abriu passagem para o fundo e, daí a uns instantes, acenava-me faceira, do assento cômodo que obtivera. Tôda vez que os guardas voltavam as costas, alguns moços aproveitavam a ocasião de se infiltrarem. Só um dos presentes conservava-se imóvel. Tratava-se de um personagem louro, de aparência inteligente e fidalga. Que motivos o teriam levado a parar com a sua jovem espôsa neste lugar obscuro?

Neste ínterim, as trombetas anunciavam a chegada do Papa. Os que ocupavam assentos puseram-se de pé, em cima dos bancos, não obstante tôda a visão, de sorte que não havia esperança de vermos o Papa, mesmo no caso que o levassem na sédia gestatória. Acrescia que muitos levantavam os braços, acenando. Houve intensa vibração. A esta altura o Papa devia achar-se paralelo a nós. Cheguei mesmo a vê-lo um instante através de pequena fresta. O entusiasmo subiu ao auge, contagiando a todos. Nisso, o nórdico, a que me referi, disse à mulher: "Tolices como estas, já as conhecemos de sobejo". Ao que esta, após breve intervalo, anuiu: "Vamos embora!" E abandonaram a igreja. Só porque me encontrava perto dêles, pude entender o que diziam. Ninguém mais

o percebera. Não o levei à má parte. Tempos houve em que eu tivera impressões idênticas.

Também eu abria agora caminho por entre a massa, porém para a frente. Procurava adiantar-me tanto, através da nave esquerda, que pudesse enxergar o côro. Cânticos an-gélicos repercutiam no espaço. Adiantar-me mais não era possível. Pelo que, nada pude ver das cerimônias litúrgicas. A multidão, em situação análoga, não se impacientava. Não era a primeira nem a única vez que presenciava tais soleni-dades. Ademais, não estavam todos êles incluídos nesta co-munhão festiva? Os coros, os hinos, as preces e, na retirada, a bênção do Santo Padre, tocavam a todos.

Saímos. O crepúsculo que já se fazia anunciar, trans-formou-se, brevemente, em noite fechada. Na proximidade do obelisco viam-se grupos de homens. Alongavam o olhar para o alto do Vaticano, em cujos compartimentos ainda rei-nava a escuridão. Já o Papa devia ter chegado ao seu gabi-nete de trabalho. Com efeito: aclararam-se os vitrais. Vi-braram as aclamações. Instantes depois removeram-se as cortinas. O Papa repontou à janela e deitou a bênção ao povo. Quando abriu de par em par os braços, com carinho de pai, vieram-me à lembrança as feições angustiadas de um homem na flor da idade, que eu vira antes da minha parti-da, e a quem a guerra levava os dois braços. Não mais se me varrera da memória o olhar dêsse homem. Pergunto angus-tiado: quem fará com que os filhos da minha terra compre-endam o valor transcendental de suas provações?

O Papa torna ao seu quarto de trabalho. A multidão dissolve-se meditativa. Ricamente iluminada, sobreeleva-se a cúpula. No cimo, num esbanjamento de luz, refulge o cru-zeiro. Nas profundezas do firmamento, a lua crescente. E, para completar a multiplicidade de impressões desta noite, o murmúrio das fontes a nos embalar os ouvidos.



## Visitando a Cidade Eterna

Ontem, na volta da basílica, à tarde e no restante do dia, os peregrinos estiveram radiantes. Tinham presenciado de perto as cerimônias litúrgicas do Santo Padre. Eis, em breves linhas, o que se passou:

Depois que o Papa com o seu cortejo de dez Cardeais, de Bispos e Geraís das diversas Ordens, atravessara a nave central, em direção ao côro, encaminhou-se para o altar da ábside, onde se pôs de joelhos. Neste intervalo a Capela Júlia cantou o "*Ó salutáris hóstia*". Um dos Cardeais procedeu à Exposição do Santíssimo e alcançou ao Papa o turíbulo, para que oferecesse incenso ao Senhor.

O canto e oração seguintes eram já dirigidos ao nôvo bem-aventurado. Os cantores entoaram o "*Iste Confessor*", cujas palavras iniciais soam: "Este Confessor, a Deus consagrado e santo...", terminando num louvor à Santíssima Trindade. A seguir, ouviu-se a voz do S. Padre. Pela primeira vez, em oração oficial dirigida ao bem-aventurado, suplicou a Deus onipotente e misericordioso, se dignasse suscitar em nós sentimentos iguais de fé e caridade, por Cristo Senhor Nosso.

Novamente o incenso ascendia em voluteios espiralados. Um Arcebispo lançou a todos a bênção eucarística. Em seguida, como desfecho, os superiores dos palotinos presentearam o Papa, como é de praxe, com o quadro e a biografia do nôvo beato. Também os outros que se achavam mais próximos foram contemplados. O Papa tornou a orar uns instantes e depois tomou a direção da nave central.

De noite, nova alegria transbordante veio juntar-se às demais. Oferecia-se aos peregrinos oportunidade de excursionar a Nápoles. Quem preferisse ficar na metrópole, poderia visitar os museus do Vaticano. Havia também convite, da parte dos palotinos, para assistirem aos festejos finais em homenagem ao nôvo bem-aventurado. Já nos dias anteriores, porém, tivéramos ocasião de admirar a moradia e capela do beatificado bem como seus restos mortais, depositados num relicário. Nossos jovens estudantes preferiram, naturalmente, Nápoles e Cápri.

Era por volta das duas ou três horas da madrugada dessa segunda-feira, que uma grande parte dos peregrinos fêz-se de partida. Tencionávamos sorver ainda os ares puros e gozar da quietude matinal. Na hora costumeira acendi a luz do nosso cantinho e peguei do livrinho de Máximas. *"Diz o Senhor: Não hei de desmanchar a minha aliança, nem modificar as palavras que saíram da minha boca. Temos certeza que o Filho de Deus veio ter conosco e nos deu a faculdade de conhecer aquele que é a Verdade, em Jesus Cristo, seu Filho. Sim, Ele só é o Deus verdadeiro e a vida eterna"*.

Uma vez que o horário, nesse dia, ficava à escolha do romeiro, decidi procurar os ares puros do campo. Associar-me-ia aos companheiros até o Tibre e depois prosseguiria a sós para os campos. Um dos companheiros, rememorando as cerimônias do dia anterior, presididas pelo Papa, disse, já dentro do ônibus: "Estando presente "a Rocha", não falta mais nada". Foi a primeira vez que ouvi a um católico chamar o Papa de "Rocha".

Alcançamos o Tibre. A pequena distância ficava a Igreja San Salvatore em Onda. Se me era indispensável ligar a cada dia a sua máxima, espelho da Bíblia, tornara-se-me, igualmente, indispensável juntar-me à Comunidade para o Sacrifício de Jesus Cristo. Senti-me compelido a "partilhar do pão oferecido desde os primórdios do cristianismo. (Atos 2, 42), ainda que à distância, da porta.

Hora da Santa Missa. Qual a oferenda que os fiéis colocam na patena, durante o Sacrifício? Pude observá-lo ao assistir a uma Missa da Juventude Católica. Cada assistente

depositava sôbre o prato sacrificial uma hóstia, pãozinho êsse que simbolizava a doação da própria pessoa. Sôbre as hóstias pronuncia Cristo, por bôca do sacerdote, a palavra da Consagração — mistério de fé — convertendo o pão no seu próprio Corpo; o Corpo do Senhor, transformado por virtude do Espírito Santo, em uma nova maneira de existir. “O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do Corpo de Cristo?” Eis como a Espôsa de Cristo se oferece ao Senhor, o qual, por seu turno, a estreita a si, apagando-lhe as rugas, para, juntos, comparecerem à presença do Pai.

Graça inaudita da Trindade Santa, penhor da nova criação do céu e da terra, preço da vida celestial!

Custou-me atinar com o significado do versículo de hoje. Não obstante, uma coisa pareceu-me clara. Quando o Senhor diz que Ele não quer violar a aliança, então percebemos que nós a violamos. As deficiências na História da Igreja, quer no Antigo, quer no Nôvo Testamento, só as podemos atribuir às nossas infidelidades. E se ponderarmos os pecados dos supremos chefes que governaram a Igreja antes da Reforma, devemos dizer que também a êles cabe bater no peito e excluir: “Senhor, foram os meus pecados que Te feriram”. De outra parte, quem ousasse afirmar que Deus tem repudiado a Igreja antiga, i. é, a Comunidade dos primeiros tempos, acoimaria a Deus de ter quebrado a aliança e modificado as palavras saídas de sua bôca. Mas, suposto que tivesse, realmente, rejeitado a Igreja construída sôbre a Rocha, que dizer então da nossa? Será esta mais capacitada de aliança, mais digna de aliança? Quem o opinasse que do Século XVI em diante Deus haja selado novas alianças com as diversas seitas reformatórias, disseminadas pelo mundo afora, sob 156 denominações, digo, quem tal opinasse, imputaria a Deus a pecha de infidelidade para com a Nova Aliança.

Neste caso, porém, os homens não teriam mais ânimo de encerrar a História sob o signo de Cristo, mas poriam em dúvida a Verdade e até mesmo a veracidade do próprio Deus.

Esta cristandade cindida e esfacelada reduziu a uma “mentira”, perante o mundo, a única Verdade revelada. É justo, pois, que nós, as 156 Comunidades, num movimento

uniforme de retôrno, dobremos nossa cerviz à palavra do Filho de Deus, que nos deu a nós "irmãos" outro "irmão", para que nos alentasse a todos depois de sua conversão (Lc 22, 31 e 32). Deixemos que o VERBO opere, livremente, em nossas almas, para, dessa maneira, tornarmos à verdadeira unidade da Igreja: unidade na fé e na caridade, no partir do pão e na oração (Atos 2, 42), ressalvando-se, contudo, a multiplicidade, aprovada por Deus em questões atinentes ao culto divino, à Teologia e ao Direito Canônico. Esta união das Comunidades, uma só rêde — na expressão de João 21 — poderá entrar corajosamente na arena e gritar a todos os povos: "Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu o espírito do discernimento para conhecermos o verdadeiro Deus. Estamos com o verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. É Ele o Deus verdadeiro e a vida eterna".

Resolvemos visitar os museus do Vaticano. Caminhando ao longo da Muralha Leonina que fixa os limites do Vaticano, meus olhos não se fartavam de admirar as belas formas do seu perfil. Enquanto aguardávamos, à entrada, o nosso chefe, não escapei à tentação de bosquejar-lhe os contornos. No entanto, não veio, mas mandou um substituto, porque no dia anterior caíra doente. Compreendi, então, o motivo de não me ter trazido o cartão. Passamos os umbrais da porta que abre para os *Musei Vaticani*, no alto da qual figuravam, como braço, as chaves de Pedro e, esculpidos na pedra, os nomes de Miguelângelo e Rafael.

Haviam-me feito também esta objeção: que serventia têm para o Papa essas obras de arte? Tratei do assunto em amistosa discussão com os companheiros. Não tardei em receber os devidos esclarecimentos. Não há motivo de escândalo nestas coleções de obras de arte na casa de Pedro. Não são também elas dádivas do Pai Celeste? Ora, o Senhor deseja apenas que recebamos com sentimentos de gratidão os seus dons e que os empregemos para acudir às necessidades do próximo. Requer que nos sirvamos dos mesmos como de empréstimo e que o espírito esteja sempre pronto a devolvê-los e a sacrificá-los. Primeiro na frente do portal, depois já dentro ao subir a escada do caracol, foi-me dado compreen-



der que todos êstes acontecimentos e impressões serviam unicamente para realizar com mais perfeição o objetivo primordial e exclusivo de minha viagem a Roma.

As múltiplas manifestações do belo outra coisa não são que referência a Deus, resplendor d'Aquêlê que os discípulos tiveram a dita de ouvir, de olhar, de fitar, de apalpar: a palavra da Vida. Os escultores, à porfia, puseram-se e enaltecer o Filho de Deus e o Filho do Homem. Suas obras atestam a Encarnação do Verbo e permitem um tênue vislumbre da futura visão beatífica de Deus, do Senhor Jesus e de tôda a côrte celestial. Por meio destas obras de arte, o Bom Samaritano ministra à Humanidade atribulada um pouquinho de bálsamo e de vinho e lhe oferece um pouso hospitaleiro. — A fonte última de todos êstes testemunhos foi o “fiat” da palavra divina e sua aliança para com os homens. Imagens que são de Deus, os filhos inspiraram-se nas obras do Pai e as imitaram.

Até mesmo a rápida visita feita à Capela Sistina, reverteu-me em benefício. É a capela em que se procede às eleições dos Papas. A vista das pinturas de Miguelângelo, desde a Criação ao Juízo Final, congregam-se os Cardeais, os setenta entre as nações (4 Moisés 11, 17; Lc 10,1, para a eleição. Celebra-se nesse lugar a Missa do Espírito Santo, para que Ele se digne iluminar os eleitores. Ao pé do altar, o nôvo eleito presta seu juramento, recitando o Credo. Através das atas dessas eleições transparece todo o histórico das pugnas travadas pela Igreja em favor de sua liberdade. Transparecem, principalmente, as lutas contra a intromissão de potências estranhas e os esforços continuados da mesma Igreja para alcançar uma direção correspondente à sua natureza e objetivos. (Vicente Pallotti fez um apêlo para que os fiéis pedissem com instância “a eleição de um Papa segundo o agrado de Deus, e não apenas segundo a permissão de Deus”).

Por mais que tivesse feito anteriormente estudos sôbre as obras da Capela Sistina, tive agora a impressão de que nunca as vira. Sòmente aqui, in loco, percebi que no quadro do Último Juízo Maria se apoia em seu Filho. *Maria intercede*

*pela Igreja*, pelos filhos de Deus, unidos na Fé. Jamais eu o aprendera tão claramente: o pecado nos torna raquíticos e provoca uma união malsã entre os homens. O “afastai-vos de mim” parece sacudir todos êsses corpos como que arrebanhados pelas fúrias do fanatismo de ideologias errôneas. Blasfemaram contra Deus e profanaram sua imagem. Para nós ainda existe o tempo da misericórdia. Ainda existe! Ninguém tenha em pouca conta a graça que se lhe oferece em resgate. Alguém me indigitou uma pobre alma que, prestes a mergulhar, consegue agarrar-se à fraca corrente do Rosário e assim guindar-se às alturas...

Em seguida dirigimo-nos ao Apartamento Borgia, quero dizer, aos aposentos do Papa Alexandre VI (1492-1503). Êstes apartamentos são realmente 'paradisíacos'. Os afrescos das paredes e tetos exprimem como que um hino uníssono da graça e magnificência divina, Infelizmente, o Papa da Família dos Bórgia, segundo dados católicos, tornou ainda mais precária a posição da Igreja. Foram épocas de humilhação e de opróbrios para a Cadeira de Pedro. É verdade, o Papa não se desviou em questões atinentes à doutrina, o que é impossível, uma vez que o Senhor ora “para que a fé de Pedro não sossobre”. Porém sua conduta pessoal converteu-se em ludíbrio para Cristo. O Papa aprovou a sentença capital decretada, pelos florentinos, contra Savonarola, o profeta. Savonarola não negara poder e autoridade à Rocha como tal; apenas repudiara como indigno aquêle que então era o detentor do poder na Igreja. Quando, em março de 1498, proferiu a sua última prática, disse: desde que falharam os poderes eclesiásticos, só me resta recorrer ao próprio Cristo, princípio perene e móvel supremo, para lhe dizer: “Dora em diante serás Tu só meu superior, meu pastor, meu Bispo e meu Papa”. E, concluindo: “Não se pense, todavia, que eu queira diminuir a autoridade da Igreja; ao contrário, defendo-a, confirmo-a, sublimo-a”.

Deus não quis fôsse Borgia destituído do poder a instâncias tão sòmente do profeta e monge Savonarola. O profeta teve que morrer. Mas já então outro monge vivia: Martinho Lutero. Dez Papas daqueles tempos turvos — no dizer

de afamado pesquisador católico — tinham enegrecido, ou pelo menos obscurecido, o retrato original do Bom Pastor. Soara a hora da prestação de contas. Deus fulminou dura sentença contra a sua Casa. Mas foi por ela que o Senhor reafirmou a sua aliança. Não modificou a sua palavra com referência à estrutura da Igreja, ao invés, ratificou-a. Nós, porém nos condenamos por nossa própria bôca. Ouçamos as palavras textuais dos Padres de Augsburg: *“Se bem que to- pemos neste mundo com cristãos falsos e hipócritas e peca- dores públicos em não pequeno número, nem por isso os sa- cramentos perdem algo de sua vitalidade interna, ainda no caso de os sacerdotes, dispensadores dos mesmos, darem mos- tra de pouca piedade. Comprovam-no, à sociedade, as pala- vras aduzidas por Mateus 23: Na cadeira de Moisés senta- ram-se os escribas e fariseus, etc.”*... Lutero remata o pen- samento nestes têrmos: *“Não obstante as desordens da ci- dade de Roma, piores que as de Sodoma, ainda assim per- manecem de pé o batismo, a pregação do Evangelho, a leitu- ra a serviço do culto, a Sagrada Escritura, os poderes, o nome de Cristo e o nome de Deus. Ainda é santa a Igreja de Roma, porque nimba-lhe a frente o nome de Deus e ainda lhe resta o batismo e a palavra divina”*. Portanto, Lutero tolera os poderes! Exclui sômente um dêles. Mas êste abarca todos os mais: o poder de Pedro. *“Deus aniquilou o Papa”*. Mas que com isso deitava por terra todos os poderes secun- dários que, quais juntas ou correntes, ligam entre si os membros do Corpo de Cristo (Efésios 4); por outra: que com isso reduzia a nada a soberania de Cristo redivivo sôbre o mundo — nisso não reparava Lutero. Que importa? Outros vieram completar a obra começada. Porém ninguém lhes atire pedras, a êles que beiraram o abismo do nada. Não po- deria suceder de outra maneira, sendo que Deus, por seu Filho, de acôrdo com as Escrituras, dá firmeza à comunida- de humana apenas em Cefas.

Para concebermos uma idéia clara do que seja a verda- deira Comunidade, atentemos para o afresco arrebatador da “Disputa” de Rafael. No primeiro plano salienta-se a Igreja militante a discutir sôbre a Fé: são os Papas e Bispos,



os Doutores da Igreja e toda uma legião de discípulos enviados para dilatar o Reino de Deus. Todos eles estão em volta de um só altar. No alto do altar, na custódia, resplandece como hóstia de imolação o Corpo do Senhor. Sim, Ele mesmo em holocausto; Ele, o Medianeiro entre Deus e os homens, que liga a terra ao céu. Em plano mais alto, a Igreja triunfante que se associara ao Sacrifício de Cristo e por meio d'Ele colhera o triunfo final. Ei-la agora reunida em torno da Trindade Santa. A esquerda do Senhor: João Batista; à direita, Maria; em roda, os Apóstolos e Pedro, todos os santos e os coros de anjos. Que quadro significativo! Os mistérios, o Sacrifício do Altar, os santos — instrumentos êsses pelos quais o Senhor governa a Igreja na terra. Porquanto Cristo diz: "Como o Pai me enviou, assim vos envio a vós". "Fazei isto em memória de mim". "Quem crer em mim, fará as obras que eu faço, e fará obras ainda maiores do que estas; porque eu volto ao Pai (Jo 20, Lc 22, Jo 14)."

Já os demais romeiros haviam passado a outras salas, e eu ainda a admirar a tão instrutiva quão maravilhosa obra de Rafael! Sim, esta foi a fisionomia da Igreja desde o princípio. Esta é a palavra de Cristo acêrca da edificação de sua Igreja no seu sentido concreto. Eis a realização das promessas d'Ele. É assim que a Igreja o exprime, sempre que, com voz heráldica, anuncia a boa nova. É assim que a Espôsa dos Cantares vai ao encontro do Cristo que volta. É assim que o povo de Deus transforma a terra em campo de Cristo, campo êsse que os mansos irão possuir. Rejuvenesce sem parar a Comunidade, do que dão prova os jovens que figuram no quadro.

Que mais dizer dos outros testemunhos? Focalizemos apenas um: no quadro da batalha de Constantino, travada nas proximidades da ponte Mílvia, aparece o pagão Maxêncio, em toda a sua imponência e lealdade, ainda mesmo no declínio de sua boa estrêla. "Por êste sinal", porém, havemos de vencer.

Descemos à galeria dos antigos. Também César, o estadista modelo, e César Augusto, seu herdeiro, não passavam de figuras pálidas de Cristo, o Messias, e, como tal, o Prín-



cipe dos reis da terra (Apoc 1). Uma das tarefas mais importantes de que o Dominador Supremo incumbiu os seus, na categoria de ministros, é esta do Santo Padre: assegurar, perante as nações, os direitos da justiça divina, em defesa da paz entre os povos. “Opus justitiae pax”, “a paz é fruto da justiça”, reza a divisa de Pio XII.

Tudo quanto pudemos observar, ainda que de passagem, serve para corroborar a palavra de Paulo: “Tudo é vosso. Pelo que, ninguém se glorie de alguma criatura. Tudo é vosso: Paulo e Apolo, Cefas e o Orbe, o presente e o porvir — sim, *tudo*, é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus”.

A última tarde passada em Roma não tinha programa fixo. Só pela noite deveríamos comparecer em determinada igreja, para o último encontro. Procurei gravar na memória o nome da igreja, que se chamava, se bem me lembro, Sant'Andrea della Valle, consagrada ao Apóstolo. S. André. Servindo-me do pequeno “Guia da Cidade” que trazia, julgava acertar com ela. Entretanto, pus-me a divagar pelos diversos quadrantes da cidade, junto à curva do Tibre. Vi muitos homens robustos, sem emprêgo. Gente nos pátios internos. Escolares e homens de negócio. Quantos rostos bem talhados e de expressão simpática! Não cheguei a jogar num poço romano uma moeda, condição essa requerida para quem deseja voltar. Antes fêz-me voltar sôbre os meus passos outra ocorrência. Na Igreja de São Bartolomeu, na ilha do Tibre, um homem velho pedira-me, tácitamente, uma esmola. Só mais tarde compreendi o pedido, feito com tanta modéstia. Quando voltei, não encontrei mais o bom do velhinho.

Ao descansar no outeiro Gianicolo, reparei, súbitamente, que me havia retardado e não chegaria a tempo para a festa de encerramento. Tampouco me recordava exatamente do nome e local da igreja. A festa deveria ser em honra do nôvo beato. Para reparar o meu não-comparecimento, transcrevo aqui algumas frases suas, quais as encontrei mais tarde:

“Senhor Jesus, dá que eu desapareça, e ocupa o meu lugar!”

“A vida de Jesus Cristo se identifique com todo o meu pensar e querer; seja o ornamento de minha alma. A oração da Igreja de Cristo seja a minha oração; a fala de Cristo, minha fala; o amor de Cristo, meu amor; a piedade filial de Jesus a Maria, minha piedade filial para com ela”.

“O apostolado (serviço de testemunho por Cristo) é ao mesmo tempo santificação própria, e esta deve ser apostolado. Mas o apostolado resume-se nisto: construir, com esplendor e firmeza cada vez mais intensos, no mundo inteiro, o Reinado poderoso mas desinteressado, humilde mas caloroso do Amor de Cristo. Isso, porém, se dará sem indícios de amor próprio e sem alarde, sem lamúrias nem proveito pessoal ou lisonja, mas tão somente em nome e por amor de Jesus Cristo”.

“Sofres alguma enfermidade? — Eis o teu apostolado”.

“És mãe de família? será, pois, o teu apostolado a educação dos filhos. Tua profissão é a de negociante que tem de lidar com grandes somas? Graças a Deus, precisamos das tuas sobras para a boa imprensa e as obras de caridade. Trihaste as veredas do pecado? A experiência adquirida servir-te-á para reconduzir em número maior as ovelhas tresmalhadas. Estás sobrecarregado de trabalhos? Ainda assim acharás tempo para o apostolado da oração”.

“O pregador tenha sempre em mira que Cristo mesmo pregue por seu intermédio”.

“Dá que eu sofra no intuito de amar-Te unicamente a Ti, que és digno de amor infinito. Dá que eu sofra sem esperança de prêmio ou de compensação. Ofereço-Te todo o amor e todos os sofrimentos da Paixão de Jesus Cristo, com que quero amar-Te e sofrer por Ti”.

“Exalta-Te a Ti mesmo na Tua glória eterna e cobre-me a mim de opróbrios, de penas, de tormentos e de insultos, que isto me basta”.

“Quem és Tu, meu Deus?” pergunta êle. E ao proster-nar-se em adoração, ouve de todos os lados esta voz: “Deus é infinitamente amável e inconcebivelmente misericordioso. E eu, quem sou eu no teu conspêto, Senhor? A resposta não se faz esperar: O que és, sou-o em ti; e o que se encon-

tra em ti que não seja Eu, não passa de nada, de pecado, de miséria, de imundície e de tôda a sorte de maldades”.

“Meu Deus, quisera dizer-Te uma palavra. Mas não dê fé às minhas palavras. Nunca as tenho cumprido. Sempre tenho sido prevaricador. Entretanto, Deus meu, a palavra que eu quisera confiar-Te é esta: que eu saiba corresponder às loucuras do Teu amor”.

As últimas anotações que lhe fluíram da pena, rezam assim: “Ó amor sem praias, permite que Te ame sem medida, que Te ame, ó sim, que Te ame, ó misericórdia sem par!”

## De Roma a Assis

“Louvarei ao nome do Senhor. A Deus sòmente se dê glória!”

“Louvai ao Senhor todos os que lhe dais honra. Cantemos alegres o seu nome e depositemos o nosso preito e gratidão por sôbre o altar. Louvores ao Senhor!

Temos *um* só Deus: o Pai de quem são tôdas as coisas e nós somos d’Ele; um só Senhor, que é Jesus Cristo, pelo qual tôdas as coisas foram criadas, e nós também”.

Pela última vez fiz a minha devoção num canto do salão branco da Via Casilina, na Casa-mãe das Irmãs da Divina Misericórdia. “Depositar no seu altar”... Sim, é êste o *único* altar do *único* Sacrifício, e que completa, no céu e na terra, *uma* só Comunhão. Poderoso é o nome do Senhor. Pode imprimir, se lhe apraz, tão incisivamente em nossas almas o gume da Verdade que já não descobrimos argumentos para rebatê-la. Esta Comunidade *reconciliada e unificada* saberá engrandecer a Deus de maneira inteiramente nova.

Permita-me, irmão católico, uma pergunta: quais, a seu ver, os erros contidos no livrinho de Máximas da Comunidade dos Irmãos? Estou certo que êstes cânticos novos brotados da Reforma, evangelho cantado aos ouvidos do povo na língua materna, levam o sêlo da Verdade. Foi por isso que muitos católicos não receiaram inseri-los no depósito da Santa Igreja e já vêm aparecendo, em parte, nos livros de canto romano-católicos. Também é verdade que em nosso país os irmãos ainda separados, os católicos e os protestantes, já lêem cotidianamente a palavra de Deus através da mesma Bíblia. A palavra de Deus e a resposta dos cristãos



pelo canto, simultâneamente aceita e oferecida, é um toque de reunir tão forte para os separados, que já excede o limite de obra meramente humana. Encerra o “sim” de irmão para irmão e facilita o nosso livre assentimento ao Evangelho integral.

“Eternamente separados!” — Esta sentença circulou largo tempo como legado de Lutero, em oposição à Comunidade que lhe dispensara o Batismo, que lhe recebera o juramento de profissão e lhe pusera à disposição a Bíblia. Eternamente separados! — que consequências teve êste grito em relação ao Corpo de Cristo na terra? Ah! por que ainda espantar-nos dos juízos irosos de Deus? Do fratricídio cristão? Do extermínio mútuo dos homens? Cada hora da romaria mostrava-me a distância que ainda nos separa uns dos outros. De uma parte, as lacunas da nossa doutrina protestante em matéria de Bíblia; de outra, a divergência em terminologia e linguagem, em afirmações doutrinárias comuns a ambos, de sorte que uma não entende à outra. Finalmente, e isto é o ponto mais doloroso, o vivermos em separado os mesmos valores e instituições, de modo que até o nosso depósito de verdades, em vez de constituir um tesouro, converteu-se em empecilho, em muralha e em cêrca farpada, com detrimento da verdadeira unidade. Ainda assim cremos que “Ele consolidará a paz, Ele que *uniu* os dois e quebrou a cêrca que os separava. Ele que, encarnando-se, amainou o furor da discórdia (Efésios 2).

Meu companheiro, o artífice, é amante da ordem e de uma precaução extrema. Acaba de empacotar as lembranças e presentes para a espôsa e filhos. A mala e pasta aí estão prontinhas para a viagem. Comunicou-me que iria à capela. Depois de uns instantes seguiu-me o exemplo, indo assistir à Missa de despedida. A hora da última refeição, na sala de jantar, houve calorosos discursos de agradecimentos as joviais e incansáveis Irmãs. Mais uma vez a superiora supervisionou inteligente e atentamente o seu pessoal. Outros grupos de romeiros haveriam de albergar-se nesse mosteiro.

O carro levou-nos à Estação de Trastévere. Meus olhos incidiram no Fórum e no Coliseu. A manhã estava ensolara-

da. Cobriam entretanto o céu anilado algumas listras de nuvens. Esperamos longo tempo na gare. Nem por isso nos aborrecemos. Quisérámos fixar uma vez para sempre em nossas retinas as impressões colhidas, ainda que de momento os nossos olhos não descobrissem senão alguns pinheiros isolados ou alguma agave fronteira às fachadas nuas daqueles edifícios de arrabalde.

Seguiram-se abraços e adeuses dos amigos italianos que haviam acorrido e aos quais “devíamos as horas agradáveis passadas em Roma”. Embarcamos. Os romeiros entoaram, com nôvo ânimo, os seus hinos religiosos. O comboio todo se converteu num único louvor ao Criador. E assim deixamos a Estação Trastévere.

Atravessando a ponte do Tibre, entramos na Estação de Óstia, Stazione Ostiense. Deitei um derradeiro olhar à pirâmide de Céstio, junto à Porta de Santo Paolo, defronte ao cemitério protestante. Seguiu-se mais uma parada bastante longa. Nublara-se o céu. Mas, súbitamente, o sol abriu passagem por entre as nuvens, agora mais densas. Finalmente partíamos. Estávamos acomodados nos mesmos assentos da vinda. O pároco e as duas damas da Prússia Oriental saudaram-me efusivamente. Seguidamente nos havíamos encontrado em Roma nesses seis dias e trocáramos acenos ou mesmo algumas palavras amistosas. Mas eu sentia agora um prazer todo especial em rever os três companheiros. Convidaram-me várias vêzes para tomar assento junto a êles, o que fiz de bom grado.

Cruzamos o vale do Tibre, em direção a Assis. Faltam-me palavras para expressar o enlêvo que senti nessas paisagens amenas e garridas. Aqui, sorrisos de primavera, côres nas mais variadas tonalidades, vinhedos e olivais; acolá, muitas vêzes em posição arriscada por cima de rochedos alcantilados, o espetáculo de uma aldeia ou cidade. De quando em quando o Tibre enviava-nos o reflexo de suas águas. Os olhos não se saciavam de admirar. Meus companheiros, como aliás em todo o trajeto, procuravam fixar na fotografia e no diário o maior número possível de imagens.

Neste instante, caíu o meu olhar sôbre o nosso estudante. Já outras vêzes havia eu palestrado com êle na paltaforma. Congratulei-me com êle pela sorte que tivera de, com apenas 17 anos, apreciar maravilhas de tal quilate. Quisera que meus irmãos e irmãs ouvissem as palestras dos peregrinos que eu, sem pròpriamente querer, tive ocasião de ouvir. Eram sempre imparciais e desambaraçados, sem receio de interpretações malévolas. Só poucas vêzes o assunto de alguns do nosso vagão versou sôbre não-católicos. “Também os protestantes têm em aprêço a Francisco de Assis”, lembrou alguém. Outra feita, contou-se de uma senhora protestante que, depois de ter visto o Papa rezar a Missa, teria dito que desde então sabia por que os protestantes se vêm agora na obrigação de tomar uma decisão. Sim, forçoso é tomar uma decisão! No que respeita a mim, a palavra de Cristo sôbre a Rocha já me vencera e subjugara. A minha sorte estava lançada. Encontrava-me agora no meio da liça, a fim de levar a têrmo a questão, também para os que me foram confiados.

Desfilavam ante os nossos olhos povoações montanhosas, tugúrios, rebanhos, alternando sempre com as águas frescas e recém-nascidas do Tibre. Repontavam montanhas cada vez mais elevadas, algumas delas cobertas de neve. Espirando o olhar, acudiam-me à lembrança as cruzadas dos imperadores alemães, vencendo as distâncias daquela paragens. Rememorava, outrossim, as antigas desavenças das cidades entre si, e das facções e combates travados entre Papas e imperadores. Quando raiará o dia em que terá fim êste drama histórico, repleto de desenganos, mas também de façanhas gloriosas? Quando saberemos perceber-lhe as vantagens e canalizá-las para o nosso proveito? Se tivermos presente que é a mão benfazeja de Deus que dirige os destinos da História; que Cristo, ao traçar o seu plano de construção, teve em mira a união de todos os povos e indivíduos; que nós, seus cooperadores, muita vez não passamos de serventes pouco hábeis ou mesmo ignorantes, a ponto de o Senhor ter que derrubar nossos edifícios falhos, ou endireitar a disposição das pedras; — se tivermos em conta tudo isso, não há



por que duvidar do sentido, meta e rumo da História. Sua lei fundamental resume-se no sacrifício. Associar-nos ao sacrifício é o mesmo que ter parte nos seus triunfos.

Engulindo distâncias, deixamos atrás o vale tiberino. Fizemos alto em Térni, para tomar uns goles de ar puro e apreciar o colorido do cenário. Ali, uma quinta circundada de ciprestes; além, o cimo de montanhas branqueadas de neve e outras, de terreno calcáreo, cobertas de vegetação eternamente verde. Reinaria pobreza no meio dos campônios dessas montanhas? Aliás, é conhecido que a Itália não possui recursos suficientes para alimentar a sua crescente população. A nação restaurada e enraizada em Cristo deveria poder aplicar-se a pergunta de Jesus: sofrestes acaso alguma penúria? e a resposta correspondente: nenhuma, Senhor.

Tornou-se visível a cúpula da Catedral de Spoleto. Esta constituiu por muito tempo um pomo de discórdia, mas agora goza de paz. Vimos Trévi, cidade em cima do monte. Mais uma vez apresentaram-se aos nossos olhos os olivais verde-gaios, de encontro a outeiros pardacentos. Pairando majestosa, acima dos cabeços nevados, uma grande nuvem.

Em Foligno, perto de Assis, nossa conversa girou em torno de São Francisco. Mandaria Deus aos que retornavam à pátria e à nossa juventude que ainda se debate no desespero, um novo São Francisco ou São Bento? Quem ensinará ao mundo maltrapilho e agonizado de hoje uma nova forma de viver? Falou-se ainda da nossa geração de adultos que aturou o esforço heróico de duas guerras, ambas perdidas, e que saiu delas exterior e interiormente quebrantada.

O pároco e o coadjutor teciam comentários sobre os pequeninos no Reino de Deus, sobre a psicologia da criança, sobre os efeitos que produz a Comunhão na infância. O experimentado sacerdote ponderava que não se devia exigir nimia madureza de inteligência e de raciocínio nestas criaturinhas. "Segundo o decreto de Pio X, pode a criança chegar-se da mesa sagrada, logo que estiver capacitada de distinguir o pão e a hóstia. Cuide-se, todavia, de ulterior formação no amor para com Cristo".



Assis não devia distar muito. O tempo mudara de modo brusco. Também geograficamente o terreno tornara-se mais acidentado que o de Roma. Um vento furibundo fustigava as folhas das árvores. Avivou-se, sobremaneira, nossa expectativa, quando a cidade cintilou no alto de montanha rochosa. Recebemos ordem de não levar conosco senão o indispensável para o descanso noturno, e de deixar o resto da bagagem nos vagões, que seriam vigiados. Foram distribuídos bilhetes com o nome do respectivo alojamento. Tocou-me por sorte o Hotel Giotto.

A estação ferroviária situa-se num vale, na cidade baixa, com a capela da Porciúncula ou Igreja de N. Sra. dos Anjos. Mas a hora avançara muito. A noite já vinha chegando. Por isso rumamos, sem detença, para a cidade alta. De caminho, descobri casualmente o meu hotel, suspenso na vertente da colina. Demais, tem-se a impressão de que todas as casas estão construídas sobre uma rampa escarpada. O aspecto ouro-cinzento da cidade faz lembrar os tempos da Idade Média. À esquerda alteia-se a imponente Igreja de San Francesco, com as dependências multiformes do mosteiro, protegido por contrafortes. Quis o destino que também a este monumento só o pudéssemos saudar de passagem. Meu quarto ficava em cima dum terraço; através da janela aferrolhada lobrigava eu uma vasta planície fluvial, acariciada pelos rubores do arrebol e aformoseada, ao fundo, por montanhas alterosas. Ao ler a biografia de Francisco, nunca teria imaginado fôsse tão pitoresco o panorama que dali se descortina.

Sem dilação, encaminhamo-nos todos à igreja. Anoitecera. Auxiliados pela luz escassa do templo atravessamos, primeiro a parte superior, em seguida a parte média e por fim a cripta, conseguindo finalmente alcançar o túmulo do santo.

Falou-nos então um dos superiores franciscanos sobre "a importância histórica do santuário, concluído em 1230. Os restos mortais do santo descansam debaixo do altar da cripta. Nela jazem mais quatro de seus confrades, a saber: o Irmão Leão, apelidado de Ovelhinha de Deus; Marino; Ru-

fino, pai de Santa Clara; e Ângelo, um cavaleiro que, sem titubeios, seguiu o santo, logo que foi convidado.

Na medida que a escuridão o permitia, tentamos recordar, através dos notáveis afrescos de pintores antigos, os traços característicos da vida do santo. Desde logo descobri seus desponsórios com Dona Pobreza e o Sonho de Inocência III, sobre o varão que iria ser uma coluna do edifício inclinado da Igreja. Mas qual seria o motivo da inclinação? De certo não faltava à Igreja a força extrema. Ela arvorava-se mesmo o título de mantenedora da ordem e da paz entre as nações. Mas, se os Bispos e superiores rivalizavam em fausto e fortuna com os príncipes seculares, como não haveria de ocupar papel secundário a simplicidade e vitalidade interna da Igreja primitiva?

Francisco nascera em 1182. Pertencia ao laicato. Com êle despertou na Igreja uma nova fase: a revivescência, pelo menos parcial, da primeira caridade. Nosso jovem rico quis acompanhar à Epúlia um grupo de cavaleiros, para pôr a salvo a herança dos Hohenstaufen e conquistar glória e poder. Deus então lhe falou: "Francisco, quem saberá cumular-te de dádivas mais copiosas, o Senhor ou o escravo? Doravante deverás calcar aos pés e odiar tudo quanto até agora amaste". Francisco fêz-se assim cavaleiro de Cristo. Avistou à beira da estrada um leproso. Saltou do ginete, estendeu-lhe uma esmola e beijou-o na face. Belo exemplo de vitória sobre si mesmo! Outra vez ouviu uma voz dizer-lhe: "Não vês desmoronar-se a minha casa?" Vendia mercadorias da casa paterna para remodelar uma capela em abandono. O pai infligiu-lhe penas amargas e acabou expulsando-o de casa.

Principiou, então, sua vida eremítica numa choupana em Porciúncula. Era tido em conta de louco. O Bispo, como segundo pai, dava-lhe apoio. Passaram-se dois anos. Um dia ouviu o evangelho da Missa sobre a missão dos Apóstolos, enviados como ovelhas entre lobos: "Não levareis ouro nem prata ou cobre nas cintas, nem bôlsas para os gastos da viagem, nem dois mantos, e andareis descalços e sem bastão,

porquanto o operário é digno de sua refeição". Espontâneas e jubilosas brotaram-lhe dos lábios as palavras: "É precisamente isto que eu queria; é isto que eu procurava!"

Por volta de 1209 conheceu, de modo concreto, a missão divina de sua vida; julgava-se destinado a restaurar o cristianismo primitivo, por meio de uma nova Ordem apostólica. Assemelhava-se esta ao desabrochar das obras de Pedro Valdo e à dos Pobres de Lião. Só num ponto destoavam êles de Francisco: entraram em conflito com a hierarquia, com os que gozavam de autoridade, e assim foram postos fora da Igreja. Francisco, porém, quis honrar a Cristo em cada um dos seus sacerdotes. Pregou doravante nas ruas. Atraíu três discípulos que abandonaram tudo e o seguiram. "Deus revelou-me que vivesse segundo as normas do Evangelho". Os companheiros, cujo número já então subira a sete, viviam, pois, conforme o Sermão da Montanha: vida de pobreza, de humildade e de caridade fraterna. Saíam mundo afora, dois a dois, pensando feridas, tratando dos leprosos e reconduzindo ovelhas desencaminhadas.

Ainda em 1209, quando o número dos companheiros somava doze, Francisco falou-lhes nestes termos: "Irmãos, passemos a Roma, em busca de nossa Mãe, a Santa Igreja, para relatar ao Santo Padre as obras que Deus se dignou realizar por nosso meio, e saber o que nos resta fazer". E Francisco pôs-se às ordens de Inocêncio III.

O Papa reconheceu nêle o homem de quem sonhara. Recebeu-o cordialmente, a êle e a seus discípulos, e lhes disse: "Temos para nós, filhos diletos, que o vosso modo de vida é excessivamente severo. Não queremos pôr em dúvida o vosso zêlo; mas é de bom aviso tomardes em conta aquêles que, de futuro, cerrarão fileira convosco". Prometeu, 'entretanto, confiar a Deus o negócio, a fim de sondar-Lhe os desígnios. No dia seguinte Francisco repisou o assunto: "Se Deus concede suas dádivas aos próprios pecadores para não deixar morrer de fome seus filhos, com quanto mais razão não deixará de prover a seus filhos prediletos na pessoa dêstes varões apostólicos!". Valeu-lhes o argumento a bênção apostólica. "Ide-vos em paz, meus Irmãos", concluiu o Santo Pa-

dre, “e pregai a todos a penitência, conforme o Senhor vô-lo inspirar. E se ao Onipotente aprover multiplicar-vos o número e as graças, apressai-vos em nô-lo comunicar, para vos concedermos, sem receio, faculdades mais amplas”. Desde aquêlê dia suas pregações traziam o sêlo da aprovação eclesiástica.

Passavam os dias em extrema pobreza, numa renúncia completa e voluntária. “Os bens de que se rodeiam os homens e pelos quais se esfalfam dia e noite, deslustram o amor a Deus e ao próximo. É mais difícil conquistar o céu no meio do conforto de um palácio do que nas privações de uma choupana. É preciso jogarmo-nos, despegados de tudo, nos braços do Senhor”. Não se pense, contudo, que o fizessem constrangidos ou forçados. O hábito dos confrades devia ser simples e os remendos de sacos e de retalhos. “Admoestovos, todavia, — são palavras do santo — que não desprezeis nem julgueis com rigor os que vestem com elegância e deleitam o paladar com pratos finos e taças de ouro. Trate cada um de julgar e desprezar unicamente a si próprio”.

Dest'arte Francisco tornou-se agradável aos olhos de Deus e benemérito diante dos homens. O número dos candidatos multiplicou-se celeremente, dando origem a um grande movimento popular. Dêle nasceu a “ordem” franciscana, o ramo feminino, com Santa Clara como primeira superiora, e “a terceira ordem”, alistando uma legião ainda mais numerosa de adeptos, que, seguindo embora vida matrimonial e profissional, se esmeravam na observância dos princípios evangélicos.

Francisco partiu para converter o Sultão, inimigo declarado do Cristianismo, pondo em cheque a própria vida, como prova de fogo em defesa da Verdade. Vivia, como aliás se conta de Jesus, entre os animais selvagens. Êstes não o temiam; ao contrário escutavam-lhe a pregação. Demonstra êste traço característico de Francisco a afeição que votava às criaturas de Deus. “Os demônios — dizia — fiquem lá com o seu abatimento; quanto a nós, temos motivos de nos alegrar no Senhor”. O amor às criaturas e aos homens enfeixava-o em tórno de um mesmo nome: o nome de Deus. Ora,



êste nome fluía-lhe dos lábios com doçura tal, que o fazia esquecer, não raro, as refeições, o caminho que andava e a própria existência. O Crucificado assinalara-o com seus estigmas. Mantivera-o na humildade: “Elegi-te, a ti homem simplório, a fim de que se não atribua à operosidade humana o que por teu intermédio realizo, mas venha a evidenciar o adjutório espiritual da minha graça”. Deus ratificou com milagres a palavra do seu servo tanto em vida como depois da morte. No meio de dôres e sofrimentos que apressaram o seu trespasse, teve Francisco expressões de plena conformidade: “Tenho sempre por melhor o que é mais do agrado divino. Para mim viver ou morrer é o mesmo”. No aquém como no além teve a dita de amar sem entraves e de ser amado sem medida. Morreu aos 43 anos.

Francisco foi o nôvo homem enviado por Deus ao mundo atribulado de então. O Vale da Úmbria, pontilhado de pequenas cidades, na ladeira de montes, constituiu a sua Galiléia. Mas o seu apostolado estendeu-se a tôda a Itália Central. Sua projeção histórica passou muito além das fronteiras. (Reflexões históricas de Karl von Hase).

Quisemos ver ainda a igreja de Santa Clara. O vento frio sibilava inclemente pelas ruelas estreitas, enregelando os membros. Por cúmulo apagaram-se repentinamente as luzes da cidade. Nenhum movimento nas ruas. No lusco-fusco da noite desenhavam-se tristes as casas velhas de material. Depois de errar algum tempo e tiritando de frio, consegui localizar o meu hotel. A maioria dos peregrinos ali já se achavam reunidos. Relanceei um último olhar para as escassas luzes no vale e outro para os luzeiros do firmamento envoltos num manto de inverno.

## Retorno à Pátria

*“Buscai o Senhor e sua majestade! Procurai em tôda a parte seu semblante. Poderosa é a oração do justo, quando feita com seriedade”.* Assim reza a máxima de hoje.

Fui dos primeiros a chegar à frontaria da igreja de Santa Maria degli Ângeli, situada na cidade baixa, na planície do vale. Haveria ali Missa dos peregrinos. Coisa raríssima, senão única: no centro da igreja, de abóbadas altas e pórticos amplos, ergue-se uma capelinha velha e rústica. Em volta da “Ecclesiola” ou igrejinha primitiva, a igreja. Quando Francisco fêz a renúncia total dos bens terrenos, quis reservar para si apenas esta porçãozinha ou Porciúncula, uma capelinha em campo aberto, doação que lhe foi feita pelos beneditinos. Foi ali que, mais tarde, entregou sua alma ao Senhor.

Já o sol matutino amortece um pouco a onda de frio. Ponho-me a espairecer pelo vale, por entre campinas e hortas. Contemplo as hortaliças e estudo a maneira como as cultivam. Ladeio agora um regato de águas geladas. Por fim levanto os olhos em direção da cidade alta. Associam-se-me alguns romeiros. Juntos olhamos então a cidade: majestosa, serena, sobressaliente — um mistério! Tem-se a impressão de que um espírito deixou nela o seu gênio. Com efeito, é este o sítio que foi palmilhado por um discípulo do Senhor que abandonou tudo para abraçar nôvo teor de vida. O panorama da cidade ainda é o mesmo. Não se alterou com a passagem do santo. Mas, então, que modificação houve? Foram acrescentados o mosteiro com a Igreja de São Francisco e, à esquerda, na outra ponta da cidade, a Igreja e o Con-

vendo de Santa Clara. Também as cabanas toscas e primitivas tiveram que ser substituídas por cascas de tijolo. Assis esparramou pelo mundo torrentes de graças. Os vasos preciosos da graça transbordaram em profusão. A semente foi jogada à grande distância. O Espírito sopra onde lhe apraz. Produz, continuamente, novos modelos dignos de imitação. A planta primitiva forneceu-a o próprio Senhor. Deixemos que Ele se utilize de nós como de pedras vivas!

Enquanto contemplávamos, por entre casas e vinhedos, a cidade, outros peregrinos vieram juntar-se ao nosso grupo. Alguns deles estavam gripados. Rumamos, por isso, para a estação, na esperança de encontrar os vagões aquecidos. Houve quem, de caminho, ainda frequentasse alguma loja para comprar uma que outra lembrança. Adquirir óleo extraído de oliveiras cultivadas nas encostas de Assis. Num armazém pequeno mas asseado, uma senhora de porte nobre e recatado fê-lo escorrer da talha grande para a garrafa.

Já embarcados, tornamos a descortinar pela última vez a cidade alta. No primeiro plano, álamos e parreiras; no fundo, montanhas de picos nevados. A esta altura, o chefe da peregrinação dirigiu-nos breves palavras. Acentuou que, infelizmente, a demora do trem, naquela manhã, transtornara o plano de viagem em relação a Assis. Acrescentou, porém, que não havia motivo de queixa. Que se desse glória a Deus também por êsse contratempo. Disse-nos de sua entrevista com o Bispo de Assis que, enviava saudações e bênçãos a todos os romeiros. Da nossa parte, ao partir, saudamos ainda uma vez o santo da caridade primitiva, enquanto nos confortávamos por fixar bem fundo na retina “a cidade sobre o monte”, prestes a perder-se de vista.

Sucediam-se novas imagens. Lobrigamos Perúgia, a capital da Úmbria. Costeamos o Lago Trasimeno. O pitoresco e o ubertoso das margens, o fundo recortado de montanhas e as enseadas, banhadas alternadamente de escuros e claros, num esplêndido jôgo de côres, tudo isto convidava para uma permanência mais demorada. De pé, em frente da janela aberta da plataforma, estendi o olhar espaço a fora. Ao mesmo tempo diligenciava ligar as impressões do momento

com os relatos da História Romana. Lembrei-me da batalha do Trasimeno, em 217 antes de Cristo, quando Aníbal desbaratou as legiões romanas, apertando-as de encontro às montanhas, perto do lago. Recordei-me da expedição que fez a seguir para o sul, pondo em polvorosa a cidade de Roma, e arrancando dos cidadãos romanos o grito angustioso de "Annibal ante portas!" — "Aníbal às portas!" Ainda hoje se tem por enigmática a retirada de Aníbal. Sabe Deus o rumo que tomaria a História, se o Africano tivesse tirado vantagem do seu triunfo.

A conversa do compartimento impeliu-me a captar, enfim, mais algumas informações sobre a indulgência. Entrei. Os romeiros, é verdade, limitavam-se a comentar a bênção papal. Ninguém tecia comentários sobre a indulgência propriamente dita. Importava-lhes unicamente levar aos seus uma bênção concedida em nome de Jesus Cristo e documentada pelo quadro que traziam consigo. Mas, para lucrar a indulgência em artigo de morte, requeria-se ainda, da parte dos indivíduos e das famílias, o amor a Deus e ao próximo, através do caminho da penitência, da fé, da caridade e da submissão cabal e onímoda.

Examinemos uma vez mais, nós os protestantes, o tópico do capítulo 16 de Mateus. Assalta-nos a pergunta: porventura aquêle a quem foi dito: "Tudo quanto desligares na terra, será desligado no céu", deverá declinar o seu direito de desligar quanto lhe foi facultado desligar? Não. Ele o exerce nos vivos em harmonia com as faculdades que lhe outorgou a misericórdia divina. Também para as almas estendem-se as orações da Igreja, recitadas em união com o Sacrifício do Crucificado. Tudo isso é um prodígio do amor divino, fonte do nosso amor. Em última análise concatena-se tudo com "o livre decreto de Deus a cujas determinações filialmente nos submetemos".

*"Quem se opuser à verdade das indulgências apostólicas, seja anátema e maldito"*, soa a tese 71 de Lutero. Os postulados do Reformador, em suas 95 teses, aparecem cumpridos. São êstes: que a indulgência seja lucrada "livremente, sem constrangimento"; que o Pontífice tencione transpor-



tar do Purgatório ao Céu o maior número possível de almas unicamente em atenção ao Sumo Amor e à extrema insuficiência das mesmas almas", que o Papa proceda nisso "com liberdade e amor desinteressado". Não cabe dúvida", declara o teólogo da Ecumene Evangélica, Carlos Stange, ao discorrer sobre a indulgência do Jubileu de 1950, "não cabe dúvida de que são estes os únicos motivos levados em conta pelo atual Papa".

Pareceu-me que a paisagem se tornara mais movimentada, mais áspera. A zona do rio, do qual nos aproximávamos, oferecia aspecto diverso ao do Vale Tiberino. Ciprestes confundiam-se com árvores de folhas caducas. Repontavam castelos. Mas a marcha rápida da locomotiva não dava tempo para minuciosas observações. Ela devorava primeiro a extensa planície, depois as colinas e por fim o planalto de Florença.

Entramos em Florença. O termo da minha viagem semelhante-se à partida. Apenas o vento glacial soprava mais gélido ainda pelas ruelas estreitas do que naquele domingo de Friburgo. Cruzamos a cidade em direção ao Duomo. Dobramos o Palazzo Vecchio, antigo palácio republicano, cujo perfil grandioso desafia os pináculos mais avantajados. A praça parece agora pequena, em confronto com os quadros antigos que eu vira.

Nesta altura, chamaram de passagem nossa atenção para uma pedra redonda, que havia em cima da calçada, pedra gasta e polida, que nos teria passado despercebida. Tratar-se-ia de um monumento? "Aqui foi enforcado e queimado, como herege, o monge Savonarola", explicou, num alemão estropiado, o guia florentino. Ninguém disse palavra. O rosto do homem parecia tomar ares estranhos. Que pensamentos lhe iriam na alma, enquanto mastigava aquelas palavras de praxe? Mas, não se podia parar! O vento fustigava os membros enregelados. Procuramos desviar-nos o mais possível da correnteza. Não conseguimos vislumbrar, sequer à distância, o convento dominicano de San Marco, onde residia Savonarola.

Foi numa quarta-feira, a 23 de maio de 1498, na véspera da Ascensão de Cristo, que sucumbiu o prior dos domi-

nicanos, o "frade" (irmão) Jerônimo Savonarola. Com êle morreram outros dois confrades, chamados um, Silvestre, o outro, Domingos. O afamado pregador da penitência submetera ao jugo do Evangelho a sociedade em pêsso de Florença. Seus adversários, todavia, não sossegaram enquanto não o liquidassem. "Até o fim da vida praticou êle sòmente o bem", declarou, na oficina de Sandro Boticelli, um nobre coetâneo e conhecedor da vida do frade. E ajuntou: "Precipitaram-se, no entanto, os acontecimentos e assim teve o mesmo fim que Nosso Senhor".

Intimamente ligado ao nome de Savonarola está o de Domingos de Pescia, seu discípulo. No processo, cuja sentença estava prevista mesmo antes dos debates, Domingos conservou-se imperturbável ao lado do condenado, até que a morte o colhesse também. Os verdugos não lhe pouparam suplícios. Mas Domingos não trepidou. Mals puro que o ouro provado no cadinho, fulgia a têmpera de seu caráter. Três coisas, confessou, êle tinham lhe sido sempre caras: o Santíssimo Sacramento, a Sagrada Escritura e São Jerônimo.

Os três condenados foram conduzidos à capela do Palácio, para assistir à Santa Missa e receber, como viático, a Sagrada Comunhão. Savonarola pediu, como última graça, tomar entre as mãos a Hóstia. Nesta atitude dirigiu ao Senhor Sacramentado uma prece, cujas últimas palavras foram: "Digne-se Vossa Bondade apagar misericordiosamente as nossas culpas e satisfazer nosso desejo ardente de vos contemplar". Em seguida tomou a S. Comunhão.

Consumou-se a obra profanadora contra os três monges. Coube ao Bispo de Ordenação, confrade dos três, o encargo penosíssimo de ler a sentença. Quando êste, em extremo perturbado, recitou erradamente a fórmula prescrita no Ritual, dizendo: "Desligo-te da Igreja militante e triunfante", corrigiu-o imediatamente o condenado: "*Sòmente da Igreja militante, pois separar-me da Igreja triunfante não é da vossa alçada*". Um dos juízes acrescentou: "*Sua Santidade Alexandre VI concede-vos a graça de, por meio da indulgência plenária, lucrardes o perdão dos vossos pecados, de vos colocardes no estado de inocência batismal e de vos isen-*

*tardões dos tormentos do Purgatório. Aceitais a concessão do Santo Padre?"* Os três inclinaram a cabeça, em sinal de assentimento.

Os olhos rasos de lágrimas, escalou Silvestre, por primeiro, os degraus da escada. Domingos acenou a um amigo e garantiu-lhe, ainda no último instante, já quase com um pé na escada, o cumprimento fiel das profecias do frade. Subindo à escada, Savonarola recitou o Credo apostólico. O beneditino que na véspera o ouvira em confissão, perguntou se não lhe pesava mais nada na consciência. Ao que o réu respondeu negativamente. Pediu, no entanto, que orasse por ele e implorasse aos seus partidários que não se escandalizassem da sua morte.

Esta morte, suportada em silêncio, deixou consternadíssima a multidão. Nenhum dos inumeráveis espectadores julgou necessário invocar, no momento do desenlace, o nome de Jesus ou a misericórdia divina, como soíam fazer em situações análogas. De rosto voltado para o palácio, Savonarola deitou um último olhar sobre a massa de povo em redor; olhar repassado de dor, que parecia perguntar: Povo meu, o que te fiz eu?

Da pedra nua e gasta, voaram nossos pensamentos para os aposentos dos Bórgia; e destes para Lutero e seus seguidores.

Deixamos Florença às onze da noite e viajamos a noite toda até Bolzano. Recostados nas poltronas, tentamos conciliar o sono. O coadjutor aboletou-se no chão. A Irmã Enfermeira, que pertencia ao grupo dos peregrinos, oferecia, a quem precisasse, doses de quinino contra resfriados. Não consegui dormir. Bailavam-me na imaginação, continuamente, os vultos de Savonarola, Alexandre VI e Lutero. O sucessor do Papa dos Bórgia mandou cercar com muros os aposentos de Alexandre. Outro Papa mandou abrir os arquivos do Vaticano até mesmo aos acatólicos. "Por via de regra, o frade é alvo de críticas favoráveis. Até já foi proposta a sua canonização" (Texto do Dicionário Eclesiástico dirigido pelo Arcebispo Buchberger).

Partindo sempre da palavra divina, persuadi-me cada vez mais que também Bórgia não logrou destruir a obra de Cristo, em relação à Rocha. Savonarola selou-lhe antes a autoridade com sua morte. A negação de Lutero serviu-lhe de purificação desde o vértice. (Considerações sobre a morte de Savonarola, de acôrdo com sua biografia mais recente, de José Schnitzer).

Ainda antes do alvorecer, alcançamos Bolzano. *“Temei o Senhor e servi-O com fidelidade, do fundo da alma; porquanto haveis visto de perto as maravilhas que fêz. O Reino de Deus é a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo. Quem nêle servir a Cristo, tornar-se-á agradável aos olhos de Deus e benemérito dos homens”*.

Quanto pude observar no lusco-fusco da alvorada, devíamos de estar rodeados de montanhas cobertas de mata e de neve. Pelas ruelas frias e escuras acudiam pressurosos os romeiros, aos grupos, à igreja paroquial, no centro da cidade, para assistir à última Missa geral dos peregrinos.

“Uma coisa consta ao certo: Semelhante súplica, preito de louvor e agradecimento, assim como a oblação do nosso ser, não os devemos nós mesmos apresentar à Majestade divina, mas juntá-los ao Sacrifício de Cristo. Deixemos que Ele os apresente e interceda por nós ante o trono celestial. Que Ele faça suas as nossas preces e oferendas, tornando-as gratas à divina Majestade. Cristo se oferece por nós. Sob êste prisma não é apenas tolerável, mas ainda vantajoso chamar de sacrifício a nossa Missa. Por outra, importa apoiar-nos em Cristo, com fé decidida e inabalável no seu testamento. Importa não nos fiarmos em nossas preces, louvores e oferendas, mas comparecer na presença de Deus por meio de Cristo e com seus méritos, na persuasão de que Ele é o nosso pastor celeste junto ao Pai. Esta fé que não vacila, fará com que Cristo tome a si nossa causa, nossa súplica e nossa glorificação. Fará com que se imole por nós, ao Pai Celeste. Por conseguinte, sendo o nome e o sentido da Missa um verdadeiro sacrifício, convém ofertarmos, cada vez, nossos louvores, pedidos e renúncias, na intenção de suplicar a Cristo que se imole a si mesmo e a nós com Ele, no céu.



*“Se Cristo é sacerdote eterno, então é sacerdote a cada hora; então se imola sem cessar diante de Deus. Nós, porém, não podemos estar sempre reunidos. Eis o porque da Missa: para que nos juntemos todos e ofereçamos um sacrifício comum. Também eu sacrifico, também eu rogo a Cristo e creio que Cristo aceita, benigno, minha pessoa, meus louvores e minhas súplicas, depositando-as, Ele mesmo, no altar de Deus. Não é só o sacerdote quem oferece a Missa, mas a fé pessoal de cada participante. Eis o ministério verdadeiramente sacerdotal, em que Cristo se oferece em sacrifício agradável a Deus.*

*“Todos os que têm fé na mediação de Cristo como pastor perante Deus e juntam aos d’Ele e oferecem por meio d’Ele seus rogos e louvores, suas precisões e a si mesmos; os que não duvidam de que Ele oferece os mesmos atos e a si mesmo em nome d’eles; todos êstes, digo, recebem, quer corporal quer espiritualmente, o Sacramento e o Testamento em penhor de tudo isso. Todos êstes não podem mais duvidar de que lhes foram remidos os pecados, de que encontraram em Deus um Pai, que lhes preparou no céu um banquete”.* (Martinho Lutero).

E, servindo-me ainda das palavras de Lutero: *“Já que celebram a verdadeira Missa — declara ele — não podem deixar de receber o que imploram”.* Em seu *“Sermão sôbre o Nôvo Testamento”* i. é, sôbre a Santa Missa, fulmina, sim, os muitos abusos, mas não deixa também de confessar abertamente sua adesão ao Sacrifício da Igreja universal. Nós nos desviamos; releva redescobrir êstes depoimentos do Reformador.

Acresce que Lutero, na sua polêmica violenta contra o Papado, veladamente se pôs do lado daquele que *“por graça e bondade divina foi constituído Rocha, por causa da Comunidade e da Fé”.* Em outra parte afirma: *“Onde se suprime a Missa, suprime-se, igualmente, o Papado”.*

Mas não resistiram ambos à derrocada? Sim, pelo poder de Cristo, do Verbo e de Deus, aí estão ambos!...

Saindo às pressas da fria igreja paroquial, pedimos informação às poucas pessoas que a essa hora se encontravam

nas calçadas, sobre o local do nosso hotel. Seguiu-se a resposta em alemão. Que surpresa, encontrarmos nesta linda cidade sul-tirolesa gente que falasse a nossa língua e casas em estilo alemão. Os letreiros eram redigidos em dois idiomas. Tivemos agasalho num hotel solidamente construído, por sinal que datava dos bons tempos. Depois, rumo à estação!...

Foi sobremaneira estrepitosa a alegria dos romeiros na travessia dos Alpes, em direção ao passo do Brenner. Vibravam nos ares cantos após cantos, uns profanos, religiosos outros. O céu era azul e o sol radiante. Na baixada, estendia-se o vale do Rio Etsch. Mais para diante, parreiras íngremes, disputando o terreno aos penhascos, palmo a palmo. Além, uma região mais plana, semeada de cidades e aldeias e aldeotas, cada vez mais elevadas. Surgiam também castelos, igrejas e capelas, em cenários e estilos sempre novos e alturas as mais pasmosas. Os Alpes agigantavam-se mais e mais, com o contraste flagrante da brancura dos picos nevados e o azul carregado do firmamento.

Os peregrinos conviviam com a intimidade dos membros de uma família. A alegria iluminava todos os semblantes. Um que outro aproveitava os intervalos dos cantos e da apreciação de cenários para contar algum episódio interessante de sua vida.

Brevemente alcançamos a fronteira da Itália. No Brenner tivemos algum atraso. Caíram-nos em vista as fortificações colossais dos tempos antigos em contraste com os tempos atuais, bem como os grandes marcos que ali jazem à semelhança de cadáveres. Tudo estranhamente irreal! As relíquias do passado revestem-se ainda de algum brilho artificial, mas é só para pouco tempo! Embarcam os guardas de fronteira italianos e pedem os passaportes. Examinam também a esmo alguns pacotes.

Como na ida, também na volta, não me detinha no que se passava ou dizia em torno. Ouvia sem escutar. Apoiado horas inteiras à janela da plataforma, eu cismava. Diante dos meus olhos abria-se continuamente o abismo da sepa-

ração. Que pêso! Que responsabilidade! — quisera eu ex-  
clamar com Jeremias.

Mas aquela palavra sôbre a Rocha foi realmente profe-  
rida. Foi o Senhor quem a pronunciou. Ela ali está e perdu-  
ra. Também esta palavra do VERBO se fêz carne. Não nega-  
mos que ela continua revestida de carne, porque nós não somos  
do espírito do Anticristo, mas somos de Deus (I Jo 4, 2-3).  
Esta palavra obriga nossa Ecumene inteira como a um todo.  
Só assim ela acertará na escolha entre o sim e o não. Nada  
aproveita discutir sôbre a palavra de Deus, é mister aceitá-  
la. Se a apoiarmos com o nosso sim, teremos a Reforma. E  
como fruto desta nova reforma, seguirá mais cedo ou mais  
tarde, a peregrinação evangélica a Roma, conforme vem  
anunciado na Escritura.

Para os homens é isto impossível. Nessas horas de re-  
flexão, perdi quase o ânimo de viver. Qual montanha avas-  
saladora desabou sôbre mim êste “impossível”. O “não” fêz  
eclipsar em mim a verdade e comigo reduziu tudo ao “nada”.

Mas a PALAVRA está aí! Tua palavra, Senhor, tua pa-  
lavra! TU vives, Senhor!... Esta manha, no lusco-fusco da  
noite, mal consegui eu passar os olhos sôbre o texto que  
segue: “Buscai o Senhor e seu poder”. Clamai ao Deus vivo,  
e Ele levará a bom têrmo a sua obra. “Procurai em tôda a  
parte sua face”. Não poderá ocultá-la para sempre. Tomai  
unicamente o Senhor e servi-O com fidelidade, com tôdas as  
veras”. O povo crente teme e serve o Senhor. É preciso que  
também o nosso trabalho, o dos “pastôres”, se torne mais  
perfeito. Não haja exclusivismos, com receio de concurrên-  
cias; o que interessa é tão sômente o serviço de Deus, são as  
ovelhas a nós confiadas, e que devem ser levadas ao redil da  
paz. Colaborai, irmãos e irmãs, nesta empresa, “porquanto  
experimentastes as maravilhas que em vós operou”. A Re-  
forma da Igreja foi obra Sua. Sua grande obra; a reunião  
dos remidos em volta do altar da reconciliação será obra  
ainda maior. A Deus nada é impossível. Tende fé, e sereis  
atendidos. O povo de Deus coligado poderá livremente ati-  
rar-se à conquista do Reino de Deus no mundo inteiro. Os  
outros o perceberão em nós e nós sentiremos que “o Reino

de Deus encerra a justiça, a paz e o gozo no Espírito Santo. Quem neste Reino serve a Cristo, torna-se agradável aos olhos de Deus e benemérito dos homens”.

Em corrida vertiginosa, prosseguimos viagem, vale abaixo, até Innsbruck. Eis-nos enfim chegados. O céu cobria-se de nuvens. Os raios solares coavam-se através da atmosfera vaporosa. Antes de Kufstein procedeu-se a nova fiscalização.

Nas proximidades de Munique, o chefe da peregrinação dirigiu-nos algumas palavras de despedida. É que muitos dos nossos companheiros haviam chegado ao termo da viagem. Na alocução chamou mais uma vez nossa atenção para o sentido geral da viagem e para alguns pontos em particular. *“Focalizando a idéia central — disse — temos que ressaltar a colaboração do laicato na construção do Reino de Cristo na terra. Disse Pio X: “O que principalmente importa é que haja em cada paróquia um número de leigos, apóstolos de Cristo, dispostos para todos os combates, com os quais se faz mister colaborar”. Daí a expressão: em torno de cada campanário, um círculo de apóstolos! Só assim teremos a força moral necessária para levantar o edifício. Voltemos aos nossos lares impregnados do genuíno espírito apostólico. Voltemos imbuídos do desejo ardente de santificar o mundo e de impetrar para eles as bênçãos do alto”.* — Entráramos na Estação de Munique. Seguiram-se os abraços e apertos de mão, em despedida.

Ao desembarcar, afigurava-se-me um grande sonho o ter viajado a Roma, o ter visto e ouvido a voz do Papa. É interessante como uma impressão dos tempos de criança pode súbitamente aflorar à memória e tomar vulto. Num hotel da Suábia Superior vira eu em pequeno, sobre a cabeceira do leito, o quadro de um Papa. O rosto pálido, os dedos alvos e delgados. nos quais brilhava um grande anel. Tive medo. Perguntei, então, aos pais quem era aquêle homem? Agora se delineou em minha fantasia, com tôda a nitidez, o perfil daquele personagem. Só pode ter sido Leão XIII que, avançado em anos, por ocasião de seu jubileu, publicou a



Encíclica *Praeclara gratulationis*, na qual convidava todos os protestantes a se filiarem de novo à Igreja.

Nos decênios subsequentes sucedeu algo de maravilhoso: Exegetas luteranos redescobriram, pelo estudo da Sagrada Escritura, o Primado de Pedro, o governo do povo escolhido por meio de um chefe. Redescobriram as bases da Igreja primitiva, a constituição revelada da Igreja do Novo Testamento.

A Comunidade põe-se toda ouvidos quando lhe falamos do ofício de Pedro no Testamento Novo e de uma possível Ceia de todos os batizados.

Disse Jesus (Evang. S. Marcos 9); "Se puderes crer! Tudo é possível a quem crê"!

Um dia o Cardeal Saliège lançou esta interrogação: *"Porventura já refletistes alguma vez sobre o escândalo de vários séculos, a saber: os cristãos, acreditando num mesmo Senhor Jesus Cristo, divergem na explicação de sua doutrina?"* E é do nosso Arcebispo ecumênico Soederblom a queixa: *"Nossas divergências não se reduzem a danos pequenos, mas são um crime"*.

Não nos repreendas, Senhor, na tua cólera, nem nos castigues no teu furor! Ó Senhor, quanto tempo ainda demoras? Levanta-te e tem piedade de Sião, pois é tempo de mostrares compaixão para com ela. Sim, é chegada a hora. Teus servos anseiam por que ela seja construída e desejam ardentemente que se preparem as pedras e a cal.

Levanta-te, ó Deus, e termina a tua obra!

## Dez anos mais tarde

São passados dez anos desde aquêlê Ano Santo, em que empreendi a minha peregrinação evangélica a Roma (1). Ao tentar agora acrescentar algumas palavras, percebo que o relato anterior já não me pertence. É que o significado daquele ano representa um acontecimento traçado por mão superior. Estribado na Fé, quis também da minha parte despojar-me de mim mesmo. Verdades então claramente conhecidas por mim, tive que testemunhá-las e arcar com as consequências.

Fico grato pela oportunidade que se me oferece para retificar dois leves senões nos informes daquêlê tempo. O leitor terá reparado nas emendas das páginas 44 e 113 (1.<sup>a</sup> edição em vernáculo) que devo à bondade de um Padre Palottino, o esclarecimento acêrca do currículo de vida do Superior Geral do Apostolado Católico (S.A.C.), que naquela vez nos pregou na Basílica de São Pedro, e sôbre a proveniência do nome de Sant'Andrea della Valle, onde se realizou o Culto de despedida dos peregrinos.

Tenho ainda viva a lembrança das derradeiras impressões dessa romaria. Uma vez que os únicos passageiros com que eu travara amizade tinham desembarcado em Munique, bem como grande parte dos romeiros, estava no fim a romaria. Em companhia de outros passageiros, tornei a embarcar até Plochingen. Baixara, entretanto, a noite. Quando afinal terminaria esta viagem que me dava constantemente

---

(1) O autor R. Baumann escreveu êste complemento em 1960, para a 7.<sup>a</sup> edição alemã. — Nota do Trad.

te uma sensação estranha de comunidade e separação? A divergência que havia entre nós, impelia-me para fora de mim mesmo. Ansiava por me encontrar com os Nossos, porquanto só êles, esclarecidos pela Palavra de Deus, poderiam encontrar a nova forma para restabelecer primeiramente a aliança com a Rocha, e mais tarde a união perfeita, de conformidade com a Bíblia. Libertado de minha vida de incógnito, eu parava agora na deserta e invernosa estação ferroviária. O único peregrino que comigo desembarcara, já se despedira.

O trem que ia a Tuebingen, entrou na gare, cheio da claridade das lâmpadas de fluorescentes. Quis a sorte que na luz quase excessiva do vagão descobrisse logo um amigo, a quem eram familiares tôdas as personalidades da nossa cidade universitária e de nossa Igreja, e em cujo espírito reto e fiel cada um gostava de confiar. Por que encontrá-lo neste momento?

Sim, êle me viu, mas desviou o olhar e, contra o seu hábito, conservou-se imóvel no seu compartimento. Ainda outros conhecidos conservaram-se até hoje reservados. Ainda assim era certo que eu me encontrava entre os meus. Senti-o com prazer, quando o comboio dos romeiros prosseguiu viagem em sentido oposto. Por outra parte, porém, vi-me cercado, mais e mais, por uma muralha de surda oposição. Com efeito, não é nada fácil romper uma tradição de vários séculos, para restabelecer o contato entre Lutero e o Papa.

Oh! esta luz obcecante, fria e como que insípida! Era ela para mim um símbolo dos nossos argumentos contra Roma, na aparência tão claramente protestantes, mas na realidade tão racionalistas. Não alcançavam a profundidade e a plenitude, nem a caridade e a comunhão universal do mistério da fé. Deus pronunciou sua palavra acêrca da Rocha. Ora, quando Deus fala, alguma coisa acontece. Que prosseguimento dará Deus à sua obra? A prece: "Levante-se, Senhor Deus, e julga a tua causa!" — ficou sendo para mim, sem tirar nem pôr, uma parte essencial da minha existência, respiração de minha alma. Existem, porventura, in-

dícios de que Deus prestará ouvidos a esta súplica da Igreja nos dias que correm?

Em muitos pontos, meus Irmãos tinham-se aproximado da verdade da Igreja de Deus. Mas agora, quando se tratava de reunir êstes pontos e dizer um sim à doutrina universal do Senhor, "sim" que é sim de verdade, e não ao mesmo tempo uma negativa e indecisão — fecharam-se, a maior parte, num mutismo de morte, mutismo êsse sugador do ar que gera a vida. Ao menos, parece ter sido êste o caso de muitos dentre êles. Todavia, bem outras razões podem estar veladas na base dêsse silêncio. Não seria, porventura, o mesmo motivo que Pio XII constatou em relação ao silêncio dos anglicanos face à Igreja de Roma? Eis o texto: "É a reverência perante a fé na verdade absoluta, com a qual não se pode negociar e pôr condições".

Precisamente aquêle meu companheiro de comboio reconheceu mais tarde que à pregação evangélica cabia dar solução ao maior problema que existe desde Lutero. Em linguagem teológica: A pregação sôbre a Rocha e o Pastor faz parte essencial do "Kerygma". Uma exegese genuinamente "Kerygmática" deverá reconhecer êste fato. A pregação, a catequese e o governo espiritual enfim tôda a Teologia prática, deverá tomá-lo em conta. O dito amigo concedeu-me que eu havia acertado com a problemática da Teologia Evangélica. Para os fiéis da Igreja Evangélica vale, portanto, o seguinte: cabe aos teólogos práticos, aos pastôres e mestres ou catequistas anunciar o Evangelho integral, também sôbre a revelação de Jesus Cristo referente à unidade e à direção da Igreja. Com outras palavras, aquilo que me foi dado conhecer como genuinamente evangélico, está de pleno acôrdo com o Evangelho. "A tua palavra revelada traz consolação e sabedoria aos simples" — assim reza o texto escolhido para o dia em que escrevo êste suplemento (Salmo 119, 130).

Nos últimos dez anos, a obra de Deus progredira visivelmente. A semente de sua palavra "medrou bem" no coração de não poucos dentre nós. Sobretudo com relação à Missa e à Ceia do Senhor, a aproximação e o contato não pôde m'ais



ser retardado. Não obstante tôdas as polêmicas, pisamos novamente o terreno da pregação primitiva, que nos abre novos horizontes a respeito das realidades que o Senhor e Mediador da Nova Aliança nos oferece no sacramento e no sacrifício, a saber: como se nos dá em partilha a si mesmo e nos aceita a nós perante Deus para o tempo e a eternidade. Em se tratando de Ceia e Missa, não sobra mais lugar para discordâncias, se consultarmos a Bíblia; ao contrário, só podemos experimentar de novo a presença do Senhor que opera a união. É esta que nos resta implorar, realizar e testemunhar.

Também o cargo de Pedro, como cerne do Pontificado Papal, foi reconhecido, no decurso destes dez anos, por um punhado — embora ainda reduzido — de varões evangélicos. Mesmo em círculos mais amplos, dizia-se primeiramente que *“o ofício de Pedro não contradizia à Escritura”*. Em seguida, que *“era conforme a Escritura”*. Por último, que *“era contrário à palavra divina riscar do Evangelho e da pregação a missão do Único que congrega em volta de si os irmãos”*.

Também esta verdade está sendo objeto de discussão: é preciso esclarecer, primeiro que tudo, o problema da autoridade recebida, segundo o Novo Testamento, e que só então será possível uma solução para outras questões isoladas.

A discussão sobre a durabilidade do ofício de Pedro constitui, à surdina, talvez já para a maioria, ponto pacífico. A este respeito os textos bíblicos parecem já não dar mais motivos para debates. No entanto, disse-me um dos nossos líderes atuais: “Por que então (o Papa) proclama um novo dogma mariano que não consta na Escritura?”

Quando em meados de 1950, foi anunciada na Imprensa a definição de novo dogma, senti-me abalado. Apesar de todos os arrepios, a questão da autoridade suprema do Pontificado progredira bastante. E agora haveria interferência do magistério autoritativo, precisamente no ponto nevrálgico de toda a teologia dogmática? Na opinião dos católicos, a proclamação da doutrina da Assunção corporal de Maria ao céu, constituiria o ponto culminante do Ano Santo.

Efetivamente foi publicada, na festa de Todos os Santos, a 1.º de novembro de 1950, a "Constituição Apostólica, na qual se declara verdade de fé ter sido a Virgem e Mãe de Deus Maria elevada, de corpo e alma, à glória celestial". O final desta Constituição Apostólica, que de acôrdo com as palavras iniciais, tomou o nome de "Munificentissimus Deus" — reza assim:

*"Por isso, depois de têrmos dirigido repetidas e súplices preces a Deus, e invocado o Espírito da Verdade, para glória de Deus Onipotente, que nutriu para com a Virgem especial benevolência; para honra de seu Filho, Rei imortal dos séculos e vencedor do pecado e da morte; para aumento de glória da augusta Mãe de Deus; para alegria e júbilo de tôda a Igreja; em virtude da autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e nossa própria autoridade, promulgamos, declaramos e definimos:*

*Que a Imaculada sempre Virgem Mãe de Deus, Maria, completados os dias de sua vida terrestre, foi assumida de corpo e alma à glória celestial."*

Esta única breve sentença valerá, dali por diante, como artigo de fé, e que exprime uma verdade proveniente do infalível Espírito Santo; verdade quase inefável, mas que, em palavras materiais, correspondente a um reconhecimento da revelação do Senhor.

Estava lançada a sorte.

Novamente eu fui atingido — se bem de maneira diversa — quando, súbitamente, por ocasião dos Avisos, no fim de um Culto Divino, foi lida a refutação por parte de uma "Conferência de Bispos Luteranos". Nessa refutação figurava naturalmente também uma frase positiva, e que convém reter. Ei-la: *"Conforme o testemunho da Sagrada Escritura, Maria, a Mãe de Deus, ocupa um pôsto privilegiado no serviço de Deus, por ter dado à luz como virgem, o Filho de Deus.*

*Cabe-lhe, por isso, em conformidade com a opinião dos Padres da Igreja, o título de Mãe de Deus, título êsse que lhe assinala uma posição de realce no meio do gênero humano."*

Entretanto, quão pouca luz foi projetada sôbre esta página milagrosa da Redenção divina para com a Humanida-

de! O Bispo da Baviera, signatário dêsse documento e que, como primeiro, a publicou em Kulmbach, a 5 de novembro, com visível precipitação, — porque não chamou a atenção na Comunidade Evangélica sôbre o fato, que também os Reformadores, inclusive Lutero e Melancton, conservaram a crença e a doutrina primitiva a respeito da Assunção integral, corporal e espiritual, de Maria ao céu. De certo, não ignoravam êles porque assim procediam, ainda que esta doutrina não figurasse explicitamente na Escritura.

Afinal, qual o dogma que “aparece literalmente na Escritura”? O dogma representa sempre uma resposta de fé da Igreja ao “Kerygma”, é vivificado pela palavra e pelo Espírito, mas expresso por palavras humanas próprias.

No fim dessa declaração de Bispos luteranos, ocorre uma expressão que me restituiu de vez o consôlo divino: era a palavra “Nachfart” ou nossa “subida em seguimento” a Cristo.

“Ater-nos-emos — diz o texto — à palavra do Senhor no Evangelho de João: — que ninguém sobe ao céu, a não ser Aquêle que do céu desceu (Jo 3,13). Exortamos nossas Comunidades a confirmarem, por palavra e obra, que não há necessidade de outro mediador além de Nosso Senhor Jesus Cristo. É unicamente na Ascensão de Cristo que alicerço a minha subida em “seguimento d’Ele”.

A minha subida “em seguimento d’Ele”, eis a verdade! É isto que também vale de Maria, a Mãe de Deus. Depois que ela, em virtude de sua singular escolha para o serviço divino e sua posição privilegiada no quadro do gênero humano, foi elevada integralmente ao trono de seu Divino Filho, depois disso sucederá outrotanto a todos os outros santos e predilectos, que, em ordem e a seu tempo, entrarão, como predestinados, no gôzo do Senhor. Só Ele, o Senhor, ascendeu ao Pai, por virtude própria e divina; Ele, o Senhor Deus, tão somente faz com que Maria O siga na subida, ela que representa o protótipo da Igreja e de todos aquêles que atingem a perfeição na fé e na fidelidade de sua imitação. Eis porque, na Festa da Ascensão, entoamos o Cântico Nôvo da nossa própria glorificação.

É sòmente na Ascensão de Cristo  
Que eu assento a minha ascensão.  
Supero, assim, constantemente,  
tôda dúvida, mêdo e sofrimento.  
Estando no céu a Cabeça,  
Jesus Cristo virá buscar,  
em tempo oportuno, os seus membros.

Visto que Ele subiu ao céu  
e recebeu grande prêmio,  
meu coração também pode, sòmente no céu  
— não em outra parte — encontrar repouso.  
Porque, aonde chegou o meu Tesouro,  
lá está também sempre meu coração e pensar...  
Por Ele eu sinto veemente saudade!

Faz-me, ó Senhor, sentir  
esta graça da Tua Ascensão,  
para que possa ornar  
com verdadeira fé a minha ascensão.  
Assim, nalgum dia, quando Te aprover,  
partir com alegria dêste mundo.  
Ouve, Senhor, o meu insistente suplicar! (1).

Quem nos garante, porém, que a Mãe de Deus foi levada  
à glória celestial de corpo e alma?

Nós homens, de nós mesmos não o sabemos. Carne e  
sangue não nô-lo revelaram, como tampouco é dado exclu-  
sivamente ao nosso intelecto analítico compreender a As-  
censão de Nosso Senhor, sua descendência do Pai, sua filia-  
ção eterna, seu papel de Redentor e vítima pelos pecados do  
mundo, sua ressurreição e a transfiguração durante os qua-  
renta dias de sua permanência aqui na terra.

Quem é, pois, que ensina e pratica êste artigo de fé? É  
a Igreja do Deus vivo, que reconhece em Maria a figura de  
si mesma. Cristo estabeleceu dispensadores dos mistérios de

---

(1) Do Livro de cânticos da Igreja Evangélica, n. 93 ("Evan-  
gellisches Kirchengesangbuch, n. 93").



Deus (I Cor 4, 1). Sòmente quem se conservar fiel à sua Comunidade, quem dela não se apartar como um Tomé, ou quem a ela retornar, para receber, na presença de todos os Apóstolos, a Revelação, só êste terá parte no depósito e nos mistérios íntimos da fé. Quem se separa da Comunidade, fica apenas com parcelas da Verdade. Talvez fique com muitas parcelas, nunca, porém com tôda a Verdade. Não se pode atribuir ao acaso que nem a carne e o sangue, nem muitos dos separados não obedecem à palavra do Evangelho de Lucas: "Eis que doravante chamar-me-ão bemaventurada tôdas as gerações" (Lc 1,48).

O Papa pediu a todos os Bispos a opinião dêles, como também a dos fiéis, e só então, após invocar o Espírito Santo, definiu a doutrina da Igreja. Aliás a ortodoxia em pêso aceita esta verdade da Fé. Esta crença, como não é estranha aos Bispos, assim também não o é aos fiéis. Pois, também em relação aos fiéis cumpriu-se a promessa do Pentecostes: "E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei o meu Espírito sôbre tôda carne" (Atos 2, 17). São Paulo confirma: "Ora, nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito de Deus, para conhecermos as coisas que por Deus nos foram dadas" (I Cor 2, 12).

Entretanto, tão sòmente os Bispos unidos aos fiéis que se conservaram constantemente unidos na Sociedade fundada pelo Senhor, podem perscrutar o mistério da fé integral. A fé é comunitária. "O homem natural nada percebe das coisas que são do Espírito de Deus; são para êle estultícia e não as consegue compreender; devem ser ponderadas espiritualmente" (I Cor 2, 14).

Também os Reformadores foram batizados em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, na única Igreja construída sôbre a Rocha, coluna e fundamento da Verdade.

Um poeta evangélico de cânticos sacros testemunhou que os Reformadores conservavam-se fiéis ao dogma, neste ponto. Valério Herberger (1562-1627) num sermão proferido na Festa da Assunção de Maria, na igreja de Fraustadt professou a sua fé e a dos Reformados na Assunção corporal e espiritual de Maria ao céu, nestes têrmos:

*"Agostinho, Epifânio, Dionísio, Lutero, Filipe (Melanch-ton), Matésio, Huberino, Urbano Rhégius, bem como os cris-tãos atuais da Grécia, crêem todos que Maria foi levada ao céu com corpo e alma. Alguns dos meus mestres são da mes-ma opinião".* Valério sabe que nesta questão a crença é unânime na Igreja.

Objetar-se-á: Não sairá prejudicada, desta forma, a su-blimidade e dignidade do único Mediador, que é Jesus Cristo? O mesmo poeta sacro encarece nestas duas quadras, a uni-cidade do Mediador:

No fundo do meu coração  
Sòmente Teu Nome e Tua Cruz  
Rebrilham em tôda ocasião,  
E é isto que à felicidade me conduz...

Esconde minha alma por piedade,  
Junto a ti em teu amplexo;  
Retira-a de tôda maldade,  
Pondo-a no fulgor de teus reflexos...

"Junto a ti!" Quem poderia imaginar a Mãe de Deus, genitora do Senhor, em outra parte que não a seu lado? O Deus infinitamente liberal concede, pois, partilha na sua glória. A quem? A Maria, Mãe do Senhor; além dela, a todos os que se enfileiram no Livro da Vida, *"Os que verdejam no céu e gozam de liberdade na tua presença"*. *"Quero apregoar eternamente a fidelidade do teu coração."* (Valério Herberger, *Evang. Kirchengesangbuch*, n.º 318).

Naturalmente, quando o vaso da nossa unidade se par-tiu em pedaços, desmanchou-se também, parcialmente, a fé viva na plenitude do mistério divino. O louvor a Maria, Mãe de Deus, cessou de ecoar oficialmente nas nossas fileiras. Quem dentre nós ainda se aventura hoje a se sujeitar à profecia divina, para exclamar com a Igreja de to-dos os tempos: *"Bem-aventurada és tu, que acreditaste, porque há de cumprir-se o que da parte do Senhor te foi dito (Lc 1,45)?* Mas que autoridade doutrinária gozaria junto ao povo de Deus quem não crê na palavra divina integral?

Contudo, também entre nós Deus conservou um ou outro testemunho que, embora parco em palavras, se conservou fiel a êste artigo de fé na Igreja. Haja visto êste tópico de um sermão de Frederico Cristóvão Oetinger (1702-82), o mais arguto dos teólogos evangélicos de Wuerttemberg: *“Por isso afirmamos que Maria mantém um pôsto de relêvo entre os demais. Cremos que ela, há muito tempo, conquistou a primeira ressurreição. Purifiquemo-nos, pois, mediante o sacrifício de Jesus, para alcançarmos a paciência e a fôrça de compreender estas coisas.”*

Emprega êle o têrmo “nós”, para indicar pluralidade. Estas outras testemunhas dever-se-iam procurar em pesquisas históricas. Pode suceder que elas, quais veios de água, ocultos e subterrâneos, contenham tesouros espirituais de fé cristalina, e que, como fontes límpidas cheguem à flor da terra.

A Assunção da Mãe do Senhor, por um lado, vem ligada estreitamente à Ascensão de Jesus; por outro lado, relaciona-se com a ressurreição de tôda a Humanidade redimida. Em primeiro plano, é a Maria que se aplica esta profunda frase de Oetinger: *“O corpo é término dos caminhos de Deus”*. A medida e a ordem na distribuição dos dons e graças, pertence a Deus e a Nosso Senhor (Cf. I Cor 15, 23). Entretanto, êle revela à Igreja em hora oportuna aquilo que ela precisa com clareza saber e atestar para atingir os fiéis na imitação de Cristo. É o Espírito Santo em pessoa, quem ensina à Igreja tôda a Verdade. Ela, como coluna mestra da Verdade, vive em constante adoração ao Espírito Santo. Êle, o Espírito da Verdade, é quem anima e governa. Sem a sua assistência, a Igreja não saberia o que ensinar. Por seu amparo, o solene e humilde testemunho de fé da Igreja é preservado de todo o êrro. O Senhor mesmo está presente à Comunidade de seus mensageiros, que nos ensinam em seu nome até o fim dos séculos.

Porém, dir-se-á: em que página da Sagrada Escritura se fala da Assunção de Maria? Menciona-se sim a Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas da elevação de Maria nada se diz. Convém realmente notar e reconhecer esta di-

ferença e dar-lhe a devida importância. Tampouco consta na Escritura o motivo porque nenhuma referência se faz à Assunção de Maria.

Consta, entretanto, na Escritura esta frase: "Ainda muitos outros prodígios operou Jesus na presença de seus discípulos, que não estão anotados neste livro (Jo 20, 30). A Igreja acredita que a Assunção de Maria ao céu constitui um sinal e um milagre do Senhor. Mas ela não ensina se houve testemunhos oculares, quais foram, quando e como se realizou o milagre. Trata-se de um profundo mistério. Acontece, porém, que muitas outras verdades em que acreditamos firmemente, não figuram literalmente na Sagrada Escritura. Nem mesmo o dogma fundamental da Santíssima Trindade ali se encontra expressamente. Há seitas que, com o texto da Bíblia na mão, se opõem a êste dogma, como ainda se opõem à eternidade do Homem-Deus, e à divindade do Espírito Santo. Rejeitam ainda, como sacramento, o batismo das crianças, o Sacrifício do Cordeiro no altar e a co-participação do Corpo Místico com a Cabeça, tôda vêz que se comemora a Ceia do Nôvo Testamento. Ora uma, ora outra seita nega ainda muita outra coisa que ali não "está impresso". Mas também opõem-se ao que lá aparece com clareza meridiana, como, por exemplo, a exaltação da Mãe do Senhor através de tôdas as gerações.

Calha bem aqui está analogia: a Bíblia no Antigo Testamento não diz que Jesus é o Cristo e Filho de Deus. Porém,, o que lá não vem registrado literalmente revelou-o Deus aos discípulos. Dali por diante aceitavam como verdadeiro o que Jesus lhes manifestava acêrca do texto do Antigo Testamento: "Ela de mim dá testemunho" (Jo 5, 39). Cada palavra atestava, ainda que ali não estivesse dito expressamente que Jesus era o Cristo.

Ora, se Deus quis que Maria ficasse na obscuridade — Maria, a nova Eva e Mãe dos Viventes, — compreendemos também, porque só poucas alusões ocorrem, na Escritura, no Nôvo Testamento, a respeito de sua vida. Nenhuma palavra ali deparamos a respeito de sua morte, nenhuma a respeito do milagre do Senhor, quando a transporta de corpo e alma



para a glória eterna. Dentre todos os episódios da história da Ressurreição, nesses quarenta dias em que o Senhor se mostrava aos seus, para com eles renovar a sua Aliança e conversar sobre o Reino de Deus, não é precisamente este o que mais chama a atenção: o silêncio com respeito à aparição à Maria? Também a aparição a Pedro não é narrada com pormenores, mas apenas referida de passagem, em I Cor 15. Ora, a aparição a Maria não é mesmo nomeada. No entanto, haveria alguém capaz de afirmar que o Senhor negasse um encontro à sua Mãe, que o concebera por virtude do Espírito Santo, que o dera à luz, que nêle acreditara, e que padecera à sombra da cruz? Todavia nada disso aparece registrado. Nem ao menos sabemos se os Apóstolos, ou pelo menos João que reclinara sobre o peito de Jesus e escutara palavras ignoradas até mesmo por Pedro, receberam um fiozinho sequer de luz a respeito dêste inefável acontecimento. Basta, porém: o texto nada refere. Clamaram, entretanto, as pedras: divulgadores dêste mistério representaram cá e lá, em pedras e imagens, o encontro do Cristo glorioso com sua Mãe.

Vi-me, pois obrigado a estudar a espécie de certeza da Igreja em torno da Assunção de Maria. O texto nenhum argumento apresentava. Mas tomando a Escritura do Antigo Testamento como um todo, e somando a isso a crença na direção constante da Igreja pelo Espírito Santo, o argumento era possível para quem se sentia entrosado na Comunidade.

*Na Igreja, no Espírito Santo, e a seguir, na Escritura Sagrada.* Afinal encontrei na Escritura o sentido da Verdade profética. Pois a Igreja está construída sobre o fundamento dos Apóstolos e “dos Profetas” (Ef. 2,20). Existe, nos escritos do Nôvo Testamento um “Livro Profético” inteiro, que é o Apocalipse de João. Muita coisa do que ali se acha escrito, difere em gênero dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos, como ainda de suas Cartas Doutrinais e Pastorais. Nem por isso deixa de conter verdade revelada, testemunho profético. A mesma espécie de certeza, — parece-me justa a comparação, — podia a Igreja nutrir com respeito à glória de Maria.

E a quem o capítulo 12 do Apocalipse — testemunho profético sobre a mulher vestida de sol — não lembraria Maria, embora aqui se faça referência à Igreja do povo de Deus? Os Doutores da Igreja são os feitores dos mistérios divinos. Se a Sé Apostólica proclama solenemente um artigo de fé, então o testemunho profético recebe parte na palavra apostólica.

Tentei, pois abrir um atalho através da mata espessa de argumentos em contrário, na aparência irrefutáveis, que não só perturbavam os que me cercavam, mas também a mim mesmo. Como foi duro o ano de 1950! Lembro-me agora dos colegas de peregrinação que também estiveram em Roma no início daquele ano, portanto, meses antes da proclamação do dogma. Mas já então estiveram cercados, em todas as igrejas, por pinturas, imagens, mosaicos e inscrições de tempos idos que atestavam a subida de toda a pessoa de Maria ao céu, sendo, pois, o conteúdo de sua crença, nesse ponto, o mesmo antes e depois da definição. O enunciado desse dogma era sóbrio, livre de quaisquer enfeites, com sabor de lenda. Quanta coisa *não* dizia! Mas a fé da Igreja, singela e impregnada da glória de Deus, ficou agora simples, luminosa e irrefutável, pelo testemunho de Um para todos.

Depois do primeiro choque e réplicas ao dogma, perguntei, sem esperar resposta favorável, a um dos nossos Pais de Wuerttemberg, ao pregador leigo evangélico Guilherme Klass, de Tuebingen-Lustnau, já avançado em anos, qual era a sua opinião sobre o dogma Mariano, definido pelo Papa. A resposta brotou rápida, espontânea: *"Alegrei-me, pois ela é sua Mãe"*. Apesar da clareza com que falara, eu não quis confiar nos meus ouvidos; por isso perguntei-lhe mais uma vez no domingo seguinte. — *"Maria, sim! Alegrei-me, pois ela é a Mãe do Senhor. Henoque subiu em direção ao céu. Maria deverá valer tanto quanto ele. Para mim vale isto. Ela está no céu... E para lá também nós queremos ir."*

Infelizmente deixei de lhe pedir outras informações sobre outros Irmãos que com ele partilham a mesma fé; sobre Padres Wuerttembergenses mais antigos — dentre os quais o pai do ancião, o burgomestre Klass de Beuren; sobre pro-

nunciamentos talvez proféticos, santos e ocultos, que ainda circulam a respeito de Oetinger e outros varões, que com êle privavam intimamente. É tarde! Meu velho "Pai em Cristo" já não vive na terra.

A elevação para junto do Senhor, unicamente por Seu intermédio, e o fato de incutir-nos uma esperança viva, — eis o cerne da questão. Nos templos católicos êste destino "para onde também nós queremos ir" é apontado por Maria. A mim, pelo menos, as palavras do amigo trouxeram consôlo.

Entretanto, as surpresas não terminaram. Muitos leram a minha exposição sôbre suas palavras em outro lugar — no meu livro "Prozess um den Papst" (Processo contra o Papa). Ora, nenhum dos varões evangélicos que comigo comentaram o assunto, disse uma palavra sequer em seu desabono.

Tudo isso e muita coisa mais reservara para mim aquê-  
le Ano Santo. Minha peregrinação evangélica a Roma, devido ao meu total isolamento na arena da Verdade, e devido à minha proximidade e distância, a um tempo, do Altar e do Rochedo, significava para mim uma tensão torturante.

# EPÍLOGO

## R. Baumann, o Movimento Ecumênico e a Revolução na Igreja

### 1. — O problema de R. Baumann

*Richard Baumann* é um pároco luterano do Sul da Alemanha, membro da Igreja Evangélica de Wuerttemberg. Em 1933, quando — no Ano Santo da Redenção, proclamado por Pio XI — Hitler assumiu o poder na República alemã, começou para Baumann um nôvo itinerário espiritual, numa espécie de Via-Sacra. O Estado nazista quis dominar sôbre as Igrejas Evangélicas, impondo-lhes primeiro nova forma de organização, com o fim de levá-las aos poucos também a uma nova fé, mais germânica e menos judaica. Os melhores e mais lúcidos entre os evangélicos perceberam a sedução, opuseram-se ao Estado e uniram-se na assim chamada a “*Bekennende Kirche*” (A Igreja do Testemunho).

Desde Lutero as Igrejas Protestantes por êle inspiradas haviam feito relativamente pouco caso da forma constitucional eclesiástica, uma vez que Lutero considerara o Papa junto com a Hierarquia o próprio Anticristo. O seu govêrno eclesiástico enquadrava-se, de regra, na constituição do Estado em que vivam. Mas, agora? O Estado Nôvo se propusera, ainda que sob capa de “cristianismo positivo”, descristianizar as Igrejas Protestantes, como também a católica. Re-



sistiu a isto a "Igreja do Testemunho", em nome da Bíblia. Entretanto, como poderia ela organizar-se legitimamente para constituir-se em verdadeira Igreja e opôr-se à outra forma eclesiástica promovida pelo Estado? Não dera Cristo à sua grei nenhuma constituição externa, segundo a qual se haveria de governar a si mesma, independente e fora dos quadros da sociedade civil? Foi êste o problema que agitou os líderes da corajosa "Igreja do Testemunho", foi esta questão que começou a preocupar o espírito do Pastor Richard Baumann e a levá-lo a estudos cada vez mais apurados sobre os enunciados da S. Escritura a respeito dêste assunto e de suas interpretações. O problema não lhe deixou tréguas nem durante as perseguições nazistas, nem durante os horrores da guerra.

O resultado de sua dolorosa mas abençoada caminhada exegética fixou-o nas páginas de dois livros: "Des Petrus Bekenntnis und Schluessel" ("A confissão de Pedro e suas chaves") e "Evangelische Romfahrt" ("Peregrinação Evangélica a Roma"), que o leitor tem em mãos. No primeiro prova que o Papa é o sucessor de S. Pedro e como tal o supremo Pastor da Igreja de Cristo; no segundo a sua viagem a Roma, no Ano Santo de 1950, "a fim de ver o Papa", pois necessitava de uma impressão imediata da pessoa e atuação do S. Padre. A realidade palpitante de Pedro vivo no Vaticano satisfaz às exigências religiosas e teológicas do pároco luterano. Richard Baumann crê que Pio XII é detentor e administrador daquelas chaves que Jesus Cristo confiou a Pedro, fazendo-o Pastor de tôdas as suas ovelhas.

O seu segundo livro teve repercussão notável. De 1950 a 1960 apareceram sete edições no Schwabenverlag, Stuttgart. Publicaram-se traduções em outras línguas; revistas de religião e cultura se ocuparam dêle. Aos leitores brasileiros foi apresentado, pela primeira vez, por Frei Mansueto Kohnen OFM na "Revista Ecles. Brasileira" 1954, pág. 261.

## 2. — O Movimento Ecumênico

Imbuído desta fé, adiantou-se Richard Baumann não pouco aos seus irmãos do "*Movimento Ecumênico*". O que vem a ser este movimento? Desde meados do século passado vinham-se manifestando nas Igrejas protestantes fortes tendências de unificação. Podemos destacar três causas principais que motivaram o novo rumo de vida religiosa nas Igrejas. A primeira é o simples fato de que no Século XIX a vida política, cultural e religiosa da Humanidade entrou mais visivelmente numa fase de relações internacionais e mundiais. Com esta causa coere a segunda: grande atividade missionária das Igrejas Protestantes. No empenho, porém, de levar a mensagem de Cristo aos pagãos, as múltiplas denominações evangélicas eram forçadas a constatar, muitas vezes, o inconveniente e o escandaloso das suas divergências sectárias; pois estas desprestigiavam não pouco os seus missionários, inclusive os católicos, perante os infiéis. Finalmente surgiu, de preferência entre os anglicanos e ortodoxos, um novo anseio de conhecer a Igreja de Cristo na sua verdadeira essência e existência. Tais e mais outras eram as forças que produziram o movimento, depois chamado "ecumênico", i. é, universal (o mesmo significado do termo "católico"), ter como finalidade buscar e restabelecer a Igreja Universal de Cristo.

Foi depois da Primeira Guerra Mundial que a vitalidade do movimento trouxe resultados mais concretos. Reuniu-se em 1925 na cidade de Estocolmo o Primeiro Congresso mundial protestante, com o fim de promover maior cooperação na vida prática e social das Igrejas (Movimento "Vida e

Ação). Dois anos depois se celebrou em Lausanne outro Congresso mundial, para esclarecimento de problemas da Fé e da constituição das Igrejas (Movimento "Fé e Ordem"). Também neste setor, tão delicado para o protestantismo da livre interpretação da Bíblia, queriam sondar as possibilidades de maior união, uma vez que o Nôvo Testamento inculca tanto a unidade na Fé.

Os dois movimentos congregaram novamente os seus líderes nos Congressos de Oxford e Edimburgo, no verão de 1937. Nesta ocasião deram mais um passo para a unificação, coligando os dois movimentos entre si por meio de um "Conselho Mundial das Igrejas", que foi projetado. Nas discussões de Edimburgo, onde trataram sobre "fé e ordem", atingiram pela primeira vez o momentoso e indeclinável problema, que está agora à sua frente como um grande rochedo e cuja solução decidirá sobre o Ecumenismo, a saber: qual a essência da Igreja de Cristo, sua unidade, sua forma constitucional e sua estrutura? Num pronunciamento que honra sumamente a sinceridade dos seus esforços, confessaram: *"Humildemente reconhecemos que as nossas divisões são contrárias à vontade de Cristo e rogamos a Deus, que, em sua misericórdia, abrevie os dias da nossa separação, e nos guie, por meio de seu Espírito, à plenitude da unidade"*. *"Estamos convencidos de que a nossa unidade de espírito e propósito deve encarnar-se de modo tal que se manifeste ao mundo, conquanto não percebemos ainda qual deva ser a forma externa que asumirá"* (A. Rossi, O Ecumenismo. Rev. Ecl. Bras. 9 (1949) 17).

Entretanto prosseguiram na Alemanha as lutas da "Igreja" do Testemunho" lutas essas que giravam em torno do mesmo problema da estrutura autêntica da Igreja de Cristo. Aprofundaram-se conceitos sobre a essência objetiva da Igreja. Chegaram a compreender que ela não é somente uma livre associação de crentes, mas que sua unidade radica no próprio Cristo, Cabeça da Igreja, a qual de algum modo é a continuação da sua Encarnação.

Desabou sobre a Humanidade o cataclismo tremendo da Segunda Guerra Mundial. Esta catástrofe não se confinou

mais com a simples política humana, mas fez transparecer visivelmente, em suas feições, as características da batalha secular entre o Reino de Deus e o de Satanás. A tragédia dêsses anos só podia favorecer o Movimento Ecumênico. Em 1948 reuniram-se, no Congresso de Amsterdam, 1500 delegados, representantes de 42 países e 180 Igrejas Protestantes. *"No mundo desenganado de nossos tempos encontramos a única esperança na Igreja de Cristo"*, assim declararam, e deram existência efetiva e permanente ao "Conselho Ecumênico mundial das Igrejas", não para êle ser um governo central do Protestantismo, mas com a função de fomentar nas diferentes comunidades o espírito ecumênico, de promover estudos e medidas práticas que visassem buscar, encontrar e realizar a Igreja Una e Santa de Cristo, na qual todos acreditavam.

Onde e como acharão a "unidade da Igreja de Cristo que ardentemente querem"? Deus, a julgar pela História Sagrada, leva geralmente as suas obras de graça e salvação até um ponto, em que a vontade humana deve proferir o seu "sim" de fé e adesão; falhando neste ponto, por não conhecerem os homens o tempo da visitação divina (Lc 19, 44), serão êles novamente abandonados aos seus próprios caminhos de dispersão. O Movimento "Fé e Ordem", o mais importante nesta questão, celebrou em agosto de 1952 a sua terceira Conferência Mundial na cidade de Lund. Em relação à Fé, não conseguiram seus representantes sequer fixar como base comum a crença na Divindade de Jesus Cristo. No tocante à unidade e estrutura da Igreja assim se expressaram: "Estamos separados, entre nós, nas opiniões sôbre as formas da doutrina, dos sacramentos e da hierarquia, que constituem a essência da Igreja. Todos, porém, esperamos ansiosamente o dia, em que todos os cristãos consigam ter a comunhão irrestrita dos sacramentos" (G. Schmieder, *O Movimento Ecumênico na Encruzilhada*, Rev. Ecl. Bras. 13 (1953), 898 s). Só uns poucos pendem em favor duma "unidade orgânica" da Igreja.

O Movimento Ecumênico, graças ao sôpro divino, continuou sua marcha em linha ascensional. É verdade que após



a Assembléia Geral de Evanston, em 1954, teólogos católicos se tornaram apreensivos; lamentaram uma “concentração crescente das idéias em torno dos princípios genuinamente protestantes”. A consequência imediata foi que Miguel, Arcebispo da Igreja Ortodoxa de Nova York, e um dos Presidentes eleitos do Conselho Ecumênico, antes do fim do Congresso publicou uma declaração, dizendo em nome dos representantes orientais que “todo o método para a solução do problema da unificação das Igrejas é, sob o ponto de vista da Igreja ortodoxa, absolutamente inaceitável”.

Bem outros foram os resultados da última Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, reunida em Nova Delhi, capital da Índia, de 18 de novembro a 6 de dezembro de 1961. Seiscentos delegados oficiais de Igrejas e mais mil outras pessoas trataram durante 18 dias sobre o tema “Jesus Cristo, a Luz do Mundo”.

Damos a palavra a D. Ernesto Schlieper, Presidente da Igreja Evangélica de confissão luterana do Brasil, que participou do Congresso e foi eleito membro da Comissão Central do Conselho. Na revista “Estudos” (Pôrto Alegre) 1962, n.º 3, p. 21-27, sintetizou os aspectos que julgou mais importantes no grande Conclave.

*“Logo nas primeiras sessões plenárias foram tomadas as decisões de maior importância para todos que conhecem a história do movimento. A primeira e mais importante foi a integração do Conselho Internacional das Missões no Conselho Mundial de Igrejas. Com isso as três diversas correntes dentro do movimento ecumênico que se haviam formado a partir da Conferência de Edimburgo em 1910 — ou sejam o movimento “for Life and Work” (Vida e Ação), o movimento “for Faith and Order” (Fé e Ordem) e o Conselho Internacional das Missões — essas três correntes estão agora unidas no Conselho Mundial das Igrejas.*

*“A segunda decisão foi a admissão de vinte e três novas igrejas como membros do Conselho Ecumênico, entre elas onze da África e duas do Chile. Da maior repercussão foi a admissão das Igrejas Ortodoxas da Rússia, da Romênia, da Bulgária e da Polônia... Com essa decisão o grande mundo*

da Igreja Ortodoxa está representado quase integralmente no Conselho Ecumênico. O Arcebispo Nikodim que dirige o Departamento Exterior do Patriarcado de Moscou declarou que o dia de sua admissão no Conselho Ecumênico é para a Igreja Ortodoxa um dia histórico e de grande alegria.

A terceira resolução foi a ampliação da base do Conselho Mundial, aceita quase unanimemente". Esta base espiritual-dogmática do Conselho, contida no primeiro artigo do seu Estatuto, tinha desde a primeira Assembléia de Amsterdã em 1948 o seguinte teor: "*O Conselho Ecumênico de Igrejas é uma comunhão de Igrejas que reconhecem Jesus Cristo como Deus e Salvador*". Essa base, "ponto de orientação e critério para todo o trabalho e tôdas as discussões ecumênicas", foi ampliada em Nova Delhi, recebendo a formulação seguinte: "*O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunhão de Igrejas que, conforme a Sagrada Escritura, confessam Jesus Cristo como Deus e Salvador e por isso juntas procuram cumprir aquilo para que foram chamadas, para a glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo*".

De interêsse especial para nós são os esforços dêstes representantes de duzentas Igrejas diferentes no sentido de conhecer e promover a unidade da Igreja de Cristo. O Presidente Ernesto Schlieper dá seu testemunho nestas palavras: "*Como decisão de importância histórica considero a tentativa... de definir o que é Unidade. Houve... por parte das jovens Igrejas da Ásia e da África uma certa impaciência santa que exigia uma maior intensidade no esforço pela unidade. — Para nós, na Ásia — disse uma representante da Índia — Unidade da Igreja é uma questão de vida e de morte... Se queremos proclamar Cristo Nosso Senhor como a luz do mundo, temos que tomar mais a sério que Ele quer a nossa unidade*".

O Dr. Nikos A. Nissiótis da Igreja Ortodoxa iniciou a sua conferência sobre a Igreja Una e Indivisa com um apêlo à Assembléia Geral de avançar para frente na busca da Unidade da Igreja que já existe em Cristo. "*Não temos mais o direito de usar os slogans da primeira época do nosso sentimentalismo ecumênico, dizendo, p. ex., que temos que ficar*

*sentados e esperar até que Cristo una a sua Igreja, ou que a unidade espiritual não pode realmente ser afetada pelas nossas dissensões, ou que é suficiente cooperarmos uns com os outros mais que anteriormente. Não recaímos todos nós constantemente naquele modo de pensar e de agir, como se a Una Santa estivesse confinada aos limites de nossa própria Igreja ou Confissão? Mas, a experiência de nossos encontros em assembléias e conferências eclesiais nos tira de nossa complacência. O sopro do Espírito Santo nos lança para a frente, apressadamente e com força. Esta Assembléia Plenária é um momento em que deve ser feita alguma coisa para a restauração da Unidade. Oremos para que nenhum de nós se contente em continuarmos passivos, membros satisfeitos consigo mesmos de nossas igrejas separadas”.*

*A Assembléia de Nova Delhi aceitou, por fim, a seguinte descrição da Unidade da Igreja: “O amor do Pai e do Filho na comunhão do Espírito Santo é fonte e fim da unidade que o Deus Trino quer para todos os homens e toda a criação. cremos que participamos dessa unidade na Igreja de Jesus Cristo, o qual subsiste antes de tudo e no qual tudo existe. Somente nêle, ao qual o Pai instituiu como cabeça do corpo, a Igreja tem a sua verdadeira unidade. Em Pentecostes a realidade dessa unidade se tornou manifesta no dom do Espírito Santo, pelo qual neste tempo presente reconhecemos as primícias daquela unidade perfeita do Filho com o Pai, e a qual só será conhecida inteiramente, quando todas as coisas forem reunidas por Cristo em sua glória. O Senhor que no fim conduzirá todas as coisas à plena unidade, é quem nos faz procurar a unidade que é a sua vontade para sua Igreja, aqui e agora na terra.*

*Cremos que a unidade que é ao mesmo tempo vontade de Deus e a sua dádiva para sua Igreja, se torna visível, se em todos os lugares todos que foram batizados em Jesus Cristo, confessando-o como Senhor e Salvador pelo Espírito Santo são conduzidos a uma comunhão de responsabilidade integral que confessa a mesma fé apostólica, prega o mesmo evangelho, parte o mesmo pão, se une na oração comum e em testemunho e serviço se dirige a todos. São unidos ao*



*mesmo tempo com toda a cristandade, em todos os tempos e todos os lugares, de tal modo, que ministério e membros são reconhecidos por todos, podendo todos juntamente agir e falar assim, como a situação concreta o exigir em relação para com as tarefas, às quais Deus chama o seu povo. Creemos que é do nosso dever orar e trabalhar para tal unidade".*

Que grande progresso na Teologia da Igreja para muitas Igrejas separadas! Ainda que esta descrição "deixa muitas perguntas abertas", não há dúvida que nela está indicada o verdadeiro e único fundamento da Igreja. Cristo e Deus Trino, e está apontada a meta e consumação da unidade que os cristãos devem procurar com a graça de Deus.

E quem lê juntamente com os outros documentos de Nova Delhi esta descrição da unidade, percebe que ela não é considerada um termo final. O Espírito Santo se manifesta vivo e impulsiona estes representantes a buscarem também a unidade visível que lhes permite se assentarem todos juntos na mesa de Cristo eucarístico. Arthur Ramsey, Arcebispo de Cantuária, insiste que esta tarefa é de "urgência divina", embora deva ser realizada com "paciência divina".

O clamor de as Igrejas não se deixarem prender demasiadamente pelas formas do passado, mas se abrirem resolutamente ao apêlo do Espírito Divino e às necessidades de evangelização do mundo atual e futuro, parte com particular insistência das alas mógicas do Movimento Ecumênico, dos Estudantes e Missionários. O Congresso Mundial da Aliança Cristã Estudantil na cidade de Estrasburgo em 1961, como a Conferência da Juventude Cristã Internacional em Lausanne, 1960, e em Nova Delhi, realizada antes do início da Assembléia Geral do Conselho Ecumênico, experimentaram uma vivência da unidade do seu espírito em Cristo e por isso já não podem conformar-se com as barreiras entre as diversas "confissões". Desejam viver na grande comunidade do povo de Deus na terra, que leva os tesouros da verdade e da vida às outras nações do globo.

O maior acontecimento recente na história do Movimento Ecumênico é o Pontificado do Papa João XXIII e sua convocação do Concílio Vaticano II. Com João XXIII a Igre-



ja Católica abandonou oficialmente a sua atitude de reserva benévola perante o Movimento Ecumênico das outras Igrejas e resolveu ir positivamente ao encontro dos Irmãos separados em toda a linha, quanto lhe fôsse possível. Foi na conclusão da Oitava Mundial de Oração pela Unidade Cristã, em 25-I-1959, que João XXIII surpreendeu todo o mundo, ao comunicar a sua resolução de convocar um Concílio Universal da Igreja Católica. Sua finalidade seria promover uma reforma prática pastoral da Igreja, de tal forma que simultaneamente favorecesse a união com as Igrejas cristãs separadas.

No Vaticano o Papa instituiu um Secretariado especial para a União dos Cristãos, confiando sua direção a um homem, que tinha tido contato com a Teologia Protestante, era erudito na Bíblia como Diretor do Pontifício Instituto Bíblico e estava familiarizado com as idéias de Pio XII: o Cardeal Bea, natural da Alemanha.

Este Secretariado, órgão oficial do Vaticano, dirigiu um convite ao Conselho Mundial das Igrejas, sediado em Genebra, pedindo que suas Igrejas filiadas enviassem delegados ao Concílio, para acompanharem na qualidade de observadores todos os debates e resoluções. O aparecimento dos quarenta e nove observadores na Basílica de São Pedro, ocupando os primeiros lugares entre o Papa e os Cardeais, demonstrou tal progresso do Ecumenismo, que o Cardeal Bea o qualificou de "milagroso". Na verdade, o Movimento Ecumênico tinha entrado numa nova fase da sua história, iniciando um diálogo amplo e aberto não só com teólogos católicos, senão com o Papa e os Bispos reunidos em Concílio, autoridade suprema na Igreja.

Na segunda fase do Vaticano II o número dos Observadores e das Igrejas por eles representadas elevou-se consideravelmente: de dezessete igrejas a vinte e dois, de quarenta e nove observadores a sessenta e seis. Que o novo Papa Paulo VI continua igualmente com passo firme na promoção da unidade cristã evidenciou-se tanto no seu discurso de

inauguração da segunda fase quanto no encerramento, ocasião em que deu publicidade à sua intenção de visitar a Terra Santa na próxima Festa de Epifânia.

O diálogo teológico entre a Igreja Católica e as outras Igrejas, oficializado desta maneira sob João XXIII, se foi intensificando e alargando em todo o mundo.

A mais recente realização ecumênica por parte das Igrejas não-católicas foi a 4.<sup>a</sup> Conferência da Comissão "Fé e Ordem", celebrada na McGill Universidade de Montreal, Canadá, de 12 a 26 de julho de 1963. Os estudos preparatórios, para os quais também o Secretariado do Cardeal Bea teve ocasião de contribuir com a elaboração de pareceres teológicos, focalizavam diversos aspectos da eclesiologia. Na Conferência mesma, frequentada por cerca de duzentos e dez delegados protestantes e sessenta ortodoxos orientais, participaram cinco observadores católicos romanos. Numa manifestação de fé na Universidade Católica de Montreal interpretaram as aspirações de unidade cristã o Secretário Geral do Conselho Ecumênico, o Dr. Visser't Hooft e, do lado católico, o Cardeal Leger de Montreal.

Se a Conferência não registrou um resultado teológico substancialmente novo, avançou-se contudo na pesquisa da essência da Igreja para horizontes mais amplos e profundos. *"Estamos no caminho da unidade dos Cristãos"; "muitas das nossas posições, defendidas durante longos anos, não tem importância para os desígnios de Deus"*, são palavras da mensagem final da Direção do Congresso.

### 3. — Discussão sôbre o primado papal

Richard Baumann estudou a Bíblia e esta o conduziu ao Papa.

Com sua sinceridade comprovada foi dar testemunho desta fé nos livros citados. São um eco maravilhoso à voz de Pio XII, que no ano Santo de 1950 convocou a todos para “o grande retôrno e o grande perdão”. O próprio autor considera os dois livros como um convite aos seus irmãos na fé, aos 1200 colegas de ministério na Igreja Luterãna de Wuerttemberg e a todos os amigos do Movimento Ecumênico.

Qual é a atitude e o pensamento dos cristãos separados com relação à nossa fé no *Primado do Bispo de Roma*?

1. — Sôbre êste grande problema da unidade cristã publicaram-se numerosos estudos nos últimos anos. Não é possível registrar neste lugar tôdas as vozes que se fizeram ouvir; mas queremos citar algumas para depois apreciar melhor a missão de Richard Baumann, o “defensor de Pedro”, como o chama Ansgário Faller SAC na Revista “Fides” 59 (1959) 40-50,, 69-79, num artigo que apareceu também em forma de opúsculo: “Protestanti difendono il primato”, Livreria Editrice Vaticana 1959.

Como exemplos podemos aduzir três obras, aparecidas respectivamente em 1951, 1952 e 1953, quer dizer, logo após êste nosso livro de Baumann. Três conhecidos teólogos protestantes, Emil Brunner (Zurique-Tóquio), Oscar Cullmann (Basiléia-Paris) e Hans von Campenhausen (Heidelberg), depositaram nelas as suas teorias sôbre o Primado de S. Pedro e de seus sucessores, os Papas. Para E. Brunner a Igreja hierárquica é uma aberração do espírito e das intenções de

Jesus Cristo. Pois este quis, segundo o testemunho de São Paulo, uma comunidade fraterna carismática, na qual o Espírito Santo com seus dons seria o único princípio de ordem e vida. H. von Campenhausen admite para os tempos primitivos do Cristianismo várias formas de Igreja, entre as quais também a carismática de S. Paulo; mas afirma que prevaleceu bem depressa a forma católica e hierárquica, por melhor satisfazer às necessidades da nova cristandade. Não era uma aberração, senão uma evolução teologicamente justificada. O. Cullmann concentra suas atenções sobre a posição de Pedro. Concede que Jesus Cristo lhe conferiu um primado, mas nega ter-se transmitido este aos sucessores de Pedro, os Bispos de Roma.

Do lado católico entrou em "colóquio" com estes autores Otto Karrer, no seu livro "Um die Einheit der Christen" (Frankfurt 1953). Procurou mostrar, que Jesus Cristo, conforme os dados do Novo Testamento e do Cristianismo primitivo, fundou uma Igreja hierárquica, na qual vive o Espírito Santo com seus dons carismáticos. Os elementos hierárquicos e carismáticos, a fraternidade e a autoridade, não se excluem mas se completam, constituindo o maravilhoso mistério da Igreja, o Corpo Místico de Cristo, cuja alma é o Espírito Santo.

Na Conferência Mundial das Igrejas em Nova Delhi, 1961, não houve por parte dos protestantes um pronunciamento sobre a questão do Papado, mas sim, sobre as relações com a Igreja Católica Romana. A Comissão do setor "Fé e Ordem", a quem cabe estudar a "Ordem eclesiástica" e por isso finalmente também o problema do Primado Papal, apresentou à Conferência um relatório, para ser aprovado, no qual lemos o tópico seguinte:

*A Comissão reconhece com prazer, que nos últimos tempos aumentaram as conversações — nomeadamente tais que provém de pesquisas bíblicas — entre teólogos da Igreja Católica Romana e de outras Igrejas. Ela se alegra com estes numerosos novos contatos com católicos romanos, que se realizam numa atmosfera de mútua benevolência e saúde particularmente a ereção, por parte do Vaticano, do Secre-*



tariado para a promoção da unidade cristã. A Comissão solicita ao Conselho "Fé e Ordem" de determinar medidas e normas especiais para a realização de colóquios com católicos romanos e pede às Igrejas-membros de aproveitar toda e qualquer iniciativa possível" (Neu Delhi. Dokumente, p. 125).

O Secretário Geral do Conselho Ecumênico, o tão benemérito Dr. Visser't Hooft, igualmente registrou na sua alocução a nova e utilíssima relação do Movimento Ecumênico com o Secretariado do Vaticano; saudou os cinco teólogos católicos, que pela primeira vez representaram um órgão oficial da Igreja Católica, o Secretariado, junto a uma Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas.

Uma palavra que diretamente se refere ao Primado do Bispo de Roma, foi proferida na conferência do Dr. Nicos A. Nissiótis ao falar sobre "Testemunho e serviço da Cristandade Ortodoxa a favor da Igreja indivisa". Disse êle: *"As Igrejas do Oriente nunca contestaram o Primado do Bispo de Roma "honoris causa" como "primus inter pares". Mas no serviço da unidade precisamos agora repensar de novo os nossos conceitos sobre esse primado. Devemos compreendê-lo como resposta ao desejo das Igrejas locais de haver alguém que se encarregue da convocação dos Concílios pan-cristãos e que sirva de órgão de ligação entre as Igrejas, da maneira como hoje o faz o Patriarcado de Constantinopla para as Igrejas do Oriente. O testemunho ortodoxo a favor da unidade deve incluir um trabalho preparatório no terreno da Psicologia e Teologia, que vise ao restabelecimento dessa função da Igreja indivisa, por ser um dos meios fundamentais para a conservação da unidade. Igualmente devemos esperar e rezar, que o Concílio Vaticano II, dê novo vigor ao sistema diocesano, oferecendo uma nova interpretação do Primado da S. Sé, a saber, no pleno sentido católico e ortodoxo "ex consensu ecclesiae et non ex sese" (Primado pelo consentimento da Igreja e não por própria autoridade)"* (Neu-Delhi, Dokumente, p. 415).

Ainda que estas palavras do Dr. Nissiótis não retratem a doutrina católica romana sobre o cargo do sucessor de S.

Pedro são contudo uma profissão de fé a favor da posição especial do Bispo de Roma como órgão central da unidade cristã. Com respeito a uma eventual "nova interpretação do Primado da S. Sé" valem as ponderações que o Cardeal Bea teve ocasião de lembrar antes do Concílio: a Igreja não pode mudar um dogma definido, mas na sua interpretação pode fazer ver e valer outros aspetos da mesma verdade e eventualmente completá-la com novos elementos.

A última voz do protestantismo atual referente ao Primado Papal seja a de um "Observador" que assistiu à primeira fase do Concílio Vaticano II. Diante de seletos auditório pronunciou aos 31-1-63 uma conferência na célebre Universidade da Sorbona em Paris (cf. *Documentation Catholique*, 7-IV-63). Trata-se do teólogo Óscar Cullmann, de cujo livro sobre Pedro acima falamos.

Apesar de toda a sua boa vontade em relação à união das Igrejas pronunciou-se da seguinte maneira: *"Na realidade não vejo a possibilidade de uma "fusão" das Igrejas não-católicas com a Igreja Romana"*. Por que? A razão principal em sua opinião reside no problema teológico do Primado. *"A concepção católica de unidade que, fundada sobre a fé e envolvida pelo dogma católico, está indissolúvelmente ligada à doutrina do Primado de Direito Divino. Nossa concepção protestante e ortodoxa da unidade (...) devem forçosamente levantar-se contra esta concepção romana"*. *"Nossa fé, fundada exclusivamente sobre a Bíblia, não poderá aceitar esta condição"*. Cullmann afirma isto, embora no seu livro e nesta conferência reconheça que *"na Bíblia encontramos certamente uma primazia ou um primado do Apóstolo Pedro, mas nada sobre a questão de saber se e sobretudo como o Apóstolo pode ter sucessores na Igreja"*. *"Eu suplico — continua — aos meus irmãos católicos de fazerem um esforço para compreender nossa posição a este respeito"*.

Não há dúvida, nada se deve fazer contra a consciência, e *"nada podemos contra a verdade, senão pela verdade"* (II Cor 13,8). Por isto se manifesta precisamente neste ponto toda a gravidade do problema: a verdade, onde estará?

Na concepção dos Irmãos separados ou na fé da Igreja Católica Romana? Verdade neste caso quer dizer: o que Cristo Jesus pretendia ao distinguir o Apóstolo Pedro e ao dirigir-lhe aquelas palavras de Mateus 16,18s e João 21,15ss? Referem-se somente à sua pessoa individual ou instituem um ofício permanente na Igreja? E no caso que se afirme o segundo, — como é de fé católica — quais seriam as atribuições deste ofício?

Aí está o problema teológico, cuja solução todos quantos queremos seguir a Cristo, temos a obrigação de buscar, na simplicidade do amor. Cristo Jesus e a Bíblia, que querem a unidade dos cristãos, o Espírito Santo que está impulsionando o Movimento Ecumênico, não nos darão a graça de atinar com a solução?

Nesta encruzilhada se nos depara o testemunho de Richard Baumann. Ele crê ter sido surpreendido pela graça da solução em 1942, quando nas buscas pela forma verdadeira da Igreja de Cristo ficou convencido que nela perdura o ofício de Pedro. Desde então não conhece outra preocupação senão dar testemunho desta verdade bíblica: Jesus Cristo deu à sua Igreja um cargo perpétuo especial para mantê-la inabalável na fé e na graça contra os assaltos das “portas do inferno”: o cargo de pedra-rocha de Pedro, continuado nos seus sucessores.

Se Cullmann acha que a fé protestante, “fundada unicamente na Bíblia, não pode aceitar o Primado Papal,” Baumann inicia este livro, que o leitor tem em mão, escrevendo a frase: “Foi a Bíblia que me impeliu a ir em peregrinação a Roma a fim de ver o Papa. Pois no dizer da Sagrada Escritura deve existir alguém que como um rochedo sustente o Templo do Nôvo Testamento”.

São palavras graves, golpeando portas para se abrirem. Estão aqui dois protestantes exímios, de cuja sinceridade não há motivo de dúvida, tomando posição contra e a favor do Primado Papal; ambos com a Bíblia na mão.

A simples constatação deste fato mostra a dificuldade da solução. Um dos teólogos católicos modernos, mais familiarizados com os problemas ecumênicos, Hans Küng, con-



corda com a opinião dos que vêem no dogma do Primado o problema central da união dos cristãos. No seu livro *"Kirche im Konzil"* (Herder 1963) escreve: *"E o ofício de Pedro? É daí, sim, que partem e terminam tôdas as dificuldades — teológico-dogmáticas ou práticas e existenciais — contra a reunificação dos cristãos separados e a reunião de um Concílio Ecumênico de tôda a cristandade. Muitas vêzes parece uma questão sem esperança"* (p. 59).

Falando das "perspectivas ecumênicas do Concílio Vaticano II" afirma: *"O Concílio Vaticano II tem a incumbência de renovar a Igreja e de preparar a reunificação dos cristãos separados. Uma montanha enorme de dificuldades teológicas e práticas foi-se acumulando entre as diversas confissões cristãs no decurso dos séculos, principalmente entre os católicos e evangélicos. Onde reside a dificuldade fundamental teológica e prática? Não na concepção da Cristologia, nem na da justificação do pecador, nem na compreensão dos sacramentos, mas na compreensão da Igreja"* (p. 174). Mesmo na concepção da Igreja, continua Küng, o fundo comum é extenso e sumamente importante. *"Os fatores que nos separam, ligam-se com a (...) organização concreta da Igreja e se cristalizam em tôrno da questão teológica e prática do ofício ou cargo eclesiástico. A dificuldade entre católicos e ortodoxos se reduz praticamente ao encargo de Pedro. Entre católicos e protestantes ela está aberta em tôda a largueza e complexidade"*.

Desde o choque de Lutero contra os dignitários da Igreja e o Papa desenvolveu-se uma oposição contra o ofício eclesiástico como tal, principalmente o de Pedro. *"A rocha sôbre a qual devia estar construída a Igreja e sua unidade, tornou-se gigantesca pedra de escândalo e o obstáculo maior da união dos cristãos divididos"* (p. 175).

Como se poderá encaminhar uma aproximação? Que não se precisa desesperar de início, mostra-o a posição divergente e oposta dos dois autores protestantes, Cullmann e Baumann. Sua divergência sugere também a necessidade de estudar não apenas êste problema particular do Primado Papal, mas toda a essência e forma da Igreja, suas estrutu-



ras, elementos constitutivos, órgãos, cargos. É o que de fato se está fazendo na Teologia atual.

Já nos referimos aos progressos na compreensão da Igreja e de sua unidade, quando falamos de Nova Delhi e do Congresso de Montreal. É bem verdade a palavra do Bispo Luterano de Berlim, Dr. Dibelius, pronunciada anos atrás: O Século XX será o século da Igreja. Isto não vale somente da Teologia dentro do Movimento Ecumênico, mas também na Teologia Católica. O Concílio Vaticano II acaba de mostrar, que ela não está terminada em absoluto. A Ecclesiologia, segundo uma palavra de H.U.v. Balthasar, até há pouco se encontrava num estado rudimentar. Basta lembrar que novos manuais de Teologia Dogmática dedicam à Igreja um volume em vez de uma só tese que lhe dedicaram autores anteriores.

Para o aprofundamento de tais estudos é sumamente favorável o clima de mútuo respeito entre as Igrejas, de autocrítica e revisionismo, criado pelo Ecumenismo. Após séculos de Apologia, em que as Igrejas julgavam necessário defender os seus pontos de vista particulares contra os ataques dos outros, sucedeu uma nova consciência de paz e unidade fundamental em Cristo, que permitirá um estudo mais desprevenido, calmo e objetivo de todo o complexo de questões relacionadas com a essência e existência da Igreja. Ela, o Reino de Deus na criatura é a maior obra divina, após a Criação. Por isso, nada há de estranhar que também na Teologia, de tempos em tempos, se possam abrir perspectivas insólitas e mais vastas, como acontece nas ciências da natureza. A nossa era que franqueou aos homens a penetração no átomo e nos espaços sidéreos, já demonstrou ter-lhes reservado também novas possibilidades de realização do Reino de Deus na terra. O que importa é continuar sinceramente na súplica ao Espírito Divino e na busca da verdade no amor.

2. Ninguém, porém, pense que seja suficiente o estudo da Ecclesiologia. Paralelamente ao estudo do ideal da Igreja, com base na Bíblia e no Cristianismo primitivo, deve progredir a realização concreta dêste ideal. A Igreja, corpo

vivo de Cristo no mundo, deve crescer em todos os tempos, deve renovar-se sempre e aspirar ao seu pleno desenvolvimento, aproximando-se da perfeição que lhe foi traçada no Nôvo Testamento. As grandes cisões da Cristandade foram provocadas por falhas humanas de ambos os lados, por abusos que se encrostaram no corpo social da Igreja através de diversas situações históricas. Por isso deverão ser superadas, por sua vez, pelo aperfeiçoamento de estruturas, formas de vida e do espírito religioso em conformidade com a palavra de Deus. Não só as Igrejas separadas do Movimento Ecumênico são chamadas para êste trabalho, mas também a Igreja Católica.

Todos sabemos que o Concílio Vaticano II foi convocado para renovar, reformar e adatar estruturas e vida da Igreja de tal forma, que possa cumprir melhor a sua missão salvadora no mundo atual e favorecer a união de tôda a cristandade.

O problema do cargo eclesiástico, tão central nas discussões ecumênicas, não pode faltar na revisão conciliar. Esta tarefa poderia ser resumida nos têrmos seguintes: uma vez que na fé católica cremos que os cargos eclesiásticos da hierarquia são elementos constitutivos da Igreja, segundo a vontade de Cristo, devemos cuidar que também o modo de exercê-los corresponda o mais perfeitamente possível ao espírito do Evangelho. Cremos que existe o ofício do Papa, dos Bispos, dos Sacerdotes e Diáconos, em continuação do ofício de Pedro, dos Apóstolos, Presbíteros e Diáconos do Nôvo Testamento. Em virtude dêstes ofícios a hierarquia tem verdadeira autoridade de ensinar a palavra de Deus (Magistério), de prestar culto oficial a Deus e administrar os santos sacramentos (Sacerdócio), como também de dirigir a sociedade dos fiéis (ofício de pastor).

Nos ofícios da hierarquia eclesiástica superior, inclusive o Pontificado Romano, processou-se nos longos séculos da Idade Média uma simbiose com encargos civis que não deixou de ter suas consequências negativas ao lado das positivas. O alto clero da Europa, recrutado quase exclusivamente da nobreza feudal, em muitos dos seus membros não

apresentava o espírito de religiosidade e simplicidade exigido pelo Evangelho.

Em oposição a êste estado de coisas, as Igrejas da Reforma Protestante resolveram o problema do cargo eclesiástico de diversas maneiras, as quais, no entender da Igreja Católica, também não correspondiam ao Evangelho às intenções de Jesus Cristo e à prática da Igreja primitiva. Principalmente, porque no Protestantismo os cargos não se conferem mais por meio de um sacramento, em virtude do qual o designado se torna um enviado de Cristo, revestido de faculdades e de autoridade de Cristo; o ministro evangélico é um eleito pelo povo para o serviço religioso do povo. O ofício de Pedro, o Papado, foi completamente supresso na Reforma Protestante.

Cremos, pois, na Igreja Católica que devemos conservar em tôda a sua essência religiosa os cargos eclesiásticos. Mas isto não nos isenta do dever de buscar no exercício destas funções autoritativas a maior integração no espírito de Cristo. Jesus Cristo, não obstante a Divindade de sua Pessoa e de sua autoridade, veio “para servir e não para ser servido”, para andar em tôda a simplicidade no meio do povo e dos seus pescadores-discípulos. De suma importância para o bem da Igreja no mundo atual e para a união das Igrejas cristãs é certa purificação evangélica. Há um século ela já está em andamento. Um dos maiores Papas, S. Gregório Magno, descreveu, autênticamente, já antes da Idade Média, o caráter e a finalidade dêste ofício, dizendo que êle era “o servo dos servos de Deus”. Com isso não renunciou nem deixou de ser o chefe visível da Igreja, Vigário de Cristo na terra.

Será interessante ouvir um e outro parecer de autores católicos, que se referem à necessidade de se tornar mais convincente e mais visível aos olhos não-católicos êste caráter de autoridade-serviço do Primado Papal. Pelo fim do seu livro acima citado, Otto Karrer formula a dificuldade dos Irmãos separados nestes têrmos: *“Também na forma moderna do centralismo romano os cristãos não-católicos pensam ver vestígios de um “sistema de poder”, incomparável-*

mente mais atenuado, é verdade, mas ainda tão real que pela fidelidade a Cristo se lhes torna impossível, segundo a sua convicção, de reconhecer em Pedro II, isto é no Papado, a Pedro I, isto é, o discípulo de Jesus. É a trágica realidade que no lado católico devemos ter presente para não nutrir falsas esperanças. Qualquer que seja sobre isto o julgamento de Deus, nos olhos dos homens a idéia do ofício de Pedro está com um lastro pesado da história deste ofício" (pág. 215-16). A dificuldade de aceitar o Primado Papal não reside somente num problema teológico-doutrinário, mas também numa aversão emocional coletiva que provém de tantas coisas, reais e imaginárias, do passado.

O mesmo pensamento exprimiu antes de Karrer outro teólogo católico, A. Rademacher (*Die Wiedervereinigung der christlichen Kirchen*. Bonn 1937, pág. 69): "*O motivo que impede as Igrejas hodiernas — as orientais talvez mais que as reformadas do Ocidente — de voltar ao seio da Igreja Católica e Apostólica, não é tanto a resistência à idéia ecumênica em si, quanto o medo de serem dominadas por Roma. Oxalá que um dia lhes aparecesse aos olhos o Papa de Roma não como um dominador, mas como "servo dos servos de Deus!"*"

Já conhecemos as palavras de H. Kueng, que apontam o ofício petrino como dificuldade central contra a reunificação dos cristãos. Pergunta ele: o que o Concílio Vaticano II poderia fazer, para diminuir esta dificuldade? e responde: "*O ofício de Pedro, em sua relação para com Igreja e Concílio, embora permaneça intata a sua estrutura essencial, está sujeito às mudanças da História. Determinado desenvolvimento histórico, seja em direção ao centralismo, seja no rumo contrário da descentralização, não deve logo ser taxado de bom ou de mau. A Revelação Bíblica é que deve dar os critérios de julgamento sobre o caso. Considerando a situação atual e a desejada reunião dos cristãos divididos, convém lembrar que o testemunho da Igreja primitiva, consignado na Sagrada Escritura, como também a História da Igreja e dos Concílios, nos ensinam que o ofício petrino, sem dano para a sua função essencial, pode conservar-se numa atitu-*



*de bastante discreta, precisamente para favorecer a unidade da Igreja. É mister distinguir entre a necessidade de um centro na Igreja e o centralismo, entre o ofício petrino e o papalismo. O Vaticano I condenou não somente o episcopalismo extremo, mas também o (...) o extremo papalismo (...). Uma coisa é certa: o saneamento dos cismas eclesiásticos exigirá sacrifícios de todos os atingidos, inclusive do ofício de Pedro, já que todos também têm a sua parcela de culpa".*

No próprio Concílio atual, na segunda fase de sessões, o conhecido Patriarca católico Máximos IV de Antioquia, referiu-se à necessidade de suprimir certos exageros no Primado, dizendo: *"Expurgada dos exageros de doutrina e de exercício, a primazia do Pontífice Romano não só deixa de ser a principal pedra de escândalo da união dos cristãos, mas ela se torna a força principal que exige e sustenta a união. Ela é absolutamente indispensável como centro da unidade da Igreja"* (Informations Cath. Internationales, 1-11-63, pg. 8).

A luz destas afirmações compreendemos o alcance histórico do Pontificado de João XXIII e da sua convocação do Concílio Vaticano II. Embora a homenagem tributada à figura exímia de Pio XII, incansável promotor da paz e da justiça, fôsse grande e universal, foi ela superada ainda pelo eco caloroso que a bondade humilde de João XXIII, unida à grande dedicação e competência, provocou em todo o mundo. Os cristãos separados perceberam que ali não se tratava apenas da bondade natural de um personagem popular. Desde o primeiro instante da sua eleição, ao escolher o seu nome de Papa, mostrou o feitio de amor e humildade que desejava conscientemente imprimir ao seu Pontificado. Era a sua concepção do ofício de Pedro que vivia. Conseguiu encarnar em sua pessoa aquela união de suprema autoridade religiosa com a mais autêntica humildade e a mais natural humanidade. Desta forma desarmava mêdos e atitudes agressivas.

O mesmo amor humilde demonstrou no governo oficial da Igreja. Convocou o Concílio. Não quis governar sozinho,

com seus magistrados em Roma, deixando aos outros apenas o papel de obedecer e executar. Chamou a todos para colaborar e influir na direção universal da Igreja; a todos fazia trabalhar, Bispos, teólogos, párocos, leigos. Tratava-se do bem da Igreja dêles: podiam melhorá-la de acôrdo com o Santo Evangelho, com os desejos do Espírito Santo, do tempo atual e dêles mesmos, mas tudo ordenadamente, cada um segundo o seu cargo, sua capacidade, e sob a direção da suprema responsabilidade do Papa. Sem mêdo de perder alguma atribuição justa do seu encargo papal, mantinha-se fora dos debates, deixando tanta liberdade de expressão e resolução, que uma revista tão conceituada como "Herder-Korrespondenz" ousou escrever: o modo como João XXIII conduziu os trabalhos do Concílio valia mais para desmontar desconfianças entre os não-católicos do que uma biblioteca inteira de apologética. Tal Concílio podia reunir-se sob os olhares imediatos dos "Observadores" das Igrejas separadas. Aceitaram o convite ao Concílio, embora fôsse celebrado na cidade do Papa e no mesmo lugar que o Vaticano I, tão acrememente censurado por êles em outro tempo.

Dentro desta mesma perspectiva deve-se colocar a importância e atualidade da discussão conciliar sôbre a Colegiabilidade do Episcopado Universal. Pedro juntamnete com os Onze formava o Colégio Apostólico dos Doze. O Concílio tem a incumbência de *"ajustar a relação entre Papa e Bispos, entre ofício petrino e ofício episcopal à relação que na Bíblia vigora entre Pedro e os Apóstolos. Nem deverá ser diminuído por um conciliarismo extremo o ofício de Pedro, nem tão pouco por um papalismo extremo o ofício apostólico dos Bispos. A constituição da Igreja Católica é simultâneamente petrina e apostólica, como se depreende dos escritos do Nôvo Testamento. Os traços essenciais da Igreja Apostólica, devem estar contidos e visíveis na Igreja pós-apostólica (...). Na Igreja apostólica verificamos um centro de unidade, mas não um centralismo (litúrgico, teológico, administrativo, verificamos uma autoridade para a Igreja Universal, mas não um autoritarismo absolutista; em duas pala-*

*rras, verificamos o ofício de Pedro mas não um papalismo"* (H. Küng, livro citado, pág. 178).

Aduzindo estas palavras de um teólogo ainda jovem da atualidade não queremos dar a impressão de condenarmos, sem mais, tempos anteriores e esquecermos os inúmeros Bispos e Papas heróis do Evangelho em tôdas as épocas. O julgar cabe a Deus. A obrigação, porém, de cada geração na Igreja consiste em procurar o modo de viver mais perfeitamente a palavra de Deus, e mais de acôrdo com as necessidades da cura das almas. Ora, não há dúvida que o Espírito Divino deseja para os tempos presentes e futuros já não o feitio de Bispos da Idade Média ou do tempo de Luís XIV, mas o dos tempos apostólicos. O conceito prático e a manifestação externa da autoridade já não são os mesmos de duzentos anos atrás, quando a sociedade cristã era governada por príncipes absolutistas. Na Igreja, ainda que não possa nem deva furtar-se às influências de cada época, fica sempre a obrigação de procurar a maior conformidade possível com o Evangelho. Sendo que Cristo na sua vida terrena se despojou da glória para se tornar servo, e escolheu para seus apóstolos os pescadores, não é preciso fazermos de Pedro o "Príncipe dos Apóstolos", nem dos Bispos "príncipes da Igreja", embora Jesus promettesse aos seus discípulos tronos no céu, e êstes títulos fôssem, em seu tempo, expressão de fé e reverência perante Cristo e seus Apóstolos. Hoje tais termos já não soam bem nos ouvidos do cristão e lhe podem parecer uma deformação da simplicidade humana do Evangelho, na qual Cristo apareceu entre nós.

Nunca pode ser posta em dúvida a autoridade e a hierarquia como tais, nem a sublimidade e necessidade da obediência; não menos, porém, a Bíblia ensina a igualdade fundamental da dignidade humana em superiores e súditos. O progresso social na organização e na vida da Humanidade está na linha do aumento do amor. O amor levou Deus a se tornar o "Cordeiro imolado"; o mesmo amor divino levanta os humildes e induz os grandes a descer dos seus tronos. O amor deve presidir à reforma da Igreja e também da sociedade humana político-econômica do presente e do futuro. O

amor cria a ordem social mais adequada à natureza e à felicidade do homem. O amor alegra-se com a verdade, com a lei de Deus, com o bem maior de todos.

Que os Bispos brasileiros pensam desta forma, mostraram na audiência coletiva com Paulo VI no dia 23-X-63, quando aplaudiram as palavras do Papa. Entre outras coisas ele lhes tinha falado da missão do Bispo, que consiste *"em servir, em estar no meio do povo e no meio de todos os problemas. O Coração do Bispo é um coração de amigo e pai, e não um coração comandado pelo Direito Canônico"* (Concílio em Foco, Nr. 7 p. 105).

Mais claramente ainda Paulo VI tinha expressado o seu pensamento, quando era ainda Cardeal Montini, Arcebispo de Milão. Escreveu na sua Carta Pastoral da Quaresma de 1962: *"A Igreja procurará tornar-se mãe e irmã dos homens; procurará ser pobre, simples, humilde e amável na sua linguagem e no seu comportamento. Há de vir a falar uma linguagem fácil e comum... Ela se adaptará às condições novas, despir-se-á, se fôr mister, de algum manto real que lhe ficou sobre os ombros soberanos, para se revestir das formas mais simples, arquitetadas pelo gosto atual"* (Concílio em foco, Nr. 8-9, p. 116).

Em Moscou está sepultado um grande profeta da União dos Cristãos, Wladimir Solowjow, falecido em 1900, com 47 anos de idade. Após um curto período de irreligiosidade na adolescência, consagrou sua vida irrevogável e plenamente ao Reino de Deus. *"O Reino de Deus já está consumado na idéia do eterno Deus e contida, embrionalmente, em cada um de nós. Por isso é necessariamente uma realidade que nós mesmos devemos consumir, também em nosso próprio favor. O Reino de Deus é nosso assunto, é nossa tarefa, nossa obra. E esta tarefa jamais se pode confinar à existência individual de cada um. O homem é um ser social e a missão suprema da sua vida (...) diz respeito à sorte social de toda a Humanidade"*.

Solowjow, ocultamente católico nos últimos anos da sua vida, morreu rezando pela conversão dos judeus e recomendando aos patriotas: *"Ama cada nação como a tua própria"*.



No seu "Conto sobre o Anticristo" faz realizar-se a união dos cristãos — mas apenas no tempo do Anticristo, do grande Imperador do Mundo, que reina na sua capital de Jerusalém. Os restantes dos católicos, dos ortodoxos e evangélicos, não seduzidos pelas obras de beneficência do Anticristo, resolvem unir-se finalmente. João, o guia espiritual dos Ortodoxos, lhes fala: *"Filhinhos (...) chegou realmente a hora de cumprirmos o último mandamento de Cristo aos seus discípulos, de serem um entre si como Ele mesmo o é com o Pai. Para esta unidade cristã, filhos, deixai-nos agora honrar o nosso amado irmão Pedro. Que ele doravante apascente os cordeiros de Cristo. Não é assim, meus Irmãos?"* E João abraçou a Pedro.

Este Pedro era o Papa dos Católicos, Pedro II. Antes tinha sido morto pelo Imperador Anticristo, juntamente com João; Deus porém, restituiu a vida aos cadáveres destas "duas testemunhas" (cfr. Apoc 11,11).

Veio então Paulo, Professor de Exegese Bíblica e guia dos protestantes, dizendo ao Papa: "Tu es Petrus". "Agora esta verdade está demonstrada de todo e fora de qualquer dúvida". Deu sua mão direita a Pedro II, segurando com a esquerda a de João, dizendo: "Assim, pois, Papai, somos agora um em Cristo".

"Realizou-se esta união das Igrejas numa noite escura num lugar alto e êrmo" das montanhas de Jericó, onde estes cristãos escolhidos tinham encontrado um refúgio.

Será que nós cristãos devemos chegar a tais extremos de tempo e calamidade para cumprir o último mandato de Cristo? Os acontecimentos recentes de um Papa que se chamava João, de um Concílio com os observadores evangélicos e ortodoxos, de um Papa Paulo que em Jerusalém no monte das Oliveiras pôde abraçar o Patriarca Athenágoras de Constantinopla e de lá escrever mensagens a tantas Igrejas separadas, não justificarão esperanças mais otimistas?

Deus oferece a sua graça. Continuemos nós homens na senda da verdade e do amor, que cedo ou tarde levam à união em Cristo.

## 4. — Preparação da União

Chegará o dia em que se fará, pela adesão ao sucessor de Pedro, a “unidade cristã”, para que o mundo creia, que Tu me enviaste” (Jo 17, 21)? Sim, e não. Sim, sob a condição de todos ouvirem, humildes e obedientes, “o que o Espírito diz às Igrejas” (Apoc II, 7. 11. 17. 28; III, 6, 13, 22). O *Espírito Santo*, sem dúvida, procura realizar a união, uma vez que Ele revelou a unidade da Igreja desde o Antigo Testamento, uma vez que Jesus Cristo e os Apóstolos a reconheceram no Novo, e uma vez que ela certamente existirá na eternidade do céu. Rezamos: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu”.

De fato, todas as Igrejas reunidas no “Conselho Ecumênico Mundial” e muito mais ainda a Igreja Católica, professam a unidade como elemento constitutivo da Igreja de Cristo. Esta fé, nascida na Bíblia e hoje renovada sob a pressão das necessidades do Cristianismo no mundo atual, seja nas missões entre os infiéis, seja frente ao neopaganismo e ateísmo entre nós, estimulou os melhores cristãos a levar adiante o Movimento Ecumênico. Houve nisso tanta reta intenção, tanta caridade, desinteresse e sinceridade, e foram superados, em múltiplas negociações, tantos obstáculos, que não se pode deixar de reconhecer a ação do Espírito Santo.

O Espírito de Deus, porém, requer, para a construção da sua Igreja, a livre e consciente cooperação dos homens. Ele impõe mandamentos, sim, mas as consciências são livres. Ainda que imponha sanções sérias e eternas, não violenta, contudo, as decisões espontâneas de suas criaturas racionais. Deus, é verdade e amor. A união da Igreja de Cristo

foi e será sempre fruto da obediência à verdade e ao amor. Dissensões e cismas são frutos da "carne", diz S. Paulo aos Gálatas, e não do "espírito".

Está aí o ponto nevrálgico de todo o problema. Estão aí as causas das divisões: os nossos pecados, pelos quais preferimos à vontade divina os interesses de nossas paixões humanas. Os representantes do Movimento Ecumênico o confessaram publicamente em determinadas ocasiões. O Papa Adriano VI já em 1522 antecipou esta confissão humilde, na dieta de Nueremberg, nos inícios da grande separação. Ultimamente seu sucessor Paulo VI, na inauguração da segunda fase do Concílio Vaticano II, a 29-IX-1963, pediu perdão aos Irmãos separados por toda a culpa na divisão da cristandade que pode ser atribuída à Igreja Católica.

Seguiremos hoje a voz de Deus, ou haveremos de perpetuar os cismas e heresias pelos mesmos pecados dos nossos pais? Há de valer para as gerações de hoje, o que S. Estêvão disse aos judeus de então: "Sempre resistis ao Espírito Santo"? No dia em que observarmos melhor o primeiro e segundo mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente... amarás o teu próximo como a ti mesmo", não haverá mais motivos sérios de desunião. A medida que os homens preferem desordenadamente os bens próprios e criados ao Sumo Bem, Deus, separam-se da união com Deus e da reta união entre si.

Poderá haver unificação, se todos obedecermos à verdade no amor de Deus e do próximo. Não haverá, se nos deixarmos seduzir pela antiga serpente, o pai da mentira e da soberba, que por mil modos sutis consegue enganar os homens, mentirosos e soberbos, a não crerem puramente na palavra de Deus, ainda que julguem prestar a Deus os maiores serviços. É provável, entretanto, segundo a experiência histórica, que não aconteça nem o primeiro, nem o segundo; o Movimento Ecumênico tornar-se-á talvez um juízo de Deus: uma parte melhor, finalmente, se fixará na casa de Deus, na coluna da verdade, que é a Igreja guiada por Pedro, enquanto outras acompanham o jogo das ondas do tempo

em igrejas frágeis, e mais outros submergem na incredulidade. Queira a misericórdia do Pai conceder ao mundo resultados mais animadores! Queira o "Pai das luzes" mostrar a todos, que a unidade da sua Igreja não pode depender constantemente da compreensão e boa vontade dos arquitetos humanos e mesmo de todos os fiéis. As células não se unem apenas externamente para constituir o organismo vivo, nem os filhos aos pais para organizarem a família. O princípio da unidade nestas obras divinas é dado juntamente e até anteriormente às partes, e é intrínseco. Assim também na Igreja de Cristo. Não coube aos primeiros cristãos, nem cabe aos posteriores determinar a forma essencial da Igreja e seu princípio de unidade. Este é Jesus Cristo, a cabeça de todo o corpo da Igreja, vivificada em todo o seu âmbito e de muitos modos por meio do Espírito Paráclito, governada através dos órgãos, dos ofícios, instituídos por Cristo na sua existência histórica, publicados pela pregação dos Apóstolos e confirmados pelos carismas e milagres do mesmo Espírito. Entre estes órgãos avulta o da Rocha fundamental, do Supremo Pastor, do possuidor das chaves do Reino dos céus. A Pedro foi conferida esta dignidade, e, como diz o Papa Leão Magno no século quinto, "a sua dignidade também num herdeiro indigno não falha". O que tem mudado no decorrer dos tempos, foram as pessoas e até certo ponto o modo concreto no desempenho do ofício, mas o ofício como tal sempre existia vivo na Igreja e era a garantia da sua integridade na fé e na ordem.

*O que havemos de fazer nós, católicos e protestantes para apressar o advento da união dos cristãos? Todos os cristãos, católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes devemos implorar insistentemente as luzes do Espírito Santo, para que os batizados em o nome de Deus uno e trino e de Nosso Senhor Jesus Cristo se encontrem naquela Igreja Una e Santa, da qual Jesus tem falado. Só a oração fervorosa e constante de toda a cristandade poderá alcançar o êxito feliz. Para se vencerem ideologias e preconceitos acumulados*



em longos séculos requerem-se grandes luzes e aquela obediência humilde e heróica ao Verbo de Deus, que admiramos em Richard Baumann.

Se refletirmos sobre os meios que Deus poderia usar para garantir a unidade da sua Igreja através de todos os tempos, povos e ambientes, reconheceremos a necessidade moral de um supremo magistério e uma suprema autoridade, instituídos e protegidos por Ele mesmo. Se Deus não nos tivesse dado um supremo pastor, e o assistisse pelo Espírito Santo, não poderíamos nós homens escolher um governo religioso, a quem por obrigação devêssemos e com confiança pudéssemos aderir. Não havendo, porém, uma tal suprema instância, é impossível conservar-se a unidade da Igreja na fé e na vida, dada a inteligência limitada da natureza humana, a contínua evolução dos indivíduos e da sociedade e os seus múltiplos interesses antagônicos. Restaria somente a possibilidade de o Espírito Santo guiar integralmente a cada cristão, conservando a todos na mesma luz da verdade sobrenatural e na união de amor. Mas Deus não prometeu isto na sua revelação, e se Lutero o tiver pensado alguma vez, provou a História o contrário. Supondo, contudo, que Deus assim o tivesse feito — pois quem lhe negaria o poder para tanto — seria todavia um milagre bem maior do que a conservação incólume do magistério eclesiástico, rematado na pessoa do Papa. Também seria uma medida menos em conformidade com a natureza social do homem, com a natureza da própria Igreja e das outras obras divinas, geralmente estruturadas em algum sistema de mútua coordenação e subordinação. Os argumentos bíblicos, históricos e até filosóficos provam que não haverá unidade da Igreja sem o supremo pastor instituído por Jesus Cristo.

Se ao homem moderno parece humilhante estar sujeito a uma autoridade que ele não pode derrubar, deve lembrar-se que, de per si, esta suprema dignidade pontifícia é acessível a cada filho da Igreja, que os próprios homens escolhem o Vigário de Cristo, e que este se considera "servus servorum Dei", criado dos servos de Deus e não dominador.

O Papado não é humilhante para o gênero humano, mas a sua maior elevação, ainda no tempo das democracias. Sobre a maneira concreta de exercer "o ofício de Pedro" nos tempos atuais acabamos de falar no capítulo anterior.

Não se negue contudo, ser necessária a todos os fiéis verdadeira humildade para obedecerem ao Santo Padre. Foi isto até um motivo para Deus escolher este caminho de salvação; pois a Redenção de Cristo tem por fim expiar a soberba de satanás e dos homens, como também sanear as suas conseqüências. Não pense algum homem moderno que o Onipotente, tendo nascido criança submissa a pais humanos, tendo-se entregue qual cordeiro às mãos de homens pecadores e sido obediente até a morte da Cruz, tome em grande consideração a mentalidade irreverente da independência onímoda. Quem não fôr humilde, e por isso não quiser pertencer às ovelhas de Pedro, também não pertencerá às ovelhas de Cristo e não entrará no Reino de Deus.

Os representantes do Movimento Ecumênico confessaram a sua incerteza a respeito da unidade futura de sua Igreja. Será que pensam encontrar outra melhor do que aquela preparada por Deus desde Moisés, estabelecida por Jesus Cristo e comprovada pela fé de dois mil anos? Como poderíamos agora, no século vinte, dar à Igreja de Cristo uma unidade diferente daquela de todo o passado e esperar que esta nova seja a intencionada por Deus e se conserve para sempre? Não se pode negar, que tal esperança envolveria uma ofensa grande ao próprio Fundador e seu Espírito Santo. Fica, pois, firme a alternativa: as Igrejas separadas enxertam-se novamente quais ramos viçosos, na grande árvore da única Igreja de Cristo, que vem d'Ele sem interrupção de continuidade, ou continuarão nas suas divisões humanas, maiores e menores. Mesmo assim será sempre um mérito, unirem-se as diferentes denominações cristãs na defesa de quanto lhes é comum, guardando entre si e com a Igreja Católica um clima de respeito e benevolência.

Os católicos têm, além disso, seus deveres particulares. Não deverão, absolutamente, mudar de Fé querendo-a assemelhar a crenças protestantes, como o tentaram certas he-

resias dos tempos recentes: Jansenismo, Febronianismo, Modernismo, e tantos católicos "liberais", que vão diluindo a sua fé religiosa em opiniões passageiras. Nem haverá modificação naquela estrutura constitucional da Igreja, que, tendo sido determinada pelo Fundador Jesus Cristo, é de direito divino. Em tudo isso a Igreja é obra do próprio Deus Criador; e, como as insídias e violências dos milênios passados não a venceram, tampouco hão de prevalecer contra ela, no futuro, as Portas do Inferno, venham embora de lá falsos profetas, tiranos e, finalmente, o Anticristo, para seduzir e perverter a muitos. Em pontos secundários, de direito eclesiástico, a Igreja muda e se adapta às necessidades dos tempos, tendo em mira sempre o seu fim: a glória de Deus e a salvação das almas.

Se nós, católicos, não podemos perder nada destes tesouros divinos, temos, pelo contrário, a obrigação de aprofundar a nossa fé e de viver melhor o mistério admirável da nossa S. Igreja, que é o Reino de Deus entre os homens. Quanta falta de fé, esperança e caridade, que scandaliza protestantes e até pagãos! Não nos é lícito esquecer a advertência de Jesus Cristo e de S. Paulo que os fiéis, não vivendo a sua fé, tornam-se inferiores aos gentios. Chegou uma "hora decisiva", em que o Espírito Santo e o Coração ardente do Salvador exigem dos católicos um grande surto na fé e no amor, a fim de que se salvem não somente a si mesmos da onda de materialismo, mas ainda, pensando nos mártires atrás da cortina de ferro, empenhem a sua vida para instaurar tudo na verdade e na caridade de Cristo. Para esta "reforma" da Igreja Deus convocou sempre os seus filhos; mas com insistência particular e com prodígios singulares, do século passado até aos nossos dias. Do inferno da última guerra mundial surgiu o "Movimento por um Mundo Melhor", oficialmente promovido por Pio XII. Os ódios da guerra e da luta de classes deviam ser vencidos pela cruzada da bondade. Entre os extremismos do individualismo e do coletivismo, entre o capitalismo e o comunismo, o Evangelho devia fornecer os roteiros da reconstrução, numa solidariedade cristã. O Mundo Novo deveria ter as feições de



uma idade de Cristo Jesus, de fé, justiça e caridade, único caminho de salvação para o tempo e a eternidade. A grande inspiração de João XXIII de convocar o Concílio Vaticano II deu às tendências e forças renovadoras a melhor oportunidade de se aclarar nos debates conciliares, de concretizar-se em resoluções e de enfeixar-se num programa comum e universal para toda a Igreja.

Será esta a principal contribuição dos católicos. Uma outra não pode faltar: devemos tomar consciência de nossas obrigações na cooperação para a grande união, não somente por tratar-se de obra apostólica de primeiro plano, cara ao Coração de Deus, senão também por têmos uma culpa a expiar. Não é possível atribuir a culpa da separação unicamente aos protestantes, deixando farisaicamente a eles todo o peso de buscarem a volta. Os milhões que abandonaram a Igreja no Século XVI eram todos católicos; e se é verdade que a Igreja mesma, em sua fé e forma divinamente amparadas, não se tinha deturpado, sabiam contudo as autoridades eclesiásticas daquele tempo, e sabemos-lo hoje, quanto eles se tinham descuidado em levar uma vida segundo os preceitos de Deus e da Igreja. Esta culpa na origem da separação devemos expiá-la pela humildade e caridade com que tratamos os protestantes e promovemos a volta dos "Irmãos separados" bem intencionados, sem trairmos em nada a pureza da nossa fé.

Se não o fizermos, mas pelo contrário nutrirmos ódio ou desprezo por eles, desobedeceremos a Deus e aumentaremos a nossa responsabilidade perante Ele pela continuação de cismas e heresias. Devemos saber unir em nossa atitude a firme adesão à fé católica, verdade divina e preceito fundamental de Deus, com a caridade humilde para com os errantes e a defesa iluminada contra os ofensores. Nossa Senhora em suas aparições nos deixa quase uma única recomendação: rezar e sacrificar-nos pela conversão dos pecadores, dos quais fazemos parte nós e os evangélicos.

Aos protestantes, por sua vez, caberá continuar no caminho do Movimento Ecumênico, buscando, pela oração e reta intenção, a Igreja de Jesus Cristo. A S. Escritura e a



História da Igreja não devem ser estudadas com o espírito imbuído de teorias concebidas somente nos últimos séculos; devemos nelas puramente procurar as intenções e as obras divinas e obedecer com humildade despretenciosa às luzes do Espírito Santo, ainda quando contrárias a desejos naturais. Não foi abolida a sentença de Jesus: "Se não vos... tornardes como as crianças, não entrareis no reino do céu", sentença que vale igualmente para católicos, protestantes e pagãos.

Um coração assim reto, plasmado pelo Evangelho, temos no autor deste livro. É um prazer espiritual vê-lo embrenhar-se em certos domínios da Fé e piedade católicas, às vezes espantinhos para olhos protestantes, auferindo nêles novas pérolas evangélicas e encontrando, sob uma casca talvez dura à primeira vista, frutos de todo conformes ao Novo Testamento. O Reino de Deus é um tesouro escondido, pode-se dizer de tais frutos também; não estão abertos a todo olhar. Onde na inteligência há o puro desejo da verdade e no coração o amor de Deus e do próximo, encontrar-se-á Deus e também a sua Igreja. Devemos todos implorar, sem cessar, êstes dons da graça

Aqui no Brasil o livrinho de R. Baumann pode cumprir uma dupla missão de aproximação. Os católicos apalparão muitas graças, dadas pelo Deus da misericórdia também aos "Irmãos separados", que sem culpas graves se acham fora da Igreja, servindo ao Senhor de boa consciência. É doutrina católica que êstes, tendo sido batizados legitimamente, fazem parte da verdadeira Igreja e se podem salvar, ainda que objetivamente se encontrem em erro e não possuam a plenitude dos meios da graça, dados por Jesus Cristo.

As diferentes denominações evangélicas, que no Brasil se empenham por difundir as suas doutrinas, poderá ensinar o exemplo de R. Baumann maior cautela e reserva. Não deverão repetir as malfadadas objeções contra usos católicos e contra o Papado, transmitidas desde séculos, se não por má vontade, então ao menos por não se terem dado ao trabalho de lhes penetrar o sentido verdadeiro; outras vezes, por generalizarem abusos ou deficiências particulares e hu-

manas. Compreenderão melhor, à luz dêste livrinho, porque motivo a Igreja católica só pode ver com dor a vinda de missionários protestantes ao Brasil com o fim de arrancar do aprisco de Pedro os fiéis católicos, postos ali por Deus. Outra coisa é, e esta louvável, de cuidarem dos próprios membros evangélicos, conduzindo-os a Cristo e aperfeiçoando-os no espírito da S. Escritura; também é lícito se aceitassem católicos que por própria iniciativa, embora contra a divina vontade, se afastarem da Igreja. Supremo serviço de bom samaritano seria, se quisessem com santo desinterêsse promover a vida cristã de católicos desamparados espiritualmente por causa da falta de clero, sem os moverem a sair da Igreja.

Compreendemos a resistência que tais desejos católicos encontram. Não obstante, a uma consideração leal patenteiam-se os seus justos motivos, os quais não têm nada de arrogância ou tirania de consciência. Nada mais são do que obrigações perante nosso Deus que é também o Deus dos protestantes. A Igreja Católica crê e professa ser culpa grave abandonar a sua fé, a não ser que isto aconteça por ignorância inculpável ou outro motivo que diminua a imputabilidade. São obrigações, que dimanam imediatamente da Fé revelada por Deus, as quais nem Papa nem Concílio algum podem mudar. Neste ponto não há igualdade de condições para católicos e protestantes. O protestante pode passar da sua Igreja para outra cristã, sem violar a sua consciência, se os motivos lhe parecem justos; e também a sua Igreja não tem justificativa e autoridade suficientes para lho proibir. O católico não o pode; êle está ligado por Deus, ainda que através da Igreja. Os missionários protestantes deverão respeitar esta situação das consciências, já para serem fiéis ao seu princípio fundamental. Promover positivamente entre católicos a "apostasia" da fé e da Igreja poderá talvez aumentar os membros de comunidades protestantes, mas não pode agradar a Deus. Como seria prestar serviço ao Senhor o desviar ovelhas do rebanho de Pedro, se Jesus disse a êle: apascenta as minhas ovelhas? Se, pelo contrário, missionários protestantes levam o nome de Jesus Cristo e seu Evan-

gelho a pagãos, glorificam o Senhor e encaminham almas ao Salvador. Nunca a Igreja poderá pensar de outro modo.

Ao homem do "pensamento moderno", acostumado a mudar tudo nas coisas espirituais, e precisamente naquelas regiões filosóficas e religiosas, que ultrapassam o contrôlo dos sentidos e do experimento, torna-se duro admitir que Jesus Cristo lançou neste mundo uma rocha e constrói uma Igreja, cuja planta e muros e tôrres não podem ser modificados, derrubados e transferidos constantemente segundo os pensamentos dos homens de cada época. Ainda mais clara aparece esta impossibilidade, se recordamos que a Igreja é um organismo vivo, e que cada organismo tem suas leis internas dadas desde o início pelo Criador.

## 5. — O significado da Reforma?

E o *significado da Reforma*? perguntarão os evangélicos. Sòmente pela nova união com a Igreja antiga se poderá realizar, é a resposta.

Não é verdade que os melhores cristãos estão concordes na afirmação de que a cristandade, como se apresentou ao mundo nos séculos passados e na atualidade, dividida em cisões e não poucas vêzes em lutas fratricidas, não corresponde ao preceito e ao ideal de Jesus Cristo! Os líderes do Protestantismo mundial confessaram-no em seus Congressos Ecumênicos; é a razão de ser de todo êste movimento. A Igreja Católica, por sua vez, sempre teve os cismas e as herecias em conta de grandes calamidades.

Se nem Jesus Cristo e a S. Escritura, nem a Igreja Católica, nem o cristianismo ecumênico, ortodoxo, anglicano e protestante, estão satisfeitos com o estado da cristandade: o que nos impede de procurar e realizar a grande reforma imposta ao nosso tempo, restaurar aquela união, e nenhuma outra, que Deus Uno e Trino, o Filho de Deus humanado e o Espírito Santo derramado sôbre os Apóstolos predeterminaram e querem realizar?

Jesus Cristo não se tem enganado a respeito do futuro da sua Igreja. Êle previra os combates, as divisões, rivalidades e apostasias, mas considerou-os fruto do mal, resultado do pecado e da fraqueza dos homens face a satanás, o qual recebera licença de tentá-los e de mover guerra à Igreja. Foi precisamente prevendo êstes perigos sobrehumanos para a sua Igreja, que Êle lançou um rochedo basilar para a segurança dela: "Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a mi-



nha Igreja, e as Portas do Inferno não prevalecerão contra ela" (Mat 16), dando à Igreja de Pedro a garantia de não ser vencida nesta guerra.

O não prevalecer do Inferno contra a Igreja é o mínimo, que o Salvador garantiu, mas não é o máximo de seus desejos e preceitos. O máximo e o ideal exprimiu-os Ele em palavras como estas, pronunciadas na Última Ceia: "Pai Santo, guarda em teu nome aquêles que me deste, para que sejam um, assim como nós" (Jo 17, 11); "e não rogo sòmente por êstes (Apóstolos) mas também por aquêles que pela sua palavra hão de crer em mim, para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim e eu em ti; que também êles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste". Este ideal de união com Jesus e com Deus foi realizado em seu pleno esplendor na Imaculada Mãe de Deus, a Filha de Sião e Mãe da Igreja, e foi indicada para sempre na primeira cristandade, formada pelo Espírito Santo, a qual "era um só coração e uma só alma". Para a sua realização em nossos dias Deus nos daria os auxílios suficientes, se cooperássemos devidamente com a sua graça, para vencermos o tentador e as resistências da nossa própria natureza decaída e carnal, rebelde à lei superior.

Se, sob êste fundo, examinamos a situação dos cristãos no mundo, devemos conceder um sucesso grande do inimigo de Deus e dos homens. Não sòmente conseguiu semear cismas e heresias na Igreja Oriental antiga e medieval, persistentes até hoje, não só se infiltrou na Igreja Católica da Baixa Idade Média, provocando notável mal-estar interno, nem só alcançou, que, numa verdadeira eclosão de tentativas de reforma no Século XVI, grandes partes se separassem do centro da unidade eclesiástica, constituindo-se em cristandades antagônicas: conseguiu tudo isto, e mais ainda. Em consequência dêstes males era impedida a Igreja Oriental antiga de levar a mensagem cristã da salvação aos outros países vizinhos, os quais um ou dois séculos mais tarde se tornaram propagadores ou vítimas da nova religião do Islã. Ao cisma grande de 1054 cabe, em boa parte, a culpa, de que a Rússia, tendo aberto as portas ao cristianismo na-

queles tempos, se afastou do Ocidente e do centro da unidade. E teria feito tão bem à alma russa um pouco daquele senso jurídico e da equanimidade romana! Seu cristianismo até hoje não se equilibrou. Não alcançou suficiente harmonia entre o espírito religioso e a forma eclesiástica, entre as manifestações da vida ascético-mística e as necessidades da vida real profana, entre a fuga do mundo pela vida contemplativa e o domínio do mundo pela ciência e sábia disciplina. E hoje mais do que nunca estamos experimentando os frutos amargos dessa evolução.

Quando os descobrimentos geográficos no limiar da Idade Nova tinham aberto aos missionários cristãos os horizontes de todo o mundo, grandes contingentes de forças, infelizmente, ficaram retidas nas pátrias por causa das cisões, heresias e falta de bom espírito religioso; e os que partiram, esbarraram, após brilhantes inícios e heróicos esforços, com a tenaz resistência e mesmo a cruel perseguição político-religiosa dos "outros cristãos", tanto nas Américas como principalmente nas imensas regiões da Ásia, onde a obra cristianizadora fracassou quase por completo. O Japão que em 1600 contava 300.000 católicos (cfr. Laures, *Geschichte der Kath. Kirche in Japan*, Steyl 1956, pág. 145), tinha em 1945 apenas 100.000, e hoje talvez chegue de novo ao número do ano de 1600.

Desta forma todos os cristãos juntos formam a "pequena grei" de um bilhão entre três bilhões de homens sobre a terra.

E, se recordarmos que o neo-paganismo brutal do comunismo e do nazismo de um lado, como o materialismo hedonista do outro lado, levantaram a sua cabeça não em terras pagãs, mas cristãs, é bem justo assustarmo-nos diante dos sucessos do inimigo de Cristo e do gênero humano. O nosso débito diante de Deus e dos homens que não se salvam é muito grande.

E é preciso recordar que as Portas do Inferno conseguiram êstes resultados, não por ser assim decretado nos desígnios de um fado sinistro e inelutável, antes pelo contrário. O amor do Onipotente está do lado dos seus filhos cris-

tãos. É "culpa" deles, é culpa nossa, assim como o cativo da Babilônia foi infligido por causa dos pecados de Israel. Os cristãos amaram mais a si do que a Deus, mais a "liberdade" de filho pródigo do que a vida segundo os sábios mandamentos do Pai "que está no céu", mais as suas veleidades de crianças do que a revelação pura de Jesus Cristo; mais os seus nacionalismos do que a grande Igreja Universal do Filho de Deus. Os cristãos amaram demasiadamente os seus interesses da terra, do dinheiro, do jogo político e da carne, para poderem discernir e saborear os presentes da graça divina, colocados à sua disposição desde o canto do primeiro Natal a filiação divina com tôdas as suas consequências para a vida temporal e a eterna, o reino do amor de Deus e da fraternidade humana neste mundo e no outro. A política de Governos católicos e protestantes nos últimos séculos, sob o ponto de vista cristão foi, não poucas vêzes, vergonhosa.

Encarando a situação cristã nestas perspectivas, compreendemos melhor certas invenções sobrenaturais de Jesus Cristo e Maria SS. nos tempos recentes: o Coração do Salvador, queixando-se da frieza de fé e de amor dos seus, exigindo reparação e exortando as nações a que se consagassem a Ele e colocassem o quadro do seu Coração traspassado e chamejante nas suas bandeiras; ou as lágrimas e insistências da benigna Mãe de Deus e dos homens em La Sallette, Lourdes, Fátima e, no ano de 1953, em Siracusa. Os Sumos Pontífices interpretaram autorizadamente as intenções divinas, conclamando com ardor tôda a cristandade a "instaurar tudo em Cristo" (S. Pio X).

Estamos inquirindo no sentido da "Reforma" do Século XVI. Os reformadores queriam reformar a Igreja. E é verdade que a Igreja Católica daqueles séculos precisava de reformas "na cabeça e nos membros"; foi êste o programa que ela mesma se propusera em todos os Concílios e Sínodos daquele tempo, mas que os homens não lograram executar. Vieram os 400 anos de "reforma protestante" e de "reforma católica". E os resultados? Já vimos que nem os líderes do Movimento Ecumênico protestante, nem a Igreja Católica

estão satisfeitos com a situação da herança de Cristo no mundo. Não obstante, sob a condição de uma nova união, os frutos seriam incalculáveis.

De fato, as intenções divinas durante todos êstes quatro séculos só podiam visar um único fim: aquêle que Deus visa desde os tempos do Proto-Evangelho, mais particularmente desde a vinda de Jesus Cristo: "Edificarei a minha Igreja". Deus visava a reforma. Todos os acontecimentos dêstes séculos, inclusive os males, tencionavam purificar a Igreja, melhorá-la, renová-la, revigorá-la, a fim de ela dar maior glória ao Senhor e Espôso Divino, aprender a resistir melhor ao inimigo comum, salvar maior número de homens e organizar-se novamente em um nível superior como irmãos entre si e filhos do mesmo Pai. No fim de todo êste processo de "reforma", segundo as intenções divinas várias vêzes enunciadas na S. Escritura do Antigo e Nôvo Testamento, deveria surgir uma Igreja maior e melhor, mais sadia e mais pujante, uma Igreja que transforma o mundo na fôrça do espírito em vez de ser cada vez mais enfraquecida e dilacerada pelo mundo, não obstante ser-nos profetizada uma grande apostasia para o fim dos tempos.

A Igreja Católica passou nestes 400 anos por notáveis purificações, externas e internas, não em sua fé, sua graça e estrutura divinas, mas em outros aspectos de sua vida, ligados às condições sociais, políticas e culturais do ambiente, como também nos setores da vida prático-religiosa e cura de almas. Mais vêzes eram provações dolorosas, infligidas pelo "Protestantismo" e suas consequências. É a purificação da sua Igreja, que Deus visava ao permitir as crises materiais e espirituais dos últimos séculos. Nelas a Igreja Católica e o Cristianismo em geral atravessaram uma fase de revoluções na sociedade, nas ciências, nas filosofias e técnicas. Da Idade Média para cá o espírito ocidental encontrava-se num estado mental, que se caracteriza pela vontade de submeter tudo ao exame crítico. Tudo foi examinado, tudo estudado, tanto os domínios da natureza e do homem, como em particular os do Cristianismo, da Igreja e da Religião.



A cisão entre a Igreja Católica e o Protestantismo fomentou sobremaneira êstes estudos. Não podemos hoje dizer que o Cristianismo e em particular a Igreja Católica saíram ile-sos e fortes de tôdas estas provações? Todos os desafios fo-ram aceitos, estudados e receberam solução; longe de torna-rem impossível ao espírito lúcido a adesão integral à fé cristã, confirmaram maravilhosamente a posição da Igreja, ainda que muitos se afogaram e se afogam nos caudais da li-teratura de toda espécie. Na conclusão do seu "Balancete da História" ("Bilan de l'histoire, Paris 1950) escreve René Grousset, conhecedor do passado europeu e das religiões da Asia: "Sabemo-lo e o vimos, que fora da solução cristã não existe mais outra, quer dizer uma que fôsse verdadeiramen-te aceitável para a nossa inteligência e ao mesmo tempo para o coração. O Cristianismo significa hoje, contra um monstruoso Nada, a insurreição da razão e do coração, a de-fesa do espírito... E a sua missão no naufrágio de tôdas as esperanças... é mais do que nunca salutar".

Se isto vale para o Cristianismo frente a tôdas as reli-giões e concepções filosóficas da vida, existentes no mundo, tem também a sua aplicação paralela no caso da Igreja Ca-tólica em face do Protestantismo. A Igreja não foi abalada pela multidão de pesquisas bíblicas, históricas e teológicas sôbre a origem, essência e forma do cristianismo primitivo e posterior, feitas por protestantes e católicos nestes séculos. Foi uma purificação, na qual desapareceu não pouca lenda e crença ingênua, mas somente para trazer à luz do dia, vis-tosamente, os grandes contornos do Templo de Deus, prepa-rado no Antigo Testamento, fundado por Jesus Cristo na Nova Aliança, e edificado sob a direção do Espírito Santo, sem solução de continuidade e sem adulteração humana es-sencial, no decorrer da História. As lutas, por vêzes tene-brosas, dos tempos recentes contra a Igreja Católica derru-baram, sim, certas instituições e elementos humanos, secun-dários, passageiros, mas de resto comprovaram mais uma vez o seu caráter divino e a sua amplidão espiritual imensa, dentro da qual tem lugar tudo quanto é bom e verdadeiro,

na ciência e na vida, e onde também as deficiências, fraquezas e pecados do gênero humano encontram misericórdia, perdão e remédio.

Na verdade, foi tudo isto uma grande "reforma"! A Igreja Católica, obra de Deus, venceu o exame dos séculos recentes em tudo que lhe é essencial. Resta sempre a reforma dos homens, pastôres e fiéis, que são chamados constantemente pelo Senhor a elevar o seu nível de vida, pessoal e social, material e espiritual, profana e religiosa à altura dos ensinamentos insuperáveis do Evangelho.

Mas, para completar a obra da "reforma" dos 400 anos resta ainda o principal: chegarem à nova união na Igreja Una de Jesus Cristo todos os cristãos. Não é possível continuarmos propositadamente em perene hostilidade e rivalidade, tão claramente fulminadas pelo veredicto do Nôvo Testamento. O último grande ato do Protestantismo será declarar que terminou o tempo de "protestar" e que chegou a hora de todos os cristãos viverem unidos para realizar, num esforço comum, a obra de Cristo, rivalizando pacificamente na glorificação do Deus infinito, Uno e Trino, na honestidade dos costumes, na conquista de tôda a verdade, de todo o bem e de todo o mundo pagão e neo-pagão. Não será uma unidade totalitária, senão de liberdade e de amor. Podem os membros controlar-se mutuamente; porém como irmãos que se amam e não como inimigos, que se perseguem.

Se se conseguisse esta nova união, a "reforma" se revelaria como grande provação purificadora para a Igreja de Jesus Cristo.

O Protestantismo envolveu também um protesto de Deus, não contra a Igreja Católica, mas contra pecados e deficiências dos católicos, inclusive os Papas; a "reforma" seria uma intervenção cirúrgica profunda, permitida por Deus com o fim de sanear a Igreja, enquanto sociedade humana, e conferir-lhe uma pujança espiritual mais forte e rejuvenescida. Muitas experiências e conquistas, alcançadas nas discussões entre católicos e protestantes seriam lucros duradouros e inamissíveis para todos os cristãos e homens que se quisessem abrir à verdade. Assim como, na expressão

de S. Gregório Magno, a incredulidade de S. Tomé nos aproveitou mais para a fé do que a crença dos outros discípulos, será vertido o protesto do Protestantismo, pela clemência do Senhor, a uma confirmação e renovação da Igreja Católica, da Igreja de sempre. As partes separadas voltariam ao todo, não simplesmente ao estado anterior, senão a um todo que corresponda às exigências divinas e humanas da situação atual.

De modo semelhante Deus já purificou às vezes sua herança no Antigo Testamento. Nunca os Profetas em suas mensagens ao povo se elevam a maior inspiração e alegria do que quando podem anunciar a reconciliação de Deus, a reunião do povo disperso, a vinda das nações estrangeiras a Jerusalém. "Levanta em roda os olhos e vê: todos êsses se congregaram, vieram a ti... Os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão, porque te feri na minha indignação; porém, na minha benevolência tive misericórdia de ti. E estarão sempre abertas as tuas portas; elas não se fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a riqueza das nações e te sejam conduzidos os seus reis. Porque a nação e o reino que te não servir, perecerá e tais nações serão devastadas até ficarem numa solidão" (Isaías, 60). Na Igreja cabem tôdas as conquistas e magnificências verdadeiras das nações. A religiosidade do povo judaico, o espírito filosófico do grego, o senso jurídico-prático do romano, o dinamismo dos germanos, as aspirações da alma eslava, os povos de cultura antiga oriental ao lado dos primitivos da África contribuem todos para a grandeza da Igreja de Cristo, salvam-se pela sua graça, e, comunicando-se mutuamente os seus bens, aperfeiçoam as suas próprias qualidades e são preservados de exclusivismos nacionalistas estreitos e perniciosos.

O que Jerusalém foi para Israel, é Roma para a Igreja da Nova Aliança. Não em virtude de atribuição humana, senão por desígnio divino. Jerusalém, "a cidade do grande rei" (Mat 5, 35), foi destruída e seu reino dado a outro povo (Mat 21, 43), a Roma, capital do César, a quem os Sumos Sacerdotes reconheceram como seu rei, quando negaram a

Jesus Cristo dizendo: "Não temos outro rei senão a César". (João 19, 15). O mesmo Nero, que mandou o exército romano contra Jerusalém, matou a São Pedro em Roma.

Se hoje o Protestantismo voltou a reconhecer, à luz da Bíblia e à força das necessidades missionárias do Cristianismo no mundo presente, uma unidade não só invisível mas também visível da Igreja de Cristo, aproximando-se nisto da fé católica, deverão os seus Bispos e guias vigiar atentamente e rezar para não caírem em novas tentações e perpetuarem a divisão. O inimigo fará todo o possível para o conseguir. Sentiu-o o Bispo luterano norueguês Eivind Berggrav após o Congresso Ecumênico de Amsterdam, em 1948. *"Todos nós, disse ele, estamos envolvidos numa luta trágica e mortal com um adversário que odeia a concórdia e semeia a discórdia. Este mesmo adversário instiga as Igrejas a se combaterem mutuamente e a baixarem entre si uma cortina de ferro. Ele tem ódio a congressos como este de Amsterdam, se nêles não alcança os seus desejos. A fé cristã bem conhece este inimigo, que incita nações e Igrejas umas contra as outras. Apresenta-se geralmente com veste de amigo; é amigo dos direitos nacionais. No meio de nós encontra-se uma potência satânica; ela se insinua para dentro de nossas mais sublimes aspirações. É dever do cristão desmascará-la... O demônio acha-se em todos nós e em toda a parte e até nas organizações eclesiásticas. O inimigo, de Deus trabalha somente por meio de homens. Estes homens não são o inimigo, mas onde trabalham por ele, são um posto avançado do poder satânico... O inimigo compraz-se sumamente na prática de não ser chamado pelo nome"*.

Será esta uma das advertências mais necessárias para a hora presente do Movimento Ecumênico. Pois, os que menos crêem neste inimigo, mais facilmente lhe fazem as obras. Não basta, admitir a sua realidade; é preciso discernir-lhe as intenções e atividades. E deve-se dizer que, desde Lutero, o Protestantismo era fraco no discernimento dos espíritos, i. é, naquela arte sobrenaturalmente luminosa, da qual fala São Paulo em I Coríntios 12, 10 e Efésios 6, 12 ss. e que consiste em saber distinguir inspirações divinas das sedu-



ções sutis dos espíritos maus. Por exemplo, entusiasmar-se por verdades parciais na Bíblia ainda não é sinal de que se trata de luz e movimento do Espírito Santo. Se o demônio conseguir, por êste meio, dispersar os cristãos, torná-los inimigos uns dos outros, terá alcançado uma notável obra de destruição, talvez de longa duração e de imprevisíveis consequências, não obstante a piedade ou boa vontade das respectivas pessoas. Foi esta a origem de muitas heresias. Cada verdade parcial deve ser considerada no conjunto da revelação divina, e todos os movimentos e órgãos particulares na Igreja devem permanecer em harmonia com todo o corpo. Diferentes são os ofícios e as vocações na Igreja de Cristo, mas um é o Espírito que a todos atribui a sua parte, visando o todo.

## 6. — Dois pronunciamentos no Concílio

Ao terminar este "Epílogo" sejam estampados aqui dois pronunciamentos dos mais recentes e dos mais representativos sôbre o problema da união cristã numa Igreja renovada. O primeiro foi feito pelo Professor Kristen E. Skydsgaard, teólogo luterano dinamarquês por ocasião da recepção dos "Observadores" não-católicos junto ao Concílio Vaticano II, na Biblioteca particular de Paulo VI, a 17 de outubro de 1963; o segundo é do próprio Papa.

Eis uns tópicos do discurso do Prof. Skydsgaard, que êle dirigiu naquela ocasião ao Santo Padre:

*"Tenho, hoje, o privilégio de exprimir a Vossa Santidade, em nome dos hóspedes e observadores delegados, nossa profunda gratidão pelo convite renovado de participarmos da segunda sessão do Concílio e pelo acolhimento cordial que nos foi dispensado tanto na cerimônia inaugural em São Pedro, como hoje nesta audiência. Estamos conscientes de estarmos sendo testemunhas de um acontecimento de um alcance decisivo para a Igreja Católica Romana nos nossos dias e fazemos questão de Vos dizer com que interesse e com que atenção seguimos as deliberações do Concílio onde opiniões muitas vêzes diversas se enfrentam, mas sempre numa atmosfera de objetividade e solidariedade... O ambiente de cordialidade e franqueza, sincera e conscienciosa, torna mais fácil a execução de nossa tarefa de observadores; somos particularmente agradecidos a Sua Eminência, o Cardeal Bea, que generosamente nos convidou a exprimirmos as nossas reações positivas ou negativas diante dos trabalhos do Concílio.*

*O esquema "De Ecclesia" (Sôbre a Igreja), que no momento é o objeto dêstes trabalhos (conciliares) aborda certamente um dos assuntos mais difíceis e mais controvertidos, no passado como hoje em dia. Com efeito a doutrina a res-*

peito da Igreja constitui, por assim dizer, o receptáculo de tôdas as nossas divisões que, justamente sôbre este ponto, parecem inteiramente intransponíveis, malgrado todos os nossos esforços sinceros de compreensão mútua. Nesta situação dolorosa realizamos, apesar de tudo, algum progresso, pelo simples fato de compartilharmos a experiência desta dificuldade e a suportarmos juntos.

Encontramos, às vêzes, hoje em dia, um ecumenismo, ingênuamente otimista ou superficial que parece acreditar ser possível, para breve, união visível dos cristãos. Tal posição não é certamente a nossa, e é um alívio real saber que Vossa Santidade não partilha também desta opinião. Vossas sóbrias e realistas palavras de domingo, 29 de setembro, são disso um testemunho claro”.

O Prof. Skydsgaard salienta em seguida a importância “de uma Teologia Bíblica que se concentrasse no estudo da história da salvação no Antigo e no Novo Testamento” para se compreender “a Igreja de Jesus Cristo, tanto no seu mistério como na sua existência histórica e na sua unidade”.

Dando expressão à sua esperança no futuro, continua: “Nós nos alegramos, também, de todo o coração pelo novo espírito ecumênico que surge no Concílio. Nós nos encontramos todos juntos no início de um caminho de que só Deus conhece o termo. A nós cabe caminharmos na esperança, porque acreditamos que Cristo crucificado e ressuscitado está entre nós neste caminho.

Tal começo é ao mesmo tempo um dom de Deus e uma responsabilidade; pois nesta caminhada muito será exigido de cada um de nós. Todos: clareza do testemunho ao Evangelho, paciência e humildade; todo “triunfalismo” será excluído. Mas acima de tudo, nenhuma divisão nos impedirá de nos amarmos uns aos outros, pois o amor de Cristo não conhece limites. É preciso procurar e encontrar a verdade, neste amor de Cristo, para achar, e achar para procurar mais ainda, como diz Santo Agostinho”.

O segundo pronunciamento é do próprio Papa Paulo VI. Expressou seu pensamento nesta mesma audiência, respondendo às palavras do Prof. Skydsgaard, como, também em

forma mais solene e oficial, no discurso de inauguração da segunda fase do Concílio, domingo, 29 de setembro de 1963. O Santo Padre agradece nessa audiência a todos os observadores e suas Igrejas, por terem aceito o convite, por terem comparecido ao Concílio. *"Ficai certos — continua então — do nosso respeito, da nossa estima, do nosso desejo de estreitar convosco, em Nosso Senhor, as melhores relações possíveis. Nossa posição não esconde insídia alguma, não cede a nenhuma intenção de dissimular as dificuldades que se opõem a uma compreensão completa e definitiva; não teme a delicadeza da discussão, nem o sofrimento da espera. A boa fé e a caridade são as bases que oferecemos à vossa presença; a estima que temos pelas vossas pessoas e pelas instituições e valores cristãos que representais, facilita-nos a tarefa de enfrentar convosco o grande diálogo, cuja duração ninguém pode hoje prever, diante das divergências doutrinárias ainda não resolvidas; e a confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual estamos unidos pela Fé e pelo Batismo, enche-nos o coração de uma doce e firme esperança".*

*"Ainda não é tudo. Talvez seja necessário acrescentar uma observação, que possa melhor esclarecer nosso estado de espírito... Para nós o melhor método é olhar não para o passado mas para o presente e sobretudo para o futuro. Outros poderão e deverão estudar o passado; nós preferimos agora fixar nossa atenção não sobre o que foi, mas sobre o que deve ser. Nós nos dirigimos para uma novidade por nascer, um sonho a ser realizado. Seja-nos permitido servirmo-nos das palavras de São Paulo: Esquecendo o que fica atrás e lançando-me ao que tenho adiante, corro para a meta, a fim de alcançar a coroa da vocação nas alturas de Deus em Cristo Jesus (Fil 3, 13-14). A esperança é o nosso guia, a oração nossa força, a caridade nosso método a serviço da verdade divina, que é nossa fé e nossa salvação".*

Mas esta esperança de Paulo VI não é nem presunçosa nem ingênua como vós caros senhores, já vô-lo dissemos (no discurso de 29-IX), não esperamos soluções milagrosas e imediatas. Os frutos que esperamos devem amadurecer longamente, pelo estudo e pela oração; e as reconciliações apa-



rentes ou improvisadas, que dissimulassem as dificuldades, ao invés de resolvê-las, retardariam a caminhada em lugar de favorecê-la". Os dois discursos, cfr. no Boletim semanal "Concílio em Foco", N.º 5, Petrópolis 1963).

Se o Prof. Skydsgaard apontou a doutrina sobre a Igreja como o "receptáculo de tôdas as nossas divisões... aparentemente intransponíveis" êle confirmou, a seu modo, o pensamento de Paulo VI e de muitos Padres conciliares, que querem fazer da doutrina sobre a Igreja o ponto central de todo o Concílio Vaticano II. Com grande força e clareza o Papa disse no discurso de inauguração: *"Os fins principais dêste Concílio por motivo de brevidade e de melhor inteligência indicaremos em quatro pontos: o conhecimento, ou se preferem a consciência da Igreja de si mesma; a sua reforma; a recondução de todos os cristãos à unidade; e o colóquio da Igreja com o mundo contemporâneo"*. Como se vê, está diante do espírito do Papa o desejo de que a Igreja, reunida em Concílio, possa mais larga e profundamente compreender a si mesma e a sua missão no mundo, reformando e vitalizando-se para poder cumprir com renovado vigor o seu destino de salvação; a união das Igrejas é apenas uma parte, ainda que importantíssima, neste programa.

Cristo está sempre a construir a sua Igreja. Mas nesta hora da História há algo como o vendaval de Pentecostes, no qual o Espírito Divino, em Concílios, Congressos e Assembléias Ecumênicas, quer levar a todos os apóstolos de Cristo a se unirem numa Igreja renovada, engrandecida, fortalecida, para ser o sal da terra e a luz do mundo. Que o Papa tem o desejo e a esperança de sair algo de novo do Concílio, seja na Teologia da Igreja, seja na sua organização e sua santificação interna, mostram-no suas palavras:

*"Que êste Concílio tome plena consciência desta relação entre nós e Jesus, múltipla e singular, firme e estimulante, misteriosa e claríssima, íntima e beatificante entre esta Igreja santa e viva, que somos nós, e Cristo, de quem viemos, para quem vivemos e para o qual caminhamos. Nenhuma outra luz se veja sobre esta reunião que não seja Cristo, luz do mundo..."* "Não há dúvida de que é desejo, necessidade e

*dever da Igreja, dar finalmente de si mesma uma definição mais imediata. Todos nós recordamos as admiráveis imagens com que a Sagrada Escritura nos faz pensar da natureza da Igreja, chamada sucessivamente o edifício construído por Cristo, a casa de Deus, o templo e o tabernáculo de Deus, o seu povo, o seu rebanho, a sua vinha, o seu campo, a sua cidade, a coluna da verdade e finalmente a Espôsa de Cristo, o Corpo místico de Cristo...*

*Passados vinte séculos de Cristianismo e de grande desenvolvimento histórico e geográfico da Igreja Católica, e também das confissões religiosas que levam o nome de Cristo e assumiram o de Igrejas — não é de admirar se o sentido verdadeiro, profundo e completo da Igreja, tal qual Cristo fundou-a e os Apóstolos a começaram a construir, precisa de ser enunciado, ainda com maior precisão. A Igreja é mistério, quer dizer, realidade embebida da presença divina, e por isso sempre objeto capaz de novas e mais profundas investigações...*

*Cremos ter chegado a hora em que a verdade acêrca da Igreja de Cristo há de ser aprofundada, ordenada e expressa, não talvez com aquêles enunciados solenes que se chamam definições dogmáticas, mas por meio de declarações do magistério ordinário, mais explícito e autorizado, que digam à Igreja o que ela própria pensa de si mesma. É a consciência da Igreja que se esclarece na adesão fidelíssima às palavras e ao pensamento de Cristo, na recordação reverente do ensinamento autêntico da tradição eclesiástica e na docilidade à iluminação interior do Espírito Santo que parece mesmo querer hoje que a Igreja faça todo o possível para ser reconhecida verdadeiramente tal qual é.*

*E nós julgamos que neste Concílio o Espírito de verdade iluminará o corpo docente da Igreja, sôbre a doutrina relativa à sua própria essência, como se a Espôsa de Cristo n'Ele, se espelhasse e n'Ele, com amor vivíssimo, quisesse descobrir a sua própria forma, aquela beleza que Ele quer que nela brilhe...*

*Dêste modo, a doutrina teológica pode enriquecer-se com magníficos progressos, que merecem atenta considera-*

*ção mesmo por parte dos Irmãos separados, e que, como nós ardentemente desejamos, lhes oferece cada vez mais fácil caminho para a concórdia na união”.*

Falando depois na terceira parte do seu discurso expressamente sobre a relação do Concílio com os Irmãos separados, Paulo VI completa esta sua visão da Igreja, no que se refere à organização dela, com as seguintes palavras: *“Os movimentos recentes e ainda em pleno desenvolvimento no seio das comunidades cristãs de nós separadas, mostram com evidência duas coisas: que a Igreja de Cristo é uma só e por isso deve ser única; e que esta misteriosa e visível união pode conseguir-se apenas na identidade da fé, na participação dos mesmos sacramentos e na harmonia duma única direção eclesiástica. Isto pode realizar-se dentro do respeito pela grande variedade de expressões linguísticas, formas rituais, tradições históricas, prerrogativas locais, correntes espirituais, instituições legítimas e atividades preferidas.”*

*“Qual é a atitude do Concílio diante desse grande número de Irmãos separados e desse possível pluralismo nas manifestações externas da unidade? É bem clara... O Concílio tende para uma ecumenicidade que ambicionaria ser total, universal. Pelo menos em desejo, pelo menos em oração, pelo menos em preparação. Hoje em esperança, para que o seja amanhã em realidade... É portanto um Concílio de convite, de expectativa, de confiança numa participação mais dilatada e mais fraterna da sua ecumenicidade autêntica”. (“Concílio em Foco,” nr. 1-2).*

---

Existe, pois, uma só Igreja. É uma em Cristo pela mesma fé, pelos mesmos sacramentos e por uma suprema direção.

Mas esta única Igreja possui “ecumenicidade autêntica”. Vale dizer, abrange uma pluralidade de espíritos e formas, do mesmo modo como um corpo tem muitos membros, como o cosmos do universo constitui uma verdadeira unidade com partes coordenadas.

Qual poderá ser a unidade da Igreja de Cristo, no presente e no futuro, considerando concretamente a Cristanda-

de na sua situação atual no mundo e considerando o seu fundamento e sua norma comum, Cristo Jesus e seu Evangelho? Será que Deus quer que todos os ortodoxos e protestantes se enquadrem na mesma Igreja Católica Romana de hoje? ou Ele pensará numa outra forma mais vasta de unidade?

As Igrejas Orientais, unidas com a Santa Sé, se queixam às vezes de que os latinos, apesar de reconhecerem os estatutos próprios dessas comunidades orientais, falem na prática freqüentemente, como se a Igreja Católica fôsse idêntica com a Igreja Latina.

É pois preciso nos acostumarmos a dizer: a Igreja consiste de diversas igrejas de diversos ritos, tôdas, porém com a mesma fé, nutridas da mesma palavra de Deus, com a mesma vida sacramental e em união com a Sé Apostólica de S. Pedro em Roma. Neste esquema já existiria lugar mais vasto para poderem entrar outras Igrejas Orientais e grandes Comunidades Protestantes de diversas tradições, como a Comunidade Anglicana, Luterana, Reformada-Presbiteriana e outras, conservando as suas propriedades de espírito e organização, enquanto forem compatíveis com a unidade católica.

Para alcançar a unidade católica tôdas as Igrejas deverão perdoar-se mutuamente as suas culpas respectivas nas divisões, deverão voltar ao Cristo vivo, pedindo d'Ele, pelo auxílio do Espírito Santo, aquela comunhão na "Fé e Ordem" e na "Vida e Ação" que Ele quer na Sua Igreja, permanecendo todo espaço de liberdade e variedade, que fôr intencionado pelo Criador e Salvador de tôdas as gentes. "Na casa de meu Pai há muitas moradas". A casa do Pai não será só o céu, mas também o "Reino dos céus" baixado à terra, a Igreja; as moradas diversas são as igrejas particulares.

Quanto, pois, resta fazer, em estudo, oração, caridade humilde e generosa e pela ação de todos os cristãos, de seus Concílios, Congressos, Encontros, a fim de se realizar o Reino de Deus na terra, cujo advento imploramos todos em cada "Pai-Nosso" que rezamos!

*Pe. Frederico Laufer S. J.*



# Í N D I C E

	<b>Págs.</b>
Prefácio da 1. <sup>a</sup> edição .....	5
Prefácio da 2. <sup>a</sup> edição .....	7
Um romeiro incógnito .....	9
De Rapallo a Roma .....	26
Na Cidade de Pedro .....	38
Basílica de Latrão: Mãe de tôdas as igrejas .....	51
Das catacumbas a S. Paulo Fora dos Muros .....	68
A audiência com o Papa .....	80
A beatificação de Vicente Pallotti .....	95
Visitando a Cidade Eterna .....	105
De Roma a Assis .....	116
Retôrno à Pátria .....	126
Dez anos mais tarde .....	138

## EPÍLOGO

1 — O problema de R. Baumann .....	152
2 — O movimento ecumênico .....	154
3 — Discussão sôbre o primado papal .....	163
4 — Preparação da União .....	178
5 — O Significado da Reforma .....	188
6 — Dois pronunciamentos no Concílio .....	198

•

•

20

Editôra Mensageiro da Fé Ltda.